3 1761 07152589 3

600400

SUMMARIO

DE

VARIA HISTORIA

I

SUMMARIO

DE

VARIA HISTORIA

NARRATIVAS, LENDAS, BIOGRAPHIAS
DESCRIPÇÕES DE TEMPLOS E MONUMENTOS, ESTATISTICAS, COSTUMES CIVIS,
POLITICOS E RELIGIOSOS DE OUTRAS ERAS

POR

RIBEIRO GUIMARÃES

VENDE-SE
EM CASA DE — ROLLAND & SEMIOND
3 — RUA NOVA DOS MARTYRES — 3
1872

LIBRARY
JAN 12 1973
UNIVERSITY OF TORONTO

DP
756
G85
V.1

PROLOGO

Repetidas instancias de muitos pessoas me resolveram a compilar os artigos de varia historia, que durante quinze annos tenho publicado no *Jornal do Commercio*, Esses artigos, que abrangem narrativas historicas, lendas, biographias, descripções de templos e de monumentos, relações dos costumes civis, politicos e religiosos de outras eras, estatisticas, etc., formam um peculio copiosissimo de noticias do passado, colhidas não só nos livros, senão nos manuscriptos, sendo por isso ineditos muitos d'elles.

Disseminados por quinze grossos volumes, sem indices, são como um trabalho perdido, pela difficuldade de os descobrir, e, ainda descobertos, pelo embaraço que causam á leitura.

Convencido pois que este trabalho tem, pelo menos, o merecimento da compilação de um abundantissimo peculio de noticias curiosas, annui ás instancias que me dirigiam, e, agora, reunidas as noticias, em breve se acharão ao alcance de todos, e creio com isto prestar algum serviço aos que gostam de saber o que fomos, o

que foram as sociedades que nos precederam, o seu pensar, o seu crer, os seus costumes, as suas acções, emfim, o seu viver.

Sem ordem nem systema irão sahindo os differentes artigos, tornando-se por este modo mais facil á leitura.

É especial a indole d'esta publicação pelos innumeros assumptos a que se refere, e pela variedade que póde apresentar, devendo ser por isso mais grata a sua leitura.

Successivamente sairão os volumes, cujo numero não póde fixar-se, porque vão accrescendo alguns artigos, completamente ineditos, que nem mesmo no *Jornal do Commercio* foram publicados.

Devo registar aqui um especial agradecimento ao meu amigo, o sr. José Maria Antonio Nogueira, erudito empregado no archivo do Hospital de S. José, pela sua valiosa cooperação em varios artigos d'esta collecção. Teve o sr. Nogueira a bondade de consentir que eu aqui incluisse os seus trabalhos, contribuindo d'este modo para tornar mais curioso este livro.

Era dever meu esta declaração, para que ninguem suppozesse, que me enfeitava com as pennas do pavão.

INDICE

PAG.

A Real casa de Santo Antonio 1
Santo Antonio 12
Santo Antonio Brigão 15
Santo Antonio da Mouraria 17
Santo Antonio do Rato 18
O Milagre dos santos 19
Orgão novo 22
Ainda a real casa de Santo Antonio 24
A Velha Lisboa e as suas ruas 27
O Desacato e as obras de Santa Engracia 74
A Egreja de Nossa Senhora dos Martyres 89
Costumes e modas velhas 122
A Batalha naval de Matapan 136
Os Annuncios 184
Duas commemorações 189
A Lenda e casa de Nossa Senhora do Cabo 194
O Lagarto da Penha 216
O Titulo do duque de Coimbra 219
O Imperador do Espirito Santo 221
Historia da irmandade e da imagem do Senhor Jesus dos Passos da Graça 224
Notas 231

A REAL CASA DE SANTO ANTONIO

I

Por occasião de assistirmos á inauguração do novo orgão, que a camara municipal mandou vir de Londres para a Real Egreja de Santo Antonio, visitámos o edificio, e vimos o arranjo da casa, onde, segundo a tradicção, nasceu o Santo.

Estava essa casa em completo abandono, servindo de arrecadação, e a camara actual entendeu que devia, respeitando a tradicção, ordenar que se conservasse com resguardo e respeito. Para isso mandou-a limpar, e lhe poz uma lapide com a seguinte inscripção:

> Nascitur hac parva ut tradunt Antonius cede
> Quem cœli nobis abstulit alma domus. [1]

Hoje é como um corredor subterraneo, muito baixo, todo guarnecido de azulejos azues e brancos floreados, as páredes de alvenaria e caiadas; tem como uma pequena alcova, em cuja parede está a inscripção acima mencionada. Não tem luz; ha annos uma fresta lhe dava alguma claridade, mas quando se levantou a calçada em frente da porta da Sé, a fresta ficou sotterrada. Para lá se entrar agora, é preciso levar luz.

A camara fez bem em restaurar a presumida camara, que foi o logar do nascimento do Santo. Assim prestou homenagem á tradição, ácerca de um portuguez celebre. A popularidade de que gosa ha tantos seculos basta para o tornar famoso.

Do mesmo modo houvera este paiz conservado as memorias de tantos varões illustres, de quem nem ha noticia do logar onde jazem os seus restos mortaes.

[1] N'esta pequena casa, segundo referem, nasceu Antonio, aquelle que a celestial morada nos arrebatou.

Referem alguns escriptores, que na construcção do templo que a cidade de Lisboa levantou a Santo Antonio, nos primeiros annos do seculo XVI, «o altar fôra lançado para a «banda da camara, em que o Santo teve o seu nascimento.» E com effeito, ainda hoje assim é, porquanto a pequena casa a que alludimos se acha na direcção do altar, ficando quasi debaixo d'elle.

É sabido que o terramoto de 1755, e o incendio subsequente arrasaram a antiga casa, e que a que hoje vemos foi levantada depois do terramoto, e n'ella se gastaram mais de trezentos mil cruzados. Ficou obra acanhada porque o architecto, que foi o major Matheus Vicente, não teve elevado pensamento na traça do edificio. Pois não lhe faltou dinheiro; o que lhe faltava era engenho.

A egreja está sendo restaurada, e é de crêr que para 15 de agosto n'ella recomece o culto. A camara tem dispendido algum dinheiro n'esta restauração, pois que só o orgão lhe ficou por 2:400$000 réis. Não nos parece que seja mal empregado este dispendio, visto que a egreja é do municipio, e deve por isso ser mantida com decencia e até com certa grandesa.

O sr. dr. Levi Maria Jordão, appoiando-se em documentos authenticos, sustentou que a casa de Santo Antonio já existia antes da obra feita por el-rei D. Manuel, e ordenada em testamento pelo seu antecessor el-rei D. João II. A obra de D. Manuel foi rica, como todas as que emprehendia.

Depois foi accrescentada em riquesa e preciosidades, e pela relação da receita e despeza da casa, que anda impressa, e relativa ao anno de 1718 a 1719, se vê que n'esse anno se começou a restauração do templo, sendo provedor D. José Rodrigo da Camara, conde da Ribeira Grande. Deu-se principio á obra mandando vir de Italia a pedraria que se fez, lavrando de embutidos de varias côres, cujo debuxo, diz a relação citada, excedia os mais primorosos pinceis, na subtilesa com que era obrado, com estes embutidos era ornado o tecto, e segundo dizem, de grande formosura.

Da relação que mencionamos se vê que a obra começou no anno de 1718 a 1719, de que o sr. dr. Levi não encontrou documento algum, do proprio anno, como refere na *Historia* da casa do Santo, mencionando apenas uma consulta do Senado, de 19 de junho de 1722, pela qual consta que as obras deveriam ter começado tres annos antes.

Na relação, tambem impressa, da receita e despesa da casa, relativa ao anno de 1727 a 1728, consta que a despesa da restauração, até essa data, era 35:851$320 réis. Ainda depois se pagaram mais varias verbas de despesa, nos annos subsequentes, e em 1734 foram pagos alguns restos ao pedreiro, as grades do côro, e os doirados da sachristia.

Temos á vista diversas relações impressas das contas da casa, e na de 1707 a 1708, vemos que n'esse anno se mandára fazer uma porta nova de angelin (madeira do Brazil) para o *portal por onde se servia o Santo*, a qual custou 98$400 réis.

Em alguns escriptos lêmos que a casa ou egreja de Santo Antonio, conservava a porta da antiga habitação do Santo, e que só se abria no dia da sua festa. O terramoto acabou com essa memoria, vemos nós, pelo menos já não ha noticia d'esta porta.

Todos os annos se compravam muitas alfaias e paramentos preciosos, para a egreja, de maneira que, segundo o computo de Carvalho, na sua *Chorographia*, andava por 36:000$000 réis o valor da prata que a casa possuia. Com o terramoto se perdeu essa riquesa, e hoje possue algumas alfaias que vimos, mas que estão muito longe da antiga grandesa, pois que só diante da imagem havia nove alampadas de prata.

Os rendimentos da casa, que em 1705 eram apenas de 5:000$000 réis, foram crescendo gradualmente, e em 1740 chegaram a 9:000$0000 réis, porqne então recebia muitas esmolas em oiro das Minas Geraes e do Rio de Janeiro; e em 1747 subiram a 14:000$000 réis, e n'esse anno se compraram quatro padrões assentados no almoxarifado dos reaes d'agua da carne, na importancia de 7:250$000 réis, e que rendiam 364$500 réis.

A casa tinha varios nichos pela cidade, e no muito conhecido da Mouraria despendeu em 1743, 131$195 réis, além de um resto que pagou no anno seguinte. Ultimamente aproveitava-se do rendimento d'este nicho um especulador, perto de cuja loja estava estabelecido.

As esmolas nunca chegaram a 8:000$000 réis, como diz Carvalho na *Chorographia*, senão nos annos em que veiu o oiro do Brazil. O termo médio era de 2 a 3:000$000 réis, e uma boa parte dispendia-se em missas que annualmente eram 25:000 a 30:000.

Hoje, os rendimentos da casa, segundo o orçamento de 1856, que vêem na obra do sr. Levy, importam em 3:599$964 réis, contando-se de esmolas apenas 40$000 réis, o que parece impossivel, pois que sendo o Santo objecto de tamanha veneração, e a que tanto recorrem os fieis, custa a crêr que o rendimento das esmolas em dinheiro e em cêra, não passe de 40$000 réis!

Quando visitámos a casa, o padre thesoureiro nos mostrou um relicario onde se diz estarem algumas reliquias do Santo, assegurou-nos porém que não tinham caracter de authenticidade; o que não acontece com um pedacinho da tunica do Santo, que elle proprio mandára vir, e que é authentico, por trazer um certificado em boa e devida fórma, que assim o assevera.

Das antigas reliquias, crêmos que já não existe nenhuma. A custodia de oiro com um dedo do Santo, que da republica de Veneza alcançára a rainha D. Margarida, mulher de Filippe III, foi furtada no tempo da rainha D. Maria I. Quem a possuirá, se é que ainda existe?

II

Ainda ha no reino outra casa onde habitou Santo Antonio. É a cella onde elle esteve, no convento de Santo Antonio dos Olivaes, perto de Coimbra, quando passou da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho para a dos franciscanos.

O Santo morava no convento de Santa Cruz, e foi d'aqui que sahiu para o de Santo Antonio dos Olivaes.

N'esse sitio dos Olivaes existia uma ermida dedicada a Santo Antão, abbade, e ahi se levantou o cenobio dos franciscanos, por doação que a rainha D. Urraca, mulher d'elrei D. Affonso II, pelos annos de 1218, fez da ermida a essa ordem. Era um convento humilde e pobre, capucho na extensão da palavra.

A este respeito diz o padre Esperança, chronista da ordem de S. Francisco: — «Quando nos lembramos d'este «despreso do mundo nos franciscanos antigos, maior fun«damento temos para fazer pouco caso das grandes machi«nas que hoje levanta a vaidade.»

Escrevia-se isto em 1655, e em 1861 a vaidade, que provocava a satyra do chronista franciscano, domina as ordens

religiosas, que se vão restaurando depois do cataclysmo revolucionario.

Os monges acabaram ha muito, e ha muito que só ha congregações de homens que pretendem viver á custa dos outros, e dominar-lhes as consciencias.

Existe pois, no convento de Santo Antonio dos Olivaes, uma capella no claustro, da qual dizem que foi a cella de Santo Antonio.

O antigo e pobre convento pouco tempo foi habitado pelos franciscanos, pois que refere o chronista que em 1538 fôra levantado para a Ordem Terceira da Penitencia, o que hoje existe, depois de estar deshabitado durante duzentos noventa e um annos, e que então da cella do Santo se fizera a capella do capitulo.

Seja como fôr, é certo que ali se mostra uma capella no claustro, onde dizem morára Santo Antonio, e d'onde saíra para missionar na Africa.

A humildade era necessaria, no principio, ás ordens religiosas, e mesmo o espirito do seculo a exaltava e afervorava; mas com o decorrer do tempo a humildade tornou-se em orgulho e ambição, e os cenobios de telha vã, os mosteiros perdidos nas serras e occultos aos olhos do mundo, vieram a ser grandes machinas, ostentação de orgulho no centro dos povoados, para assoberbarem os povos e os reis.

III

O sepulchro do Santo, em Padua, é em fórma de altar e é de porphido, e dentro da arca está outra de prata, que encerra as reliquias, sendo toda a obra de grande primor e custo. Diz um chronista que o cheiro que exhalavam as reliquias parecia celestial e peregrino na terra; não sabemos se o tal cheiro ainda se conserva.

O mesmo chronista diz «que a cabeça e a lingua do San«to, esta, instrumento de palavras purissimas, e aquella, of«ficina de pensamentos devotos», estão em dois relicarios, um de prata e outro de christal.

Referem as historias, que no tempo em que Ezzelino, tyranno de Padua, mais affligia os habitantes d'essa cidade com as suas crueldades, um franciscano chorava por vêr a sua patria assim opprimida e assolada por um tyranno: Santo Antonio condoeu-se da afflicção do frade e lhe appa-

receu, dizendo-lhe que não chorasse, porque no dia oitavo da sua festa os paduanos seriam livres. Assim succedeu, porque elles expulsaram o tyranno.

Por este motivo os paduanos erigiram uma estatua ao Santo, e offereceram-lhe uma cidade de prata, e com danças, cavalhadas, muitos jogos e outros divertimentos, celebravam a sua festa, e tomaram-n'o por tutellar e protector.

Tudo fez o milagreiro Santo! Até foi padrinho de um povo opprimido, para expulsar o tyranno que o vexava.

Se o Santo agora reproduzisse o milagre para livrar os paduanos e os seus concidadãos de Veneza da tyrannia austriaca! (1861)

Parece-nos que não deixarão de ser lidas com interesse estas resumidissimas memorias ácerca da Real Casa de Santo Antonio, e dos monumentos que restam do popular thaumaturgo.

Veio um correspondente, pretendendo esclarecer alguns pontos da nossa noticia acima, e dirigiu-nos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Lendo no seu jornal n.º 2332, de domingo 14 do corrente, as resumidas noticias da Real Casa de Santo Antonio, não me pude conter sem lhe dirigir tambem as minhas (pequenas, e porventura desauthorisadas) reflexões sobre as mesmas noticias, para v. fazer d'ellas o uso que julgar conveniente, embora seja mesmo o despreso, ou nenhuma consideração, pois nem mesmo assim me julgaria offendido.

Desde a tenra edade de 10 annos comecei a minha vida por servir n'aquella Real Casa, e ahi continuei até aos 18 annos e meio, em que me alistei na ordem dos prégadores, na qual professei, e á qual, não obstante a ignominia e despreso puramente mundanos de que estamos cobertos, muito me prézo de pertencer, pois, segundo a doutrina de Jesus Christo, essa ignominia e despreso são inseparaveis do ministerio apostolico (Luc. c. 21). Desde essa edade pois me fui costumando a estudar o mundo mais pelo mesmo mundo, do que pelos livros ou escriptos, os quaes, como é sabido, veem sempre revestidos do caracter, genio, modo de pensar, e porventura dos interesses de quem os escreve, e raras vezes da nua e singella verdade.

Sempre ouvi chamar á pequena casa a que v. allude nas suas noticias, casa em que nasceu o Santo, mas nunca, lhe conheci a mais pequena probabilidade de tal poder ser. Estava então em completo abandono, pela sua muita humildade. Era, como hoje, um estreito corredor com uma pequena fresta no topo, aonde se descia por uma, tambem estreita e escura, escada de pedra, no fim da qual havia uma grade de ferro fechada com dois fortes ferrolhos sustidos por duas fortes fechaduras, mui exquisitas nas guardas das chaves. Ao meio d'esse corredor ficava, como hoje, uma pequena casa quadrada e de paredes inteiramente lisas, cuja entrada era fechada por essa porta de angelim a que v. allude com quatro boas fechaduras tambem mui exquisitas, e todas differentes nas chaves.

Ainda eu ali servia quando o padre thesoureiro que então era, propoz, e obteve da mesa, que por nomeação régia. sob proposta triplice do senado da camara de Lisboa, então governava aquella Real Casa, se fizessem novas chaves para todas as seis fechaduras, por não existirem as antigas, afim de ahi se recolher e guardar toda a prata pertencente á egreja que não andasse em uso quotidiano, onde effectivamente se guardou, não sei até que tempo: em 1837 ainda ahi se guardava.

Ora, observando que em todas, ou quasi todas as egrejas que antigamente se construiam, e que tinham de possuir abundancia de pratas ou joias, se construia uma casa, a que chamavam casa forte, ou do Santo a cujo titulo era dedicada a egreja, parece que pela construcção, collocação, defesa e mesmo o recondito d'está casa mostra mais isso do que a conservação de um monumento historico ou mesmo tradiccional: devendo nós n'estas occasiões advertir em quantos disparates a tradicção popular passa de geração em geração, e a que o povo dá mais credito, do que a verdades demonstradas. Accresce ainda, para corroborar essas reflexões, o que eu mesmo presenciei quando, ainda joven, servia aquella real casa.

Em frente da egreja, então basilica de Santa Maria, hoje da Sé Patriarchal *(em reparos)* só dava serventia a rua calçada, porque o resto que hoje fórma o largo chamado da Sé era um montão de entulhos, e de ruinas sem que muralha alguma as sustivesse, tanto para o lado do bêcco de Santo Antonio, como para a rua das Canastras; foi n'esse

tempo que se levantou a muralha que hoje existe: e quando se removeu o entulho para aplanar o largo, foi tambem necessario desmanchar e remover restos de paredes de varias casas, que se acharam soterradas, e entre ellas, junto ao principio do bêcco de Santo Antonio, e com a frente para a actual egreja do mesmo Santo, existia uma casa, que eu mesmo vi quando descoberta, e que manifestava total differença das outras, pois começava por mostrar uma sala, ou casa de receber, cujas paredes de alvenaria eram forradas de marmores em gosto mosaico, com portal do mesmo gosto, dando depois serventia a varios quartos pequenos e caiados, e por ultimo a uma cosinha com sua chaminé, a cujo lado havia um armario com prateleiras onde se encontrou uma especie de botija de barro, vidrada por dentro, ainda com algum azeite, uma colhér de páo, e alguns pedaços de loiça antiga.

Ora, sendo, como é sabido, a familia dos Bolhões, ascendentes do Santo, uma familia distincta e honrada, e habitando, como é tradicção livre dos prejuisos populares, por este sitio, parece mais natural que esta fosse a sua habitação, e não um estreito corredor e uma pequena casa sem fórma alguma de habitação, e a que, nem mesmo por devoção, se procurasse conservar a sua antiga e natural fórma de habitação, ao menos nos signaes de communicações que esses quartos tivessem, do que se não vê o menor vestigio.

Mas, desgraçadamente entre nós sempre houve mais affan em explicar, robustecer e justificar tradicções populares, embora com pouco criterio, do que em colher, analysar e aproveitar monumentos, ou ainda indicios fortes de antiguidade, quando mesmo espontaneamente se offereçam.

Ainda mais algumas reflexões poderia offerecer a respeito d'esta Real casa, mas não as farei por não envolver idéas que poderiam ferir susceptibilidades.

De v. etc.

UM EGRESSO SEU ASSIGNANTE.

Lisboa, 14 de julho de 1861.

A esta carta fizemos as seguintes observações:

O nosso correspondente que se assigna *Um egresso seu assignante*, e cuja carta publicámos na folha de terça feira, pretende mostrar que a casa, onde a tradicção diz que nascera Santo Antonio, não póde ser aquella em que effectivamente o Santo viu a luz do dia; e affirma que todas as presumpções levam a crer que seja uma que se descubriu nas escavações feitas para desaterrar e alinhar o largo da Sé, quando se construiu a muralha que deita para o bêcco de Santo Antonio.

Não discutiremos este ponto, que faria as delicias de qualquer archeologo ou antiquario, para esses deixâmos pôr em toda a sua luz qual das apontadas, ou qual outra seria a casa do Santo. Comtudo, é certo, nem o nosso correspondente o nega, que a tradicção de perto de quatro seculos, affirma que a casa do Santo foi no proprio local, onde hoje está a egreja que lhe é dedicada.

Poderia ter acontecido que, restaurando-se ou antes reconstruindo-se a egreja, depois do cataclysmo do terramoto, se mudasse o assento para o novo templo; comtudo, examinando-se as descripções da antiga egreja, e recorrendo-se ás plantas da cidade, anteriores ao terramoto, conhece-se que a actual casa do Santo, se acha no mesmo local onde estava a antiga.

Na planta da cidade, feita por Tinoco, e que está na camara, lá se vê a egreja de Santo Antonio, indicando acharse no proprio sitio onde está hoje, e o mesmo se observa na obra de Lavanha, *Descripção da viagem de Filippe II a Portugal, em 1619*, ali se vê uma gravura, representando a vista da cidade, com a indicação de varios edificios.

A porta da cidade chamada a porta de Ferro, ficava fronteira á porta principal da Sé, e no meio d'esse breve espaço, diz Lavanha, ficava á mão esquerda a egreja de Santo Antonio, o que combina com o seu actual assento.

Tambem não é de suppor que, tratando-se depois do terramoto, de reconstruir a casa do Santo, lhe mudassem o assento, antes, não havendo prova clara em contrario, se deve julgar que se empregou o maior escrupulo em levantar o novo edificio no mesmo logar do antigo, para conservar a tradicção, e a honra para a cidade de Lisboa, de prestar culto ao Santo no proprio logar onde nascera e vivera, quando adolescente, e já adulto.

Se pois é averiguado que, quando el-rei D. João II, por

seu testamento, ordenou que se erigisse ou restaurasse a egreja do Santo, já esta existia, como demonstram os documentos do archivo da camara, bem podemos suppor que a tradição tem prova de mais de quatrocentos annos, e que bem póde dizer-se que começa em 1431, ou ainda antes, como consta da bulla de Eugenio IV, que vem transcripta no opusculo do sr. dr. Levy.

João Baptista de Castro diz que, logo depois do terramoto, se fez na egreja um sufficiente commodo para o exercicio do côro e mais officios divinos, em quanto se cuidava na reedificação fundamental.

Temos pois a actual egreja de Santo Antonio no mesmo assento em que existia desde os principios do seculo XV.

Se não ha fundamento para suppor que a pequena casa, agora restaurada, fosse a habitação do Santo, tambem nenhum vemos para que se supponha como tal, aquella a que allude o nosso correspondente. Sendo que a tradicção nunca interrompida, nem contestada de mais de quatrocentos annos, sempre é um argumento, e a opinião do correspondente não apresenta senão uma presumpção mui remota.

Não é crivel que a primitiva construcção da casa, segundo a tradicção do Santo, fosse para arrecadar as pratas da egreja. Não se lhe encontram nenhumas condições para esse fim, sem embargo do que diz o correspondente, sendo certo, aliás, que em 1708, se julgava estar ali a porta da serventia da habitação da familia do Santo.

Seja como for, a camara respeitou a tradicção, mandando conservar aquella pequena casa, e em quanto não houver melhores fundamentos para suppor o contrario, não ha outro remedio senão acceitarmos aquelle cubiculo como uma parte da habitação da familia Bulhões, no seculo XIII.

Já que estâmos com este assumpto entre mãos, offerecemos aos nossos leitores um documento que vem no opusculo do sr. dr. Levy, e que nos parece curioso, como exemplo do estylo das cartas régias antigas.

Eis o documento:

«Vereadores, procurador da cidade de Lisboa, e procuradores dos mesteres d'ella, eu el-rei vos envio muito saudar. O infante D. Luiz, meu muito amado e presado irmão, me pediu que vos escrevesse, *que quizesses encarregar* a Diogo Doranda, morador n'essa cidade, *de tangedor dos orgãos da casa de Santo Antonio* d'ella, e ter cuidado d'elles

como sempre fez, sómente este anno passado, que diz *que não quizestes que tivesse o dito carrego*, havendo respeito aver vinte e um annos que serve a dita casa d'isso, e a deixar os de Sancta Justa com o partido que com elles tinha para acceitar esses. Pelo que vos encommendo que *queiraes encarregar* dos ditos orgãos para daqui em diante os tanger, e ter cuidado d'elles, e assi e da maneira que dantes fazia, havendo por certo que de *o assi o fazerdes volo agradecerei muito e terei em serviço.*

«Balthazar Fernandes a fez em Almeirim a sete de junho era de mil e quinhentos e cincoenta e um.=*João de Castilho* a fez escrever.=Rey.»

Como se vê, era uma carta de empenho, assim como outra que tambem o sr. Levy publicou, e que é d'este theor:

«Vereadores. Nos el-rei vos enviamos muito saudar; por que Ruy Mendes tem já entendido no fazimento do retabolo de Santo Antonio folgariamos que elle tivesse cuidado de o acabar, polo que vos encommendamos que se *nisso non tendes pejo o ajades asy por bem.* Escripto em Evora a 5 de julho de 1509.=Rey.»

O rei então usava de formulas cortezes, e servia de empenho a favor das pessoas a quem queria servir e com aquellas authoridades cujas attribuições eram independentes de ordens régias directas.

SANTO ANTONIO

Já lá vae o tempo das grandes festas ao famoso thaumaturgo Antonio; mas ainda o seu culto não acabou de todo.

Se lhe não fazem pomposas festas, fazem-lhe festinhas, com que pretendem os devotos acariciar o Santo popular e sympathico.

Por muitas casas armam thronos, onde encarapitem entre flores e muitas luzes, o Santo mais estimado; veneração que dura ha seculos, e durará, sem embargo de incredulos.

Desde aquella mulher, que, segundo a lenda, tentada pelo demonico, perguntou ao Santo se era vontade de Deus que se fosse afogar no Tejo, muitas têem sido os memoriaes e consultas apresentados ao maior valido de Deus, na phrase do insigne Vieira. Quantos tem elle despachado?

Alli na egreja, fundada no local, onde viu a luz do mundo o que veiu a ser verdadeira luz do mundo, ainda agora são entregues muitas petições, e já aqui publicámos algumas das que lá foram achadas.

Tudo pedem ao Santo, até cousas illicitas, até o anniquilamento de inimigos, até a fortuna alheia!

Mas, como é bello e generoso este Santo! Morreu aos 36 annos d'edade,—morreu na flôr dos annos,—e por isso representam o austero franciscano, que trocou o habito fidalgo dos conegos regrantes, pelo burel de S. Francisco, com um rosto meigo e terno, parecendo que sorri amorosamente áquelles que imploram o seu valimento.

Não é um Santo que metta medo, antes inspira sympathia. Todos se acercam d'elle; pois se a todos parece que chama e convida e recebe com o coração nas mãos! Por isso o veneravel padre Antonio da Conceição, n'umas festas no convento da Esperança, lhe fez este mote:

Que mão Antonio divino
Póde com a vossa egualar-se,
Pois vem n'ella sentar-se
Deus do ceu, sendo menino!

Allude a representarem o Santo com o menino sentado no breviario. Por tal motivo não ha melhores nem mais bentas mãos para receber e apresentar memoriaes... lá no ceu, porque cá na terra, os memoriaes andam por mãos bem impuras...

Uma coisa deu que pensar ao padre Vieira. Como é que Santo Antonio, sendo tão bom portuguez, quiz que o seu corpo ficasse em terra estranha; mas o engenhoso e elegante orador descobriu a rasão do que parece desamor á sua terra, no melhor filho d'ella.

Eis-aqui a explicação:

«Mas quando por parte da patria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com a sua obrigação.— *Vos estis lux mundi* (sois a luz do mundo). Foi luz do mundo? Não tem logo Portugal de que se queixar. Se Antonio não nascera para sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento; mas como Deus o creou para luz do mundo, nascer em uma parte e sepultar-se na outra, é obrigação do sol... Lisboa foi a aurora do seu oriente, seja Padua a sepultura do seu occaso.»

É engenhosa a explicação. O claro espirito do famoso orador, assim consolou Portugal e particularmente os lisbonenses, por não possuirem o corpo de um seu filho tão preconisado.

E já que abrimos este eloquentissimo sermão do padre Vieira, prégado em Roma, na egreja dos portuguezes, apresentemos aos leitores mais dois pequenos excerptos d'elle. Tão poucos lêem as formosas paginas de Vieira, que nos levarão a bem a transcripção.

Advirta-se que Antonio e Vieira foram ambos filhos de Lisboa. Fallando da casa de Santo Antonio, diz Vieira:

«Vê-se, como religiosa rasão de estado fundada sobre as abobadas do mesmo templo, o capitolio, ou senado d'aquella triumphante cidade; d'aquella cidade, digo, que depois de pôr freio ao nunca domado oceano, descobriu, conquistou, subjeitou e uniu á egreja romana aquelles vastissimos membros do corpo do mundo, de que Roma já se chamava cabeça; mas ainda o não era.»

Alludindo ao brasão de Portugal, diz Vieira:

«Com as armas nos obrigou Christo a perigrinar, e com a sepultura nos empenhou a morrer. Mas se nos deu o brasão que havia de levar da patria, tambem nos deu a terra que nos havia de cobrir fóra d'ella. Nascer pequeno e morrer grande, é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra fóra do nascimento e tantas terras para sepultura. Para nascer pouca terra, para morrer toda a terra; para nascer, Portugal, para morrer, o mundo. Perguntae a vossos avós quantos sairam, e quão poucos tornaram. Mas estes são os ossos de que mais se deve prezar vosso sangue.»

É eloquente e patriotico, não é verdade? Como em tão resumidos termos se descreve a grandesa d'esta nação, tão pequena na sua terra e tão grande por esse mundo, por onde se dilatou com fama e gloria immortaes!

Mas o nosso Santo; mas Fernão Martins de Bulhão, filho de Martim Bulhão e de D. Tareja Taveira? Vejam que ladainha de titulos que lhe deram—Arca de testamento, Defensor da Fé, Lume da egreja, Officina de milagres, Martello de hereges, Maravilha de Italia, Honra de Hespanha, Gloria de Portugal, Melhor filho de Lisboa, Cherubim mais eminente da religião seraphica.

Se Antonio vivesse hoje, fal-o-hiam barão, e não poderia nunca ser o santo tão sympathico, tão gentil, tão folgasão, tão amigo de todos, que todos nós nos acostumamos desde crianças a festejar e a querer-lhe bem como a um amigo da familia.

Para em tudo ser completo o destino d'este singular filho de Lisboa, morreu tão moço para vir a ser o predilecto Santo das donzellas e das creanças—o santo favorito dos que esperam, dos que teem fé no futuro, d'aquelles a quem a vida sorri, porque lhe não conhecem as tristesas e as saudades.

Feliz destino o de Santo Antonio! Os que mais confiam n'elle, os que mais se lhe chegam, são os corações ingenuos, são as almas puras e illuminadas pela esperança!

SANTO ANTONIO BRIGÃO

Que Santo Antonio é um santo, galhofeiro e amavel, todos o sabem; ninguem contesta que em milagres nenhum outro santo lhe leva a palma, a ponto de lhe chamarem graves theologos o *milagre dos Santos;* é opinião corrente que para moços e moças não ha melhor protector quando aspiram ao laço matrimonial; em todas as conjuncturas da vida não se acha patrono mais sollicito, advogado mais prompto, valido de Deus mais poderoso; e no meio de tudo isto é um santo pessoalmente muito sympathico; pintam-n'o e esculpem-n'o com um ar tão gentil, com tanta graça na physionomia, com um sorriso tão amoroso nos labios, que o Santo é a alegria de todos os que o contemplam, por nichos, e por altares.

Ninguem porcerto se lembraria de fazer de um santo de indole tão mansa, um soldado brigão, posto a dar cutiladas, como qualquer espadachim. Santo Antonio, o amigo das donzellas e dos rapazes, feito um batalhador com as faces tostadas da polvora, com as mãos calosas da durindana, com o habito tincto de sangue! Só um rei como Affonso VI, teria a lembrança de alistar a Santo Antonio, fazendo-o soldado dos seus reaes exercitos. Aquelle pobre rei, que tão fraco foi que deixou o irmão roubar-lhe a mulher e o throno, que morreu encarcerado como um louco ou como um malvado, veiu a ter a desastrosa lembrança de assentar praça ao gentil Santo! E logo achou um benedictino que cantou os louvores d'essa real pieguice.

Não era assumpto para um benedictino, mas só proprio de um bernardo.

Fr. Jeronymo Vahia, segundo consta, escreveu um poema intitulado *Alphonseida*, que ou elle não concluiu, ou não

se imprimiu, no qual celebrava as acções d'el-rei D. Affonso VI, e compoz tambem umas decimas allusivas ao assentamento de praça de Santo Antonio.

Referindo-se ao valor do rei, diz que rompendo as linhas (allude ás linhas de Elvas) faz com que as gentes visinhas,

Quando vem mais insolentes
Não choquem como valentes
Mas choquem como galinhas

O frade tinha graça. Ora leiam a decima que segue, e por ella avaliem as mais:

Fará coisas nunca ouvidas
Em favor dos lusitanos,
Não sendo dos castelhanos
Com ser de coisas perdidas:
Tingirá, cortando vidas
De vermelho o burel pardo,
E com impeto galhardo
Triumphando em todo o risco,
Posto que é frade francisco
Brigará como um bernardo.

O bom do benedictino talvez quizesse fazer uma satyra em vez de um elogio, pois que homem tão douto, segundo dizem que fôra, e poeta de *suavissima e admiravel musa*, como lhe chama o academico Antonio Caetano de Sousa, mal, sem ser por chacota, comporia as taes decimas.

Ora vejam o santo tão meigo e tão querido da gente de mais espirito, a brigar como um bernardo!

Olhem lá se então se lembram de nol-o apresentarem de grandes barbas e bigodes! Perdia o Santo metade da sua popularidade se o vissem com cara de mata moiros, e não com aquelle seu ar affavel e risonho, com aquella carinha, que parece estar dizendo—«aqui está um amigo!»—E os rapazes, e as raparigas, a sorrirem-lhe graciosamente, e a enfeital-o com as suas mais ricas joias e a fazerem-lhe um throno de flores; tudo para o captivarem, maliciosos! E o Santo é tão bom que se rende a taes lisonjarias e feitiços.

Por fortuna, Santo Antonio não ficou brigão. Não sabemos que parte teve nas victorias contra os castelhanos; mas se elle agora, lembrando-se de que já foi soldado, fizesse o milagre de dar juizo aos que nos governam, sobretudo no que toca á defensa do reino e á sua integridade, faria maior milagre que livrar o pae da forca.

SANTO ANTONIO DA MOURARIA

Verificou-se a trasladação da imagem de Santo Antonio da Mouraria, para a ermida da Saude.

A confraria que se estabeleceu na ermida da Saude, e permanecia antes na egreja do Desterro, devia forçosamente ter a sua imagem; naturalmente despresou esta, para se apegar á outra, por ser mais milagrosa, e restituindo-a ao seu antigo sitio, espera, porventura, que os milagres continuem.

Santo Antonio da Mouraria pertenceu ultimamente a um certo Victoriano, que comprou o predio onde estava o nicho, crêmos nós, em 1820 ou 1822. E deu pelo predio bom dinheiro. Ahi estabeleceu uma pequena loja de venda de sola, e ahi residia.

A devoção pelo Santo da Mouraria estava amortecida; mas Victoriano teve artes para a fazer reviver. Todos os annos lhe fazia um explendido arraial, que chamava a attenção publica, e excitava á devoção.

Julga-se que o mealheiro não renderia menos de 600$000 réis annuaes; mas o proprietario dava 30$000 réis por anno á Real Casa de Santo Antonio. Era uma especie de tributo que pagavam todos os nichos á primitiva casa do Santo.

Demolido o nicho em 1834, Victoriano conservou na loja a imagem, e na parede o buraco que dava entrada ás esmolas para o mialheiro.

Mas o *bota abaixo* era implacavel, e n'uma noite mandou tapar o buraco do mealheiro.

Então Victoriano entrou a emprehender na perda d'aquelle rendimento, sobreveiu-lhe uma congestão cerebral, e em breves dias morreu.

Depois a imagem foi para a egreja de Santo Antonio, e lá tem estado.

O nicho já existia no local em que estava em 1834, antes do terramoto, assim o affirma João Baptista de Castro, dizendo que fronteiro ao collegio dos Meninos Orphãos, havia o nicho com a imagem, que era de muita devoção.

Como é sabido, o collegio dos Meninos Orphãos era no local, onde hoje está a ermida de Nossa Senhora da Guia.

SANTO ANTONIO DO RATO

Conta o chronista fr. Jeronymo de Belem, que no convento das religiosas da Madre de Deus, existia, e cremos que ainda existe, uma lamina, na qual estava pintada a imagem de Santo Antonio, que era denominado do *Rato*.

Deu origem a este esquipatico titulo o seguinte caso:

A sachristã do convento era muito perseguida por um rato damninho, que lhe fazia grandes estragos na cella, e que sabia cortar todos os laços que lhe armava para o apanhar.

A boa freira teve uma feliz inspiração. Encommendou a Santo Antonio a destruição do rato, e assim falla á imagem: —«Eu não hei de apanhar o rato; vós é que o haveis de «matar; e quando eu voltar ha de estar feita a execução».

Saiu a freira cheia de confiança no recado que dera ao Santo, e quando voltou achou o rato junto ao altar, onde estava a lamina, e já a estrebuchar, morrendo d'ahi a pouco.

Divulgou-se a noticia de tão milagroso successo, e á imagem se ficou chamando Santo Antonio do Rato.

Muito póde a fé. Ora, vejam em que a devoção empregava o valimento do popular Santo?

O MILAGRE DOS SANTOS

Assim chamam doutos theologos ao nosso thaumatugro. Não ha santo que para tudo tenha virtude, como Santo Antonio. A elle recorrem todos os fieis portuguezes, com a mais viva fé, e com a mais ardente esperança de que obterão bom despacho das suas petições. Cada santo tem a sua especialidade; cada um é advogado contra certos e determinados males da vida, cada um tem particular valimento em especial conjunctura; mas Santo Antonio é o protector, o advogado, o patrono que se considera de mãos abertas, e sempre com boa cara para attender a todos os requerentes e despachal-os favoravelmente, dizem elles.

Desde remotos tempos existe na casa do Santo, proximo da Sé, um retabulo, que alguns querem que seja contemporaneo da fundação da mesma casa e onde os devotos vão metter as suas petições dirigidas ao thaumaturgo. O quadro está muito velho, e deve ser antigo, duvida-se porém que seja do tempo da fundação, que foi no principio do reinado d'el-rei D. Manuel, por assim o haver recommendado el-rei D. João II, que não pôde realisar o seu intento de levantar um templo ao Santo no próprio local onde nascêra.

Houve, e não sabemos se ainda ha, perto da egreja do Santo, uma capellista, crêmos nós, que redigia e escrevia as petições, que logo d'ali iam ser entregues ao Santo. Temos á vista as que se acharam em um dos ultimos dias, e o theor d'ellas, e mesmo a lettra de algumas faz-nos suppôr que ha pessoa que se encarrega do officio de redactor, ou escrivão, como se dizia antigamente, dos memoriaes.

O direito de petição é hoje um direito politico, é uma garantia constitucional; mas para os Santos sempre foi um direito inalienavel: tudo se póde pedir, o deferimento pertence ao Santo.

O insigne padre Antonio Vieira, em um sermão de Santo Antonio, discorrendo ácerca da virtude milagreira do Santo e da grande fé que ha no seu valimento, diz o seguinte:

«Se vos adoece o filho, Santo Antonio; se vos foge o escravo, Santo Antonio; se mandaes a encommendas, Santo Antonio; se esperaes o retorno, Santo Antonio; se requereis o despacho, Santo Antonio; se aguardaes a sentença, Santo Antonio; se perdeis a menor meudeza da vossa casa, Santo Antonio; e talvez se quereis os bens da alheia, Santo Antonio.»

Aqui está como o douto e discreto padre Vieira bem deixa vêr que até o que se não póde requerer, ha quem requeira ao bom do Santo. Santo Antonio é para tudo.

São curiosas as petições que nos mostraram. Um dos requerentes pede que o Santo pelos seus merecimentos lhe consiga que lhe seja entregue a sua legitima, e promette mandar dizer uma missa. Coitado! Talvez lhe tenham a legitima empalmada, e recorre á intervenção do Santo para que lh'a dêem. Se o Santo quizesse ser justo, não se veriam tantas familias desgraçadas, porque honestos parentes e honrados procuradores lhes tem roubado as heranças.

Uma requerente pede ao Santo pelas almas de seu pae, e de sua tia Maria Dias, que lhe alcance casar com quem ella tem no sentido, com o seu Luiz. Quem nos déra saber se o Santo fez o milagre de tocar o coração do Luiz, inspirando-lhe o affecto que a requerente deseja.

Outro requerente pede que o Santo faça com que receba uma divida que lhe tem dado muito trabalho para haver. Se todos os credores recorressem a Santo Antonio, não havia quadros, nem caixas bastantes para conter os memoriaes d'elles. Bem iria aos caloteiros se os seus credores não usassem de outros meios para serem embolsados. Aqui está Santo Antonio advogado contra os caloteiros; é uma especialidade.

Outra requerente pede ao Santo que lhe dê uma boa sorte e livre de afflicções, e que lhe arranje um marido que tenha fortuna, e que a estime: empenha no pedido a alma do pae do Santo, e da mãe, e a da tia Maria Dias.

Outra petição denuncia um sentimento mui nobre. É uma mulher pedindo ao Santo que empregue o seu valimento,

afim de que uma sua irmã, por nome Anna, regresse a casa, para a companhia de sua mãe e irmãs, affastando-se de um homem que a traz perdida. Eis-aqui uma petição que o Santo devêra deferir, para salvar da perdição aquella alma, talvez allucinada por um amor louco. Houve um malevolo que poz no memorial da pobre mulher, um despacho em latim que quer dizer: «Abençoada seja toda a tua geração. Concedo o que pedes, pela auctoridade divina. Dada no céo no anno do Senhor de 1860.—Santo Antonio.»

Zombou este homem de uma coisa séria, porque o memorial contém a expressão de uma dôr do coração, manifesta um desejo honestissimo, é a irmã procurando salvar a irmã do abysmo, e recorre para isso á fé, á religião para que Deus illumine aquella alma afim de que conheça o errado caminho que vae seguindo.

Seria curioso o exame de todos os memoriaes apresentados ao Santo; por elle se conheceriam muita hypocrisia, muito fanatismo e muitas abusões; mas tambem se descobririam muitos infortunios e muitas crenças sinceras, que na religião procuram conforto e allivio, e com a esperança resistem aos profundos golpes da adversidade.

O Santo mais galhofeiro foi o martello dos hereges, como lhe chamam os theologos, e reduzindo-os de lobos infernaes, diz um escriptor, a cordeiros celestiaes, trazendo com resolução á egreja catholica, mais gente com a sua orthodoxa doutrina e fructifera prégação que muitos principes christãos com suas poderosas armas e exercitos victoriosos.

ORGÃO NOVO

Acha-se já collocado o novo orgão que a camara municipal mandou vir de Inglaterra para a egreja de Santo Antonio.

Algumas pessoas censuram que a camara dispendesse mais de dois contos de réis em um orgão. Não vemos fundamento para a censura. A egreja de Santo Antonio é administrada pela camara, é do municipio, cumpre portanto que seja conservada com decencia e até com a grandesa propria de um templo que é da cidade.

O orgão é indispensavel em todas as egrejas, e, na nossa opinião, não entraria nunca outro instrumento nos templos, porque só o orgão é accomodado á gravidade e simplicidade das ceremonias do culto. Seria vergonhoso que n'uma egreja que é da cidade, houvesse um orgão insignificante como em qualquer templo de aldeia pobre; por isso nos parece que a camara fez bem enriquecendo a egreja de Santo Antonio de um magnifico orgão.

Como já dissemos, o novo orgão foi construido em Londres pelos srs. Gray & Davison, accreditados fabricantes d'esta classe de instrumentos, e da sua fabrica são os melhores que hoje possue a Inglaterra, tendo sido premiados na exposição de 1851.

Da fabrica dos srs. Gray & Davison é o grande orgão que está no palacio de cristal em Sydenham, e tambem é obra sua o magnifico orgão que ha annos possue a camara municipal de Leeds, o qual custou 36:000$000 de réis.

O instrumento que veiu para a egreja de Santo Antonio, contém muitos melhoramentos, ainda desconhecidos entre nós. Não podemos enumerar todas as innovações do novo orgão, referiremos as mais notaveis.

Tem dois teclados para as mãos, um do *orgão grande*, e o outro do *orgão dos eccos*, e além d'isso tem outro, como teclado, que são uns pedaes, que se move com os pés. O organista serve-se d'este teclado dos pedaes juntamente com os das mãos, executando com os pés a musica da mão esquerda, ficando com as mãos livres para tocar a musica da mão direita.

Da combinação d'estes tres teclados resultam maravilhosos effeitos.

O orgão grande tem oito registos, quatro d'elles para reforçar, e tres pedaes para reforçar só as notas, cada uma por si, o que é um melhoramento importante porque dá muita expressão á musica.

O orgão dos eccos tem sete registos, sendo tres para reforçar; o setimo registo é o do *tremolo*, isto é, produz um tremolo de prodigioso effeito, porque dá uma expressão tão maviosa e sentida á musica, que encanta os ouvintes, mormente quando se toca no registo do *oboé*.

Tem uma poderosa sonoridade; os sons são eguaes e puros, e com serem fortissimos nos registos reforçados, não tem duresa.

É um bello instrumento e de forte construcção.

Notámos comtudo que os registos não imitam os sons dos instrumentos como nos nossos orgãos, não tendo por isso a variedade que n'estes se observa. Tambem os nossos orgãos quando reforçam em todos os registos teem um som em certo modo aspero e estrepitoso, que em algumas occasiões augmenta todavia a expressão solemne dos hymnos sagrados.

Orgãos modernos, bons, não temos nenhum, e os antigos estão quasi todos estragados, como o do extincto convento dos Paulistas, os de Belem, o de S. Vicente e outros. Este ultimo ainda é um admiravel instrumento.

Ouvimos tocar o sr. Casimiro, excellente organista e discipulo do celebre fr. José Marques; o sr. Casimiro ainda não está habituado á construcção especial do novo orgão, mas assim mesmo soube desenvolver bem todos os recursos musicaes que elle encerra.

Tambem ouvimos o reverendo padre Browne, organista do collegio de S. Pedro e S. Paulo de missionarios inglezes, o qual já conhece o novo instrumento, e além d'isso toca muitissimo bem, sabendo dar á musica uma expressão muito appropriada aos cantos sagrados.

O sr. Turrell, representante e primeiro offiial da casa dos srs. Gray e Davison, e encarregado da entrega do orgão armou-o e pol-o prompto para tocar, em quatro dias.

O presidente da camara fez constar ao sr. Turrell que a municipalidade ficára muito satisfeita com a promptidão e boa conta que a casa de que é representante deu da encommenda.

AINDA A REAL CASA DE SANTO ANTONIO

As noticias, que agora seguem, são completamente inéditas, por se acharem impressas nas *Relações da receita e despeza da Real Casa de Santo Antonio*, mas essas *Relações* são mui raras, e portanto não são geralmente conhecidas.

A obra da restauração do templo, principiada no anno de 1718. devia ser realmente grandiosa, e é para lastimar que o edificio fosse destruido pelo terramoto e fogo subsequente por que seria um bello specimen da architectura da epocha.

Antes do terramoto, quanto se fazia para o culto da real casa, era tudo de grande valor: vêmos, por exemplo, na *Relação* do anno de 1726, que se mandaram fazer quatro cazulas de téla branca, sete alvas, e um véo de hombros de tissu de oiro, tudo rico e com as guarnições competentes, custando tudo 781$225 réis.

Antes da restauração de 1719 não havia collegiada, mas, na *Relação* de 1739, já encontramos mencionados doze capellães de côro, mais tarde elevados a dezoito.

A Casa dava, no dia do Santo, dois dotes de 40$000 réis cada um, a donzellas pobres.

Depois do terramoto havia na cidade quatro nichos de Santo Antonio, cujas esmollas revertiam á casa do Santo; ignorâmos quantos havia antes de 1755, mas o da Mouraria já existia, porque na *Relação* do anno de 1742 a 1743 achamos que se dispenderam 131$920 réis em uma obra de carpinteiro, talha, pintura, pedreiro, azulejo e uma grade de ferro que se fez no dito nicho.

O nicho da Mouraria era o que rendia mais, antes do terramoto, porque em quanto d'elle recebia a casa annualmente 50$000 réis, dos outros todos apenas cobrava 60 a 80$000 réis.

Uma cousa singular notamos nas *Relações* até á epocha de 1757; as esmollas recebidas á porta da egreja vem sempre contadas em 30$000 réis, até 1740, e depois baixam a 24$000 réis sempre conta redonda. É caso para notar esta conta tão certa todos os annos!

Em 1744 ainda se dispenderam mais 107$920 réis com o nicho da Mouraria.

Na *Relação* de 1743 a 1744 encontramos uma nota muito curiosa, e que vamos transcrever, para que se aprecie o estado da fazenda municipal n'esse tempo. Diz assim a *Relação*:

«E conferida a receita com a despesa, que se fez este anno, excedeu aquella a esta em um conto quinhentos e cincoenta mil quatrocentos noventa nove réis em cuja quantia entram os setecentos e sessenta dois mil seiscentos e noventa e sete réis, que houve de accrescimo o anno passado; a qual quantia fica em poder do thesoureiro Estevão de Freitas Carneiro, e com a dita quantia, e com o que a mesa tem ainda por cobrar intenta comprar uma propriedade de casas, que são uteis e precisas para a real egreja do Santo, que *por não ter cobrado oito para nove mil cruzados, que o senado da camara lhe deve de juros, pelas rendas do mesmo senado estarem penhoradas por varios credores*, não tem a mesa feito maiores empregos para utilidade da casa.»

O senado tinha todas as suas rendas penhoradas! Que exemplar administração municipal!

Em 1749 ainda não havia desempenhado as suas rendas, o devia então á real casa do Santo 3:800$000 réis.

É fóra de duvida que a reliquia do Santo, que existia na sua casa, saía para ir na procissão da Saude; um capellão a levava n'uma carroagem até á egreja da Sé, e do mesmo modo recolhia á casa do Santo.

Parece incrivel que tendo-se despendido 36:000$000 réis na restauração da egreja em 1722 ou 1723, já em 1752 fossem necessarias novas obras na capella mór, a qual, diz a *Relação* do anno de 1752, se achava com a maior indignidade para n'ella se officiar, que por esse motivo se havia feito um rebaixo e uma porta na capella mór com o dispendio de mais de 1:400$000 réis.

Depois do terramoto de 1755, na propria egreja, se fez uma barraca, em cuja construcção se dispenderam réis

2:190$000, e ahi se celebraram os officios divinos, pela primeira vez no 1.º de novembro de 1756.

Mandou-se fazer então um novo orgão, que custou réis 448$000.

Depois do terramoto os nichos que havia pela cidade renderam mais do que antes, pois que as esmollas para ahi levadas regulavam de 400 a 500$000 réis quando antes eram de 200 a 300$000 réis.

Em 1761 houve litigio sobre a casa da Mouraria, onde estava o nicho do Santo: o senhorio da casa queria a propriedade do nicho, que sempre tinha sido da administração da real casa, por isso n'esse anno a administração recebeu como em deposito o producto das esmollas d'aquelle nicho, na importancia de 285$000 réis.

Na *Relação* de 1761 a 1762, vemos que a imagem do Santo escapou do terramoto, e portanto devemos suppor, que a que hoje ali se venera é ainda a mesma que no dia 1 de novembro de 1755 recebia o culto dos fieis. A citada *Relação*, alludindo ás esmollas recebidas e á necessidade d'ellas para a restauração do templo, diz assim:

«..... attendendo ao deploravel estado em que o fogo, que sobreveio ao terramoto, a deixou sem offensa da imagem do glorioso Santo.»

A administração da real casa começou logo a comprar, depois do terramoto, alfaias de prata para o serviço do culto, e vendeu a que tirou do entulho; só de seis castiçaes de prata quebrados, e de um frontal de oiro e prata, apurou 1:871$000 réis.

Na *Relação* de 1779 a 1780 vemos que a esse tempo estavam concluidas até á metade as obras da restauração da real casa, tudo á custa de esmollas.

Do Ultramar vinha muito dinheiro, e aqui em Lisboa, depois do terramoto, affluiram as esmollas em muito maior quantidade, pois que as recolhidas na egreja e á porta, pelos meninos do côro, chegaram uns annos pelos outros a perto de 1:000$000 réis.

Assim se foi restaurando aquelle templo que se não é uma obra prima de architectura, tem todavia alguma bellesa, um aspecto muito alegre, e muita luz, como convém á casa de um Santo tão festivo, tão festejado, e tão querido da mocidade.

A VELHA LISBOA E AS SUAS RUAS

I

Aqui famoso Alcides Lusitano
Vereis um mundo n'uma só cidade,
A quem de prata e d'oiro o Tejo ufano
Banha em signal de eterna magestade.
ULYSSEA, canto 10.º, est. 137.

A velha Lisboa, a capital d'este maravilhoso reino que assombrou o mundo, sumiu-se debaixo de um montão de ruinas e de cinzas. Da pavorosa catastrophe de 1755 apenas escapou o bairro mais sordido; a parte mais nobre da cidade, os seus melhores edificios desabaram e arderam.

A cidade conquistada pelo primeiro monarcha portuguez, e por elle libertada do jugo mauritano, e que duas vezes teve a honra de ser a primeira a levantar o grito de liberdade e de independencia contra os estrangeiros — que proclamou o mestre d'Aviz, e trezentos annos depois o duque de Bragança — que viu saír do seu rio as poderosas armadas que fizeram formidavel o nome portuguez — a velha cidade, emporio do commercio do mundo, enobrecida por muitas memorias gloriosas, patria de insignes varões, a predilecta do rei cavalleiro, o heroico D. João I, foi abatida e prostrada por um cataclismo, como não ha memoria de outro na Europa, nas eras modernas.

Debalde se procuram os logares onde os nossos antepassados viveram a vida cavalleirosa de D. João I — debalde se deseja saber onde se ajustavam e preparavam as aventurosas expedições por mares nunca d'antes navegados, e onde

a burguezia tratava os seus negocios que abrangiam todo o mundo conhecido—tudo desappareceu.

Das ruinas da velha capital surgiu outra cidade mais garrida, mais bella, e mais louçã. O cataclismo foi o iniciador da restauração de Lishoa. As ruas tortuosas, os estreitos becos deram logar a ruas alinhadas, e espaçosas. Mas os edificios é que não foram substituidos. Os que se levantaram, em geral. são muito inferiores na grandeza e magnificencia aos que desabaram. Lisboa, com os seus arrebiques de velha, com a sua falta de policia, com as suas immundas viellas, era mais rica e mais esplendida no seu viver, que a nova Lisboa com todos os seus melhoramentos.

A imaginação não póde recompor a actividade que outr'ora agitava esta cidade, hoje tão triste, parecendo que chora o antigo esplendor perdido. O commercio, que levava a bandeira portugueza a todos os portos do mundo, as riquezas que importava do Oriente e da America deviam produzir n'esta capital um movimento que hoje nos pareceria impossivel. E, em tempos mais remotos, as expedições que dilatavam o dominio portuguez, as guerras com os nossos visinhos além do estreito, egualmente agitariam a velha Lisboa por um modo que mal se poderia agora avaliar.

Lisboa, debruçada sobre os seus sete montes, a contemplar o famoso Tejo, é uma formosa cidade, riquissima de variados accidentes, que a extremam entre todas as cidades do mundo. A antiga capital da extensa monarchia de D. Manuel vae crescendo, crescendo e dilatando-se pelo lado de oeste. Circumscripta a um acanhado ambito, no seculo XIV, foi sempre estendendo os braços, paulatinamente. As contingencias politicas que começaram no principio d'este seculo, foram como um momento de repouso n'esse quasi imperceptivel desenvolvimento. Até essa época crearam-se e fundaram-se grandiosos estabelecimentos, e construiram-se bons edificios; depois, Lisboa, como que adormeceu, e ha apenas meia duzia de annos, que recomeça o movimento progressivo, e a cidade vae a crescer e a aformosear-se lentamente.

Por muitos e variados lances tem passado Lisboa. Ainda antes do terramoto de 1755, houve o terramoto de 1344, os de 7 e 26 de janeiro de 1531, e o de 28 de janeiro de 1551, que originaram consideraveis ruinas na cidade. No primeiro, diz-se que foram arrasadas 1500 casas, e no se-

gundo, 200. N'aquelle, uma das torres da Sé soffreu consideravel ruina, e só em 1745 se começaram a reedificar ambas as torres, mas o terramoto de 1755 novos estragos lhes causou.

Estes cataclismos deviam forçosamente produzir muitas alterações na divisão e plano das ruas da cidade, de maneira que a Lisboa do dia 31 de outubro de 1755, decerto já se não parecia com a Lisboa de 1551, nem esta com a de 1350.

Da Felicitas Julia dos romanos, já rarissimos vestigios restam — da Lisibo, ou Lisabona dos arabes, perderam-se todas as memorias — da villa de Lisboa, de Affonso I, apenas, aqui ou acolá, se encontra, para assim dizer, uma pedra — da cidade de D. João I, tambem os vestigios são difficeis de encontrar — da capital de D. Manuel, algumas recordações permanecem — da sumptuosidade de D. João V subverteram-se muitos monumentos — emfim, espalhados pela cidade vêem-se alguns pequenos lanços do muro que a fechava, restos de antigos edificios, e varias ruas na Mouraria e na Alfama — o mais está tudo transformado.

Reconstruir, recompor a cidade anterior ao terramoto de 1755, seria uma tarefa improba, mas não só curiosa, senão tambem interessante para a archeologia nacional. Era empresa que exigia grande copia de conhecimentos das antiguidades da cidade, e estudos technicos especiaes, e, além d'isso, uma paciencia que só os antiquarios possuem para escavarem as memorias e as ruinas do passado, e d'ellas, como que fazerem surgir e desentranhar a cidade arrasada.

Este trabalho houve um homem que o emprehendeu, e já o leva bastante adiantado. É um trabalho escrupuloso, fructo de aturado estudo, e executado com um amor e uma dedicação que o interesse não inspira. Só aquelle espirito, que se compraz em devassar o passado, envolto em densas trevas, e fazel-o reviver aos olhos dos contemporaneos, pôde intentar uma obra de tal natureza exclusivamente guiado pelo seu amor á sciencia e ao estudo.

O sr. José Valentim, habilissimo desenhador das obras publicas, em commissão na bibliotheca nacional, incansavel vasculhador de antiguidades, intelligentissimo conhecedor de todas quantas existem ainda na cidade, poz mãos á obra de uma planta da cidade de Lisboa, anterior ao terramoto. Auxiliado pelos seus vastos conhecimentos n'esta materia, e

compulsando todos os escriptores de que se podem colher noticias a este respeito, e o tombo da cidade mandado fazer pelo marquez de Pombal, depois do terramoto, conseguiu já reconstruir uma grande parte da velha Lisboa.

A todos parecerá impossivel delinear com exactidão as viellas do immenso labyrintho que formava a parte da cidade baixa. Eram tantas as ruas, as travessas e os becos estreitos e escuros, por tal modo se cruzavam em todas as direcções, que bem se comparam a um labyrintho. E como seria facil hoje descrever, riscar no papel com exactidão todas essas encruzilhadas? Parecia impossivel, mas conseguiu-o o sr. José Valentim. A parte que ficava e fica entre o Terreiro do Paço e o Rocio está completa e perfeita! Deve confessar-se que é para pasmar que similhante trabalho se realisasse.

Todos os mappas existentes são deficientissimos; mas o que está fazendo o sr. José Valentim será uma obra monumental, se a sua edade e os seus achaques consentirem que o conclua. N'esta obra o sabio archeologo emprega um escrupulo, que a muitos pareceria exagerado, mas que dá ao seu trabalho o cunho da maior exactidão, e lhe grangeia um inestimavel valor.

A parte mais antiga da cidade se acha já concluida, e a outra parte está quasi toda delineada, faltando-lhe apenas as indicações das ruas e edificios notaveis. Se este trabalho chegar ao cabo será a admiração dos homens da sciencia, por não lhes constar de certo, que, fóra do grupo dos que se occupam de trabalhos topographicos, haja um tão habil e entendido. Devemos notar que todas as medições são calculadas sobre as que constam do tombo, e assim o mappa será de uma pasmosa exacção.

É o sr. José Valentim um homem excessivamente modesto. Trabalha por dedicação e não por interesse. Se porventura lêr o que escrevemos a seu respeito, offender-se-ha, porque não aspira a louvores, nem a esta publicidade, hoje tão procurada, em geral, por todos quantos mais ou menos se affadigam em lides scientificas ou litterarias. O sr. José Valentim era empregado na antiga intendencia das obras publicas. Em 1833, pegou em armas, e fez o serviço d'essa época. Passados algus annos, deixou de comparecer na sua repartição por motivos caprichosos considerando-se demittido, sem que o fosse. Assim permaneceu até que por es-

forços de amigos seus ficou pertencendo á actual repartição das obras publicas, e depois veiu em commissão para a bibliotheca, em diversos trabalhos archeologicos. Poucos homens haverá mais habeis do que o sr. José Valentim, n'este genero de trabalhos. Em 1834, por occasião de se demolirem varias egrejas, onde havia monumentos dignos de estimação, andou elle mettido por entre as ruinas desenhando com a mais escrupulosa exactidão todas as memorias que julgou merecedoras de serem conservadas. Da antiquissima egreja de S. Martinho tirou a planta e os desenhos de varias esculpturas gothicas e outras coisas curiosas. Tudo conserva, e na perfeição de todos estes trabalhos se vê a sua habilidade e o seu talento.

Era homem para lhe serem confiados trabalhos muito importantes, mas a sua excessiva modestia fez com que sempre estivesse na sombra, com o parco vencimento de 16$000 réis mensaes, emquanto outros por ahi desfructam pingues gratificações com emprestadas bullas.

Agora o sr. José Valentim acha-se velho e doente, mas ainda póde trabalhar. O mappa que está levantando é obra de grande interesse publico, e que muito honraria o governo auxilial-a e promovel-a, arbitrando ao seu author uma gratificação que melhorando as condições em que se acha, o habilitasse e incitasse a proseguir em tão curioso trabalho, que doutos e indoutos applaudirão.

Este brado que erguemos aqui a favor de um homem modesto, porém de muito talento, não será escutado, bem o sabemos. É fraco o empenho. Despacha-se com mais facilidade um galopim eleitoral, a rogo de outro galopim eleitoral *amigo* dos ministros, do que se attende ao merecimento, e se auxilia um trabalho util.

O que importa aos governos a planta da velha Lisboa? O que lhe importa são alguns votos e alguns insultos aos seus adversarios, isto costumam os governos pagar bem. No entretanto cumprimos o nosso dever, empenhando-nos por que se auxilie uma empreza util, por que se auxilie um homem de talento e trabalhador, e o unico, que conhecemos, capaz de levantar o mappa da antiga Lisboa. Se elle o deixar incompleto, ninguem o concluirá. E se alguem apparecer apto para isso, ao estado custará bom dinheiro. A parte já concluida saiu muito barata, saiu de graça.

Pedimos pois, em nome da sciencia e das artes—em no-

me das memorias d'esta antiga capital, que ao sr. José Valentim se arbitre uma gratificação pela sua obra do levantamento do mappa da antiga cidade de Lisboa.

Pede a justiça que não privemos o erudito conservador dos manuscriptos da bibliotheca nacional, o sr. Francisco Martins de Andrade, da parte que tem no trabalho da planta que está levantando o sr. José Valentim.

É o sr. Andrade particular amigo do sr. Valentim, amisade estreitada pelo amor aos estudos archeologicos, e foi quem suscitou o pensamento de se levantar a planta de Lisboa, anterior ao terramoto de 1755, pensamento que o sr. Valentim de bom grado abraçou, e cuja realisação logo emprehendeu. É o sr. Andrade mui sabedor de archeologia, e tem conhecimentos especiaes das antiguidades de Lisboa, por isso o sr. Valentim sob a direcção do erudito conservador dos manuscriptos encetou o seu precioso trabalho e o vae continuando.

Repetimos o governo deve auxiliar a empreza de que temos tratado. Não são prosperas as circumstancias do sr. Valentim, o seu desinteresse, o seu talento, o seu dedicado amor ao estudo e aos monumentos artisticos, merecem a attenção do paiz.

E n'este assumpto deve empenhar-se a camara municipal como representante d'esta capital. Trata-se de uma memoria da cidade, sumida na catastrophe do terramoto, e no fatalissimo incendio subsequente, cumpre-lhe promover que se levante e vá ao cabo.

II

Agora vamos dar noticia de algumas ruas da antiga Lisboa, noticias extrahidas de varios escriptores, de apontamentos colhidos pelo sr. José Valentim, no tombo da cidade, e e do mappa por este archeologo já muito adiantado. N'um manuscripto contendo a estatistica de Lisboa, referida ao anno de 1552, já por nós citado varias vezes, achámos mui curiosa noticia ácerca da rua nova dos Ferres, e antes rua nova d'El-Rei, ou dos Mercadores, a principal rua da antiga cidade — o Chiado d'aquelle tempo — ou, diremos, mais que o Chiado pela variedade de lojas e industrias que n'ella se achavam estabelecidas e pela grandeza dos seus edificios. Até 1755 foi a rua Nova a mais nobre rua de Lisboa. Era

o ponto de reunião da gente de negocio, nacional e estrangeira; era o transito quasi obrigado de todos os prestitos publicos, procissões, etc., era emfim, a rua mais larga, mais regular e mais rica da cidade.

Colligiremos aqui tudo quanto se lê no alludido manuscripto ácerca da rua Nova dos Ferros, por nos parecer que dá uma idéa do que era essa rua tão fallada, e por serem as memorias talvez mais minuciosas que d'ella existem.

Seguiremos por sua ordem o que se lê no citado manuscripto, que diz assim:

«Parece grandeza d'esta cidade, e por tal a puz n'este caderno para louvor d'ella e do reino e christandade. E digo que tem uma rua a qual se nomeia por rua Nova dos Mercadores, que tem de comprido cento e trinta braças e quatro de largo, e tem de cada face da rua, quarenta e cinco moradas de casas, todas de tres e quatro sobrados, de uma e outra banda. E segundo me informei ha muitas d'ellas que rendem para seus donos setenta e oitenta mil réis de alugueres em cada um anno, e algumas rendem cem mil réis, e outras menos; e tomado n'isto o meio as ponho todas, umas por outras, a sessenta mil réis, que valem ao todo as noventa moradas d'aluguer 13:500 crusados.

«Da face do Aver do Peso, que é da banda da rua Nova, que ficam nas costas d'estas. E entram n'estas cento e trinta braças, e portanto as ponho n'esta congregação da rua Nova. Contando-as até á portaria da infanta D. Isabel, e com algumas logeas que estão no arco dos Barretes e dos Pregos em que estão tendas de mercearias, achei que eram quarenta e cinco moradas, e segundo informação que tomei assim de umas e outras d'esta banda que digo, que é na Confeitaria, achei que estavam arrendadas a trinta mil réis que valem todas quarenta e cinco moradas, d'aluguer de renda em cada um anno 3:000 cruzados.

«Tambem quiz saber o genero de mercadores que n'ella vivem, e achei que viviam vinte mercadores de lojas de pannos, em os quaes ha alguns muito abastados, e outros que o não são tanto, e ponho uns por outros a dois mil cruzados, posto que as logeas valem mais, que não ha nenhuma que desça de oito mil cruzados para baixo. E, porém, devem e tratam, com mercadorias fiadas que tomam, o ponho liquidamente em 40:000 cruzados.

«Tambem vivem n'ella trinta homens que tem logeas de caixeiria e vendem sedas de todas as sortes, que outrosim são differentes nas fazendas. E porque ha alguns d'elles que tem oito, dez mil cruzados, e outros de quatro e a cinco, e de mais e de menos, e postos todos a sete mil cruzados, valem a todo 210:000 cruzados.

«Tambem vivem n'ella treze tendas de marsaria, grossas e barretes, e especiarias de todo o genero, que bem parece valer cada logea 12:000 e 13:000 cruzados; e porém, segundo o que meu juizo alcança, e que d'elles conheço, poderão ter de fazendas suas 5:000, 6:000 cruzados e o mais são de mercadorias fiadas, com que valem estas treze tendas 78:000 cruzados.

«Outro sim ha debaixo do arco dos Barretes e do arco dos Pregos 10 tendas de marçarias abastadas, que segundo o que n'ellas se enxerga valem mais de 4:000 cruzados cada uma, que valem ao todo 40:000 cruzados.

«Tambem ha na mesma rua nove boticas, que em olhos de todos, segundo o muito que vendem, cada botica d'ellas parece que rende e vale 2 mil cruzados, que são todas nove, 18:000 cruzados.

«Tambem vivem na mesma rua onze livreiros, que os quatro d'elles, segundo me informei, vale cada tenda 6:000 cruzados, e os sete a 1:000, valem todos 31:000 cruzados.

«Tambem tem tendas n'esta rua sessenta serigueiros, ainda que n'ella não vivam, porque tem as moradas fóra da rua alguns d'elles, os quaes tem muito bem de trato cada um 200$000 réis e muitos 1:000 cruzados e 2:000, e mais e menos; por tanto os ponho a isto valem todos 30:000 cruzados.

«Tambem vivem na dita rua nos altos das lojeas que tenho dito, muitos mercadores, que conhecidamente são homens muito abastados e de grossissimas fazendas, dinheiro e trato, os quaes não nomeio porque o seu muito os faz soar tanto que me escusam d'isso, os quaes todos ouço dizer que passam de 1:000$000 de ouro (400:000$000 contos).

«Outros mais officios vivem n'esta rua de que não faço menção senão para dizer a desordem que n'isto se póde deixar de ter; porque ainda que seja grosseiro, em dizer o que digo, posto que o não sei dizer por bom estylo, nem como o entendo, porém nem por isso deixo de conhecer o que se deve pôr e accudir em boa ordem, porque parece de-

sordem em rua tão honrada e nobre, que cousa de que a cidade tanto se honra e o reino, devia V. A. mandar que não vivam em tal rua quatorze generos de officios que adiante apontarei, porque assim como nas outras ruas parecem bem os officiaes de cujo officio a rua tem o nome, pareceria esta ter tudo conforme o seu nome. E já que as outras mereceram estar bem ordenadas não devia esta de desmerecer das outras. E mais havendo tanto logar pela cidade e ruas como ha. E apontarei a rua dos Confeiteiros, que ora está debaixo das pousadas e paços do principe, que eu juro não tem senão moscas e abelhas, que muito melhor pareceria em tal rua boticarios, livreiros e sirigueiros. E os sapateiros e confeiteiros postos em outra rua onde a cidade seria nobre em ruas limpas, e esta ficaria com o seu nome que são Mercadores.

«E os officiaes que a dita rua tem são os que nomearei.

«E lá tem mercadores de logeas de pannos; e tem logeas de sedas de caixeiros, boticarios, livreiros, marcieiros, sirigueiros, tosadores, luveiros, barbeiros, sapateiros, fanqueiros, calceteiros, alfaiates, alimpadores de barretes, cerieiros, os quaes são 16 officios que parece muita desordem para rua tão nobre ter tanta mistura. Devia V. A. mandar emendal-o para nobreza da terra, cidade e reino.

«Assi que valem os alugueres d'esta rua e logeas e mercadorias que n'ella se vendem e negoceiam, sem os mercadores dos altos, que em seu capitulo se verá 1.523:800 cruzados (609:232$000 réis).»

A rua Nova d'El-Rei, ou dos Ferros, ou dos Mercadores era antiquissima, e já no tempo d'El-Rei D. Fernando, como nota um insigne historiador, era o centro da actividade commercial da cidade, então frequentada d'estrangeiros de diversas nações, que mercadejavam com este sempre notavel porto.

Por aquelle sitio fôra a Judiaria, ou bairro dos Judeus, que no seculo XIII, se chamava Villa Nova de Gibraltar, e a synagoga foi convertida por El-Rei D. Manuel em templo christão, de que ainda permanece uma elegantissima e maravilhosa amostra na porta da egreja da Conceição Velha.

Mas, por que transformações não passaria a rua Nova, até ao anno de 1755? Com os successivos terramotos, com as variações produzidas naturalmente pelo correr do tempo,

decerto tinha no 1.º de novembro d'aquelle anno uma face mui diversa da primitiva. Em 1552, pela relação do author do manuscripto citado, se vê que era a rua escolhida pelos logistas mais abastados, e é de crêr, que n'ella moravam os commerciantes e os industriaes de mais grosso trato, visto que, n'essa época, o bairro Alto, ou Villa Nova de Andrade, ainda não era povoado, e todo o movimento, toda a actividade, se concentravam n'essa rua, e nas adjacentes. Devia, pois, ser a residencia dos mercadores opulentos.

Na época referida já os mesteres ou officios andavam arruados, mas vê-se que na rua Nova se accumulavam diversos officios, contra o que protestava o author do manuscripto, porque assim estava perturbada a ordem que n'isto se puzera já nos ultimos annos do seculo XIV. A rua da Confeitaria então não tinha casas do lado do mar, e o author do manuscripto inclue na sua relação os predios d'essa rua, que ficavam nas costas da rua Nova. A muralha da cidade passava pela rua dos Confeiteiros, e no tombo feito depois do terramoto de 1755 se acham mencionados varios predios e lojas d'essa rua, do lado do sul, mettidos no grosso da mesma muralha, que em parte, com referencia a alguns predios, se dizia ter 16 palmos de grosso.

Era natural os logistas procurarem a rua Nova, como hoje procuram o Chiado, por ser a mais concorrida, com a differença porém, que a rua Nova com ser a mais luxuosa, era tambem a mais commercial, como centro de todo o movimento, o que não acontece ao nosso Chiado. Assim, pois, os logistas que podiam fazel-o, fugiam das ruas estreitas e dos becos, para a rua espaçosa, concorrida e nobre. O author do manuscripto, levado pela idéa, que da separação dos officios accumulados na rua Nova, e sua distribuição pelas outras ruas, resultava mais nobreza para a cidade, porque d'ahi viria maior acceio nas ruas, ao mesmo tempo indicava isto, como um melhoramento municipal, visto que se dilataria a cidade, e cada officio trataria de ennobrecer a rua onde tomava assento.

O author do manuscripto, fazendo a estatistica da rua Nova, de certo, a armou no ar. Tomou elle um meio termo para os seus calculos, antes menos que mais, como diz, e acceitando-os como os apresenta, os valores das rendas, e do que havia nas lojas, incluindo os mercadores dos altos, ou andares, era superior a 1:000 contos, que hoje vale-

riam muito mais de 6:000 contos. Nem se deve crêr, na verdade, exaggerado o valor estimado, por quanto n'aquelle tempo, o commercio era florentissimo, e a côrte de Lisboa opulentissima; antes pois nos inclinamos a crêr que aquelle valor é inferior ao real.

Um facto que se deve notar, é dizer o alludido author, que os livreiros, em geral, eram abastados. Dando conta do valor *da livraria que vinha á cidade*, em cada anno, diz o seguinte:

«Se se podera tomar conta ao certo da livraria que entra n'esta cidade, o que se não póde fazer por não pagar direitos, nem terem com os livreiros receita; e porem vistas as logeas que tem na rua Nova, *e a grossura d'ellas, e valia, e os alugueres que pagam, e como a mór parte dos livreiros todos são abastados*, eu ousaria affirmar vistos os respeitos que tenho dito, valerem as livrarias que na cidade se gastam, em cada anno, 20:000 cruzados.»

Relatando o citado author os officios que havia na cidade, e contando as pessoas n'elles empregadas, diz que havia 20 logeas de livreiros, e a maior parte d'ellas com 3 e 4 creados, e seriam as pessoas n'ellas empregadas 60.

E como vem a pello, diremos o que consta do commercio do papel. Diz assim:

«Entra em cada um anno na mesma cidade de França, de Veneza, e de outros logares d'onde costuma a vir papel, que vale 20:000 cruzados.»

A maior parte dos livreiros tinham as suas logeas na rua Nova, como em tempos muito mais modernos, os livreiros de mais grosso trato se estabeleceram no Chiado. Era avultado o valor da livraria que vinha á cidade, por onde se conhece qual era o movimento litterario da época. É claro que n'esse valor se não comprehendiam as impressões feitas em Lisboa.

No *Summario*, de Christovão Rodrigues de Oliveira, se diz, ennumerando a gente de officio de Lisboa, que havia 54 livreiros, que é quasi a mesma conta do manuscripto, e no mesmo tempo. Impressores havia então 5, e no livro das *Grandezas de Lisboa*, affirma-se que os livreiros eram 33, e os impressores 4, isto em 1620.

Lisboa, com o desastre de Alcacerquibir, e com o dominio castelhano decahiu muito do seu esplendor.

III

Tornemos á rua Nova, de que ainda ha mais noticias.

A estatistica de 1552 dá á rua Nova o comprimento de 130 braças, ou 1:300 palmos, mas inclue n'esta conta a rua da Confeitaria da parte do norte, que fazia costas á rua Nova. A medição que consta do tombo da cidade mandado fazer pelo marquez de Pombal, combina com esta, mas não concorda com a medição que vem na *Relação da viagem de Filippe III a Portugal*, no anno de 1619, escripta por João Baptista Lavanha. Ao tempo do terremoto tinha a rua Nova de comprimento 969 palmos, e de largura 40 $^1/_2$, e á parte do Pelourinho Velho onde terminava 38 $^1/_4$. Lavanha descrevendo o arco que os flamengos levantaram n'esta rua, para festejarem a entrada do monarcha hespanhol, diz que o arco tinha 65 palmos de largo sem os supportaes.

Ora a medição do tombo combina com a de 1552, pois que juntando aos 969 palmos da rua Nova, 615 que o mesmo tombo dá á rua da Confeitaria, temos 158 braças, e a differença de 28 braças talvez provenha de se terem feito novas construcções n'esta ultima rua. Mas emquanto á largura, a medição do tombo de el-rei D. José combina com a de 1552, esta era de 4 braças, e aquella de 40 $^1/_2$ palmos.

Do referido tombo consta que na rua Nova, ao tempo do terramoto havia do lado do sul, 51 propriedades de 4 e 5 andares, e achamos nota de que uma sobre-loja e loja da ultima propriedade d'este lado, rendia 90$000 réis, de aluguel, para seu dono. Do lado do norte eram 35 as propriedades, e n'este lado estava a egreja parochial de Nossa Senhora da Conceição, construida depois de 1552, como abaixo diremos, e que tinha 65 palmos de frente.

Todas as casas d'esta rua tinham alpendradas, ou vulgarmente, arcos, á maneira dos que se vêem ainda agora, na rua direita de Belem, e na do Caes, no mesmo sitio.

Seguiremos com a noticia da fundação da egreja parochial da Conceição.

EGREJA DA CONCEIÇÃO

Quando o cardeal D. Henrique, depois rei, foi arcebispo de Lisboa, vendo que o crescimento da população augmentava consideravelmente o numero dos freguezes, em algumas parochias da capital, mandou erigir outras de novo, em ermidas que não fossem curadas, para se administrarem com mais promptidão os sacramentos aos enfermos; e então tirando alguns freguezes ás parochias de Santa Maria Magdalena e de S. Julião, com elles erigiu a nova parochia de Nossa Senhora da Conceição, na egreja da mesma invocação dos freires de Christo sita entre a Correaria e a rua dos Prateiros, a qual fôra fundada por el-rei D. Manuel, na antiga synagoga dos judeus.

Os curas da nova parochia, por accordo com os freires, eram da nomeação do arcebispo, e confirmados pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens.

Assim permaneceu a parochia por algum tempo, até que sobrevieram desintelligencias entre os freires, por uma parte, e o cura e os freguezes, por outra parte, queixando-se os ultimos de injustiças e vexames dos primeiros.

Fr. Agostinho de Santa Maria a este respeito diz o seguinte:

«Tambem os irmãos por obrigar aos freires, faziam muitas despesas, que lhes não tocavam, porque gastaram n'aquella egreja mais de 60 mil cruzados, porque reedificaram a egreja quasi *à fundamentis*, adornaram-n'a de ricas pinturas, mas nada faltou para que aquelles senhores freires fizessem áquelles seus hospedes o agasalho e o acolhimento que elles mereciam.»

Continuaram por muitos annos as desavenças, sem que os freguezes obtivessem justiça, até que o cardeal D. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa, se resolveu a por-lhes termo, no anno de 1682, mudando a parochia da egreja dos freires, para a de Nossa Senhora da Victoria, na Caldeiraria, annexa á parochial de S. Nicolau.

Durante 16 para 17 annos permaneceu ahi a parochia, mas as desavenças com os freires continuaram. A lucta entre a mesa da Consciencia e o arcebispo não cessava, nem os freires se accommodavam, porque demais lhes faltavam os emolumentos que auferiam, estando a parochia na sua egreja.

Afinal, os freguezes vendo-se sempre em desassocego, e com a sua séde parochial tão distante, requereram as devidas licenças para levantarem uma egreja para sua parochia, em sitio conveniente para a boa administração dos sacramentos. Deferida a supplica dos freguezes, em 28 de fevereiro de 1697 se escelheu o sitio da rua nova dos Ferros, ou dos Mercadores, para assento da nova parochia, e no dia 15 de junho de 1698 se lhe lançou a primeira pedra no alicerce, e logo com a invocação que até alli tivera. Refere a tradição, que abrindo-se o alicerce se achara n'elle uma cruz de metal, que de uma parte tinha a imagem da Virgem, coisa que se considerou como indicio de que a Virgem approvava o sitio escolhido para a sua casa.

Construiu-se uma capella no centro da arca da nova egreja, e n'ella se disse a primeira missa a 23 de agosto de 1699. Em 13 de setembro do mesmo anno se trasladou o Sacramento da egreja da Victoria para a capella, e só no anno de 1730 se acabou a obra da egreja, que era de uma nave, com duas torres, e a porta principal voltada para o sul. Obra sumptuosa, que havia custado mais de 200 mil cruzados. Só no frontispicio se despenderam 20:000 cruzados. A arca da egreja custou mais de 50:000 cruzados, porque foi necessario expropriar muitas casas de morgados e capellas para a sua construcção n'aquelle sitio.

Os irmãos da irmandade do Santissimo e os freguezes foram os que correram com as despesas da nova egreja.

Era pois um templo sumptuoso, que, por effeito do terremoto de 1 de novembro de 1755, ficou em quasi total ruina. Ao primeiro impulso do abalo, veiu a terra o côro, e o resto do edificio padeceu grandes estragos, tendo ficado debaixo das ruinas setenta e seis pessoas. João Baptista de Castro refere um caso singular, a titulo de milagre, mas que poderia acontecer naturalmente, por occasião do grande cataclismo.

O cura da parochia, José Frazão, tinha saído, antes de começarem os abalos, a administrar o Viatico a um enfermo, na rua da Tinturaria, que seguia do adro da egreja da egreja da Conceição dos Freires, hoje denominada Conceição Velha, na direcção do norte. O cura não podendo voltar com o Viatico para a sua egreja, e vendo-se em grande perigo, em ruas estreitas, de que as ruinas dos edificios sobre elle desabassem, com os ameudados tremores, como

pôde, caminhou para o Terreiro do Paço. Ahi sacramentou a mais de 400 pessoas, e depois, ás dez horas da noite, foi recolher-se á egreja dos conegos seculares de S. João Evangelista, no sitio do Beato Antonio, acompanhado por mais de 3:000 pessoas de todos os sexos e edades, que se íam lastimando de tamanha desgraça, e entoando os canticos sagrados.

No districto d'esta parochia foram totalmente destruidas pelo terramoto ou pelo subsequente incendio todas as propriedades; mas, diz Castro, no seu *Mappa*, que as casas da rua da Tinturaria, onde estava o Viatico, quando foram os primeiros abalos da terra, ficaram illesas do terramoto e do incendio, e tendo sido desamparadas dos seus moradores, ao cabo de cinco dias acharam-se alli umas avesinhas, vivas, testimunhas de tão lastimoso espectaculo, e que se salvaram com universal admiração.

Isto é naturalmente uma tradição piedosa. Comtudo, referimol-a como curiosidade da época.

A freguezia, poucos dias depois se transferiu para a ermida de Santa Rosa de Lima, pertencente ao sr. de Murça, Luiz Guedes de Miranda, ás Fontainhas. Em 4 de abril de 1756 passou para uma barraca, no Terreiro do Paço, onde estava ainda depois de 1762, até que, a irmandade se accordou com o inspector das obras da reedificação da cidade, sobre o local, onde se devia estabelecer a nova egreja, que é onde hoje se acha. Querem dizer que está no antigo local, mas isto não póde ser, porque antes, a rua Nova dos Mercadores ou dos Ferros não chegava até alli, mas sim a Calcetaria, que desembocava na rua Nova do Almada, ainda mais acima d'esse ponto.

A antiga parochia da Conceição ficava muito mais para leste, com relação ao sitio em que ora existe.

Só em 1794 é que a actual egreja se achou concluida, e ainda não completamente.

Antes do terramoto tinha esta parochia 850 fogos e 3:400 pessoas. No anno de 1762 só contava 84 fogos e 438 almas.

Na *Demonstração Historica* lemos que as melhores ruas de Lisboa, em 1472, anno em que veiu para Portugal o corpo do infante D. Fernando, que morrera captivo na cidade de Fez, eram a Cordoaria Velha, Calçada de S. Fran-

cisco, Calcetaria, rua Nova dos Ferros, Pelourinho calçada da Padaria.

Antigamente, as entradas solemnes e prestitos reaes, não vinham ao longo da marinha, desde Santos, mas ahi tomavam na direcção da calçada do Combro, Portas de Santa Catharina, Cordoaria Velha, Calçada de S. Francisco, á Calcetaria, rua Nova dos Ferros, Pelourinho, Padaria, ou então tomavam pela rua do Ouro, na Calcetaria, e seguiam pelas encrusilhadas ao Rocio, como succedeu quando o cardeal D. Henrique, foi acclamado na egreja do hospital de Todos os Santos.

Devemos advertir, que na procissão dos restos mortaes do infante D. Fernando, procissão festiva, e não lugubre, como á primeira vista parecia, pois que as ruas do transito estavam todas armadas de pannos ricos, e os sinos repicavam, na rua Nova dos Ferros se correram touros, naturalmente de corda, como ainda hoje é uso em algumas das ilhas dos Açores, isto é, estando os touros presos por compridas cordas.

Depois de aberta a rua Nova do Almada em 1665, então os prestitos reaes, por essa rua desciam até á Calcetaria.

A cidade pouca modificação teve nas suas ruas, desde 1551, comtudo foi depois d'isso que se alargou a rua dos Ourives da Prata, ou dos Prateiros, que se abriu a rua Nova do Almada, e que desappareceram as ruas do Arco do Ouro, Tanoaria, Patriarchal, Trabuqueta, calçada antiga de S. Francisco, beco das Cruzes, Torrinha, todas no districto da freguezia de S. Julião, e isto desde 1714 até 1754, para as obras do paço real, da patriarchal, e do theatro regio, e todas no sitio onde hoje está o largo do Pelourinho e terrenos adjacentes.

Em 1754, no mez de março, se principiou a dar nova direcção á calçada de S. Francisco, começando na embocadura da Calcetaria, á frente da esquina da Patriarchal até ao palacio do conde da Ribeira, aos Martyres.

IV

Como é sabido, a cidade baixa era uma rede de travessas e beccos, em todas as direcções. Onde hoje se vêem as quatro ruas do Ouro, Augusta, da Prata, e dos Fanquei-

ros, cortadas regularmente por outras ruas, formando um grande parallelogramo, havia travessas tão estreitas, que não era possivel passar uma carroça a par de uma cavalgadura, e muitas vezes aconteceu ser a cavalgadura esmagada de encontro ás paredes das casas, quando os conductores das carroças eram imprudentes.

As carroças eram os trens mais pequenos em uso antes do terramoto, posto que já então havia as seges de duas rodas. As estufas, calexes, florões, paquebotes, carroças, carrocins, seges, eram os trens da moda, posto que muito antes de 1755, não eram usadas as seges, nem os calexes. Os florões eram uns coches pequenos castelhanos, de estribo e de cortinas, em logar de vidros. De Castella vem a moda dos coches. Ao que nós hoje chamamos *char-á-bancs*, do francez, se dava antigamente o nome de *platéa*, que nos parece muito apropriado, porque effectivamente simelham a platéa de um theatro. E porque não lhe chamaremos agora tambem *platéas*, dispensando o vocabulo composto francez?

É evidente, que quando começaram a introduzir-se os coches, poucas seriam as ruas por onde elles podessem andar, pois que as ruas eram estreitas e os coches de grandes dimensões. Em tempos mais remotos nos prestitos publicos iam a cavallo as pessoas que n'elles figuravam, e isto se praticou mesmo ainda n'este seculo.

Quem quizesse ir do Terreiro do Paço para o Rocio, tinha de dar algumas voltas. O caminho mais direito era pela rua do Oiro, e era este o itenerario: No Terreiro do Paço entrava no arco dos Pregos, que conduzia á rua Nova, seguia por esta até á rua do Oiro, entrando n'esta, inclinava para o lado de leste, seguia-se o largo dos Douradores, rua dos Douradores, largo da rua dos Escudeiros, d'aqui partiam as duas ruas dos Escudeiros e dos Odreiros, e ambas ellas desembocavam no Rocio.

A rua do Oiro tinha entre 36 e 57 palmos de largura, e era tão desegual porque alargava muito junto do largo dos Douradores.

A rua dos Escudeiros tinha 28 palmos de largo, e proximo do largo da Picheleria, 73. Já se vê como eram irregulares as ruas principaes e do coração da cidade.

O Rocio era uma praça muito irregular. O seu maior cumprimento era de 863 $^1/_2$ palmos, e a maior largura de 399 palmos.

O Terreiro do Paço media 1120 palmos de comprido e 543 de largo.

A medição do actual Rocio não differe muito da antiga, pois que hoje terá 450 palmos de largo, sobre 900 de comprido.

No Terreiro do Paço é maior a differença, porque tem 830 palmos de comprido (norte a sul) e 870 de largo (leste a oeste). Antes do Terramoto era desproporcionalmente muito mais comprido sobre a sua largura.

No Rocio, do lado do norte, ficavam o palacio da inquisição, confrontando com o palacio do duque de Cadaval, depois os paços da camara, e ao lado d'estes, umas casas dos herdeiros de D. Balthasar da Silveira. O palacio da inquisição não ficava no alinhamento das propriedades do lado occidental da praça, mettia para além d'ellas, como ainda se via em 1835.

O passo, que serve na procissão dos Passos da Graça, está hoje quasi no local antigo: fazia esquina para o pateo do Duque. Só depois de 1844 é que se construiu a propriedade que faz agora esquina para o largo do Camões outr'ora pateo do Duque.

Do lado oriental, havia o dormitorio dos frades dominicanos, a ermida do Amparo, e a egreja sumptuosa do hospital de todos os Santos, além das propriedades do mesmo hospital, e da casa dos Vinte e Quatro.

No local onde era a ermida do Amparo, se abriu a rua d'esse nome; e a rua da Bittesga é a antiga, porém mais espaçosa.

Da ermida do Amparo, hospital e palacio dos Estaos, fallaremos n'um artigo especial, em seguida a este.

Christovão Rodrigues, diz no seu *Summario*, que, vindo do Rocio para o mar, se entrava na rua Nova d'El-Rei, comprida e direita, e que ia dar ou desembocar na grande rua Nova dos Mercadores.

Parece-me que ninguem póde explicar ou entender a topographia da cidade baixa, no dizer de Oliveira, por quanto confunde a rua Nova dos Ferros ou d'El-Rei, com a dos Mercadores.

Não era possivel ir do Rocio para o mar, sem atravessar a rede de becos e travessas, se porventura se quizesse ir pela rua dos Mercadores. Esta rua desembocava da rua Nova dos Ferros d'El-Rei, e seguia em direcção ao largo da egreja da Conceição dos Freires, e ahi terminava.

D'ahi até ao Rocio ia-se por muitas ruas e travessas, e becos tortuosos.

É preciso pois entender a descripção do *Summario*, como se quizesse dizer que as ruas n'elle mencionadas ficavam no caminho do Rocio para o mar, mas não como as unicas por onde se fazia o transito, porque entre a rua dos Mercadores e o Rocio medeiava ainda um grande espaço.

Na embocadura da rua do Oiro, começava a Calcetaria. Era esta rua das mais espaçosas, pois tinha 40 palmos de largo, e junto da rua do Oiro, 50. Ao tempo do terramoto ao lado do sul da Calcetaria era todo occupado com as casas da congregação dos principaes da patriarchal, e casas de morada do secretario de estado que fôra, Diogo de Mendonça Corte Real.

A Calcetaria terminava na embocadura da rua Nova do Almada, e, em tempos mais antigos, em frente da embocadura da rua do Oiro ficava a casa da Moeda.

Ácerca da rua Nova do Almada, eis-aqui a relação da sua origem:

«E porque o cuidado da guerra não embaraça o do governo politico, em 13 d'este mez, (maio de 1665) se começou em Lisboa a abrir uma formosa rua de 30 a 35 palmos de largo, que começa da Calcetaria e sae ao Espirito Santo; muito conveniente para formosura e serventia do bairro baixo para o alto da cidade, e sobe tão invisivel e insensivelmente, que quasi parece que tudo fica plano. Por esta rasão ha muitos annos que era desejada, e se intentou; nunca se conseguiu, porque era necessario comprar e derrubar muitas casas, que n'aquelle logar faziam varios beccos estreitos, conforme a fabrica antiga das cidades. Pôde-o conseguir uma resolução que tomou Ruy Fernandes de Almada, que entrou a ser presidente do senado da camara, e por memoria do author de obra tão util, quiz o senado que a rua ficasse com seu nome, e se chama a rua *Nova do Almada*.»

Esta noticia dada pelo *Mercurio Historico*, deixa ver que o espaço occupado pela rua Nova do Almada era cortado por travessas e beccos.

Em 1665 se reconheceu que era necessario uma communicação mais espaçosa entre a cidade alta, que ia crescendo

consideravelmente, e a cidade baixa, e por isso se abriu a nova rua.

Por occasião do terramoto, do lado do nascente, ainda á rua Nova do Almada vinham desembocar varios beccos e travessas, como a do Crucifixo, do Tronco, Ferraria, rua dos Fornos, e do lado do poente, os beccos de João de Deus e da Parreirinha.

Tinha esta rua, quando se fez o tombo, depois do terramoto, 858 palmos de comprido, e 32 de largo. No fim da rua havia um largo que fazia frente ao convento da Boa Hora, do lado da Patriarchal.

A frontaria da egreja da Boa Hora, olhava para o norte, tinha o adro fechado com grades de ferro para a rua Nova do Almada, e no frontespicio tres arcos. A egreja era sumptuosa. Os dormitorios apresentavam um prospecto quasi egual ao que existe, figurando uma propriedade de tres andares, e n'aquelle tempo de quatro.

Proximas ao convento ficavam as casas do visconde de Barbacena que serviram de aljubre, e onde antes houve um theatro, ou pateo de comedias, como então se lhe chamava. Das janellas das casas do visconde de Barbacena se assistia á representação das comedias, o que mostra, que o theatro era realmente um pateo disposto para o espectaculo.

Isto foi antes da fundação do convento, o qual foi substituido em 1633 tendo sido primeiro dos padres dominicanos irlandezes depois dos do Espirito Santo, por doação que lhes fez Luiz de Castro do Rio, senhor de Barbacena, em 1659, e passando a final para esse local os frades agostinhos descalços. A este sitio se chamava antes de aberta a rua Nova do Almada, as Fangas da Farinha, e ahi findava a rua da Calcetaria.

A casa do Espirito Santo teve primitivamente a sua egreja na capella do Santo Espirito da Pedreira de antiga fundação; mas os padres alojaram-se no convento, que haviam deixado os dominicanos irlandezes, como acima dito fica, e onde estavam desde 1633. Depois os padres oratorianos fizeram os seus dormitorios e mais accommodações, junto á antiga ermida, que se tornou em egreja, e para ahi se trasladaram, no anno já referido de 1674.

A egreja era de tres naves, e não ficava á frente do Chiado, como estava em 1834, porém mais para o meio da rua Nova do Almada; mas até alli e mais para o lado do Rocio chegava o edificio do convento.

O terramoto arruinou, e o fogo consumiu o convento, e então foi José Joaquim Ludovice, architecto, filho de João Frederico Ludovice, o architecto de Mafra, encarregado de dar o risco para a reconstrucção do convento, a qual se concluiu do anno de 1792, vindo para esta casa os padres que estavam na casa das Necessidades.

V

Era o Rocio uma praça irregular, mas espaçosa, talvez mais do que actualmente. O palacio da Inquisição; a celebração dos autos da fé, que n'essa praça se fazia; o convento de S. Domingos, que convocava á sua egreja grande concurso, toda a côrte e as elegantes e os elegantes d'esses tempos; o hospital de Todos os Santos com a sua esplendida fachada; os arcos do Rocio, onde se accommodavam as mais luxuosas lojas, que vendiam as fazendas da moda, tornavam esta praça a mais importante da capital.

O palacio da Inquisição, que como dissemos, ficava do lado do norte do Rocio, foi primitivamente edificado por ordem do infante D. Pedro, por alvará de 13 de outubro de 1449, sendo o infante regente do reino na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V. O seu fim era para hospedar embaixadores, e pessoas notaveis que vinham á côrte, ou mesmo pessoas da côrte, que não houvessem aposento no paço, ou palacios na cidade.

Era o infante mui querido do povo de Lisboa, e com rasão por ser um principe esclarecido, e por isso o povo quiz que o governo do reino lhe pertencesse e não á rainha. Mas quando o infante D. Pedro mandou edificar o paço dos Estaos para que o povo d'esta cidade ficasse alliviado de onerosas aposentadorias, os moradores de Lisboa quizeram levantar-lhe uma estatua de marmore sobre os mesmos Estaos, e perguntando ao infante qual era a fórma e a posição em que desejava se fizesse a estatua, elle com rosto triste lh'o prohibiu, e como pessoa, a quem fôra revelado o futuro, lhes deu esta resposta, lição a vaidosos, e exemplo da maior discrição e sabedoria:

«Ainda virão dias, que se minha figura n'esse logar esti-
«vesse esculpida, em galardão d'essa mercê que vos fiz, e
«de outras que ainda vos farei, vossos filhos a derribariam,

«com pedras lhe quebrariam os olhos, porque do que vos «fiz e espero fazer, Deus me dê o galardão, que de vós não «espero outro, senão o que vos digo e por ventura outro «peior.»

Bem mereceu a estatua o nobilissimo filho de D. João I; mas não a teve, porque se cumpriu o que prophetisára, não contra a estatua, mas contra a sua propria pessoa, depois de ter governado o reino com tanto acerto.

Na batalha da Alfarrobeira expirou o infante D. Pedro, e o seu cadaver foi tratado vilmente, como teria sido a sua estatua se o povo lh'a houvera levantado. «Por fazer o que «devia, padeceu morte e afflicção, e o que de homens de tão «alto sangue se não podia esperar, depois da morte, des«honra e vituperio» diz o chronista Duarte Nunes de Leão, do honrado infante.

O poeta Correia Garção escreveu em verso, a falla do infante D. Pedro, recusando a estatua. Não tem a poesia a eloquencia da singela prosa de Duarte Nunes de Leão: no entretanto poremos aqui estes versos de Garção, que são expressivos:

Porém se vós, illustres portuguezes
Desejaes conservar meu nome eterno;
Não é preciso o marmore soberbo,
Basta-me a tradição de paes a filhos,
Com fiel saudade transmittida.
Este o jaspe, este o bronze, em que pretendo
O meu nome esculpir .....
.....
..... que estas honras
Quem chega com justiça a merecel-as,
Tambem sabe atrever-se a despresal-as.

Esta falla não agradou ao marquez de Pombal, que erigindo a estatua a El-rei D. José, lá poz o seu busto, insigne monumento da vaidade de um alto espirito, cuja memoria permanece em mais seguros padrões, do que esse monumento de que o seu proprio busto foi arrancado, no dia em que o famoso ministro descaiu da fortuna.

Era o paço dos Estaos uma construcção simples, e que serviu tambem de habitação real. Os primeiros embaixadores que residiram n'este paço foram os do imperador da Allemanha, Frederico III, em 1451, que vieram por occasião do casamento da infanta D. Leonor, irmã de El-rei D. Affonso V, com aquelle imperador.

D. João III, por mais de uma vez habitou no paço dos Estaos, até que o applicou para séde da inquisição. Ahi se passaram terriveis e pavorosas scenas, d'ahi sairam os horrorosos autos da fé, e ahi se escreveu uma das paginas mais negras da historia d'este paiz.

Em 1755, o terramoto e o incendio subsequente arrasaram completamente o edificio, o qual foi reconstruido, com maior plano, pelo architecto Carlos Mardel.

Em 1820, depois da revolução, o povo invadiu o palacio do terror e do fanatismo, devassou-lhe os carceres subterraneos, e as masmorras, derrubou a figura da Fé, que se erguia no remate da fachada, e que tinha sido modelada pelo esculptor Joaquim Machado de Castro.

Tambem se chamou a este palacio, da regencia, porque, durante a ausencia d'El-rei D. João VI, no Rio de Janeiro, a regencia do reino alli funccionou.

Depois de 1820, foi palacio do governo provisorio do reino, installado em 15 de setembro d'esse anno.

Em 1836, estando n'esse edificio o thesouro publico, a secretaria da fazenda, e outras repartições d'ella dependentes, foi tudo consumido pelas chammas, no dia 14 de julho.

Depois n'esse local levantaram o theatro que lá está, abriu-se o largo de Camões, e construiram-se os bellos predios que decorrem até á rua do Regedor, cujo espaço pertencia ao palacio incendiado, e onde havia um jardim com estatuas de marmore.

A casa que no tombo da cidade, se diz pertencer aos herdeiros de D. Balthasar da Silveira, e ficava ao lado do palacio da inquisição, á parte do nascente, e mais retrahida, era do conde Ourem, D. Affonso, ao tempo da construcção do paço dos Estaos.

Houve no Rocio um chafariz que ficava para o lado da rua das Portas de Santo Antão, feito nos tres ultimos annos do seculo XVI, porém em 1786 foi demolido, e a sua agua é a que corre hoje na bica da Carreirinha do Soccorro. Vem de uma nascente no sitio da Bemposta. Em 40:000 cruzados foi, em 1589, orçada a obra do chafariz, sobre a qual houve repetidos pleitos não só sobre o foro que pagava a horta onde estava a agua, mas tambem sobre a obra da construcção do chafariz. A agua tinha sido avaliada n'um conto de réis.

Em 1707 diminuiu consideravelmente a agua do chafariz

e o senado soube que um sobrinho de Mendo de Foyos Pereira, e os conegos Estevão de Bairros e Francisco de Bairros a divertiam, o primeiro para o seu jardim, defronte da egreja do Soccorro, e os segundos para a sua cosinha.

O senado representou sobre este facto, e allegava que não tinha meios para entrar em novas despesas, por causa d'aquelle chafariz, e a resolução de el-rei, de 25 de novembro d'aquelle anno, foi terminante n'estes termos: — «Tenho «mandado prender Antonio de Foyos Pereira, no Limoeiro, «e mando advertir os conegos que divertem a agua, lh'o hei «de mandar estranhar com a demonstração que fôr servido.»

A ermida de Nossa Senhora do Amparo, que ficava debaixo dos arcos do Rocio, segundo consta, foi primitivamente uma albergaria onde se recolhiam os pobres passageiros e peregrinos, aos quaes se dava casa, cama e agua.

Depois ordenando, em 1492, El-rei D. João II, a fundação do hospital com a invocação de Todos os Santos, a albergaria foi incluida no edificio do hospital. Posteriormente um devoto, assim se conta, instituiu por sua herdeira, a santa casa da Misericordia, e entre as alfaias e peças primorosas que lhe deixára, estava uma imagem da Senhora do Amparo, e então a irmandade da Misericordia edificou uma ermida para collocar a imagem, e a ermida era a que estava debaixo dos arcos do hospital.

A enfermaria ou hospital dos incuraveis passou, segundo parece, em 1583, para debaixo dos arcos, e contigua á ermida. E até hoje o hospicio dos incuraveis tem tido e conserva a invocação do Amparo.

El-rei D. João II lançou a primeira pedra na grandiosa obra do hospital de Todos os Santos no dia 15 de maio de 1492, mas a 25 de outubro de 1495, falleceu o monarcha, e por seu testamento de 30 de setembro do mesmo anno, feito na villa das Alcaçovas, deixou muito recommendada a obra do hospital que devia, segundo a sua intenção, reunir todos os hospitaes então existentes. Deixou elle dito que desejava que o seu hospital fosse regido pelos regimentos dos hospitaes das cidades de Florença e de Sena, na Italia. Outra disposição do testamento de el-rei D. João II, e que é singular, foi que todos os annos se remissem do poder dos mouros dois captivos dos mais desamparados que lá estivessem, e que os trouxessem a servir no hospital pelo espaço de um anno, e durante este tempo deixassem crescer

as barbas, e assistiriam ás festas da Virgem e ás missas com cirios nas mãos. E findo o anno, que se contava de 1 de novembro, a egual dia do anno seguinte, seriam despedidos os captivos, podendo então cortar as barbas, e se lhes daria um vestido honesto.

E diz o testamento que os captivos deixassem crescer as barbas, para maior lembrança de se remirem os dois que os deviam substituir, porque não era uso trazer as barbas crescidas.

A santa casa da Misericordia administrava o hospital, e n'elle se recolhiam os expostos, e pelos annos de 1551, era o seu numero de 400 a 500.

O edificio do hospital, concluido por El-Rei D. Manuel, que cumpriu com grandesa, a piedosa recommendação de seu antecessor, era magnifico. A sua egreja era vasta, de tres naves, e uma das maiores de todo o reino. A frontaria tinha a magnificencia propria da época. O portal era de maravilhosa obra e para elle se subia por uma grande escadaria, de tres faces, e com vinte e um degraus o primeiro dos quaes tinha setenta e seis pés de comprido, e de largo sessenta a quatro, terminando a escadaria n'um grande taboleiro, com trinta e tres em figura quadrada. O portal era no pomposo estylo manuelino, e por aqui se póde julgar qual seria a sua magnificencia architectural.

Todo o edificio do hospital era em fórma de cruz de quatro braços eguaes, assente em 35 columnas de cantaria; João Baptista de Castro diz que eram 25.

A egreja era um dos braços da cruz, e a capella mór ficava no fecho da cruz, de modo que os enfermos, que estavam nas enfermarias que eram os outros tres braços, ouviam missa, por tres janellas que das enfermarias olhavam para a capella-mór da egreja, estando deitados nos seus leitos, mas este uso acabou por alguns inconvenientes que n'elle havia. Em 1617, o provedor, que então era, mandou collocar altares portateis nas enfermarias, para os enfermos ouvirem missa nos domingos e dias santos.

Havia quatro claustros, um em cada braço da cruz, com o seu poço, e uma espaçosa horta tambem com o seu poço, que ficava onde hoje é a praça da Figueira. Quando em 1858, se procedeu á limpesa dos canos da cidade, na rua das Gallinheiras se acharam alguns degraus da escadaria da fachada da egreja do hospital.

Se é exacta a conta feita por Christovão Rodrigues de Oliveira, em 1551, eram, n'esse tempo, cinco as enfermarias com 103 leitos, mas acontecia, quando havia maior affluencia de enfermos, deitarem-se aos dois e dois em cada leito. Mas na albergaria destinada a recolher os peregrinos e mendigos havia outros 103 leitos.

Frei Nicolau de Oliveira, que publicou o seu livro das *Grandesas de Lisboa*, em 1620, diz que eram 10 as enfermarias, afóra os corredores, e as casas a que elle não chama enfermarias, como as dos doidos, do mal francez (venereo) etc., e que tinham 331 leitos. Acontecia porém, muitas vezes armarem-se camas nos corredores, pela concorrencia de enfermos, especialmente no verão, e refere que no anno de 1620, passaram de 600 os enfermos que estiveram reunidos no hospital, o que já tinha acontecido em outros annos.

No anno de 1616, entraram no hospital 3:026 enfermos, dos quaes morreram 629, e sairam curados 2:159, além de 200 engeitados.

Em 1551 tinha o hospital dois physicos (medicos) e tres cirurgiões, e importavam os seus vencimentos em 150 cruzados, e casas para morarem, e em 1620 havia egualmente 2 medicos, e tres cirurgiões, e os seus vencimentos eram já de 40$000 réis cada um, e casas, cuja renda se computava no preço de 15$000 réis, e agua e varias pitanças, que se avaliavam em 3$000 réis.

Ao boticario se dava, por valor dos medicamentos fornecidos, a quantia de 700$000 réis, sendo que algum dos medicamentos se pagavam por menos a quarta parte do preço das outras boticas.

Todo o regimem do hospital era feito com a maior regularidade. Dispendia o hospital nos primeiros annos do seculo XVI, 12 a 15 contos de réis, afóra o assucar de que El-Rei fazia mercê aos enfermos, que andava por 150 arrobas, e cada anno se faziam mais de 600 arrobas de marmelada e assucar rosado, além de muitos dôces, escorcioneira e sandolo, e outras coisas de consolação para os enfermos, e mesmo dinheiro, que davam pessoas devotas.

VI

Não é nosso intento dar amplissima noticia da organisação do hospital de Todos os Santos ou de El-Rei, como se lhe chamava vulgarmente, por ser fundação real; apontamos apenas as coisas que nos parecem mais curiosas.

Não se acha noticia de existir no hospital uma escola regular de cirurgia; comtudo frei Nicolau d'Oliveira diz, que nas quatro enfermarias dos feridos havia sete enfermeiros mancebos, praticantes de cirurgia, e oito nas enfermarias das febres; o hospital lhes dava de comer e varias pitanças, e em dia de Todos os Santos lhes dava tambem umas roupetas compridas de saragoça, que lhes chegavam a meia perna, e meias e sapatos. e ao cabo de certo tempo se lhes passava carta de exame para poderem curar em todo o reino.

Havia uma mulher para deitar ajudas ou mesinhas aos enfermos, e além do seu ordenado e pitanças se lhe pagava cada ajuda a 5 réis, de sorte que a mulher fazia de ordenado annual 45$800, réis, mais que os physicos.

Tinha o hospital um enfermeiro, a quem se dava o nome de mestre de tinhosos, a cujo cargo estavam os que padeciam essa molestia, que então parecia mais vulgar que hoje, e contra a qual se adoptavam muitas precauções, para que se não communicasse.

Serviam o hospital, em todas as dependencias dos seus variados serviços, 128 pessoas, sustentadas pelo mesmo hospital, 117 que viviam de portas a dentro, além de 128 irmãos da misericordia, que por turnos, ora mechanicos, ora fidalgos, assistiam aos enfermos, e prestavam outros serviços.

Christovão Rodrigues de Oliveira diz que aos enfermos, logo que entravam, se lhes tomavam os assentamentos dos seus nomes, edades, etc.; e se fazia inventario do que consigo traziam, e além d'isso, antes de entrarem nas enfermarias, passavam á egreja, para ahi se confessarem e commungarem, e só depois d'isto, é que iam para as enfermarias.

O passadio dos doentes era excellente; buscavam-se-lhes as coisas mais mimosas. A carne usada era de carneiro, e para se vêr quanto se gastava, bastará dizer que importava

em 840$000 réis por anno, somma muito avultada para aquelles tempos.

Gastavam-se em cada anno 10:800 gallinhas, além de 1:500 que pagavam os foreiros e rendeiros. Cada gallinha custava 120 réis. De ovos se consumiam 5:475 duzias, que se compravam a 50 réis a duzia.

Aos enfermos se dava almoço de escolhidas gallinhas, caldos com gemmas d'ovos aos mais fracos, laranja doce, assucar rosado, que então era muito moda, e que as pessoas abastadas usavam tomar logo que saíam da cama, pela manhã, e muitas vezes quando se deitavam, mesmo estando de saude perfeita (era uma golodice da moda); isto além da marmelada, biscoitos, vinho, etc.

Havia uma casa chamada das *aguas*, porque n'ella eram observadas as urinas dos enfermos, que vinham curar-se ao hospital.

Emfim era uma obra grandiosa, onde os enfermos tinham todos os confortos, que o estado dos conhecimentos medicos e hygienicos permittia.

A misericordia que o administrava, era e é a instituição piedosa de mais alcance que a caridade christã tem fundado. Em parte alguma do mundo se viu a caridade tão amplamente desenvolvida como nas misericordias de Portugal. Póde dizer-se que não havia miseria a que não accudisse, infortunio a que não valesse. O homem desvalido da fortuna, ali tinha amparo, desde que vinha ao mundo até que descia á terra, ainda mesmo criminoso a misericordia lhe estendia braços protectores, ou para tratar do seu livramento ou para o acompanhar longe da patria, se tinha de expiar no desterro os seus crimes, ou para lhe dar as ultimas orações e a sepultura. A instituição da misericordia é o brazão da caridade portugueza.

O magnifico edificio do hospital de Todos os Santos, foi victima de dois incendios, antes do fatalissimo terramoto e incendio do 1.º de novembro de 1755.

Na noite de 27 de outubro do anno de 1601, das 12 horas para a 1, se ateou fogo no hospital, e o incendio durou até ás 6 horas da manhã. As chammas devoraram a egreja e uma grande parte das enfermarias. El-rei D. João v, o restaurou passados muitos annos com maior grandesa; mas a 10 de agosto de 1750, novamente o hospital foi assaltado por violentissimo incendio, cujos estragos foram muito desastrosos.

Pelas 3 horas da madrugada do dito dia 10 d'agosto de 1750, o fogo manifestou-se em umas aparas das obras, que se estavam fazendo na casa das tinas, onde se aquentava agua para os banhos dos enfermos. D'ahi foi lavrando por todo o edificio, escapando apenas uma enfermaria denominada de Santa Maria Magdalena. No pateo do hospital havia uma grande quantidade de madeira de pinho para estacaria das obras, e os tições abrasados, caindo-lhe em cima, facilitaram um novo fóco ao incendio, que mais se ateou nos quartos baixos.

O fogo communicou-se ao convento de S. Domingos, por tres partes, mas foi atalhado com força, fazendo-se grandes cortaduras. O author de uma relação d'este lastimoso desastre diz que, segundo foi fama, viu-se uma ave negra de grande corpo pairar sobre o edificio do convento, e esvoaçar pelo meio das chammas, e um padre dominico, vestido de preto e branco, mettido entre as lavaredas, e que se entendeu seria o proprio S. Domingos, que vinha livrar a sua casa! Abusões d'essa época do mais exaltado beaterio.

O que é certo é que se avaliou a perda causada ao convento, pelo incendio, em doze mil cruzados.

No hospital havia então 723 enfermos e 17 doidos, além dos engeitados, e estes foram salvos pelas janellas que olhavam para a horta, e por ali se tiraram os berços, as camas e mais moveis, dos seus dormitorios.

Foram as creancinhas primeiro para a capella-mór de S. Domingos, e as amas para o palacio do senado, que era ao lado do da inquisição, e depois para o palacio do conde da Ribeira.

Poucas foram as victimas d'este desastre; apenas constou que morrêra queimado um doido, e que desapparecêra um official, que accudira ao incendio. É certo que feito o computo dos enfermos depois do desastre, se não acharam os 723, mas julgou-se que aquelles que já estavam convalescentes ou andavam de pé, fugiriam á primeira voz de sinistro; comtudo é de crer, que no meio de tamanha confusão, e sem meios promptos de atalhar o incendio, alguns enfermos fossem victimas, ou do fumo ou das chammas.

Logo os enfermos foram levados para o convento de Nossa Senhora do Desterro, de frades Bernardos, e estes passaram depois para o antigo palacio dos arcebispos, que era contiguo á Sé.

O fogo pegou em algumas moradas de casas da rua da Bitesga, as quaes arderam.

O senado dispunha apenas de cinco bombas! Para tamanho incendio cinco bombas! E d'estas, duas arderam, e as outras em breve se acharam muito deterioradas! Como arderiam as bombas? É o que não nos diz a relação d'este desastroso incendio.

As ordens religiosas praticaram actos de grande valor, e de summa caridade. Os proprios frades conduziam ás costas para o convento do Desterro os moveis que se haviam salvado; iam assistir aos enfermos, e levar-lhes muitos e diversos objectos indispensaveis, porque de tudo haviam ficado privados.

Os soldados e muitos homens do povo se distinguiram por acções notaveis.

Entre os frades mencionam-se os jesuitas como aquelles que a todos se excederam na dedicação; os dominicos transportaram os enfermos para o seu convento, as mulheres ficaram na egreja, os homens nas casas do capitulo e portaria, e os doidos nos carceres, mas logo d'aqui foram levados, como dissemos, para o convento do Desterro.

Os dominicanos, no dia seguinte ao do sinistro, deram de jantar e ceiar aos soldados, á mestrança do arsenal, e a todas as pessoas do povo, que accudiram ao incendio, na sua vastissima casa do refeitorio, onde, se póde dizer, houve mesa franca todo o dia.

O patriarcha mandou logo ao hospital uma esmola de 250 galinhas, 250 frangãos, 250 pães e 250 arrateis de doce, e no dia seguinte visitou o hospital do Desterro, e deixou uma avultadissima esmola em dinheiro.

Era então mais necessaria a dedicação n'estes fatalissimos successos pelos insignificantes meios de que a cidade dispunha para combater os incendios (Nota A).

Logo se começou a reedificação do hospital, mas d'ahi a quatro annos sobreveiu o terramoto, e todo esse edificio ficou reduzido a um montão de ruinas e de cinzas.

Os enfermos que escaparam foram levados para debaixo das cabanas que havia no Rocio, onde estiveram perto de tres semanas expostos a todo o rigor do tempo, e d'ahi passaram para umas cocheiras do marquez de Castello Melhor. Immediatamente se tratou de fazer accommodações no arruinado edificio para os enfermos, e em 1762 se começa-

ram a transportar para as novas enfermarias, e ahi estiveram até que, em 3 d'abril de 1775, passou o hospital para o magnifico e vastissimo edificio do collegio de Santo Antão dos Jesuitas, onde ora se acha com a invocação de S. José, em obsequio a el-rei D. José, que para ali o transferiu.

Lisboa tem padecido formidaveis incendios, e á solidissima construcção dos seus predios tem devido não se presenciarem aqui os mesmos estragos, que ainda hoje, apesar de tantos e tão aperfeiçoados soccorros, ha nas grandes cidades estrangeiras.

Não admira que no seculo passado fossem tão lastimosos os incendios, sendo tão apoucados os meios de os combater.

Vamos dar uma pequena noticia de alguns incendios notaveis acontecidos em Lisboa, conforme a ordem em que nos occorrem.

O grande convento de S. Francisco por duas vezes foi quasi totalmente consumido pelas chammas: o primeiro a 9 de janeiro de 1707, occasionado por um foguete que de noite caiu no tecto da egreja, que andava em obras. Em poucos dias os frades juntaram 30:000 cruzados, e com outras esmolas, em breve restauraram o templo. O segundo incendio foi na madrugada do dia 30 de novembro de 1741; este devorou quasi todo o edificio do convento; a perda foi enorme, só á casa da livraria tinha custado 20:000 cruzados.

O grandioso convento da Trindade, de que hoje resta apenas o nome no largo e na rua sitos no local onde existiu, ardeu todo no dia 22 de setembro de 1708, escapando apenas 18 cellas. Era um edificio vastissimo, e o templo dos melhores de Lisboa. Em poucos annos se reedificou com mais grandesa.

A egreja do Loreto em 29 de março de 1651, ficou completamente arruinada com um incendio que se ateou n'um sepulchro em algodão e carqueja. Perderam-se immensas preciosidades, e arderam alguns predios visinhos, assim como o deposito das decimas, onde estavam muitos espolios penhorados a pobres. Tudo devoraram as chammas, e as perdas foram avaliadas em 600:000 cruzados.

A 30 de janeiro de 1396 ardeu toda a parte da rua Nova e a da Confeitaria e Ver-o-peso, que ficavam á parte do mar, com perda de muitas fazendas e de muitas vidas.

Foi a primeira calamidade do reinado de el-rei D. Fernando.

Em 13 de dezembro de 1576, dois dias depois da partida para Castella d'el-rei D. Sebastião, pegou fogo n'uma tercena junto á egreja de Santos, onde estavam 250 quintaes de polvora, e grande quantidade de trigo. A explosão abalou a cidade e matou muita gente.

El-rei habitava no palacio que então havia junto á egreja de Santos, e correria grande risco a sua vida, se n'elle estivesse. Se ahi acabára a vida, ter-se-hia evitado o desastre de Alcacer-quibir, succedido poucos annos depois, e talvez a usurpação de Castella.

O convento de Santa Brigida, hoje desamparado das suas moradoras, que se retiraram para Inglaterra, ardeu completamente no dia 17 de agosto de 1651.

No dia 10 de agosto de 1734, houve em Lisboa tres grandes incendios; o primeiro na rua nova do Almada, onde arderam 18 moradas de casas, habitação de cincoenta e nove familias, e esteve em muito perigo a casa dos padres do Espirito Santo; o segundo foi no convento da Encarnação, que se perdeu quasi todo, menos a egreja; o terceiro na rua do Paraizo, onde as chammas consumiram uns poucos de predios.

No dia 13 de fevereiro de 1745 pegou fogo nas casas onde se vendia polvora, no sitio da Ribeira, junto ás Sete Casas. A explosão foi medonha; com a força d'ella arrombaram-se as portas da Sé. Os estragos foram immensos. Morreram 28 pessoas, e ficaram feridas 86, e d'estas muitas morreram depois.

O palacio chamado do Côrte-Real, sito na freguezia dos Martyres, ardeu tambem completamente, rão nos lembrando agora o dia e anno, mas foi pouco depois do incendio do hospital em 1750.

A 5 de agosto de 1753, na rua das Canastras, se ateou fogo em um predio, e com elle arderan 80, em que havia riquissimas lojas, avaliando-se a perda, por causa de serem os predios bons e as lojas bem rechealas, em 3 milhões de cruzados!

Em 14 de dezembro de 1745 pegou fogo no aposento da rainha D. Marianna d'Austria, no Paço da Rainha; e foi logo extincto, porém com pouco cuidado, porque no dia seguinte se manifestou outra vez no vigamerto do tecto, e cobrou

grande desenvolvimento; só vieram a arder umas seis salas. Admira que tão pequeno fosse o estrago, porque o incendio rompeu com violencia.

Alem d'estes, muitos e desastrosos incendios houve, na maior parte devidos á falta de soccorros,

VII

O sr. José Maria Antonio Nogueira nos remetteu esta carta:

Sr. redactor.—A extrema benevolencia com que v. recebeu as minhas noticias ácerca das capellas de Nossa Senhora da Vida e Santo Ambrosio, da demolida egreja de Santo André, anima-me a enviar-lhe algumas observações sobre o artigo (que só agora li) publicado no *Jornal do Commercio* de 25 de outubro, na parte em que allude ao hospital de Todos os Santos. V. as tomará na consideração que merecem. Procurei ser breve, mesmo porque trazendo entre mãos um pequeno trabalho ácerca dos estabelecimentos de caridade, existentes em Lisboa, á data da fundação do dito hospital, não desejo prevenir o que alli terei de dizer sobre este assumpto (Nota B).

Tenho fundados motivos para dizer que a ermida de Nossa Senhora do Amparo, que existiu exactamente onde hoje é a entrada da rua do Amparo, *não foi primitivamente uma albergaria;* nascendo talvez esta supposição do facto de existir *dentro* do hospital de Todos os Santos, como mostra o seu regimento de 19 de janeiro de 1504, *a casa dos pedintes andantes*, que ali recebiam cama, fogo e agua, *porque do hospital não hão de haver mais.* O que tenho porcerto é, que já á data do dito regimento a misericordia de Lisboa tinha um hospicio ou enfermaria, situada n'aquelle local, onde recolhia e amparava os incuraveis, *que de nenhum modo eram admittidos no hospital*, e que por conveniencia da construcção d'este, veiu a mesma enfermaria ou hospital dos incuraveis a ficar collocado debaixo dos *arcos do rocio*, mas sempre a cargo da misericordia, como bem o certifica o seguinte dizer, que se lia n'uma pedra posta á ilharga da porta:—«Esta enfermaria dos incuraveis concertárão os irmãos á sua custa, e na misericordia os proverão do necessario. Em abril de 1565.» Tambem consta que o hospital de Todos os Santos só veiu a ter communicação para alli

depois de 1696, e por tudo me parece demonstrado que a referida albergaria ou casa dos incuraveis não foi *incluida no hospital de Todos os Santos*, como diz o artigo.

Não vi o testamento de D. João II, e por isso nada sei dos captivos, que elle mandava remir e servir no hospital; admira-me que o regimento de D. Manuel, monumento de grande sabedoria, e que com tanta previdencia e minuciosidade trata do serviço hospitalar, nada diga a tal respeito, o que me leva a crêr, mesmo porque o fundador não pôde vêr o complemento da sua obra, que não teve execução essa curiosa disposição testamentaria. Mandava sim o regimento, que houvesse quatro escravos para varrerem e dois escravos para ajudarem a lavadeira, aos quaes se daria comer, vestir e calçar, *de maneira que andem sempre repairados*.

É verdade que o rei *afortunado*, cumprindo com grandesa e piedade a recommendação de seu antecessor, concluiu o hospital; mas não se pense que toda essa vasta e grandiosa fabrica, destruida pelo terramoto de 1755, foi obra d'aquelles reis. A historia deve fazer justiça a D. João III que cumprindo egualmente o *encommendamento* de D. Manuel, muito accrescentou e melhorou o dito hospital. Existem bastantes provas d'esta asserção, que todavia não obscurecem a immensa piedade dos referidos monarchas; mas citaremos apenas a carta regia de 28 de junho de 1564, em que El-Rei D. Sebastião não menos favorecedor do hospital, diz: «.... El-Rei D. Manuel, meu visavô, o qual.... deixando a conservação e perfeição do dito hospital encommendada a El-Rei D. João o terceiro, meu senhor e avô, que Deus tem, o *qual o continuou em sua vida, repairando as officinas antigas do dito hospital, e accrescentando outras novas* com muitas mercês e esmolas, que lhe fazia, assim com dinheiro como drogas, assucar, cêra, roupa e outras coisas necessarias á cura dos ditos enfermos, pelo que me deixou com seu exemplo maior obrigação de o seguir e imitar.»

A estructura do edificio está conforme com a que claramente nos mostra o mencionado regimento; mas creio poder asseverar que nas épocas em que escreveram Christovão Rodrigues d'Oliveira, frei Nicolau de Oliveira e principalmente João Baptista de Castro, já aquella singella mas magestosa traça *d'uma cruz de quatro braços eguaes*, esta-

va, exceptuando a frontaria, alterada pelo accrescentamento de novas e quiçá bem disformes construcções; nem outra coisa era de esperar do augmento de enfermos e necessidades do hospital. Parece-me que poderei dar, n'outro escripto, a verdadeira medida e confrontação d'este estabelecimento, em data posterior a 1570. Entretanto ahi vae, por vir a proposito e ser curioso por mais d uma rasão, o seguinte documento:

«Carta que escreveu o secretario de estado, da parte de Sua Magestade ao em.^{mo} cardeal da Cunha, sendo provedor da Misericordia.—Em.^{mo} sr.—Sua Magestade, que Deus guarde, me ordenou avisasse a v. em.^{a} para como provedor da Misericordia ordenasse ao thesoureiro do hospital d'esta cidade, que quinta feira pela manhã cedo mandasse armar desde a casa em que elle vive até passar a porta que fica na entrada da rua da Bitesga, chegando a armação a cobrir a janella de grades de ferro, mandando v. em.^{a} registrar este aviso, para que nos mais annos da procissão do corpo de Deus da Santa Egreja patriarchal se pratique o mesmo, sem ser necessario novo aviso. Deus guarde a v. em.^{a} muitos annos. Paço, 14 de junho de 1718.=*Diogo de Mendonça Corte-Real.*»

Não é exacto que, na época a que o artigo se refere, o hospital fosse administrado pela Misericordia; mas sim por provedores nomeados pelo rei, com o ordenado de 30:000 réis [1] e casa no hospital, onde devia habitar. O primeiro provedor foi Estevão Martins, mestre-escola da Sé de Lisboa, seguindo-se Gonçalo de Miranda, João Subtil, o bispo de Cafi (?), Marcos Esteves, o bispo provedor, Mem Caceres, e Garcia de Sousa; não tenho visto memoria de outros.

Por provisão de El-Rei D. João III, de 8 de março de 1530, foi entregue a administração do hospital á congregação de S. João Evangelista, isto porque os doentes não eram curados com aquella caridade e limpesa que se requeria para remedio de suas enfermidades, ao que dava causa a enfermidade e má disposição do provedor, pelo qual respeito, elle não podia n'isso olhar. Não faltará quem ache fundamento *n'este fundamento,* para explicar o motivo por-

[1] Tenho por averiguar se eram réis ou reaes. O regimento de D. Manuel, tratando d'este e outros ordenados, ora diz réis, ora reaes; no segundo caso valendo então os reaes de prata 20 e 30 réis, era vencimento, olhando a época, assaz importante.

que D. João III só poude encontrar meio de remediar a má administração do hospital, *resultante da doença do provedor*, entregando á dita congregação o governo do seu hospital! Uma certa provisão do mesmo rei, de 9 de março de 1529, authorisando os padres frei Diogo da Silva e Martim Balthasar a que fossem ao hospital e *n'elle provesem a tudo como se elle em pessoa mandasse* (providencia que nunca fôra precisa, no largo reinado de D. Manuel), tambem póde concorrer para dar a explicação d'aquelle e outros factos da historia dos reinados de D. João III e D. Sebastião, e cuja verdadeira synthese se encontra n'estes e similhantes documentos, nunca dados á estampa, e que não faltam na chronica do hospital de Todos os Santos; sem que tudo isto deva obstar a que se louve o bem que n'essas eras se praticou, para o que não é preciso nem justo cerrar os olhos perante a evidencia dos factos, e proscrever a critica que instrue. Mas não é este o meu caminho.

A congregação conservou-se na administração do hospital até 1564, em que por carta regia de 28 de agosto do mesmo anno, lhe foi retirada, «e pois que com muita instancia o pedira, por sentirem a perda que a mesma congregação recebia em se trazer fóra do regimento d'ella os principaes padres, que convinha occupar no governo dos hospitaes que lhes foram encommendados.»

Este diploma e outros muitos de que resa a historia, provam que os *bons homens de Villar*, não desmereceram, governando o hospital, do excellente credito que haviam adquirido no reino.

Passou então para a misericordia a administração do hospital, precedendo accordo entre aquella corporação e El-Rei D. Sebastião, exercendo-se o governo por meio de uma junta ou mesa, até que foi creado o cargo de enfermeiro-mór, que, segundo o dito accordo, devia sair da irmandade da misericordia, e *ser homem nobre, e honrado, e de bom viver*. Este cargo deixou de ser provido em 1834, pedindo d'elle a exoneração o exm.º D. José Maria da Cunha. Seguiram-se as commissões administrativas até que por decreto de 26 de novembro de 1851 se restabeleceu a enfermaria-mór, com que foi agraciado, por mui honroso e bem merecido decreto, o conselheiro Diogo Antonio Correia de Sequeira Pinto.

No que o artigo diz ácerca de empregados e seus venci-

mentos, poderia eu dar noticia minuciosa; mas teria de demorar-me além do que desejo e posso Parece-me, e a isso me limitarei, haver engano na designação de algumas despesas alli mencionadas. O boticario, *a quem se dava 700$000 réis pelo valor dos medicamentos fornecidos*, não creio que fosse o de que falla o regimento de 1504, apenas 47 annos antes de 1551, época a que o artigo allude, que sómente tinha de ordenado 15$000 réis, *sem mais outro comer*, devendo fazer as *mesinhas* á custa do hospital. Não acho provavel, nem encontro d'isso o mais leve indicio que tivesse mudado, em tão curto espaço de tempo o systema do regimento, e a therapeutica seguida no hospital, que, segundo a curiosa resenha das obrigações do boticario não passava de «*mesinhas, enxaropes, agua de cevada, cosimentos de ervas com que se fazem os lavatorios e banhos, estomaticos, emprastos que são mesinhas e os saquinhos asi para os de prioriz como para as outras dores.*» Não sei se é caso de exclamar, ao vêr tão resumida pharmacopéa, *ditosa condição, ditosa gente*! Os frangãos, gallinhas [1] carneiros, cabritos, ovos (estes em grande quantidade) e o assucar rosado, é que tinham um grande consumo no hospital, bem como as aguas de cheiro e outros cordiaes, de que sempre devia haver deposito em cada enfermaria.

Eu preciso que v. me desculpe, tanto pela imperfeição da escripta, o que mostra a pressa com que foi feita, como por me tornar mettediço sempre que posso fallar de taes assumptos, mas v. bem sabe apreciar o quanto póde esta mania de gostar das *coisas velhas*. — De v. etc., *José Maria Antonio Nogueira* — Bempostinha, 31 de outubro de 1864.

Dissemos que não nos propunhamos a dar uma noticia completa do hospital de Todos os Santos, mas a colligirmos as noticias mais curiosas, que a seu respeito achassemos. D'aqui resulta que essas noticias se referem a differentes épocas, sem deducção chronologica. N'estes termos, bem cabidas são algumas observações do sr. Nogueira, que agradecemos, não só por esclarecerem ou rectificarem alguns factos por nós referidos, senão tambem por tornarem mais

[1] Não admira, porque El-Rei D. Manuel cedeu ao hospital todas as gallinhas que lhe pertencia receber em Thomar.

compendiosas as noticias que vamos colligindo. É fineza que nos faz o sr. Nogueira, e a que somos gratos.

Inclinamo-nos á opinião do sr. Nogueira, com respeito á origem da ermida do Amparo. É possivel que fr. Agostinho de Santa Maria, no seu furor de descobrir as origens de todas as ermidas e de todas as imagens da Virgem se confundisse ácerca da albergaria, ou hospital de peregrinos e pedintes, que desde o principio se estabeleceu no pavimento baixo do hospital de Todos os Santos, e que no seu tempo já não existia desde muitos annos, suppondo que a dita albergaria fôra anterior á fundação do hospital.

Com effeito, tanto Ruy de Pina como Garcia de Resende, dizem que o hospital foi fundado n'um terreno que era horta do convento de S. Domingos. A *Estatistica manuscripta de Lisboa*, por nós citada frequentemente, por ser um trabalho completo e amplissimo, diz, sobre o sitio onde se fundou o hospital, o seguinte:

«E vendo (el-rei D. João II) como aquella parte do Ro-«cio estava despeiada, e sitio bom para se fazer a tal obra, «como ora está edificada, o qual era dado pelos reis passa-«dos a S. Domingos, e por lhe não quebrar sua posse, lhe «pediu aquelle sitio, em que ora está assentado, e os pa-«dres lh'o deram, e por elle lhes deu certos moios de trigo «e cevada e certas casas.»

Das chronicas mencionadas e do manuscripto, se vê que n'aquelle terreno não havia construcção ou edificio, e se existira a albergaria, como affirma fr. Agostinho de Santa Maria, d'ella teriam feito menção aquelles escriptores, e não diria o author do manuscripto, que é minucioso, que *aquella parte do Rocio estava despeiada*, isto é, sem nenhum edificio.

Não nos parece que em 1504 já existisse a enfermaria dos incuraveis, debaixo dos arcos do hospital. A este tempo estava alli o hospicio dos pedintes e peregrinos, o qual ainda em 1552, lá subsistia. A *Estatistica manuscripta* a este respeito diz o seguinte:

«E da mesma maneira tem outra casa debaixo dos alpen-«dres, onde se faz a feira; e tem outros 20 leitos de homens «e outros 20 para mulheres, em que ha hospitaleiro e hos-«pitaleira, onde agasalham peregrinos, que vão e vem, aos «quaes não dão senão camas, e agua para beberem.»

E mais adiante, fallando dos officiaes do hospital, diz:

«Tem tres hospitaleiros, a saber: um na casa dos pedin-«tes, que está na enfermaria debaixo dos alpendres da feira, «onde lhes dão camas e agua; e outros dois fóra com os «entrevados, no hospital de Santa Anna e Nossa Senhora da «Victoria.»

O mesmo diz Christovão Rodrigues de Oliveira, n'estes termos:

«Debaixo d'estas enfermarias está um hospital, casa muito «grande em que se agasalham de noite todos os peregrinos «naturaes e estrangeiros, a que o hospital não dá mais que camas e agua....»

A enfermaria dos incuraveis, a esse tempo, estava nos dois hospitaes de Santa Anna, ás Fangas de Farinha, e Nossa Senhora da Victoria, no Poço do Chão.

Além da citação que acima fizemos, lemos mais na *Estatistica manuscripta:*

«No Poço do Chão, onde se chama Nossa Senhora da Vic-«toria tem outro hospital, onde tem 8 leitos... onde passam «os enfermos desamparados, que teem enfermidades incu-«raveis, a estes dá todos os dias 12 réis para seu susten-«tamento e camas em que dormem. E no sobrado estão ou-«tros tantos leitos para mulheres, as quaes provê da mesma «maneira, e tem missa os dias santos e domingos.»

«Tem outro hospital ás Fangas de Farinha, que antiga-«mente se chamava hospital de Santa Anna, onde tem en-«fermos d'estes males que são incuraveis, os quaes provê «de camas, e todo o necessario, e são 12 réis cada dia para «seu mantimento, e tem missa aos domingos.»

Christovão Rodrigues de Oliveira falla tambem d'estes hospitaes annexos ao de Todos os Santos, para enfermidades incuraveis. É porém singular que nem Oliveira, nem o author do manuscripto alludam á ermida do Amparo, o que nos faz crer que talvez n'essa época ainda não existisse.

Tendo em conta o que diz fr. Agostinho de Santa Maria, combinado com os escriptores citados, a enfermaria dos incuraveis, a cargo da Misericordia, só em 1583 se passou para debaixo dos arcos, como se via por umas letras que estavam no azulejo, fronteiro á ermida do Amparo, estando até esse tempo a albergaria debaixo dos Arcos, e acabando então.

Isto é o mais racional, em face dos testemunhos apresen-

tados, e mesmo á vista da inscripção que se achava na pedra. existente ainda em 1720, na porta da casa que, n'esse tempo, servia de celleiro, e a que allude o sr. Nogueira, e combinado com a data em que a misericordia passou a administrar o hospital.

A ermida póde ter sido construida depois que a misericordia tomou conta da administração do hospital. Isto é uma supposição, mas que vemos confirmada pela propria confissão de Santa Maria sobre o principio da ermida, e pelo facto de ter sido deixada a imagem á Misericordia, com alfaias e pedras preciosas, por um devoto, e que só então a Misericordia mandara construir a ermida.

O hospital da Victoria, era pouco mais ou menos, no mesmo sitio, onde ora está a ermida e hospital da mesma invocação, entre a rua do Ouro e a do Crucifixo. Parece que ainda existe o poço, que dava ao sitio o nome de Poço do Chão, e está n'uma casa que serve de cocheira ou cavallariça dos Omnibus.

As Fangas de Farinha ficavam onde agora é a Boa Hora.

Não admira que se não houvesse cumprido a disposição testamentaria d'el-rei D. João II, relativa aos escravos. Esse monarcha morreu tres annos depois de lançar a primeira pedra no edificio do hospital, e segundo parece, ao tempo da sua morte, apenas estavam as paredes engalgadas. O edificio era vasto, e levantado sobre abobedas, com as suas quatro crastas, com arvores e poço, e arcos de cantaria e por cima d'estes varandas com seus marmores. Era obra que devia levar tempo a concluir.

Em quanto á primitiva administração do hospital é certo que um provedor o regia, e que em 1551, a administração estava a cargo dos padres de S. João Evangelista. Citaremos a este respeito o que se lê na *Estatistica Manuscripta:*

«O provedor, vedor, almoxarife e dispenseiro são padres «da ordem e congregação de S. João Evangelista, d'estes «vestidos de azues, estes não tem ordenado, fazem-no por «serviço de Deus, e por lh'o mandar V. A., e comem e ves«tem á custa da casa.

«O que serve de mordomo, é um d'estes, serve tambem «de hospitaleiro mór, não tem ordenado.»

Christovão Rodrigues de Oliveira, fallando da fundação

d'el-rei D. João II, diz «poz em elle um provedor» e de-«pois diz «que o governo do hospital é entregue, por man-«dado de el-rei, a tres padres da ordem de S. João Evange-«lista, que vivem das portas a dentro; um d'elles é pro-«vedor, outro almoxarife, e outro vedor, que é sobre os «enfermeiros. e dispenseiros.»

É fr. Nicolau de Oliveira quem diz, que ao boticario se davam 700$000 réis um anno por outro, pelas medicinas que fornecia para os doentes. E isto refere-se ao anno de 1620.

Á data de 1551, vemos nós na *Estatistica Manuscripta*, o seguinte:

«Primeiramente tem uma botica, que além de lhe paga-«rem suas mesinhas, tem certo ordenado da casa, por estar «prestes de dia e de noite a dar o necessario para os en-«fermos.»

E mais adiante:

«Gasta-se em xaropes e purgas para os doentes e outras «cousas necessarias, 140$000 réis.»

Tambem nos parece exaggerado o que diz Oliveira, posto que de 1551 a 1620 vão 70 annos, e n'este espaço de tempo, a moeda fez grande differença de valor, os preços dos generos deviam subir, e a therapeutica ser jámais complicada.

Reiteramos os nossos agradecimentos ao sr. Nogueira pela sua carta; e os leitores de certo tambem lh'a agradecem.

VII

O Rocio foi sempre ponto de reunião para o povo de Lisboa, e alli se passaram alguns dos successos mais importantes da nossa historia. A visinhança da egreja e convento de S. Domingos muito contribuia para attrahir o povo áquêlla praça.

Assim é que os lisbonenses tumultuaram no Rocio, depois da morte d'el-rei D. Fernando, e por occasião de todos os successos que precederam a acclamacão do mestre d'Aviz, como defensor do reino; porque foi na egreja de S. Domingos, que o mestre compareceu para ouvir as rasões do povo, que não queria que elle partisse para Inglaterra, mas se encarregasse da defensa do reino, e especialmente da cidade, contra o rei de Castella que já invadia as fronteiras de Portugal.

Era isto em dezembro de 1383, e passado pouco mais de um seculo, o Rocio presenceava um dos actos mais selvagens praticado pelo povo d'esta leal cidade. Alludimos á matança dos judeus no dia 15 de janeiro de 1506, successo começado na egreja de S. Domingos e de que ainda hoje resta memoria na imagem do Senhor Crucificado, que está no primeiro altar do corpo da egreja á parte da epistola.

Assim, aquella praça tem sido theatro de acções heroicas, e de feitos crueis e deshonrosos,

Mas no seculo passado, antes do terramoto, o Rocio ao mesmo tempo que era o tablado para as horrorosas procissões dos autos da fé, era tambem praça onde a gente elegante e da moda, ostentava as suas galas, e se juntava como agora se vae aos passeios.

Os arcos do Rocio eram um chamariz, pelas muitas lojas de venda que debaixo d'elles se armavam. Os arcos abrangiam o hospital de Todos os Santos e o dormitorio do convento de S. Domingos, e faziam toda a frente do Rocio, do lado do nascente.

Temos á vista uma planta do hospital, edificios e ruas adjacentes, no anno de 1750, pela qual se conhece bem a sua disposição topographica. Esta planta foi levantada depois do incendio de 10 de agosto de 1750, que destruiu quasi toda essa magnifica fabrica, por Joaquim Paes de Menezes, ajudahte do sargento-mór Filippe Rodrigues de Oliveira, em cuja presença foi tirada, e a que assistiram outros discipulos do mesmo sargento-mór, e acabou de ser tirada a 9 de dezembro do dito anno de 1750.

Ao favor do sr. José Valentim devemos ter examinado esta planta, que esclarece bastante sobre a situação do hospital, sua horta, convento de S Domingos, ermida de S. Matheus, e terrenos e ruas adjacentes.

A frontaria do hospital e do dormitorio de S. Domingos, não estavam perfeitamente alinhadas. Um pouco adiante da ermida do Amparo fazia toda aquella frontaria um angulo reinterante, ficando n'uma linha ligeiramente obliqua o dormitorio de S. Domingos.

Os arcos abrangiam, como dissemos, toda aquella frontaria, desde a rua da Bitesga até o adro de S. Domingos. As casas que faziam esquina para aquella rua, e ficavam no principio da rua das Arcas, onde era a praça da Palha, tambem tinham arcos.

A rua das Arcas correspondia á rua Augusta, mas não sobresaia á linha do edificio do hospital, como esta, antes ficava um pouco mais para traz.

Dizem uns que os arcos eram 25, e outros affirmam que eram 35. Fr. Nicolau de Oliveira, e fr. Agostinho de Santa Maria dizem que eram 35; João Baptista de Castro menciona 25, e o author da *Estatistica manuscripta*, muito anterior aos escriptores citados, tambem diz que eram 25. Qual possa ser a causa d'esta divergencia, é que não sabemos. Todos esses escriptores são contemporaneos, e escreveram sobre o que tinham diante dos olhos.

É evidente que os arcos que havia nos predios da praça da Palha não entram n'essa conta, porque entre aquella praça e o Rocio, se mettia a rua da Bitesga

Emquanto á medição de toda aquella frontaria e largura dos arcos, tambem variam muito os referidos escriptores:

A *Estatistica manuscripta* diz o seguinte:

«E tem mais o hospital vinte e cinco arcos de pedraria com sua abobeda que vai por baixo, que além do muito que honrou a obra, adornou a cidade por causa da feira que se faz no rocio, os quaes arcos tem 73 braças de comprido e 35 de largo!»

Fr. Agostinho de Santa Maria expressa-se n'estes termos:

«O qual (o hospital) está fundado sobre trinta e cinco arcos de pedraria muito reforçada, e no vão d'esta grande coxia, que comprehende o seu comprimento todo o Rocio, que tem de largo alguns trinta palmos, onde se veem muitas tendas de fitas, meias, rendas e outras muitas cousas necessarias e tambem curiosas, e estão como ao presente algumas duzentas, por uma e outra parte.»

Na planta topographica, a que acima alludimos, verificando pela escala, achamos que o cumprimento de toda a frontaria do lado de leste do Rocio era de 760 palmos, e que a largura dos arcos seria de 25 palmos. Esta medição combina com a do Tombo da cidade, feito depois do terramoto, posto que os edificios publicos não foram medidos, mas vem indicado o comprimento do Rocio, desde o adro

de S. Domingos até á rua da Bitesga, e corresponde á medição da planta.

Salta aos olhos que o author da *Estatistica manvscripta* se enganou quando disse que a largura dos arcos do Rocio era de 35 braças, quereria talvez dizer palmos, engano possivel em quem medio por ventura a olho.

F. Nicolau de Oliveira diz o seguinte:

«... está cerrado (o Rocio) da parte do nascente com um lanço do dormitorio do mosteiro de S. Domingos, que na entrada do Rocio está, e tomará um terço do seu comprimento, e assim este dormitorio como o mui famoso edificio do hospital de Todos os Santos, está fundado á face do Rocio sobre trinta e cinco arcos de fortissima pedraria, entre os quaes e a parede interior, corre um largo corredor, que terá de largo trinta pés, e serve não só de passagem para defensão do sol e chuva... e juntamente se vendem aqui, em as terças feiras toda a sorte de pannos de linho cadequim (certo panno da India), cassa olanda, e outros pannos, linhas, rendas, tranças, franjas, e outras cousas similhantes, alem de muita cousa de calçado, linha e estopa para fiar.»

A medição de fr. Nicolau de Oliveira é tambem disparatada, a nosso ver, pois que não é crivel que o corredor, como elle diz tivesse 30 pés de largo; seriam palmos, e que pouco mais ou menos combina com a medição que julgamos segura, entre 25 e 30 palmos.

A feira, que se fazia no Rocio, era muito antiga. O seu dia era á terça feira, como a chamada hoje da Ladra, resto e reminiscencia d'esse antiquissimo mercado.

Na *Estatistica manuscripta* se mencionam todos os officios e industrias que concorriam á feira, de que vamos fazer uma resenha que nos parece mui curiosa.

Vinham á feira 35 a 40 mercadores de pannos, conforme os tempos, porque, diz o citado escriptor: «do mez de «setembro até o fim de abril do outro anno, vão muitos «mais mercadores, porque é tempo apparelhado, porque «então por respeito das novidades e colhidas (colheitas) se «compra mais, porque então tem dinheiro da sua colheita, «e o inverno aperta com elles, e todos se fornecem de ca«misas, pelotes, capas e tudo o necessario, e a festa do «Natal e Paschoa, e das naus da India, que levam muitas

«cousas que na feira se vendem, que são necessarias ás «pessoas que vão nas ditas naus, os quaes 35 mercadores «eu tenho muito bem contados, e vendem a 20, 15 e 12$000 «réis, e outros a 6 e 8$000 réis em cada feira »

60 fanqueiras que vendiam panno de linho do reino e de fóra, coisas de linho e hollanda e panno da India, que vendiam cada semana 10 a 12$000 réis, cada uma. E havia outras 20 mulheres que vendiam coifas de oiro, garavis trançados (coifas de retroz ou de oiro e prata, de outro feitio com trança por detraz e rebuço ao rosto), gorgeiras (enfeites de pescoço), lenços, tranças e cabeções e outras cousas ricas e de muitos feitios, que vendiam 6, 7 e 8$000 réis cada semana.

70 a 80 algibebes, que vendiam de 6 a 10$000 réis.

25 a 30 sapateiros, que vendiam 3 a 4$000 réis.

Outros 15 a 20 sapateiros que vendiam calçado velho, «os quaes vendem muito mais que os do novo, porque «com este velho levam calçado grosso de trabalhadores, e «vende cada um 4 a 6$000 réis».

13 mulheres que vendiam linho e pedras, assedado e em estopa de todas as maneiras, aos arrateis e meios arrateis, e vendiam cada uma 4 a 5$000 réis.

6 a 7 homens que vendiam solias ustedas (pelles?) chamalotes (tecido de lã finissima, e depois assim se chamou á seda ondeada) fustões, setins falsos raiados de toda a sorte, que ganhavam 10$000 em cada feira.

12 a 20 mulheres que vendiam loiça de barro, e vendiam em cada feira, 3$000 réis cada uma.

15 carapuceiras, e cada uma vendia 2 a 4$000 réis.

15 a 20 homens e mulheres que vendiam ferro velho e novo, ferramenta e pregadura, e vendia cada um de 3 a 4$000 réis em cada feira.

10 esparteires que vendiam toda a obra de esparto, e cada um vendia 2$000 réis.

10 pessoas que vendiam cirandas, joeiras e lucravam cada uma 1$000 réis.

50 mulheres brancas e negras e mouras que vendiam toda a sorte de roupas e pertences velhos de casa, a quem o author chama *trapos velhos*, e ao todo vendiam 60$000 réis, em cada feira.

Cesteiros (não diz quantos) que vendiam muito no tempo das vindimas.

Caldeireiros (não diz quantos) que vendiam caldeirões,

castiçaes, bacias, thesouras de espevitar, almofarizes, e toda a obra de latão e arame.

Computa o valor das cavalgaduras que se vendiam em cada feira, na importancia de 40$000 réis.

20 a 30 mulheres de fóra da cidade, a que chama dos montes, que vendiam queijos frescos, natas, queijadas, pão de leite, e cada uma lucrava 2$000 réis.

4 a 5 homens que faziam mantas de retalhos, que vendiam cada manta a 160 e 170 réis.

10 mulheres que vendiam generos de mercearia, como sementes, colheres, cordões, ataca-bolsas e outras cousas; ao tudo vendiam 20$000 réis.

Vendiam-se 10 a 15$000 réis de alhos e cebolas.

E gente que vendia gaiolas, passaros, gamelas etc.

E dando o valor a tudo quanto se vendia na feira diz que o valor das vendas era 6:040 cruzados, 2:416$600.

Accrescenta que, no anno, eram as feiras quarenta e oito, afóra os dias santos, posto que n'estes tambem ás vezes havia feiras.

E conclue por este modo:

«Valem as mercadorias que entram na cidade em cada um anno, e n'ella se gastam, como parece pelos assentamentos atraz, tres contos de oiro e oitocentos mil cruzados (1:520 contos de réis).»

«Vale o dinheiro que se gasta em mantimentos de comer, como parece por estas copias atraz, um conto de oiro e quinhentos e tres mil e quinhentos cruzados (601 contos).

«Vale o que se gasta n'esta cidade em jornaes e cousas estravagantes, que se gasta em soldadas de homens e mulheres e amas, e as mais cousas que tenho apresentado nos capitulos atraz, novecentos e trinta e tres mil duzentos e sessenta cruzados, e ajuntando aqui o que se gasta na feira, que é perto da cidade, como atraz parece, e de tudo, um conto de oiro e duzentos e vinte oito mil quatrocentos e sessenta cruzados (491 contos de réis)».

E resumindo os valores de tudo como despesa feita como que entrava na cidade, eram 6 contos de oiro e quinhentos e trinta e um mil novecentos e noventa cruzados (réis 2.612:784$000) que na moeda de hoje se podem computar em muito mais de 200 mil contos.

No anno de 1552, conforme a citada *Estatistica*, havia em Lisboa e nos arrabaldes, 12 conventos de frades, com 710 religiosos, e 11 de freiras de que não diz a população.

As egrejas parochiaes eram 26.

Passados setenta annos, em 1620, os conventos de frades eram 25, e de freiras 18, e as parochias 41.

Havia na cidade 41 ermidas.

A cidade tinha 1:242 ecclesiasticos, incluindo os frades, os quaes todos os dias diziam missa.

Os differentes officios em que se empregavam as industrias eram 235, que davam trabalho a 39:000 homens.

Os officios das mulheres eram 49, e davam emprego a 11:500 pessoas do sexo feminino.

Andavam nas escolas 4:000 meninos.

Tinha a cidade 35 portas e postigos na cerca, e 400 ruas.

A sua população podia computar se o maximo em 100:000 almas.

O DESACATO E AS OBRAS DE SANTA ENGRACIA

Em proverbio ficou dizer-se de qualquer obra, que ou não se conclue, ou progride vagarosamente, que é como as obras de *Santa Engracia*, do sumptuoso, mas imcompleto templo, d'essa invocação, sito na visinhança do Campo de Santa Clara e cuja primeira pedra foi lançada em 1682, e que até hoje ainda não foi possivel concluir.

Aquella fabrica, que, a concluir-se, seria magestosa, é o monumento de dois grandes crimes — um desacato e um homicidio legal. Parece que, por um influxo superior, jámais se levará ao cabo a obra do templo, porque para se punir o crime, que originou a sua construcção, foi commettido outro crime, e foi cruelmente suppliciado um innocente.

Se houve criminoso ou criminosos que desacataram a magestade divina, representada no Sacramento Eucharistico, houve tambem juizes que affrontaram a summa justiça, e calcaram aos pés as leis divinas, matando um homem innocente do desacato.

Era assim o espirito da época. Um grande crime, não devia ficar impune. Procurava-se uma victima para expiar a affronta feita a Deus e á sociedade. Dir-se-hia que esta se subvertia, se por ventura se não levantasse o cadafalso, para n'elle correr sangue humano. O sangue era a expiação. A divindade ficava satisfeita, a sociedade purificada, logo que fosse morto um homem, pelo menos, sacrificado á vindicta social.

Barbara época, barbaros corações, iniquos juizes. Eram filhos do seu tempo, não sabiam mais, nem podiam sentir de outro modo.

Na manhã do dia 15, e outros dizem do dia 16, de janeiro de 1630, appareceu roubado o cofre das particulas, da freguezia de Santa Engracia. Os malfeitores levaram só as sagradas fórmas, e deixaram o cofre que era de tartaru-

ga e cintado de prata, e que intacto existe ainda no convento do Desaggravo, fundado pela infanta D. Marianna.

Parece que o criminoso só teve em vista offender a religião, sem comtudo o influir o desejo de roubar as preciosidades da egreja, o que ainda agrava mais o crime, por ser manifesto que os malvados só tinham querido attentar contra o proprio Divino Sacramento.

Espalhado o caso pela cidade, produziu a maior sensação. A justiça, sem detença, empregou todos os meios, então em uso, para descobrir o author do crime. Logo se lançaram pregões por toda a parte, prohibindo que ninguem saisse de casa, até segunda ordem, e os ministros immediatamente se passaram a correr todas as casas, inquirindo que pessoas haviam saido n'aquella noute, onde haviam estado, a que horas tinham recolhido, etc.

É evidente que Lisboa se achava dominada pelo maior terror. Suspenderam-se todos os negocios, não se pensava senão no desacato, e cada um temia de, por qualquer circumstancia, ser apontado como o réu que a justiça procurava. Ninguem podia considerar-se ao abrigo da malevolencia; bastava uma malquerença, a maldade de um denunciante, ou o desejo da vingança, para comprometter qualquer e leval-o ao cadafalso.

Tanto era o empenho geral de descobrir o criminoso, que muitos fidalgos e outras pessoas mandaram affixar, nas portas das egrejas, avisos assignados com os seus proprios nomes, offerecendo uns a 2 mil cruzados, outros mais, outros até officios ou empregos, a quem descobrisse o criminoso.

A justiça acertou com um Simão Lopes Solis, homem de boa condição, que fôra encontrado nas visinhanças da egreja de Santa Engracia, na noite seguinte, a cavallo, levando os cascos do cavallo entrapados, para que se lhe não sentisse o tropear. Esta circumstancia era gravissima, e a ella accrescia, disse a justiça, ser Simão Lopes Solis, homem tido por turbulento, e demais christão novo, havendo uns homens *tementes a Deus*, que reconheceram a *identidade do vulto*. Coisa nova na justiça! A identidade do vulto!

A justiça tomou conta de Solis, e em breves dias foi processado, condemnado, lhe cortaram as mãos e o queimaram vivo.

O povo murmurou da sentença, e julgou-a iniqua; porém

os murmurios do povo foram suffocados pelo fumo da fogueira humana, e pelos canticos dos que davam graças a Deus por estar desaggravada a Magestade Divina e satisfeita a vindicta da lei!

Era publico e notorio que Solis requestava uma freira do convento de Santa Clara, que lhe ia fallar a deshoras, costumando entrapar os cascos do cavallo, para não ser presentido. Todos repetiam isto; mas os juizes careciam de uma victima immolada á desaffronta da sociedade, e por isso Solis foi assassinado juridicamente.

O juiz d'esse processo foi o celebre Gabriel Pereira de Castro, poeta e jurisconsulto afamado, author do poema *Ulyssea*, e do tratado juridico intitulado *De manu regia*. Ha uma tradição, pela qual se affirma que Gabriel Pereira de Castro era rival de Simão Lopes Solis, requestando ambos a mesma freira, sendo Solis o preferido, e por isso Pereira de Castro tratára de se vingar. Sabendo que elle ia todas as noites fallar á freira, espreitou-o e colheu-o em flagrante delicto de amor afortunado, e d'este modo entregou ao carrasco a vingança que o ciume lhe inspirava.

Isto é apenas uma tradição, porque não ha, nem póde haver documentos que fundamentem por um modo authentico o crime do juiz, a não ser a propria sentença.

Criminoso foi, em todo o caso, o juiz.

Quando Solis foi encontrado, respondeu muito perturbado ás perguntas que a justiça lhe dirigiu, e esta perturbação foi o maior e o unico capitulo de accusação, que o levou á morte. Passados annos, foi em Castella justiçado um réu, o qual declarou que elle fôra o author do desacato commettido na egreja de Santa Engracia. Conta-se que foram tantos os remorsos que assaltaram Gabriel Pereira de Castro, que chegára a enlouquecer, vendo sempre diante de si o espectro de Solis. O caso é que o juiz morreu d'ahi a dois annos.

Ainda a tradição refere que, achando-se Solis no carcere, recebera uns melões, e um d'elles ia calado, e outro inteiro; acompanhava os melões um bilhete que dizia—*o calado é o melhor*—o que significava um conselho, ou um pedido da freira, amante de Solis, para que guardasse inviolavel segredo sobre os seus amores. Solis cumpriu os desejos da amante; nunca declarou coisa alguma, e nas chammas da deshumana fogueira morreu para sempre a historia d'esses

amores, e foi sellado o mysterio de um affecto peccaminoso, e de um crime, o maior de todos—o supplicio de um innocente.

No Campo de Santa Clara existia ainda em 1834 uma cruz de pedra, a qual indicava o logar onde fôra executado e queimado Simão Lopes Solis. Depois foi d'ali levada a cruz, e de toda essa historia mysteriosa só resta o incompleto monumento.

Em desaggravo do sacrilegio de Santa Engracia, foi logo instituida uma irmandade denominada dos Escravos do Santissimo Sacramento, á qual pertencia a flor da fidalguia de Lisboa. O numero dos irmãos não passava de 100. Instituiram um triduo solemnissimo, em desaggravo, ao qual assistia sempre a familia real, e antes do terramoto de 1755, era celebrado na egreja conventual de S. Vicente de Fóra, e depois passou a ser solemnisado na capella real da Ajuda. Ainda hoje, no convento do Desaggravo se celebra o triduo nos dias proprios de 16, 17 e 18 de janeiro.

Na egreja da Sé, que foi armada com os pannos reaes da tomada de Tunes, afamados como os mais notaveis n'esse tempo, se celebrou um oitavario em desaggravo, com o Sacramento exposto, e ao cabo de 8 dias saiu da Sé o Sacramento em procissão solemne, com assistencia de toda a côrte; e tanto era o concurso, que a procissão saiu ao meio-dia, e recolheu á noite á egreja de Santa Engracia. Depois, aqui houve 8 dias de festas, ordenadas por diversos fidalgos, e com fogos de arteficio, na rua, de arvores, rodas, montantes e foguetes.

Muitas foram as offertas feitas á egreja, e entre ellas avultou a do correio-mór, Antonio Gomes da Matta, que offereceu uma alampada de prata com azeite de renda, para sempre ser alumiada.

Ignoramos se o *sempre* já acabou.

A egreja parochial de Santa Engracia fôra fundada em 1569, pela esclarecida infante D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel. A infante residia no Campo de Santa Clara, n'umas casas contiguas ao convento da mesma invocação, e determinou fundar a parochia para commodidade dos moradores d'aquelle sitio, desannexando da freguezia de Santo Estevão um grande numero de moradores extra-muros, para o que obteve breve do papa Pio V, em 1568, e a approvação do arcebispo D. Jorge d'Almeida, em 1569.

Depois do desacato, a parochia passou para a ermida do Paraiso, onde permaneceu, até que foi mudada para a egreja do extincto convento dos Barbadinhos Italianos.

É condição expressa para pertencer á irmandade dos Escravos do Santissimo, não ser christão novo. Seria como condemnação do facto de ser christão novo, o desgraçado Solis?

Determinou desde logo a fidalguia levantar um novo templo, o que realisou; mas quando se achava quasi concluido, padeceu total ruina, como assevera João Baptista de Castro. Então se começou a obra de outro templo, e em 1682, elrei D. Pedro II, com a maior solemnidade, collocou a primeira pedra no novo templo.

Foi progredindo vagarosamente a obra, até que parou no estado em que a vemos.

A traça da obra não foi porcerto elegante, mas é magestosa, embora pesada. Ha originalidade no risco, e os materiaes são riquissimos.

Interiormente, o edificio é magnifico, pela variedade e riquesa dos marmores que o decoram. Pouco falta para rematar o templo, apenas a cupula e lagear o pavimento. Dizem que a cupula era soberba e grandiosa. Ahi pararam as obras.

Hoje, este monumento, para cuja conclusão pouco falta, está servindo de arrecadação de material de guerra, pertencente ao arsenal do exercito. Dizem-nos que já alli ha consideraveis estragos.

É para lastimar que assim se desprese um monumento, que daria honra a esta cidade, a qual não abunda tanto em obras magestosas, que se deixem cair em ruinas as que existem.

O governo deve tratar da conservação da egreja de Santa Engracia, mandando retirar d'alli o armazem do arsenal do exercito.

Este pedido será despresado, bem o sabemos; mas não se diga que não ha quem proteste contra o vandalismo, unindo os nossos votos aos do redactor do *Archivo Pittoresco*, que já instou com o governo pela conservação do monumento de Santa Engracia.

Como complemento das noticias relativas a este tão fallado desacato, achámos um manuscripto curiosissimo, no qual

se contem amplos pormenores ácerca da execução de Solis, da sua familia, e dos juizes que tiveram parte no processo.

Este papel sae agora pela primeira vez á luz; não nos consta que ande impresso. N'elle se vê pairar a suspeita de que a condemnação de Solis foi uma vingança.

O author do manuscripto foi testemunha ocular dos successos que refere. e dos outros, como contemporaneo, póde dar boa noticia d'elles.

Pareceu-nos conveniente incluir aqui a sentença da alçada que condemnou esse desgraçado homem, porque é documento importante, embora ande já impresso, mas aqui fica mais á mão de todos.

O manuscripto diz assim:

Francisco Lopes de Barros, que foi um dos juizes d'este caso, votou na primeira sentença, que não morresse; mas na segunda, que foi sobre os embargos, seguiu aos mais. Votou aqui tambem o desembargador Diogo Lobo Pereira, e sempre, que não morresse, pois que não havia prova mais que a dos indicios.

Succedeu este caso fatal em uma terça-feira, 15 de janeiro de 1630, noite de notavel tormenta. Foi dada a sentença em 31 de janeiro de 1631, o qual dia foi uma sexta-feira, e o estylo era executar-se ao domingo 2 de fevereiro; mas fez-se a execução na segunda-feira 3 do dito mez de fevereiro, em o Campo de Santa Clara, pela tarde, á vista da qual execução desmaiaram tres homens. Succedeu este caso sendo arcebispo de Lisboa D. Affonso Furtado de Mendonça. Eu vi esta execução, e os desmaiados. Assistiram n'ella a cavallo os dois corregedores do crime da côrte, Gabriel Pereira de Castro e Manuel Alvares de Carvalho, com todas as mais justiças.

O Solis mostrou grande animo ao cortar das mãos, e depois de estar em cima no mastro, assentado em uma taboa, bebeu vinho por uma garrafa de vidro. E chamando sempre pelo Nome de Jesus, e pela Virgem do Rosario; e nos ultimos bocejos dizendo:—*Credo, Credo, Credo,*—acabou a vida em fogo lento. Era o dito Solis de corpo meão, refeito, muito trigueiro, olhos grandes, nariz com elevação a modo de bico de papagaio. Poderia ter 35 annos, pouco mais ou menos. Era filho de Duarte Pires Solis, que já era morto, homem mui caridoso, que dava muitas esmolas, como

eu lhe vi dar, e grande assistente na Sé de Lisboa, com grandes demonstrações de devoção. Sempre se disse, que fôra o filho para com elle mui trabalhoso, e que lhe chegára a dar bofetadas no rosto. Na occasião em que pelo tal caso lhe foram a casa fazer o sequestro, lhe acharam cousa de trinta mil cruzados, que lhe foram confiscados para a egreja e obras de Santa Engracia. Entre os seus papeis lhe acharam um rol das mulheres que havia desflorado ou gosado. Assistiu-lhe sempre o padre da Companhia de Jesus André Gomes. E seis annos depois (que foi no de 1637), achando-me eu em casa do dr. Diogo Lobo Pereira, corregedor do civel da côrte, e ali o dito padre André Gomes, fallaram com particularidades n'este caso: o Diogo Lobo disse como *não achava nas culpas cousa para Solis morrer;* e o padre André Gomes disse, que havia muitos annos que acompanhava aos padecentes, e que todos lhe disseram sempre, que morriam innocentes, e lhe pediam que fosse á Relação informar aos ministros; o que elle padre nunca fizera, antes lhe respondia não ser esse o seu officio, mas sim sómente acompanhal-os até morrerem. Mas que n'este caso do Solis se lhe representou uma cousa, que o obrigou a ir pessoalmente á Relação, aonde propoz aos ministros a sua duvida, que era—que aquelle homem estava constante em morrer catholico, e que não sabia como podia morrer queimado; e se elle assim o merecia, como lhe mandavam que commungasse, como com effeito commungou. Elle foi com alva vestida, o que se não permitte aos que queimam vivos. E assim o dito Diogo Lobo, como o dito padre André Gomes repararam em que os ditos dois corregedores do crime da côrte morreram brevemente, corrompendo-se o Manuel Alvares de Carvalho com uma mula; e os mais juizes adjuntos da tal sentença viveram pouco tempo depois. E eu reparo em que o Diogo Lobo Pereira viveu depois muitos annos, e sempre com saude, e veio a morrer de perto de cem annos. Foi, como se diz, juiz relator d'esta tal sentença o mencionado corregedor do crime da côrte—Gabriel Pereira de Castro—e ao dar da mesma sentença assistiu na Relação pessoalmente o conde de Basto—D. Diogo de Castro—como vice-rei que então era n'estes reinos, pelo intruso dominio dos Filippes de Castella, o qual disse sómente as palavras seguintes—*Lembro a honra de Deus, e a honra d'este homem.*—Isto disse antes dos ministros vota-

rem na tal sentença, e não fallou palavra alguma mais n'aquella sessão, antes, nem depois: sómente quando o tal juiz relator—Gabriel Pereira de Castro—lendo o processo, se embaraçou de maneira, que não atinava com o que dizia, lhe disse—*Ainda não sabe ler?* Arrazoou a causa, por parte do réo, o maior advogado que então havia—André Rodrigues da Cunha, que havia pouco que tinha saido em um auto da fé: este promettia pôr ao Solis livre na rua, e que se o não fizesse, havia queimar seus livros, e não ser mais lettrado; e brevemente depois da execução morreu de doença. No dia da execução se achou na rua Nova o padre da Companhia—Alvaro Pires—e ali disse estas palavras—*Eu confessei por muitas vezes a Simão Pires, e a verdade é, que elle não seria bom christão, mas era christão.* Pediu o Solis lhe remettessem os autos ao Santo Officio, e assim se fez, e lá foram examinados, e se resolveu não haver n'elles coisa que pertencesse áquelle tribunal.

Estando na fogueira não foi apedrejado do povo, como costuma fazer a liberdade do mesmo povo aos que queimam vivos; antes todos se compadeceram de sua desgraça. A voz do povo era, que não padecia o réo por aquelle caso; mas por haver sido mui desobediente a seu pae, e lhe haver posto as mãos ou dado bofetadas; e elle proprio assim o disse, quando no supplicio lhe cortaram as mãos. O dr. Alvaro Velho, que então era vereador do Senado da Camara, ministro de grandes lettras e inteiresa, morava no tal tempo nas suas casas no Campo de Santa Clara, que ora são de D. Antonio da Silva, e estando em uma janella sua vendo a execução, disse (pelos dois corregedores da côrte) em voz alta, que eu ouvi:—*Aquelles filhos da..... não sabem o que fazem, pois estão queimando vivo a um homem que está chamando por Jesu Christo, e pela Senhora do Rosario.*—Morreu o dito Solis sendo solteiro, e sem filhos.

Amador Leal de Carvalho, que todos conhecem por sua maduresa e talento raro, me disse por vezes: *Se o Solis fez o crime porque morre, bem está; mas se o não fez pode-se fugir de Lisboa, porque os castigos do céo hão de vir sobre ella.* Ainda mal que tanto isto se verificou, porque prenderam a muita quantidade de pessoas innocentes por este caso, muitas das quaes morreram na prisão; e os demais, depois de vexados e consumidos, os soltaram; de que resultou tal medo na gente da nação, que sairam de Lisboa, e reino

mais de vinte mil casas todas ricas, de que se originaram perdas geraes em todo o reino. Ao pé da fogueira ou do supplicio, antes de cortarem as mãos ao dito Solis, lhe leram, e lhe mostraram uma ordem d'el-rei D. Filippe IV de Castella, que então dominava a Portugal, assignada por sua real mão, na qual lhe perdoava, se confessasse e descubrisse quem se achava com elle n'aquelle sacrilego roubo; ao que respondeu o Solis:=*que não podia confessar o que não fizera*=Duas irmãs freiras, que o dito Solis tinha no convento de Santa Clara, endoideceram por este desastrado caso do irmão, das quaes fallaremos ainda mais adiante. O dr. Diogo Gomes Carneiro disse muitas vezes, *que fôra esta sentença do Solis a mais iniqua que se havia dado depois da Paixão de Christo Nosso Senhor.*

O letrado que a tal sentença diz que prenderam pelo santo officio, era André Rodrigues da Cunha, que por parte do dito réo arrasoou os autos, o qual havia sido preso pelo dito santo tribunal no anno de 1625, e havia saido em auto publico nos que vão adiante com vela sómente na mão. Tinha o Solis dois amigos particulares, um d'elles era Gaspar Fogaça, christão velho, mas dos de vida airada. O outro era Diogo Barrassas, homem tambem perdido, irmão do dito André Rodrigues da Cunha; e este é o com quem o Solis saiu pelas ruas a dar na gente que achavam, em vingança da prisão do dito letrado, como aponta a sentença.

A testemunha que disse que encontrara quatro homens no Poço d'entre as Hortas embuçados, e que fallando um d'elles, conhecêra pela voz ser o Solis, era Manuel de Pina, que depois succedeu a seu pae Antonio de Pina no officio do escrivão do juizo do crime; o qual Manuel de Pina, depois de ser escrivão, lhe deram em casamento um habito d'Aviz, depois do que foi por capitão d'uma náo para a India, e lá morreu. Ambos estes Pinas pae, e filho, eram dois homens perdidos. O filho foi para a India, no anno de 1654, por capitão da náo *Santa Helena*, que depois de chegar a Gôa se perdeu, e elle falleceu em Gôa miseravelmente no anno de 1655.

Poucos annos depois d'esta miseravel execução do Solis, enforcaram em Galliza a um moço portuguez, que havia em Lisboa servido no convento de Santo Eloi de criado dos frades, e o enforcaram a elle por haver furtado em uma egreja uns castiçaes de prata, e este confessou e declarou na forca,

ter elle sido o que fizera o dito sacrilego furto do Sacramento de Santa Engracia em Lisboa, de cuja declaração e confissão se fez instrumento authentico que veiu a Lisboa. Foi na cidade d'Orence, reino de Galliza, nas ribeiras do Minho, aonde se fez a execução a este referido moço, e quiz cá fosse um dos quatro que se suppõem acharem-se no sacrilego roubo.

Em fim por indicios foi o Solis queimado, mas alguns d'elles vehementes. Elle foi sempre um homem trabalhoso, e quando no jogo perdia, era o seu costumado foguete dizer (fallando das suas proprias mãos) ah! quem vos vira queimadas! Seu pae Duarte Pires Solis, teve um irmão inteiro mais velho, e muito mais rico, se chamava—Jorge Rodrigues Solis—o qual sendo muito velho, em uma noite, ao deitar-se na cama, dando com a cabeça na grade do leito, morreu sem fallar mais palavra. Este Jorge Rodrigues Solis, tio do miseravel réo, teve muitos filhos e filhas; mas a geração que d'elle ha hoje é sómente a d'uma filha que casou com Francisco Dias Mendes de Brito, filho do rico e primeiro Heitor Mendes de Brito, de cujo matrimonio nasceu Heitor Mendes de Brito, que hoje vive no presente anno de 1671, e tem sido casado algumas vezes, e tem filhos homens. De Duarte Pires Solis, pae do miseravel réo, já n'este presente anno de 1671 não ha outra descendencia mais que a d'uma filha freira em Santa Clara d'esta côrte, aonde já era professa, quando no dito campo queimaram ao dito Solis seu irmão, e se chama Helena da Columna, religiosa de vida exemplar. Havia ali tambem no dito convento outra irmã sua freira, que já o era, e se chamava Brites d'Assumpção, e esta, logo no tal tempo da execução do irmão, perdeu o juizo com paixão, e de muito chorar cegou totalmente, e assim viveu alguns annos. No mesmo convento havia outra irmã que era a mais velha de todas tres, por nome Leonor do Rosario, e esta morreu doida no anno de 1646.

Escrevendo depois, d'ahi a alguns annos, d'este desastrado caso o grande jurisconsulto portuguez—Agostinho Barbosa—entre as suas obras—*in add. ad Collet. tom. 6 ad cap. afferte de præsumpt. fol. 121, n.º 4*, diz o seguinte=*ibi*=*Paucis, ab hinc annis*, etc., cujo discurso só porque assim principia em latim em que o escreveu, traduziu em portuguez, é o seguinte: «Ha poucos annos que na cidade de

«Lisboa foi um homem preso e infamado de haver roubado «o Santissimo Sacramento da Eucharistia em uma egreja pa«rochial d'aquella cidade, e como pelo decurso do tempo «se levantassem contra elle não poucos violentissimos indi«cios, por elles foi condemnado a que cortadas as mãos, e «atado a um páo fosse queimado vivo. Tolerou este homem «fortemente o supplicio, negando sempre o crime; e final«mente padeceu esta infame morte. Depois, passados tres «ou quatro annos, em Orence um famoso ladrão de nação «gallego, foi condemnado á morte por latrocinios que havia «feito, e sendo levado ao patibulo, vendo-se proximo á «morte, em alta voz confessou, que elle fôra aquelle sacri«lego, que por occasião de furtar o vaso de prata, o tinha «apanhado da dita egreja com a Santissima Hostia, e que «outro homem, que fôra vivo consumido com o fogo, care«cia de toda a culpa, e padecera innocente aquelle suppli«cio. De cuja confissão, feita na ultima hora se fizeram pu«blicos instrumentos, assim pelo juizo ecclesiastico, como «pelo secular, com grande admiração de todos. D'aqui pode«rão conjecturar todos os juizes, quão difficultoso é pro«ferir coisa certa d'estas presumpções, que são adivinha«ções.» Até aqui, Agostinho Barbosa, onde diz que Morla traz o dito caso, etc.

Accordão em relação, etc. Que vistos estes autos, que pela qualidade d'elles se fizeram summarios ao réo Simão Pires Solis, preso: devassas e inquirições juntas, e mais diligencias que se fizeram, de que tudo houve vista o dito réo, para se defender e allegar sua defeza. Mostra-se, que estando a egreja de Santa Engracia em quinze do mez de janeiro passado de noite fechada, e estando no divino sacrario d'ella, hostias e particulas consagradas, entrarem na dita egreja algumas pessoas com animo diabolico, movidas pelo mesmo demonio, que ousaram romper as paredes da dita egreja, e abrindo as portas com temerario, e sacrilego atrevimento, puzeram as mãos no dito santissimo sacrario, arrombando as portas d'elle, levaram de dentro um cofre de tartaruga aonde estavam dez ou doze particulas, e uma hostia grande consagrada; e levando outro sim de dentro de um vaso de prata dourado, que estava no mesmo sacrario, vinte e cinco particulas e uma hostia grande consagrada, e uma cruz de remate do mesmo vaso de prata que

quebraram para tambem levar, e a fechadura da porta do sacrario, juntamente com uma meia cortina grande do altar maior, e uma toalha que estava no altar de Santa Isabel, e ametade de uma toalha do altar de Santo Antonio; quebrando as mãos da imagem de S. Fructuoso, que estava no mesmo altar maior. Mostra-se estar o réo convencido que elle foi o que commetteu este diabolico sacrilegio: por quanto, sendo preso pelo santo officio um Simão Soares Pires, grande seu amigo e parente, achando-se elle réo em seu inventario a S. João da Praça assistindo por parte do dito preso, e sua mulher, todos enxergaram n'elle estar raivoso e com grande paixão, e com a força d'ella dizer, que era mal preso, e que era um santo, e que por sua prisão havia de succeder n'esta cidade um caso extraordinario; e acontecendo este desastrado e abominavel successo em breves dias, logo em toda esta cidade se entendeu que o dito réo, por ser homem facinoroso, blasfemo, e de má consciencia, e procedimento, fôra auctor d'este desatinado atrevimento, e essa ser a fama constante d este logar, sem antes, nem depois se apontar em outra pessoa; antes com sua prisão terem cessado todos os rumores contrarios que podia haver, e que realmente não houve. Mostra-se que o dito réo, tendo acontecido o caso na noite de quinze de janeiro passado, dia de Santo Amaro, logo ao dia seguinte o dito réo escrever uma carta ao Brasil, a um seu parente, e n'ella lhe contar o desastrado successo que tinha acontecido, como quem tinha d'elle inteira noticia, dizendo os particulares, como acontecera, dizendo na dita carta que se havia roubado o sacrario da dita egreja por quatro homens, como quem tinha conhecimento de quantos foram: por quanto haverem sido os ditos homens quatro, tinha grande correspondencia com a devassa, da qual constava dizerem algumas pessoas do Campo de Santa Clara, onde a dita egreja de Santa Engracia está situada, que ouviram dizer que foram vistos sair d'ella na madrugada quatro homens vestidos de pardo; e haver mais na dita devassa, que se acharam n'aquella noite quatro homens ao Poço de entre as Hortas, embuçados; e mettendo-se um d'elles pelo lôdo, se queixou aos companheiros do máo caminho, e um homem que ia por ali acaso, conheceu que este que fallou ser o dito réo, e o conheceu na voz; e logo mais adiante serem vistos outros quatro homens, entre os quaes foi conhecido o alferes Bar-

bosa, que foi preso por este caso, e morreu na prisão, christão novo, que tinha saido do santo officio, homem valente e atrevido, contra quem havia grandes presumpções de se ter achado n'este caso. Mostra-se, que sendo o réo perguntado, dissera escrevera aquillo, descarregando-se que o ouvira a Martim Coelho aquella manhã na Rua Nova; e sendo perguntado o dito Martim Coelho, dizer que não fallara com elle, colhendo-se do dito do seu lacaio, que até ao meio dia d'aquella manhã estivera o dito réo occupado em outra coisa, sem descer á Rua Nova, e assim ser falso o que dizia em sua descarga.

Mostra-se outro sim, que estando preso mandou a um seu lacaio fizesse um pastel, e n'elle mettesse um escripto que lhe deu, e lh'o levasse a seu irmão clerigo, que estava tambem preso por este caso no Aljube ecclesiastico, e n'elle lhe dizia que fosse louvado o Santissimo Sacramento, e que se lhe perguntassem pelo que passava, e aonde fôra aquella noite que o caso succedeu, dissesse a verdade; que se entendeu que era avisal-o, e segural-o para que tivesse segredo, que é sentido em que ás vezes se toma esta palavra Sacramento. E dando-se o dito pastel ao dito seu irmão, elle o repartir com os presos, e na parte que deu, ir o escripto que elles leram, e constou do que continha. Mostra-se escrever outro escripto a Antonio Garcia, depois de estar preso, e lhe dizer: Alguma pena me hão de dar, por ir por baixo, e que fallasse com certo homem, sendo assim que constava que na tarde precedente ao dito roubo, fallára elle dito réo com um homem a quem dissera que n'aquelle dia tinha um negocio de importancia para fazer, e lh'o ouvira outra pessoa que por ali passava, podendo entender-se que encommendava ao dito Antonio Garcia, que visse a este mesmo homem, e lhe encommendasse segredo, colhendo-se que havia n'isto que suspeitar mal, porque o dito Antonio Garcia disse que elle lh'o escrevêra sobre umas caixas de assucar, que é o aviso que o réo lhe mandou dar pelo seu criado, sendo falso, por haver testemunhas que viram e leram o escripto, que testemunham o theor d'elle, que não fallava em caixas d'assucar. Mostra-se mais, que o réo perguntado aquella noite em que o caso aconteceu, aonde estivera, elle fallar variamente, dizendo que estivera ás Ave Marias em casa de seus amigos os Passarinhos, constando que foi a ella já de noite; e depois em casa de uma mulher

sem dizer quem era; e dizendo mais, que em sua casa se recolhera ás nove horas, e d'ella não saira até pela manhã, constando que foi visto fóra de casa muito de noite; e conhecido na voz; e foi visto na sua porta com espada e rodela, sendo alta noite; não podendo ajudar-se da quartada que juram a sua criada, o seu lacaio e a sua manceba, que affirmam que ceou e se deitou na cama, e assim o deposeram em tormento; por quanto o lacaio diz que fechára a porta da rua, e deixou a chave na porta podendo o réo deitar-se na cama, e levantar-se d'ella, e sair fóra facilmente. Mostra-se, tanto que o caso aconteceu, andar o réo por esta cidade lançando fama que os inglezes, que então estavam n'este porto, deviam fazer este furto, e querer descomporse com quem lhe dizia o contrario; querendo por este modo passar a culpa a outrem: dizendo, quando mais não podia, que christãos velhos o fizeram. Mostra-se, ser o réo homem que vingava prisões de christãos novos; e sendo preso um lettrado d'esta cidade, elle e um irmão seu andarem pelas ruas dando em quantas pessoas achavam; e a esse respeito se poder entender que queria vingar a prisão do dito Simão Soares Pires, seu parente e amigo. Mostra-se que estando na enfermaria maltratado do segundo tormento que se lhe deu, não em sua pessoa, senão para declarar os cumplices, ali dizer publicamente que se não cançassem, que bem sabia que já era morto, e que elle furtára o Senhor da dita egreja, e que assim o dissessem ao corregedor, e n'esta fórma continuar por muitas vezes, dizendo muitas blasfemias; como era dizer, que era tão puro como a Virgem Nossa Senhora, e os anjos, e que suas irmãs eram tão puras como a mesma Virgem Nossa Senhora. Dizendo mais, que se não cançassem em buscar o dito furto, que não havia de apparecer, mostrando que em seu poder ou mão estava o dito thesouro. Mostra-se o réo fingir-se doido na enfermaria, fazendo doidices, sendo tudo fingido, dizendo os presos que o viam n'este tempo tratar de seus negocios com grande pontualidade e applicação, escondendo seus segredos dos presos. E sendo perguntado por esta confissão que fizera, elle não negar totalmente tel-a feito, e se lembrar do que então fizera, que é evidente signal de estar em seu juizo pois se lembrava do que havia feito n'este tempo. Mostrase mais, ser o réo um homem de nação, adoidado, valente e temerario, e arrojado e apparelhado para obrar um feito

temerario e insolente, de que se póde conceber todo o grande caso, e essa era publica fama d'esta republica.

O que tudo visto e o mais dos autos, e como pelas sobreditas causas se convence o réo ser o que commetteu este abominavel caso e tremendo sacrilegio, assim o declaram, e como a réo convencido por violentissimas presumpções, o condemnam a que com baraço e pregão pelas ruas publicas e costumadas, seja o dito réo arrastado e levado ao Campo de Santa Clara, aonde está a dita egreja de Santa Engracia, e ahi lhe serão decepadas ambas as mãos, que serão queimadas á sua vista, e em um mastro alto, á vista de todos será posto, aonde será queimado vivo. E seus bens que se lhe acharem serão applicados á confraria do Santissimo Sacramento da mesma egreja de Santa Engracia para que o juiz e confrades da confraria, que novamente se instituiu, a seu arbitrio gastarem os ditos bens no que parecer para mais ornato do sacrario e capella mór, e outras obras do culto do dito Senhor. E mandam, que sendo o dito réo levado ao dito logar, e feito por fogo em pó, suas cinzas serão lançadas no mar, para que de todo se extinga sua memoria; e pague as custas d'estes autos. E aos artigos allegados, e propostos em suas rasões não deferem, visto o que dos autos consta. Lisboa, 31 de janeiro de 1631.— Gabriel Pereira de Castro — Manuel Alvares de Carvalho — Balthazar Fialho — Francisco Lopes de Barros — Cid d'Almeida — André Velho da Fonseca — Luiz de Goes d'Aragão — João Pinheiro — Antonio d'Abreu Coelho — Francisco d'Andrada Leitão.

De que estava pendente a vida de um homem, n'outro tempo! Escorre sangue por todas as lettras esta sentença. Parece bem obra do ciume!

A EGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MARTYRES

I

Ninguem contesta á parochial egreja de Nossa Senhora dos Martyres, de Lisboa, a primazia na antiguidade. A tradição sempre constante que attribue a sua primitiva fundação aos cavalleiros estrangeiros, que ajudaram el rei D. Affonso Henriques, na conquista de Lisboa, tem o cunho da authenticidade.

É facto historico averiguado que muitos cavalleiros de Flandres, Lorena, Inglaterra e França que compunham uma expedição ás ordens do conde flamengo Arnulfo de Aerschott, auxiliaram el-rei D. Affonso Henriques na empresa da conquista de Lisboa, e é tambem fôra de duvida, que na dita expedição vieram muitos sacerdotes, como diz o sr. A. Herculano, na sua *Historia de Portugal;* e accrescenta que a gente de Flandres e Allemanha levantou os seus arraiaes ao oriente da cidade, e os inglezes do lado do poente, fechando o cerco as embarcações pelo lado do rio, em quanto os portuguezes tinham o seu acampamento ao norte. Portanto, por aquelles lados das ruas do Ferregial de Cima e de S. Francisco e terrenos adjacentes acamparam os estrangeiros, e é possivel, que vindo na armada de Arnulpho de Aerschott muitos sacerdotes, erigissem uma capella para o exercicio do culto. Assim póde suppor-se, sem difficuldade, sendo aquelles tempos de tamanha religião, e tendo aquellas gentes saido do seu paiz, movidos pelo pensamento religioso de irem á conquista dos Logares Santos. E, se no Tejo se demoraram, foi porque aqui tambem se combatia contra os sectarios de Mafoma, e tambem se tratava de os desalojar de uma cidade importante, para melhor os varrer lá para as suas terras d'Africa.

Era natural dar sepultura aos mortos na expugnação da cidade, no proprio campo onde tinham succumbido, e tambem era natural que houvesse pelos seus cadaveres duplicada veneração, visto que, como tinham dado a vida pela defeza da fé, se consideraram martyres.

Assim é que, a capella que os sacerdotes estrangeiros tinham levantado, viria com o tempo a ser considerada como um monumento consagrado á memoria dos esforçados cavalleiros, que em guerra santa tinham dado a vida pela lei de Christo, contra a de Mafoma.

Na *Historia de Portugal*, do sr. A. Herculano, se póde ler a relação da conquista de Lisboa aos musulmanos, expurgada de lendas e tradições, e escripta á vista dos mais auctorisados historiadores, e de diplomas contemporaneos existentes.

A tradição diz que, uns ossos que ainda hoje se guardam na egreja de Nossa Senhora dos Martyres, são dos que morreram na expugnação da cidade. D'isto nos occuparemos mais adiante.

Tambem é de tradição, que os cavalleiros estrangeiros da expedição de Arnulpho de Aerschott, traziam uma imagem da Virgem, e que foi ella a que collocaram no altar da primitiva ermida, e que essa mesma existiu até ao fatal dia 1 de novembro de 1755, em que ardeu com todo o templo. A invocação da imagem seria a de Santa Maria, invocação generica da Virgem n'esses tempos, por quanto só mais tarde começaram os variados titulos, sob os quaes se rende culto á Mãe de Christo, conforme as necessidades da vida, e os excessos da devoção. O darem-lhe o titulo de Senhora dos Martyres proveio, de certo, de se ter erigido a ermida no mesmo logar onde ficaram sepultados os que morreram no assedio e assalto da cidade.

Considerava-se esta imagem muito milagrosa, e as paredes da egreja estavam ornadas com muitas offerendas que os fieis lhe consagravam.

Faria e Sousa nas suas *Rimas Varias* de Luiz de Camões, na *Addição* aos Sonetos, inclue um com o n.º 50, do qual não assegura que seja do grande lyrico, mas diz que tem a sua maneira. O alludido soneto é dedicado á Senhora dos Martyres, e parece que o poeta, entrando na egreja vira os votos, as cabeças, mãos, pés e corpos pendentes das paredes, e até taboas e mastros de navios, e ainda animaes damni-

nhos, e com sua vista se inspirou, concluindo o soneto com estes dois tercettos:

Estes te offereçam pés, ess'outros mãos;
De aquelles pendam sobre os teus altares
Monstros do mar, de servidão prisões;

Que eu cuidados, enganos e affeições,
Muito maiores monstros, e milhares
Te deixo aqui de pensamentos vãos.

O ramo de flores que a imagem tinha na mão, frequentemente se lhe tirava para com elle tocar enfermos, e até as creanças no acto do baptismo.

II

Passa como certo que na egreja dos Martyres foi baptisado o primeiro christão n'esta cidade, e d'isto havia memoria na propria pia baptismal, que serviu n'aquella ceremonia, e n'ella se lia uma inscripção, que dizia assim:— «Esta é a pia em que se baptisou o primeiro christão n'es- «ta cidade, quando no anno de 1147 se tomou aos mouros.»

Esta historica pia foi feita em pedaços e metteram os fragmentos n'uma parede do convento de S. Francisco!

No dia 13 de maio celebra-se a dedicação da egreja, e a tradição diz que n'este dia se começou o cerco da cidade, o que não é exacto, segundo lemos na *Historia de Portugal*, do sr. Herculano: comtudo, era costume no dia 13 de maio, o cabido da Sé, com o senado, casa dos vinte e quatro e communidades vir á egreja dos Martyres processionalmente, em commemoração do assedio da cidade e do vencimento d'ella.

Tambem era costume a irmandade dos Martyres, na tarde d'este dia, sair em procissão. Ainda em 1611 se conservava este costume; e fr. Apollinario apresenta uma conta de despesas com esta procissão, extrahida do respectivo livro; a conta é esta:

«Despendeu o thesoureiro com as charamellas 2$000 réis; com a chacota 1$600; com as trombetas 1$200; com as ciganas 1$000; com a folia 1$000; com as pellas 1$000; em cinco almudes de vinho para a offerta 2$500; quatro

carneiros para a offerta 3$260; e em doze alqueires de trigo para a offerta 1$800.»

Ja se vê que n'esta procissão iam os jogos, farças e descantes então usados n'estes actos.

A egreja dos Martyres ficava na actual rua do Ferregial de Cima; n'uma elevação, que alli havia ainda antes de se construir o primeiro predio contiguo á egreja nova de S. Francisco. Essa elevação foi desaterrada para a construcção do tal predio, e do que faz esquina e pertence ao sr. Igreja.

Chamou-se a este monte—Fragoso—pelos muitos precipicios que n'elle havia, e depois se foram aplanando. Devia ser escabrosa a subida do rio para o monte, pelo que se vê hoje na calçada de S. Francisco, e na vulgarmente chamada do Arroz e rua do Ferregial de Cima se conhece quanto era ingreme o declive do monte.

O sr. José Valentim [1] conseguiu, pelos alicerces e restos de paredes que alli existiam ainda, delinear a planta da antiga egreja, e achou diversos fragmentos de pedras, mui curiosos.

A egreja tinha a porta para o occidente, e com o seu adro, para o qual subiam da rua sete degraus, e do lado do sul eram onze: o sr. José Valentim descobriu seis degraus bem conservados, em toda a extensão do frontespicio, e tambem descobriu seis paredes no chão do mesmo frontespicio mostrando a sua construcção e materiaes as épocas em que foram feitas, e lá achou os fragmentos da primeira parede da primitiva ermida, ou da primeira construcção da egreja por el-rei D. Affonso Henriques.

Achou tambem uns fragmentos de pedras lavradas, que decerto não pertenciam á primitiva construcção, antes se deve suppor que seriam de alguma restauração do meado ou fins do seculo XIII. Em regra a pedra empregada nos edificios dos primeiros tempos da monarchia é o gres calcario, ou urgeiro, como lhe chamam os canteiros; assim é a da Sé; e os fragmentos encontrados são de pedra lioz, e de delicado lavor.

N'aquelle mesmo terreno encontrou o sr. José Valentim os *masmorras dos arabes*, ou covaes servindo de celleiros, que ficavam no chão do corpo da egreja. Descobriu tres dos taes celleiros, e d'elles tirou a configuração e as medidas.

[1] Habilissimo desenhador, intelligente archeologo, a quem alludimos algumas vezes, porque muito nos auxiliou.

Aquelle local nos seculos XII e XIII, era inteiramente despovoado, e segundo parece, todo o terreno adjacente ao convento de S. Francisco foi doado aos frades.

O padre Esperança, chronista franciscano, diz que as ruas da Ametade e da Figueira, que eram no Chiado, foram abertas em terreno de S. Francisco, «foram retalhos cortados das mangas de S. Francisco, qne a todos agasalha».

A horta do Duque, que era do duque de Bragança, tambem se estendia pelo chão pertencente a S. Francisco, porque os frades em 1500 e 1502 o cederam ao duque D. Jayme.

Muitas foram as preeminencias concedidas á egreja dos Martyres, em rasão da sua antiguidade, e parece que ainda hoje, por effeito d'essa prerogativa, é, inquestionavelmente, pela sua riquesa, regularidade no culto, e mesmo formosura do templo, a primeira parochia da capital.

Foi muito dilatado o districto da parochia dos Martyres. Em 1476, sendo arcebispo de Lisboa D. Jorge da Costa, se fez a demarcação d'esta freguezia, a qual se estendia até á Alcantara, S. João dos Bem Casados, Rato, Portas de Santo Antão. Depois se foi encurtando com a creação de novas freguezias, de que é a mais moderna a de Santa Isabel, erecta em 1742. Para o lado occideutal da egreja dos Martyres, até ao anno de 1551, não havia alguma outra parochia; foi depois d'aquelle anno que se instituiram as que hoje existem, posto que no de 1476, que acima referimos, era a cidade ainda mui pouco povoada por aquelle lado.

Fr. Apollinario quer que a antiga egreja dos Martyres tivesse sido sagrada, e diz que no seu tempo eram sagradas a Patriarchal, a Sé, a da Misericordia, a de S. Domingos, a do Carmo, a de Santa Marinha, a do Loreto, a de S. Lourenço, a ermida de S. Sebastião da Padaria, e a das Necessidades, julgando-se tambem sagrada, a de S. Braz. Confessa o chronista que a egreja não tinha as cruzes na porta e nas paredes, que são o signal indicativo da sagração; mas attribue essa falta a descuido, e deduz varios argumentos da festa da sua dedicação, para concluir que nem essa prerogativa deixava de ter a antiga egreja.

Da planta que levantou o sr. José Valentim sobre os alicerces, que ainda viu, quando se fez o desaterro do monte de S. Francisco, se conhece quaes foram as reformações

ou restaurações que teve a velha egreja dos Martyres; nota-se, porém, que outras houve, além das que menciona fr. Apollinario da Conceição; nem podia deixar de haver, pois que não póde acreditar-se que a egreja permanecesse desde a sua fundação, por D. Affonso Henriques, até ao anno de 1598, sem ser restaurada. São 450 annos de duração para um edificio d'essa época, quando se sabe, que no seculo XIII foram restaurados todos os edificios religiosos dos primeiros annos da monarchia, e de todos dizem as chronicas que eram de fraca construcção. E devemos suppor que antes de 1598 não só houvesse uma, senão duas restaurações, e os vestigios encontrados assim o abonam.

Não especialisaremos a descripção da planta que o sr. José Valentim teve o trabalho de levantar, basta que se saiba que os acrescentamentos indicados na *Demonstração historica* lá se acham bem visiveis; assim como os logares de varias capellas e jazigos egualmente referidos na dita obra. Encontraram-se os gigantes que amparavam a segunda muralha pelo lado do sul, e as *masmorras*, ou celleiros mouriscos, abertos na rocha, mettidos entre os covaes.

A primeira restauração, ou que se diz primeira, começou em 1598, e acabou no anno de 1602. Então acrescentaram-se sete palmos no comprimento, e outros sete na altura. A primitiva egreja devia ser de mui acanhadas proporções. Os alicerces da primeira parede mostram apenas 27 ½ palmos para o corpo da egreja.

Para esta restauração concorreram os irmãos com esmollas, e com fintas os freguezes, para o lançamento das quaes, o rei Filippe I, de Castella, expediu um alvará em data de 7 de maio de 1591.

Foi o tecto pintado por José de Avellar Rebello, artista celebre d'esse tempo, e cujas obras existentes mostram que na verdade era pintor de muito merecimento. O tecto constava de 72 paineis, de 11 palmos de comprido e 8 de largo, distribuidos em 8 fileiras.

Por esta medição tinha o corpo da egreja 99 palmos de comprido, pois que cada fileira era de 9 quadros, cada um dos quaes tinha 11 palmos de comprido, o que dá a conta dos 99 palmos. Fr. Apollinario da Conceição diz que a medição da egreja desde o frontespicio até ao espaldar do altar-mór era de 111 palmos: d'esta sorte a capella-mór deveria ter 12 palmos de comprido.

Os quadros todos tinham molduras doiradas. Era o tecto egual ao que hoje ainda se conserva, muito deteriorado, na ermida denominada dos Fieis de Deus, no bairro Alto, que foi construida em 1551, mas a obra do tecto é mais moderna.

Sabemos quanto custou a obra do tecto da velha egreja dos Martyres pintado por José de Avellar Rebello, e não é possivel saber-se quanto se pagou a Pedro Alexandrino pelas suas pinturas na nova egreja! Por cada quadro recebeu Avellar Rebello 11$200 réis, importando portanto, os 72, em 806$400 réis.

Fr. Apollinario diz que a egreja ficára mui formosa com esta restauração.

A segunda restauração da egreja começou em 1664 e foi proseguindo, com mais ou menos interrupção, até ao anno de 1710, em que se concluiram todas as obras, que foram muito importantes, porque se fizeram capellas novas do lado da epistola, onde só havia uma, em quanto do lado do Evangelho, havia quatro; fez-se tambem uma nova capella-mór, na qual se trabalhou desde 1685 até 1692, em que se deu por acabada, continuando as demais obras até ao dito anno de 1710.

N'esta restauração verdadeiramente grandiosa, se empregou o systema dos embutidos, como ainda hoje se conservam na capella do hospital, antiga sachristia do collegio de Santo Antão, dos jesuitas, e por outras partes. Toda a capella-mór era de marmores embutidos, assim como os arcos das outras capellas, columnas do guardavento, etc. Foram artifices d'esta obra os mestres Antonio do Couto e João Antunes. Só na capella-mór se despenderam mais de cincoenta mil cruzados.

Para esta obra foi lançada meia decima sobre todos os moradores e proprietarios da freguezia. O tecto ficou o que estava, pintado por José d'Avellar Rebello; todavia, levantou-se mais o frontespicio e tambem se levantaram as paredes do cruzeiro.

A terceira restauração principiou nos ultimos mezes do anno de 1746 e acabou no de 1750. A egreja era de acanhada altura, e os irmãos pensaram em levantal-a mais 12 palmos. Oppunha-se porém á obra um contracto que haviam feito em 1598 com os frades de S. Francisco, reconhecendo-lhes certa servidão para que não podessem dar maior altura á egreja, a fim de não tirarem a luz á egreja

do convento, que lhe era contigua. Andou em contenda a pretenção dos irmãos dos Martyres, até que por provisão de 20 de julho de 1745, el-rei D. João V deferiu á pretenção dos irmãos, ordenando que os frades vendessem a servidão, e que os irmãos, além d'isso, rasgariam uma janella do post-côro do convento, e acrescentariam duas no corpo da egreja, conforme a architectura primitiva.

Com esta resolução e com a quantia de 50:000 cruzados, e seus juros que a elevavam a 80:000 cruzados, que Gonçalo Pacheco Pereira deixára em testamento expressamente para a obra do tecto, com obrigação de se fazer dentro de 12 annos, aliás reverteria o legado para a Santa Casa da Misericordia, se deu principio á obra de levantar os 12 palmos na altura da egreja, e a outras restaurações, com o que a egreja adquiriu novo lustre.

O tecto foi obra, no estuque, de João Grossi (Nota C), e na pintura do celebre Francisco Vieira Lusitano, insigne pintor. O quadro do centro do tecto tinha 38 palmos de comprido, e 20 de largo, e Vieira recebeu por elle um conto de réis. Representava o quadro a tomada de Lisboa, por D. Affonso Henriques. Cinco annos depois de concluida esta terceira restauração, sobreveiu o terramoto de 1 de novembro de 1755, e o abalo e o incendio destruiram até aos alicerces este templo, inutilisando-se tão avultada despesa, e perdendo-se um soberbo templo, não pela sua vastidão, mas pela riquesa e magnificencia com que estava decorado.

Fr. Apollinario, alludindo ás riquesas que encerravam os sanctuarios de Lisboa, diz o seguinte:

«Em todas estas casas dedicadas á Magestade Divina ha templos, e fóra d'estes e os das parochias, o da casa de Santo Antonio, o da Misericordia, o do hospital real, o do Menino Deus, hospital da 3.ª ordem da Penitencia, e muito grandiosas ermidas, com as quaes, e os mais, passam os templos d'esta cidade, de 165.

«Em todos resplandece um admiravel adorno, e tudo quanto n'elles vêem os olhos é ouro, pinturas excellentes, marmores finos e lavrados, e embutidos com admiravel idéa, gosto e debuxo, telas de ouro e prata, brocados, e sedas franjadas custosamente, e copiosas alfayas de prata lavrada com esquisito artificio, e repartida em agradavel e proporcionada multidão pelos altares, pelos retabolos, pelos tectos, pelos apparadores, pelos pavimentos, e pelas mãos dos ministros

em custodias, cruzes, castiçaes, ramalhetes, lampadas, prates, gomis, tocheiros, thuribulos, porta-pazes, cereaes, lanternas, e outras peças dedicadas ao culto divino, em que os naturaes e moradores d'esta cidade teem dispendido muitos milhões de cruzados.»

O terramoto e o incendio subsequente arrasaram a egreja, e então os frades de S. Francisco viram-se livres d'aquelle visinho, que muito os importunava, posto que o padre Esperança diz que el-rei D. Manuel, desejando alargar o convento, intentára transferir a egreja dos Martyres para outro local, mas que os frades pediram ao rei, que não levasse ávante o seu projecto, pelo respeito que tinham áquelle templo, como memoria da tomada de Lisboa aos mouros, e por ser a sua primeira egreja.

Foi, pois, a parochia dos Martyres transferida para o local onde hoje está, e ahi se levantou um templo mui decente e composto, que de certo é dos melhores d'esta cidade.

A rua do Chiado, antes do terremoto, communicava com mais ruas do que hoje. N'aquella época, do lado do sul, havia as seguintes ruas e travessas:

Rua dos Cabides, arco de D. Francisco, rua da Boa Viagem, beco de Pedro Rodrigues, sem saida; beco da Amendoeira, rua da Cordoaria Velha, rua da Figueira, rua da Ametade, rua do Outeiro; e do lado do norte, travessa do Sacramento, beco da Botica d'El-Rei, beco do Pasteleiro, beco da Cruz, sem saida, travessa do Arcebispo, travessa de Estevão Galhardo, travessa do Salema, travessa do Secretario.

Actualmente existem algumas d'essas ruas, e a maior parte desappareceu.

A rua da Cordoaria Velha ia dar ao adro de S. Francisco, que era no mesmo local onde agora existe o largo, mas ficava a embocadura da rua mais para cima da actual chamada de S. Francisco, porque vinha n'uma direcção obliqua.

A egreja actual está no sitio onde seriam talvez as embocaduras das ruas da Figueira e da Ametade.

Esta parochia era mui rica de alfaias, e tinha um avultado rendimento. A irmandade do Santissimo dotava 18 donzellas, e dispendia em esmolas a freguezes pobres 3$000 cruzados.

III

Pretendiamos dar uma ampla relação historica da actual egreja dos Martyres; mas faltam-nos para isso os indispensaveis subsidios. Pedimos para examinar o cartorio da egreja, mas os mesarios, a quem nos dirigimos para havermos a necessaria licença, nos disseram que não se encontravam no cartorio nenhumas noticias da fundação e edificação do templo actual, porque, segundo parece, houvera algum descaminho nos livros primitivos, além de não se achar regularidade nos assentamentos que ainda por acaso se encontram. É impossivel que no cartorio não tivesse havido livros de receita e despeza, e o registo das deliberações da mesa da irmandade. Eram estas as fontes, onde deviam encontrar-se todos os subsidios para a historia da egreja. Dizem-nos que os não ha, e portanto achamo-nos inhibidos de satisfazer a nossa promessa, contentando-nos com o que se diz vulgarmente e consta de alguns escriptos. Fr. Apollinario da Conceição pôde devassar o antigo cartorio da velha egreja; nós não podemos alcançar essa vantagem. E d'aqui resulta que se sabe mais da historia da primittiva egreja, que o terramoto arrasou, que da actual, que devia ter o seu cartorio onde estaria archivada a sua historia. Contentemo-nos pois com os subsidios que temos, e relevem-nos os leitores a escassez das noticias.

A irmandade do Santissimo dos Martyres é a mais rica de Lisboa, especialmente desde que herdou os bens de Gonçalo Pacheco Pereira, fallecido no anno de 1735. Sobre esta herança moveram demanda os herdeiros de Pacheco Pereira á irmandade, demanda, que só veio a acabar em 1846, se bem nos lembra, por uma composição. A historia d'este longuissimo e complicadissimo pleito é muito curiosa, e d'ella daremos noticia em breve.

Gonçalo Pacheco Pereira era homem de negocio e muito abastado; instituiu a irmandade dos Martyres por sua herdeira, legando-lhe uma avultadissima fortuna. Depois da composição com os herdeiros, a irmandade perdeu um capital avultado, talvez não menos de 100 contos, que deu em papeis de credito, então muito depreciados. No relatorio do ex-governador civil de Lisboa, o sr. Moraes de Car-

valho, relativo ao anno de 1859, achamos o rendimento da irmandade dos Martyres contado em 5:301$130 réis, por *calculo antigo;* cremos porém que excede bastante este algarismo.

Esta egreja é a unica parochial que tem côro, o qual é sustentado com os fundos da herança de Gonçalo Pacheco Pereira; posto que este, ainda em sua vida, o estabeleceu de novo, no anno de 1733, com seis capellães, dois meninos e um organista, com o que se fazia a despesa de réis 600$000.

Arruinado o antigo templo, veio a parochia estabelecer-se no sitio onde ora se acha. Ahi eram casas de habitação, e apenas consta que n'esse mesmo local estivera o hospicio que primeiro tiveram os padres theatinos, quando chegaram a Lisboa, e antes de se fundar o seu convento no bairro Alto. Todo o plano da cidade se alterou; e o convento de S. Francisco estendeu-se um pouco mais para o norte e para o sul, na encosta em que se levantava a egreja dos Martyres, occupando todo o espaço de terreno que fica entre a travessa da Parreirinha e a rua do Ferregial de Cima. Era uma fabrica enorme para accommodar os humildes filhos de S. Francisco. A irmandade, estabelecida a egreja no sitio actual, viu-se livre da má visinhança que lhe fizeram os frades, com pleitos e servidões.

Foi o architecto Reynaldo Manuel quem deu o risco para a nova egreja, e devemos confessar, que no estylo garrido e alindado da época, não foi infeliz no seu pensamento.

O templo é de fórma elegante, bem disposta a sua architectura, e com sufficiente luz. Nas proporções não se avantajou muito ao antigo, pois que não é de grande capacidade.

O comprimento da egreja é de 47 metros; a largura do cruzeiro, abrangendo o fundo das respectivas capellas, de 24 metros; a largura do corpo da egreja de 16 metros; a capella-mór tem de comprimento 10 metros e 60 centimetros, e de largura, 7 metros e 26 centimetros. Já se vê que é pouco espaçosa; mas tem proporcionada altura, de maneira que produz um agradavel effeito, porque o architecto soube calcular com arte todas as proporções.

O frontespicio eleva-se com grandesa e acertadas proporções; é composto da ordem jonica sobre a dorica, com pilastras que devidem as tres portas e as tres janellas; a empena sobre a cimalha real é ladeada por grandes vasos de

marmore de excellente lavor. Sobre a porta principal tem um baixo relevo, que representa D. Affonso Henriques depois da tomada de Lisboa, com Guilherme de Longa Espada (?) rendendo graças á Virgem.

O frontespicio do antigo templo tambem tinha um baixo relevo sobre a porta principal representando a tomada de Lisboa, é a Virgem com o menino nos braços.

O adro é espaçoso; hoje está fechado por uma gradaria de ferro e para elle sobem-se seis degraus.

Proseguiremos na descripção do interior da egreja.

O retabolo do altar-mór é singelo, mas de bom desenho. Duas bellas columnas compositas sustentam o remate, que é um baixo relevo, em que se figura o Santissimo em fórma de custodia resplandecente, e dois anjos, sobre o entablamento das columnas, estão em adoração.

O altar é todo de marmore, e a banqueta de excellente marmore preto. O throno sobre que está a imagem da Virgem é de madeira, o que produz um desagradavel contraste com o altar e retabolo, e mostra que a obra, n'esta parte, não ficou completa.

A boca do camarim é revestida de magnifico marmore preto.

É pena que a irmandade não se resolvesse a prescindir do docel, que disfarça a bellesa do retabolo, sem que o culto com isso lucre, nem se ostente maior reverencia. É perfeitamente uma inutilidade, de que a irmandade da parochial egreja de S. Julião soube prescindir com muito acerto.

A capella-mór tem duas tribunas de cada lado, sem nenhuma decoração architectonica, e as suas paredes são todas revestidas de marmores, assim como toda a egreja.

Dão luz a esta capella duas janellas de cada lado.

Tem a egreja quatro capellas de cada parte, além do baptisterio. Sobre o arco cruzeiro está um crucifixo em um nicho, onde põem seis castiçaes com vellas, que se accendem nas occasiões solemnes.

Ha no cruzeiro duas capellas: a da parte do Evangelho é a do Santissimo. É funda de 4 metros, de fórma orbicular, com a sua cupula, toda revestida de marmores encarnados e azues: Tem um quadro, que representa a Ceia. A capella da parte da epistola é tambem funda e dedicada ao Bom Pastor. O retabolo e banqueta são de talha em gosto

um pouco seiscentista. Não ha outros em Lisboa n'este estylo.

Seguem-se as capellas do corpo da egreja; do lado do evangelho, Santa Cecilia, Santo Antonio e S. Braz, e a do baptisterio; e da parte da epistola, S. Miguel, Senhora da Piedade e Santa Luzia. Todas estas capellas teem o seu painel, incluindo a do baptisterio, onde está representado S. João Baptista.

Todas as pinturas são obra do fecundissimo pincel de Pedro Alexandrino de Carvalho.

O quadro que representa Santa Cecilia é uma bella e mimosa composição. Os retabolos são todos eguaes ao da capella do Bom Pastor.

O corpo da egreja é separado do cruzeiro e das capellas por uma teia de pedra; e as capellas teem cada nma sua teia de boa madeira.

Entre cada capella ha dois pilares composites, e as paredes são todas cobertas de marmores encarnados e azues, com suas almofadas, até á cornija. Cinco janellas grandes de cada lado dão luz á egreja.

O tecto é de vistoso effeito, pela boa combinação das pinturas, ornatos e dourados. No meio tem um quadro que representa el-rei D. Affonso Henriques dedicando o templo a Nossa Senhora. O rei está de joelhos, um anjo tem nas mãos o risco da egreja, para o qual o monarcha aponta na acção de o offerecer á Virgem. Dos lados veem-se as figuras, em meio corpo, dos quatro apostolos evangelistas e dos quatro principaes doutores da egreja. Assim, junto ao cruzeiro, está Santo Ambrosio, seguem do lado do Evangelho, n'esta ordem, S. Matheus, S. Gregorio, S. Marcos; sobre o côro, Santo Agostinho, e seguindo d'ahi S. Lucas, S. Jeronymo, S. João Evangelista. No tecto do côro, em um pequeno quadro, se representa o Espirito Santo; e no da capella-mór a Santissima Trindade. Todos os quadros do tecto são egualmente obra de Pedro Alexandrino, os ornatos da capella-mór são de Jeronymo Gomes Teixeira, e os do corpo da egreja de José Antonio Narciso. E deve-se confessar que são obra de merecimento, especialmente os da capella-mór. N'este genero de pintura, vemos em algumas egrejas de Lisboa trabalhos, que revelam muito talento, e cremos que não nos achamos hoje mais adiantados, antes em atrazo.

No seu logar competente deviamos mencionar os pulpitos, que são de talha transfurada em boa pedra, de magnifico desenho: são duas peças de merecimento artistico, assim como tambem deviamos fazer menção dos cancellos da capella do Santissimo, cujo risco, segundo consta, foi obra de Thimotheu Lecussan Verdier, um dos instituidores da fabrica de fiação de Thomar, homem singular pelos seus variados talentos nas lettras, sciencias e artes. Os cancellos de que tratamos são talvez os mais notaveis que se veem nas egrejas de Lisboa. São de ferro, com apropriados e bem dispostos ornatos de bronze.

O orgão está collocado em uma tribuna elevada, no côro. É um optimo instrumento: o seu risco é apparatoso, as suas vozes são excellentes; remata com ornatos de bom gosto, e uma corôa levantada sobre elles. A collocação do orgão foi bem pensada, porque deixa mais espaço ao côro, e augmenta o bom effeito geral da egreja. Ignoramos o nome do artifice que fez o orgão, e a época em que foi fabricado. D'isto deve haver forçosamente noticia no cartorio da egreja.

Na capella da Senhora da Piedade está uma imagem da Senhora da Conceição, que veiu para esta egreja de uma ermida que havia no edificio do thesouro velho, na occasião do incendio que alli houve. A esculptura é soffrivel. Dizem que é obra de Joaquim Machado de Castro. Ouvimos que a esta imagem andam annexos uns rendimentos, que administra a irmandade dos Martyres, a qual com esses rendimentos faz a festa annual da Conceição.

Na capella do Bom Pastor está a imagem de Santa Maria Egypciaca, padroeira da irmandade dos archeiros, que lhe fazem a sua festa no domingo seguinte ao do Bom Pastor.

IV

Interrompemos a descripção da egreja dos Martyres para darmos logar á curiosa noticia, que nos enviou o nosso amigo o sr. José Maria Antonio Nogueira sobre o testamento de Gonçalo Pacheco Pereira e o processo que d'elle se originou entre os herdeiros e a irmandade dos Martyres.

É facil de imaginar o trabalho que teria o sr. Nogueira para poder compendiar a noticia com que nos mimoseou;

mas está o sr. Nogueira habituado a compulsar documentos antigos e a aprecial-os como homem versado na historia.

Os leitores lerão com prazer esta noticia de um dos mais disputados pleitos de que ha memoria.

Devemos ao sr. Nogueira, já muito conhecido dos nossos leitores, um agradecimento publico pelo excellente trabalho com que enriqueceu o nosso jornal—trabalho sério, e que é mais uma prova do seu talento e muita lição.

Conforme lhe prometti, ahi vão alguns apontamentos, feitos a correr, sobre a testamentaria de Gonçalo Pacheco Pereira. Eu tinha tenção, como lhe disse, de escrever uma noticia do interessantissimo processo da mesma testamentaria, que começando em 1778, terminou por *composição* em 1846; mas, aquellas 1409 folhas que os autos teem, não fallando nos appensos, nem na execução da sentença, tambem mui volumosa, aterram o animo mais desejoso de estudar. Do extracto que já tinha feito vou dar-lhe os pontos mais importantes, e v. fará d'elles o uso que lhe parecer.

Gonçalo Pacheco Pereira, era filho do Porto. Depois de muito viajar, occupando-se no commercio, veiu repousar em Lisboa, èstabelecendo casa na freguezia dos Martyres—*na Cordoaria Velha.*

Falleceu com testamento de 9 de setembro de 1735 (note a coincidencia da data), no qual dispunha:

1:000 missas por sua alma de esmola de 200 réis.

200, idem, em altar privilegiado, de 160 réis.

2:000, idem, com a brevidade possivel, de 160 réis. Aquellas deviam ser ditas no dia do fallecimento, ou no seguinte.

2:000, pela alma de seus paes, de 120.

Aos pobres no dia do fallecimento 50$000!

Offerta ao parocho, 30$000!

Declarou que sendo solleiro e sem descendentes, dispunha da sua fortuna do seguinte modo:

Que já tinha estabelecido na sua freguezia cinco capellas e accrescentado outra, para cuja sustentação applicára réis 15:492$000.

Que além d'esta importancia e de algumas dividas, teria de seu, na mão de varios fidalgos e particulares, e sobre penhores, 270 mil cruzados;

Que de todo o remanescente, depois de cumpridos os legados, *instituia herdeira universal a irmandade do Santissimo da sua freguezia.*

Que se désse ás freiras carmelitas dos Cardaes 24$000, e outro tanto ás do Crucifixo, Esperança, Sant'Anna e Santa Monica. Aos religiosos da Divina Providencia 48$000 réis. Aos de Santo Antonio do Curral (capuchos) 24$000 réis, e egual quantia aos da Boa Viagem, Santa Catharina, S. José de Ribamar, S. Pedro d'Alcantara, e á companhia de S. Roque 200$000 réis, sendo 50$000 réis para compra de livros.

A uma criada, a quem devia muitos serviços, deixou cem réis por dia em quanto vivesse, e o movel de roupa e de cosinha; e a um criado que havia muitos annos o servia, 120 réis em quanto vivo.

A Manuel de Carvalho Ramos que o acompanhára por mais de 30 annos, e a cuja fidelidade entregára todos os seus negocios, lembrando-se do muito que devia ao seu *prestimo, amor e boa companhia,* deixou 1:200$000 réis e os trastes e prata de sua casa.

Á Misericordia de Lisboa 400$000 réis.

Aos engeitados 100$000 réis.

A Julia sua afilhada 720$000 réis, *com condição de ser freira.*

A duas sobrinhas freiras 20$000 réis annuaes a cada uma.

A uma afilhada 200$000 réis.

Ao seu cirurgião 100$000 réis.

A Maria Caetana de Moracs, «*filha de minha sobrinha, viuva com muitos filhos,* 300$000 réis!

A uma irmã d'esta 200$000 réis.

Para a obra do tecto da egreja dos Martyres *cincoenta mil cruzados.*

Para fundo das capellas na dita egreja, applicando-se parte do rendimento para dotes de donzellas e esmollas a pessoas pobres da freguezia, *cento e vinte mil cruzados.* Os dotes seriam de 100$000 réis, e as esmolas de 2$000 a 3$200 réis, dadas todos os mezes.

A mãe do testador tinha morrido havia poucos annos na cidade do Porto, *estando ás sopas d'uma neta,* pobre, a quem aquella pedia, em seu testamento, *que lhe fizesse por esmola algum bem d'alma, por quanto seu filho G. P. Pe-*

reira, solteiro, se achava na cidade de Lisboa, onde assistia ha muitos annos. Que dispunha por sua alma de 2$400 réis, pois que todo o seu dinheiro era meia moeda em oiro! Que pedia a seu filho, *que sempre lhe acudira com a mezada de 4$500 réis*, que pelas chagas de Christo e de sua Mãe Maria Santissima, e de todos os santos da côrte do céo e do santo do seu nome e anjo da sua guarda, fizesse algumas esmolas a sua neta (a que a tinha em casa e sustentava) e a seu marido, pelas grandes obrigações em que lhe estava e beneficios que d'elles tinha recebido, e grande lida e trabalho que na sua doença tinham tido, por quanto os moveis que lhes deixava *não chegavam, vendidos, para o habito em que fosse amortalhada.* Que se lembrasse dos mais netos, attendendo a serem orphãos de pae e mãe, e não terem ninguem que fosse por elles.

Já vimos como o testador satisfez a estas deprecações de sua moribunda e pobre mãe. Deixou a caritativa neta e sobrinha d'elle testador—a referida Maria Caetana de Moraes, *viuva com tres filhos*, 300$000 réis, e á irmã d'esta 200$000 réis! Logo em seguida a estas deixas, está a de *cincoenta mil cruzados para o tecto da egreja, e a de mais cento e vinte mil para o monte de piedade*, como depois lhe chamavam os pátronos da irmandade. Quer dizer, aquelles tão recommendados parentes que, apesar de sua extrema pobresa, tinham agasalhado e soccorrido até á morte a mãe do rico negociante, foram equiparados á *Companhia de Jesus*, contemplada com um legado de 200$000 réis; tanto quanto recebeu uma das sobrinhas, e menos 100$000 réis do que ficou a outra! O testamento tinha saído das mãos de mestre! Era typo na famosa instituição *d'alma por herdeira.*

A irmandade entrou na posse da herança, e tudo correu maravilhosamente até 9 de setembro de 1769, em que tinham decorrido 34 annos, *de dia a dia*, depois de feita a celebre disposição testamentaria.

A carta de lei d'esta data foi um grande serviço do marquez de Pombal, e ha de resgatar, quando se fizer a verdadeira e imparcial historia d'este homem d'estado, muitos dos peccados que lhe possam provar. A lei, providentissima e altamente philosophica, punha termo ao gravissimo abuso de instituir a alma por herdeira, em que debaixo de pretextos na apparencia pios, e na realidade reprovados, como offensivos do direito natural e da caridade christã, se privavam

os parentes da successão dos bens, para tudo ficar em proveito da alma, que assim continuava a existir *mundanamente* até á consummação dos seculos, e para gravame dos vivos!

Pombal estatuia no § 21 da lei a annullação dos testamentos de tal naturesa. O assento de 29 de março de 1770, declarou que se entendia instituida a alma, quando se instituia a ordem, irmandade ou corporação por herdeira e testamenteira.

Por favor d'esta legislação, os herdeiros de G. P. Pereira vieram a juizo, em 10 de março de 1778, pedir o remenascente da herança que não se achava cumprido e applicado á data da referida lei, e que era de 81:679$429, além de juros. A irmandade declarára em 1758, que o total da herança fora de 156:542$223.

O libello, assignado pelo advogado José de Almeida Saraiva, vinha ameaçador. Os herdeiros accusavam a irmandade de se ter aproveitado da herança sem mesmo cumprir as condições a que era obrigada, pois tendo recebido mais de quatrocentos mil cruzados a beneficio de estranhos, ainda estes se não tinham aproveitado d'elles, mas, só a irmandade, visto que dando-se o fallecimento do testador ha mais de 40 annos, ella até á lei de 1769 só tinha sujeitado ao vinculo do monte da piedade 74:862$793, sendo assim prejudicados os *pobres e os herdeiros*.

O libello e documentos traziam 275 folhas.

A irmandade excepcionou pela incompetencia do juizo, sendo seu patrono o advogado José Pereira de Brito. Não lhe sendo admittida a excepção, recorreu, seguindo-se o mais renhido pleito que talvez tenha havido no fôro portuguez.

Os herdeiros levavam a melhor, quando appareceu o *real decreto* de 17 de julho de 1778. Suspendendo a lei de 9 de setembro de 1769 na parte que aproveitava áquelles. Tinham mudado os tempos. Pombal já não dirigia o leme da nau do estado. A escola dos conselheiros da rainha D. Maria I era outra.

Este decreto, uma provisão de 10 de julho de 1774, o alvará do 1.º de agosto do dito anno que alterava a ord. do liv, 1.º tit. 48 § 11, e ainda outras d'aquellas resoluções magestaticas proprias do poder absoluto, sempre foi opinião de abalisados jurisconsultos que examinaram o feito, que tudo foi promulgado para intorpecer a marcha d'este

processo. Ao dr. Alberto Carlos Cerqueira de Faria que com o dr. Gaspar Joaquim Telles da Silva advogaram ultimamente por parte dos herdeiros, ouvimos nós dizer em audiencia, que o processo, depois de findo, devia ser archivado na Torre do Tombo, porque n'elle se encontrava a unica explicação do modo contraditorio porque se havia legislado, nos reinados de D. José e D. Maria I sobre importantes pontos de direito. Gaspar Telles, modelo de sabedoria e bondade, sempre moderadissimo em suas allegações, deixou de o ser por algumas vezes n'este processo. A sua contraminuta de appellação, além do grande merecimento juridico, allude e fulmina eloquentemente áquelles factos, e a propotencia que por tantos annos esmagara os herdeiros do testador.

Mas sigamos a historia da causa. A irmandade apressou-se a requerer, que na conformidade do real decreto se julgasse a acção improcedente. Os herdeiros não tinham que contestar; limitaram-se a dizer, que estando o libello *re integra*, queriam desistir da acção, ficando-lhes o direito salvo. Mandou-se lavrar termo segundo o requerido, o que nunca se fez, não procurando a irmandade cousa alguma, porque de certo confiava que nunca mais se levantaria esta *hydra de Lerna*, como chamava ao processo o seu mui douto e tambem já fallecido advogado dr. José Maria Osorio Cabral, a quem ouvimos lamentar que a antiga irmandade tivesse desattendido as propostas, que por mais d'uma vez lhe fizeram os herdeiros de terminar o pleito a troco de bem fraca compensação. A irmandade confiou demasiadamente no seu poderio, e nunca chegou a acreditar que podesse ser vencida por gente pobrissima como eram os herdeiros.

Os autos dormiram até apparecer o alvará de 20 de maio de 1796 e assento de 21 de julho de 1797, instaurando e declarando a lei de 9 de setembro de 1769, o que aproveitava aos herdeiros, por isso que, segundo alli se dispunha, o testamento de G. P. Pereira não estava cumprido e executado totalmente, na fórma dos assentos de 29 de março e 5 de dezembro de 1770.

Recomeçou a acção a 26 de março de 1797, deduzindo os herdeiros sua habilitação, por terem fallecido os primeiros authores. O notavel jurisconsulto José Antonio Barbosa e Araujo, que defendia aquelles, tinha por contrario a

José Corsino Dias de Vasconcellos, não menos habil advogado da época. A irmandade embaraçou por tal modo e com tantos incidentes a habilitação, que só a contestou um anno depois, 27 de março de 1798; e decidida por accordão da Relação de 28 de abril do mesmo anno, ainda conseguiu embaraçar até 1800 o julgamento em ultima instancia da legitimidade dos authores.

Seguiu-se o despreso da excepção com que a irmandade começára a sua defesa. Acudiu com outra, a do caso julgado, porque já anteriormente havia vencido alguns herdeiros do testador: ouviu accordão em contrario em 1801, e embargou.

Na contestação a estes embargos offereceu Barbosa Araujo *um voto da universidade de Coimbra* a favor dos herdeiros. Parece-nos obra magistral, devida aos lentes Thomaz Pedro da Rocha, Francisco Xavier de Vasconcellos Coutinho, Duarte Alexandre Holbeche, e José Joaquim Vieira Godinho. As rasões de Barbosa Araujo, em harmonia com este respeitavel parecer. e fazendo a analyse dos principios que dictaram a lei de 9 de setembro de 1769, eram irrespondiveis, a não ser para a irmandade que redarguiu com uma allegação de dez folhas de papel.

Finalmente, por accordão de 14 de junho de 1803, sendo juizes Gomes Teixeira, Veiga, Soeiro, Corrêa e Sacadura Botto (relator), foi a irmandade condemnada na *fórma do libello e como se liquidasse.* A esportula do relator foi de 40$000, e para cada um dos juizes 30$000.

É forçoso confessar, que se até á data d'este julgamento a irmandade tinha litigado lançando mão de todos os recursos que as leis e a praxe então permittiam, mas sempre com decencia, d'aqui em diante não houve argucia e *chicana* de que não fizesse uso; e mais tarde, a historia do processo tornou se *mysteriosa.*

Atacou o accordão por nullo, chamou ao juizo incompetente, e afinal, sempre rebatida, embargou na chancellaria, que era a *extrema uncção* dos litigantes infelizes nos antigos tempos.

Contestaram os herdeiros; e quando o processo devia ir a final, *declarou-se uma verdadeira e singular epidemia entre aquelles.* Corria o anno de 1803.

Veiu a irmandade com a certidão de obito de um dos authores fallecido *em* 1801. Deduziu-se a habilitação, e

quando se ia julgar *em* 1808, juntou a irmandade certidão do fallecimento de outro interessado *em* 1799!

Um accordão julga *suspeitosa* esta segunda certidão, e a irmandade embarga.

Dá-se então um episodio mui curioso. *Junot* vê o processo e julga-o! Não intromettendo-se nas questões ventiladas, mas á maneira de *Alexandre*, corta o *nó gordio*, mandando dar 200$000 réis para alimento a um dos herdeiros, que vivia pobremente em Lisboa.

«Sendo presente ao illme e ex.^mo^ sr. general em chefe do exercito de Portugal a representação inclusa de D. Anna José de Menezes Telles Xavier da Silva, e a informrção a que mandou proceder pelo desembargador Joaquim Antonio de Araujo, ordena o mesmo ex.^mo^ sr. que v. s.ª lhe mande dar a alimentaria de 200$000 por anno, pagos pelos mais bem parados rendimentos da irmandade do Santissimo Sacramento dos Martyres, em quanto durar o letigio de que se trata, o qual v. s.ª fará julgar com a brevidade que as leis determinam. Deus guarde a v. s.ª. Secretaria de estado dos negocios do interior, em 21 de junho de 1808. — *Francisco Antonio Hermano. — Sr. Lucas de Seabra da Silva.*»

A irmandade quiz embargar, mas a jurisprudencia de *Junot* não lh'o consentiu, e foi pagando em quanto este esteve em Portugal, sendo de notar que o principe regente, por aviso de 23 de novembro de 1808, mandou fazer effectivo o pagamento ordenado pelo general francez.

Aggravou a irmandade d'este aviso, não obteve provimento; embargou, succedeu-lhe o mesmo, e afinal usou do remedio heroico, apresentando outra certidão do fallecimento de um dos herdeiros, succedido *em* 1801!

Seguiu-se uma serie de aggravos, embargos, etc., até que em 1815 obteve a irmandade que se nomeasse juiz administrador da casa da referida herdeira D. Anna José de Menezes, que havia fallecido, o desembargador João Baptista Esteves, que desde logo se mostrou favoravel aos interesses da corporação.

Em 1817 e 1818, continuam os incidentes sobre habilitações. Em 1820, veiu habilitar-se como herdeira d'aquella D. Anna (a parenta mais proxima de G. P. Pereira), Felisarda Maria Rosa, criada que fôra por mais de 40 annos da dita D. Anna, e a favor de quem esta testára o direito

que tinha á herança. O desembargador Antonio Gomes da Silva Belfort (intendente geral da policia na época de D. Miguel), e que depois veiu a ser herdeiro da dita creada, recebendo por isso a maior parte da herança, era o procurador da habilitanda.

Começava este a promover activamente o julgamento dos embargos oppostos na chancellaria, e que pendiam desde 1803, quando appareceu um d'aquelles famosos *avocatorios*, que retirando os processos da mão dos juizes os punham em silencio, ou faziam julgar por um certo e determinado modo. Era dos mais revoltantes actos do poder absoluto, e de que muita gente foi victima, esse de avocar um processo, em que a justiça estava prestes a triumphar, para o sumir, a pedido de um valido do rei ou dos seus conselheiros, no pó do esquecimento, que ainda era o menor mal.

Veja-se este *specimen:*

«O desembargador João Baptista Esteves, que serve por commissão na causa de execução de D. Anna José de Menezes com a irmandade do Santissimo Sacramento dos Martyres, obrigue ao escrivão João Candido da Costa, que o é dos autos da mesma execução, para que venha apresentar, no termo de 24 horas, n'este tribunal do conselho da real fazenda, os mencionados autos, no estado em que se acharem, com pena de prisão, quando assim o não cumpra. Lisboa, 18 de julho de 1820.—Tres rubricas.

Foram; teve vista o sollicitador da real fazenda, e o que requereu este? *Que os autos fossem com vista ao advogado da irmandade*!

Passava-se isto em 3 de agosto de 1820: poucos dias depois, levantava-se o grito pela liberdade, na cidade do Porto; e ou fosse a influencia d'este movimento; ou os sentimentos liberaes do advogado, que era então da irmandade, *Marciano de Azevedo*, o caso foi, que este pugnou pela volta do processo para as justiças ordinarias, e assim se determinou ao cabo de varios incidentes. O novo systema politico tinha acabado com todos os juizos de commissão.

Continuaram as habilitações, e em 1822, teve logar a de Belfort, como herdeiro da referida Maria Rosa, que fôra criada de D. Anna José de Menezes, de que resultou que *tres quartas partes* da herança de G. P. Pereira, vieram a pertencer a pessoas inteiramente estranhas á familia do tes-

tador! O que é imperdoavel, é que Belfort, recebendo tal beneficio da dita Maria Rosa, *quando era sua criada, a deixasse ir morrer na pobre cama de um hospital!*

Mas como tudo tem compensação, Belfort começou a luctar com grande vigor, e como o favoreciam os seus sentimentos politicos com relação ás influencias que dominavam o paiz nos annos de 1826 e seguintes, tambem alcançou a nomeação de um juiz de commissão para o tratamento da causa.

Todavia, a irmandade conseguiu embaraçar o progresso do feito com repetidos aggravos, embargos e outros recursos devidos á solercia do seu patrono Marciano de Azevedo, que em 1831 pediu escusa da causa, sendo substituido por João de Sousa dos Santos Ferreira que tambem se escusou, acceitando finalmente Manuel Felix de Oliveira Pinheiro.

Em 24 de julho de 1832, proferiu-se um accordão contrario a alguns herdeiros, que se pretendiam habilitar, e recommendado Belfort, se continuaram os autos a seu advogado Jacyntho José Vieira, que os reteve sem despacho até 20 de dezembro de 1833, em que os entregou para irem á distribuição.

O primeiro acto que apparece no feito, depois da restauração liberal d'aquelle anno, é uma penhora da fazenda nacional no direito e acção de Belfort, pela quantia de réis 6:505$683, que este devia ao estado.

Em 1838, chama Belfort a irmandade á conciliação no juizo de paz da freguezia dos Martyres, e não se reconciliando, recomeçou o pleito por novas habilitações, sendo advogado da irmandade o dr. José Bento Pereira.

Depois de varios incidentes, prefere finalmente o juiz da 2.ª vara José Luiz de Quadros, em 4 de maio de 1840, sentença, julgando habilitados todos os herdeiros que tinham vindo a juizo; e assim fica preparado o processo, ao cabo de *vinte annos gastos em habilitações*, para se decidirem os embargos oppostos na chancellaria, *em* 1803, á sentença que recebêra e julgára provado o libello!

Por este facto o *ex-intendente geral da policia*, por mais intactos que conservasse os seus sentimentos de absolutista, não podia deixar de reconhecer que mais ficava devendo á independencia do poder judicial, filho da liberdade (a quem elle tanto guerreara!), do que aos juizes privativos que ti-

nha obtido para o julgamento da causa. O ultimo nomeado em 7 de outubro de 1831, fôra Francisco Antonio Maciel Monteiro.

Seguiu-se o julgamento dos embargos, em que foi novo advogado da irmandade o dr. Pedro de Sousa Miranda e Castro, e por sua escusa o dr. José Maria Osorio Cabral; e decidida a habilitação da viuva e filhos de Belfort, fallecido em fevereiro de 1841, proferiu o juiz que então era da 2.ª vara, José Joaquim Alvares de Sousa Amado, a sentença de 7 de maio de 1844, que regeitou os referidos embargos, pendentes havia 36 *annos!* O julgador demorara o feito por mais de onze mezes, mas o julgado não só demonstra um completo estudo dos autos, que já tinham mil duzentas e trinta folhas, como o grande saber juridico que todos reconhecem n'aquelle actual juiz da relação de Lisboa.

Appellou a irmandade, sendo o processo distribuido ao juiz Pina Cabral, adjuntos Pedro Ignacio Lopes, e Assis de Andrade, já todos fallecidos. Osorio, patrono da appellante, repetiu n'uma allegação de vinte e cinco folhas todas as rasões a que a irmandade sempre se soccorrera, figurando, em primeiro logar, a causa dos pobres, as donzellas, *a generosidade christã(!)* de G. P. Pereira, que tudo ia acabar perante a avidez dos appellados e d'aquelles com quem estes haviam contratado...—«Vem as donzellas (dizia o aliás por muitos titulos respeitavel e já finado advogado), honestas e desvalidas d'aquella freguezia e das circumvisinhas, e os pobres necessitados e enfermos exprimir com seus dolorosos ais o ultimo infortunio, em que seriam submergidos pela extincção em grande parte de um admiravel monte-pio de beneficencia, que os soccorre, e que tem sido alvo da cobiça de especuladores...»

A placidez e não menor respeitabilidade e sciencia juridica de Gaspar Telles, patrono de alguns dos herdeiros, respondeu áquellas *ficções poeticas*, com os sãos principios da legislação applicavel, com o abuso das instituições d'alma por herdeira, o que importava a quebra e offensa de todos os principios de direito natural e da caridade christã, e a dissolução do amor entre pessoas conjunctas pelo vinculo de sangue. Mostrava a pobresa dos herdeiros do testador, alguns dos quaes tinham morrido opprimidos da maior miseria, como a irmandade não ignorava; demonstrava que *nenhuma duvida podia haver sobre a parte que o poderio*

da irmandade tivera na promulgação de algumas leis, e finalmente referia o modo como os fundos da testamentaria, não sendo applicados segundo a vontade do testador, haviam aproveitado á irmandade. O dr. Alberto Carlos, por parte de outros interessados, offereceu uma curiosa synopse, em que appareciam de um lado os argumentos da appellante, e do outro os dos herdeiros. O dr. Gomes de Castro limitou-se a offerecer os trabalhos d'aquelles seus collegas; e indo a causa afinal, proferiu-se o accordão de 15 de março de 1845, confirmando a sentença appellada.

Foram juizes os que já dissemos. A tenção do relator Pina Cabral, senão sobrepuja os votos de tantos homens doutos que o precederam no mister de julgadores d'esta importante causa, é modelo de concisão e claresa. A sua beca, pobre mas honrada, honrada e pobre ficou, e sempre assim até á morte, com a decisão d'este pleito em que se disputaram interesses superiores a 440 contos de réis. Podemos affirmal-o, sem offensa dos mais juizes

Houve embargos sem resultado; interpoz-se revista que foi distribuida ao juiz Manuel Duarte Leitão, adjuntos — Joaquim Antonio d'Aguiar, João Baptista Felgueiras, João Cardoso da Cunha Araujo, e Basilio Cabral; e por accordão de 22 de dezembro de 1845, sendo vencido o relator, foi negada a revista. Ainda foi embargado, mas sem proveito, este accordão

Seguiu-se a execução do julgado, e aqui começou um novo e renhidissimo pleito. Era forçoso deduzir artigos de liquidação para se conhecer quanto a irmandade tinha a entregar além dos 81:679$429 réis pedidos no libello, e para isto aonde haviam os herdeiros ir buscar os indispensaveis elementos senão ao cartorio da irmandade? Mas esta nada tinha; *tudo perecera no incendio do terramoto de 1755!* Artigos, aggravos, contestações violentas, tudo annunciava outro pleito para longos annos, e com fraco resultado para os herdeiros, porque a irmandade possuia a maior parte dos seus haveres em acções do banco de Portugal e inscripções da junta do credito publico, onde a penhora não era realisavel.

Entretanto a execução chegou a ponto da irmandade nomear bens á penhora, ao que satisfez apresentando uma relação de mutuos de que era credora, na importante somma de trezentos e tantos contos de réis (!), na maior parte

mal parados, ou reconhecidamente incobraveis! Figuravam na lista dos devedores um grande numero de titulares e outras pessoas, que tinham exercido, em diversas épocas, grandissima influencia nos negocios do estado. Tal documento era a justificação mais plena das allegações dos herdeiros, e explicava facilmente como tinha sido possivel impedir por espaço de *sessenta e oito annos*, a decisão do processo! A imprensa tratou este ponto.

Por outro lado, os herdeiros viam-se a braços com as penhoras que todos os dias os muitos credores da familia Belfort vinham fazer na execução, embaraçando ainda mais os termos d'esta. Individuos de diversas partes do reino, e de quem nunca houvera noticia, appareciam a querer habilitar-se como herdeiros ou representantes do testador, e um d'elles chegou a embargar a herança na mão da irmandade.

Estes e outros motivos, que seria fastidioso narrar, levaram os herdeiros a fazer uma convenção com a irmandade, entregando esta cento e tantos contos de réis, em que entraram alguns dos ditos mutuos, acções do banco e inscripções. O capital e juros da execução aproximava-se, se bem nos lembra, a quinhentos contos de réis.

A irmandade fez um bom negocio; e cremos que ainda hoje gosa de avultada parte da herança de Gonçalo Pacheco Pereira e que não deixa de applicar os seus rendimentos em boas obras. Acaba de o provar na restauração do seu templo, e na mui discreta distribuição de algumas esmollas. Tudo a aconselha a continuar n'este caminho, porque o seculo e as instituições tudo mudaram. O systema que seguiu por mui largos annos, conduzil-a-hia a um abysmo, se não fôra aquella transacção.

E os herdeiros do rico testador? Os onerosos compromissos que tinham contrahido para poderem luctar por tantos annos com o colossal poder da irmandade; a depreciação que soffreram as acções do banco e as inscripções logo após a transacção, em consequencia dos acontecimentos politicos de 1846; o grande numero de interessados que entraram na divisão da somma recebida, tudo concorreu para que ninguem ficasse rico. O ramo de Belfort, inteiramente estranho ao sangue do testador, é que ficou em melhores circumstancias, porque representava a criada Maria Rosa, de quem fôra herdeiro, e que egualmente alheia a G. P. Pe-

reira herdára comtudo o direito dos seus mais proximos parentes.

A narração dos outros interessados por quem foi dividido o que a irmandade entregou, seria longa, apesar de curiosa. Só diremos que era uma familia similhante á de *Maria de Bennepont*. Viviam no Porto, em Lisboa, no Algarve, no Brasil e não nos lembra por onde mais, e pertenciam a todas as classes da sociedade.

Meu amigo, o que me resta dizer-lhe é, que ha no processo que deixo extractado tantas feições da obra de *Eugenio Sue* — o *Judeu Errante*, que muitas vezes tenho pensado se *Junot*, *Geofroi de Saint-Hilaire* ou algum outro homem de letras que acompanhasse a expedição franceza de 1807, tiraria copia ou extracto dos autos, que indo parar ás mãos do engenhoso romancista, lhe desse o plano d'aquelle livro. Eu bem sei que em França tambem houve jesuitas, mas o mui curioso processo da herança de G. P. Pereira esteve no quartel general de *Junot*, e o sabio *Saint-Hilaire* não tinha acompanhado o exercito invasor para tomar parte nas suas batalhas. Bem sabe v. qual era a sua missão. — De v. etc., *José Maria Antonio Nogueira*. = Setembro, 4 de 1866.

V

Antes de proseguirmos na descripção da egreja, devemos incluir aqui mais esclarecimentos que o sr. Francisco d'Assis Rodrigues teve a bondade de enviar-nos, para que esta descripção seja exacta.

Agradecemos ao sr. Assis a sua delicadesa, e a declaração que nos fez de que o cartorio da irmandade nos seria franqueado para as investigações que precisassemos. O sr. Assis é membro da mesa da irmandade, e mui zeloso pelos augmentos da corporação a que pertence.

O sr. Assis pois nos communicou, que o esculptor que fez a imagem da Senhora da Conceição a qual está na capella de Nossa Senhora da Piedade, foi José Joaquim de Barros Laborão, artista de algum merecimento, que morreu em 1820.

O baixo relevo que está sobre a porta principal da egreja, é obra de Francisco Leal Garcia, um dos melhores disci-

pulos do celebre esculptor Alexandre Justi, e primeiro substituto de Joaquim Machado de Castro.

O orgão foi fabricado por José Xavier Machado Cerveira, irmão do insigne estatuario Machado de Castro.

Como é notorio, foi tradição que, a pia baptismal existente na antiga parochia dos Martyres, era a mesma em que recebera o baptismo o primeiro christão depois de tomada a cidade aos mouros. Fr. Apollinario refere que a dita pia existia com todos os signaes da sua ancianidade até ao anno de 1602; então poliram-na em fórma oitavada; apagaram a inscripção em letra gothica, que indicava ser a primitiva, e pozeram-lhe este letreiro, *R, em* 1602, e a inscripção em letra romana, que denotava ser a mesma. A pia desappareceu, e com ella a memoria authentica do importante facto que commemorava.

Agora, como padrão d'essa preeminencia da egreja dos Martyres, no cancello da porta do baptisterio collocaram em letras de metal esta inscripção: — «N'esta parochia se «administrou o primeiro baptismo, depois da tomada de «Lisboa aos mouros, no anno de 1147.»

Todo o corpo da egreja é circumdado de uma balaustrada, ou teia de excellente pedra, com portas de madeira em frente das capellas.

O templo recebe luz por cinco janellas, no corpo da egreja de cada lado; duas na capella-mór, e duas no côro, porque a do centro fica tapada com o orgão. Tem bastante claridade.

Concluida a descripção da egreja, passaremos a outras partes do edificio.

A sachristia da collegiada é espaçosa; tem um altar com o seu retabulo, tudo de pedra bem lavrada; n'elle está collocado um baixo relevo em marmore de Italia com a sua moldura de marmore preto. O baixo relevo representa el-rei D. Affonso Henriques, e Guilherme de Longa Espada (?) implorando a protecção da Virgem, que se vê com o menino nos braços, para a empresa da conquista da cidade. Este altar, retabulo e baixo relevo estavam no cemiterio, e foram agora, muito a proposito, mudados para a sachristia da collegiada, tendo-se-lhe apenas alterado um ornato funebre, que foi substituido por uma cabeça de anjo.

Tem a sachristia bons arcazes de vinhatico, com os seus espelhos e está bastante espaçosa.

Fica a sachristia da collegiada do lado da Epistola; e do lado do Evangelho está a sachristia da irmandade, Tem esta o seu altar de talha, e n'elle a imagem de S. Braz. Nas paredes estão doze quadros representando as cabeças dos doze apostolos, obra de Pedro Alexandrino de Carvalho, e parece-nos um trabalho excellente, notando-se-lhe um colorido mais vigoroso do que esse fecundo artista em geral usava. Tem egualmente os seus arcazes esta sachristia; e é sufficientemente espaçosa. O tecto é de estuque antigo. Não foi agora restaurada.

Na sachristia da collegiada se expõem, no dia 13 de março, os ossos dos que morreram na expugnação da cidade, e que são qualificados de martyres. É uma memoria tradicional da conquista de Lisboa. Os ossos estão arrecadados em uma maquineta de madeira que tem dois palmos e meio de longo, sobre tres de alto, e aberta na frente com um vidro e uma rede de ferro ou prata oxigenada. Apenas existem na maquineta duas caveiras, e dois femurs, e mais alguns ossos já muito carcomidos, e os restos de outros que estão completamente desfeitos.

Os ossos dos cavalleiros mortos na expugnação de Lisboa, segundo A. Coelho Gasco, estiveram por muitos annos, em sepulturas com suas campas; e d'ahi foram tirados para o altar das Almas, onde permaneciam no seu tempo.

E fr. Apollinario diz, que á vista dos livros da egreja se colhia que, antes de os collocarem na capella das Almas, estiveram na capella-mór; mas n'aquella já estavam muitos annos antes de 1604.

O caso é, que a devoção furtava as reliquias dos martyres, que, ao que parece, eram tidas na conta de milagrosas; e para obstar a esse devoto furto, o bispo de Targa, visitador do arcebispado pela cabido, *sede vacante*, determinou que se fizesse outra chave, além da que tinha o cura, para ser entregue á irmandade, impondo excommunhão a quem tirasse os ditos ossos do logar em que estavam na capella das Almas.

Em tempo de fr. Apollinario, só existiam duas cabeças sem dente algum, e uns trinta ossos dos principaes, que estavam dentro de um oratorio de madeira, pintado de encarnado na parte interior. E depois o padre Manuel Rodrigues Leitão, cura da parochia, os mandou metter em

um novo deposito de madeira incorruptivel, ornado de talha no frontespicio, com o seu vidro e rede de prata.

Este deposito estava mettido no vão do altar das Almas, no qual se collocou um primoroso frontal de pedra com embutidos, tendo no meio um circulo, por onde se viam as reliquias.

Parece, pois, que os ossos ainda agora existentes, são os mesmos que existiam no tempo de fr. Apollinario, em 1749.

Serão com effeito aquelles os restos dos cavalleiros que ajudaram el-rei D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa? Conseguiram em 1755 salval-os do desastre do terramoto? Parece que sim.

Por cima da sachristia, ha tempos, se fez, ou antes preparou, uma casa para deposito do Sacramento na Semana Santa, e se melhorou a communicação para o camarim do throno, que tem bastante altura, e é de bom effeito, especialmente depois d'esta restauração, que põe em relevo alguns ornatos, que lhe augmentam a bellesa.

Tem este parochial edificio todas as accommodações que são indispensaveis para o serviço da irmandade, e para arrecadações.

A torre dos sinos é de cantaria e de fórma elegante. Fica do lado da rua da Figueira, por detraz da egreja. Tem oito sinos harmoniosos, e o grande tem um som grave e solemne.

Tinha cemiterio em fórma de claustro com porta para a rua Nova dos Martyres, hoje inutilisado desde que acabaram os cemiterios particulares.

A irmandade possue bons e ricos paramentos; mas não é abundante de objectos de prata. Tem no altar-mór duas lampadas de prata, de excellente lavor, e o lampadario de ferro tambem é obra de merecimento, feita no arsenal do exercito pelo desenho de Jeronymo Correia Lage. Na capella do Santissimo ha tres lampadas de prata. Possue mais, cruzes e cereaes de prata, para a irmandade e collegiada, e seis lanternas do mesmo metal. São estes os objectos de maior valor, pois que talvez tenha thuribulo, naveta, e algum outro de menos importancia.

Está concluida a descripção da egreja e todo o edificio; daremos agora noticia das obras que se fizeram na sua restauração. Temos á vista o relatorio que a mesa da irmandade apresentou aos seus irmãos, ácerca da restauração da

egreja. É um trabalho bem feito, e d'elle vamos aproveitar-nos.

Só em 18 de março de 1774 se benzeram a capella-mór e as duas do cruzeiro da nova egreja construida depois do terramoto; e só em 1783 se concluiu toda a obra. Desde então conservou-se o templo no mesmo estado, sem haver alguma restauração, cuja necessidade de dia para dia era reconhecida. A mesa actual metteu hombros á empresa, e saiu-se bem d'ella, porque a restauração foi dirigida com muito acerto.

Foi no dia 12 de junho de 1865 que se deu principio ás obras da restauração, as quaes findaram no mez de julho d'este anno de 1866.

Nos dias 29 e 30 do dito mez de julho foi a egreja sagrada pelo em.^{mo} cardeal patriarcha, conforme o ritual, e no dia 5 se abriu solemnemente, tendo-se feito no dia 4 a trasladação do Sacramento da capella provisoria para a sua, na egreja, e tendo-se cantado vesperas e matinas, ás quaes assistiu o eminentissimo patriarcha, bem como á missa solemne do dia 5.

Todas estas solemnidades foram executadas com grandesa e com o maior acatamento religioso, circumstancias que sempre acompanham as ceremonias do culto n'esta parochial egreja.

As obras que se fizeram foram as seguintes:

A restauração de todas as pinturas tanto das capellas como do tecto, a qual foi confiada ao distincto professor Antonio Manuel da Fonseca, e com elle ajustada pela quantia de réis 1:485$000.

Doiradura da talha de todas as capellas, que ficaram realmente mui vistosas, sendo notaveis as banquetas dos altares pela delicadesa da talha.

Doiradura do coreto o ornatos do orgão, o qual foi apeado para se limpar, burnir e afinar, trabalho commettido ao organeiro Thomaz del Castillo, e que depois foi verificado pelos professores José Rodrigues Palma, antigo organista da mesma egreja, Francisco Manuel Gomes Ribeiro, organista da sé patriarchal e Joaquim Barbosa Lima.

Ampliar a sachristia da collegiada com uma casa que lhe ficava contigua; e collocar n'ella, como já dissemos, o altar, retabulo e quadro, que estavam no cemiterio. Ignora-se a época em que foi feito o baixo relevo, mas julga-se

ter sido da primitiva egreja: fr. Apollinario não menciona nenhum quadro, que se deva suppor ser o que está agora na sachristia.

Estucar e pintar a capella do baptisterio, em cujo cancello se collocou a inscripção já referida.

Estucar e pintar o camarim da capella-mór, a sachristia da collegiada, e os arredores.

Extrahir dos arcazes e portas da sachristia, e do guardavento da egreja as tintas que ineptamente lhe haviam sido dadas, e encobriam a excellente madeira de que são feitos.

Limpar e burnir todos os marmores e cantaria.

Canalisar o gaz para o introduzir nos corredores, antesachristias, escada do coro, e casa contigua, guardavento e adro.

Além d'estas obras, outras se fizeram, como dourar tocheiros, pratear castiçaes, reformar differentes utensilios, e comprar outros objectos para embellesamento da egreja.

Em todas estas obras dispendeu a irmandade 9:072$100 réis. Na limpesa e afinação do orgão dispenderam-se réis 273$600.

As obras de carpinteria foram entregues ao mestre Antonio João de Sousa Alves, as de doirador, ao mestre Joaquim Antonio Rodrigues Velloso, e as de canteiro, ao mestre Paulo Duarte, e dirigiu toda a obra o irmão procurador Marcellino Domingos Velloso.

Agora que temos concluido tudo quanto nos occorreu dizer para tornar bem conhecida a parochial egreja dos Martyres, faremos algumas observações que nos parecem opportunas.

Julgamos que se devia remover o docel que está sobre a boca da tribuna do altar-mór, imitando-se o exemplo da egreja de S. Julião, porque o docel desfeia toda aquella obra, e não deixa gosar o prospecto do retabulo.

Tambem entendemos que a irmandade deve prescindir. para sempre, de armações, que valem menos que as cantarias e marmores, com que se revestem as paredes do templo. Na simplicidade ha mais formosura e mais gravidade como convem á casa de Deus. As armações tão proprias para egrejas sem ornato, de paredes despidas de marmores.

Parece-nos que para a ordem e policia dos templos, nada convem mais do que os fieis conservarem-se sentados

durante os officios divinos por isso aconselhamos a irmandade dos Martyres, a que mande collocar bancos no corpo da egreja, porque assim conservará maior respeito no seu templo [1].

E aqui pomos ponto n'este escripto.

[1] Ambas as indicações foram adoptadas; o corpo da egreja tem bancos, e a irmandade prohibiu o uso das armações.

COSTUMES E MODAS VELHAS

I

Eram as procissões, no seculo passado, uma das grandes distracções do povo d'esta boa cidade de Lisboa, e, dizendo povo, comprehendemos todas as classes. As beatices eram de moda; e autos da fé, procissões, lausperennes, novenas, entremeadas de funcções de toiros, compunham quasi exclusivamente o entretenimento de todas as classes.

Ver queimar meia duzia de judeus ou christãos novos, em grandes fogueiras, admirar os esplendores dos espectaculos ao divino, foram os enlevos dos tetravós d'esta geração menos devota, porém mais humana, menos religiosa, porém mais culta, que as suas antecessoras.

Um dia de procissão era um dia grande para a janotada da época. Quatro eram as principaes procissões—a de quarta feira de Cinza, que saía de S. Francisco; a do Triumpho, do Carmo; a do Corpo de Deus, e a da Annunciada.

A da Cinza fez-se ahi ha tres ou quatro annos, mas não continuou o fervor dos devotos Terceiros. A do Carmo foi restaurada por um devoto, que para isso deixou um legado. A da Annunciada não se fez mais, depois do terramoto de 1755.

A procissão dos Passos da Graça era das principaes; todavia, não era tanto moda como as outras, para os luzimentos dos faceiras e franças do principio do seculo passado.

Feliz tempo, pela ingenuidade com que o povo se entretinha n'estes espectaculos, sem comprehender o que n'elles havia de profano, e o quanto se oppunham á gravidade e decencia do culto, por se exporem as imagens e a representação de actos religiosos ás irreverencias da multidão!

Comtudo, no meio d'esta beatice, não deixaram de apparecer criticas e satyras aos costumes da época.

Na descripção das obrigações de um bom *faceira*, tem chiste a noticia dos empregos a que se dava o janota d'esse tempo. Diz a pragmatica *turina:*

«Tomará de cór os romances do Chagas, gabando-lhes muito a doçura, como se fôra aquelle mel para a sua boca. Estudará epithetos que é prata quebrada para os encontros. Ás damas encobertas chamará—sol entre nuvens;—ás sisudas—Venus maduras;—ás desenvoltas—chocarreiras de Venus;—ás de leque—peste de neve, que matam pelo ar;—ás de luto—hypocrisias de alcorce, ou crocodilos de nata, que matam e lamentam, encaixando-lhe a glosa de que trazem o que não tem;—aos olhos negros, chamará—figas de Cupido;—aos verdes—negação da esperança;—aos azues—ciume da vista;—aos pardos—traições á beata;—aos pés chamará—onças de neve;—ás mãos—jasmins de carne;—e por este estylo lhes irá pondo cada feição em cada parte com dono: finalmente, chamará a toda a mulher—senhora—ainda que seja criada.

«Sobretudo (e este será o seu maior emprego e mais proveitoso, em todo o rigor do ritual turino) cairá no peccado original de freiratico, exercicio, em que aproveitará toda a doutrina d'esta turina quotidiana; já estafermo na portaria, já centurio na egreja, achando-se sempre prompto a todo o motim de alentos, como quadrilheiro de Cupido; e assistente a toda a bateria de donaires atiplados, como soldado de Venus. já na atalaya da janella, já na cilada da roda, já na estacada da portaria, já no baluarte do mirante, não fallando nunca no campo, como alferes do leme.»

. . . . . .

«Será obrigado pela quaresma a saber onde se ha de exercitar:—ás quartas de tarde, no Carmo; ás quintas de manhã, na Trindade; ao sabbado de tarde, na Graça; ás terças de dia, em S. Domingos, ou onde houver mais bulha; venturoso do que poder enfiar duas egrejas, e desobrigar-se em duas freguezias.

«Em dia de procissão tomará pilulas de azougue, sem parar em uma parte, espalhando-se como espadana pelas ruas, bebendo janellas, engulindo cortinas, e ajuntando a isto um chapeu tão limitado, que se lhe conforme com a

cabeça; uns sapatos tão compridos, que não pague só os altos de vazio; quitó (espadim) de nascer, casaquinha de arregaçar, luvas de manópla e gravata de creança. E se tiver sege supponha que esgotou a sua felicidade.»

Eis os divertimentos de um bom janota de 1740.

Os freiraticos tiveram má vida nos ultimos annos do reinado de D. João V, o rei freiratico por excellencia; mas a tanto chegou o abuso, que se deram assaltadas ás portarias dos conventos, e eram presos os que lá se achavam.

A bandarrice vadia, ou mesmo a que tinha occupação, nas horas vagas, e em dias de preceito, pairava nos largos das egrejas, ou nas esquinas, namorando de estafermo ou de estaca, conforme estava ou não encostado, em posição, de lenço na mão, que era o *alcoviteiro das distancias*, na phrase do ritual, *em que se negoceiam correspondencias*. Depois devia ir *escudeirando* aquella que mais lhe agradára ou melhor correspondera, até que entrasse em casa, esperando sempre que viesse á janella reconhecer os biocos namoratorios do bom faceira.

Nas quintas feiras havia comedia nova no Pateo das comedias, da rua das Arcas ou do Bairro Alto. Desde 1739, houve opera no theatro da rua dos Condes, sendo as damas e bailarinas do bello sexo, e não do sexo feio, como depois se usou, e como antes o esplendido Luiz XIV, tinha consentido nas magestosas festas de Versailles, em que os personagens femeas dos intermedios foram barbados. Singular mau gosto de um rei que tanto protegeu as bellas artes!

Mas á quinta feira não devia o perfeito faceira faltar á nova comedia, era do ritual; comtudo o divertimento do theatro não tinha o apreço nem a estimação dos espectaculos ao divino: era n'estes que se ostentavam todas as galas e luzimentos da bandarrice.

Para as senhoras tambem havia preceitos nos dias de procissão: «Se for ver procissão de janella»,—dizia a pragmatica da turina—vá toucada á allemoa, que é agora a côr que anda na dança das modas. Leve broches, manilhas, signaes em quantidade, pondo-os n'aquellas partes em que fizerem o rosto engraçado. Prese-se muito de ter as mãos bem feitas. Esteja sempre concertando o broche que levar no peito. Morda sempre os beiços, com presumpção de ter a bôca pequena. Esteja com ar de riso na cara, que faça as

feições agradaveis. Na janella estará pegando na cortina, em meio perfil, a modo de que não quer que a vejam, mas sempre mostrando-se, e não falte leque com que se abanar, porque toma-se melhor sentido.»

Desde já vamos offerecer ás leitoras uma noticia sobre os *signaes* que então se punham na face, visto que a moda parece, pouco a pouco renascer. Estimarão as leitoras saber como eram considerados os *signaes*, e aquelles que mais expressão podem dar ao rosto, e mais a definem para agrado e feitiço, que sempre o bello sexo tem em vista.

O signal da testa chamava-se *magestoso*; — o das fontes, proximo da orelha, *discreto*; — o do canto do olho, *apaixonado*; — o do nariz, *atrevido*; — o da face, *galante*; — o da covinha da face, *folgasão*; — o do canto da bôca, *beijocador*; — o dos labios, *garrido*; — o do pescoço, por detrás da orelha, *tentador*; — o da barba, *provocador*; — o do riso, *magano*; — sobre uma borbulhinha, *encobridor*; — debaixo dos olhos, *desatinado*; — no canto do nariz, *louquinho*.

Estes são os signaes de mais effeito; ainda ha outros, mas não são tão expressivos.

Saber pôr um signal não é coisa facil. Um signal posto sem regra, é uma mancha na pelle; mas bem calculado é como o acento na vogal, dá certo tom á physionomia; o olhar torna-se mais *aberto*, mais *agudo*, o sorriso é mais expressivo, e attrahe e prende mais a attenção dos homens.

É um agradavel ponto de mira.

Mas tudo isto se liga aos polvilhos e ás unturas, isto é, á mascara que a moda obriga a mulher a pôr na cara, porque não ha composturas que tenham a formosura da naturalidade, nas que são formosas. A mascara só póde aproveitar ás *feias*.

Vejam a definição do que é *signal*, conforme a dá o padre Bluteau: — «Signal é um pequeno retalho de tafetá negro, que a engenhosa vaidade das mulheres inventou para realce da alvura do rosto, ou para cobrir borbulhas e outros *atrevidos desdouros* da formosura.»

É prosaica a definição do erudito padre, porém, em muitos casos, os *elegantes signaes* encobrem realmente os taes *atrevidos desdouros*.

Sempre foi opinião corrente que não havia coisa que

tornasse a conversação mais espirituosa, mais elegante e deliciosamente mordaz do que os signaes. São estes um requebro, uma meiguice, um galanteio; augmentam a expressão da physionomia, e a expressão da physionomia anima a conversação, dá-lhe colorido. Um rosto, em que não transluz a vivacidade do dialogo, a emoção, as variedades cambiantes do pensamento, é como uma superficie gelada, um accidente, que communica o frio a todos que a contemplam.

Mad. de Stael diz que a conversação é a maneira de influirem uns sobre os outros, de procurar um prazer mutuo, de dizer o que se pensa de si proprio, de manifestar o seu espirito na voz, no gesto, no olhar, de produzir a seu sabor uma especie de electricidade, que faisca...

Ora bem, os signaes não dão certo matiz, certo tom á physionomia, por conseguinte á manifestação do espirito?

Os signaes têem essa jucunda electricidade espirituosa; quando uma mulher sorri, parece que os signaes scintillam. E assim é, que aos proprios homens se lhes aviva o espirito, e assim é que a conversação se torna mais expressiva. A época dos signaes foi a época da conversação por excellencia.

Tantas modas que hoje ahi vemos, já são bem velhas. O engenho feminino tem restaurado muitas das modas, que ha mais de trezentos annos eram o adorno e o enfeite do bello sexo. Parece que n'esta parte a civilisação moderna não tem adiantado muito, ou que o espirito inventivo das mulheres se exhauriu. Sempre as mulheres gostaram de parecer bem, e sempre houve moralistas tetricos para lhes condemnarem as garridices e os luzimentos do vestuario. como se o parecer bem não fosse uma virtude na mulher.

Já Garcia de Resende, que viveu na primeira metade do seculo XVI, dizia:

«Gastos mui demasiados
vemos nas damas casadas
em joias, prata, lavrados,
perfumes e desfiados,
tapessarias dobradas,
as conservas, o comer,
vestidos, donzellas ter,
as camas, os estrados;
vimos por vinte cruzados
luvas de coiro vender.
. . . . . .

«As portuguezas honradas
vimos por deshonra haver,
no rosto e face poer,
e trazer averdugadas,
e tambem vinho beber;
por deshonra haviam,
as que taes coisas faziam.
. . . . . .
Os portuguezes sabiam:
ser nas armas mui destrados,
animosos ser sabiam
os homens mui delicados
por homens fracos haviam.
. . . . . .
«Depois foram tão polidos
tão ricos, tão atilados,
tão doces, tão luzidos
e tão cheios de esmaltados,
cabelleiras e tingidos
e em gastar desordenados
e tantos trajos mudados.»

. . . . . .

Desfiados eram uns pannos de linho de que se tiravam os fios por intervallos, e com tal ordem e correspondencia, que com elles se ornavam as sanefas das camas, e a lei sumptuaria de 1643 prohibiu o uso d'esses pannos.

Ás verdugadas chamaram-se depois — guarda-infantes — donaires — merinaques — e balões, e tudo é a mesma coisa. Vemos as saias encarnadas, que já ha duzentos annos se usaram por cima dos guarda-infantes, ou balões, como mostram estes versos d'aquelle tempo:

Traz na *polheira* encarnada
Onde faz gala do atroz,
Ferindo fogo o donaire
Matando de ar o rigor.

O estylo dos versos é *nebuloso* á moda seiscentista.

Polheira se chamava a primeira saia que se punha sobre o guarda-infante, porque se usaram duas.

II

O requinte dos requebros femininos e da moda tambem teve grande voga em Portugal nos ultimos annos do reinado d'el-rei D. João V, e nos tempos d'el-rei D. José e da rainha D. Maria I.

As *franças* e as *secias* imitavam as modas importadas de França com affan egual ao com que as nossas elegantes e

senhoras do tom hoje as copiam. Todas as exaggerações, todos os disparates, todos os ridiculos eram abraçados com enthusiasmo, e a tal ponto chegou que ás elegantes do tempo de D. João V se dava o nome de *frânças; francezia*, e *francezismo,* se chamava á moda.

O luxo n'essa época subiu tanto de ponto que el-rei D. João V publicou a lei chamada a Pragmatica, para pôr cobro ás demasias da gente da moda, que em meras superfluidades e com grande ruina das suas casas, dispendia immenso cabedal.

Eram essas as idéas economicas d'uma época em que, se julgava que o luxo devia ser prohibido, em beneficio da riquesa publica. Certo é que mui notavel era a magnificencia e a grandesa então usadas.

As mulheres, particularmente, nos seus vestidos empregavam o maior luxo e as galas mais requintadas. As fazendas mais custosas, a fina pedraria, as perolas, os enfeites mais esplendidos eram vulgarissimos entre as pessoas abastadas e do grande mundo. As modas eram talvez mais exaggeradas que hoje, os arrebiques, os polvilhos, os signaes, os donaires, que ha muitos annos cairam em desuso, de certo não tem com que possam comparar-se nos *toilettes* modernos.

Reviveram os donaires, e por ventura as outras usanças ainda virão a ser moda, mas por em quanto, nem estas, nem outras que as substituam ainda se adoptaram.

Vimos ha tempos um folheto impresso em 1751 com o titulo de—«Testamento de uma França, repartindo pelos con«ventos pobres as suas melhores galas e fazendo outras «obras pias, por causa da Pragmatica »

O folheto diz ser impresso na Catalunha, sem indicação de logar, mas naturalmente suppoz-se isto para escapar á censura que o não deixaria correr: e naturalmente correu a occultas.

A *França* começa fazendo as suas lamentações e expondo o seu arrependimento da vida desgarrada que levára, e entre outras coisas diz:

Cauzando a meus paes
  tamanhos gastos,
Talvez sendo-lhe acredores,
Tendeiros da capella
  e mercadores:
Trabalhando noite e dia
Para manter a minha
  francezia;
Sem me causar abalo,
Dava-me a barriga ás
  vezes um estalo.

Depois a triste *França* começa a dispôr das suas alfaias, das suas galas, das suas roupas e arrebiques em favor de varios conventos, acompanhado tudo de seus remoques aos vicios, que já então dominavam nas communidades religiosas.

A *janota* do anno da graça de 1751, tinha um rico inventario, dispunha de meias bordadas—espartilhos—fitas de cintura com ricas bordaduras—saias de veludo—contas de oiro—roupinhas bordadas de prata e oiro—charpas bordadas de oiro e prata—guarda-pés matisados de oiro e prata—leques de marfim—pelatinas de arminho—pulseiras—manguitos riquissimos—sapatos bordados—caixinhas de signaes—frasqueiras d'agua de flôr—alcanfor—circilios—borla de polvilhas—frascos de oleo de jasmim—papelinhos de pós de França—frascos d'agua de Cordova e da Hungria—caixinhas de macilha—sabonetes de cheiro—pomadas, muitas unturas e outros ingredientes.

Ora aqui tem os leitores que uma *França* do seculo XVIII não ficava a dever nada no luxo e requinte da *toilette* a uma *janota* do seculo XIX.

E ainda n'este inventario se não enumeram os donaires, ou anquinhas, que tão usadas foram.

E o vestuario d'então não tinha a compostura do de hoje. A mulher actualmente é muito mais reservada, encobre com mais recato os seus encantos; se nem os pés deixa vêr!

Em quanto aos costumes estão ahi os moralistas da actualidade a chorar a desenvoltura de hoje, e a apontar-nos para o resguardo, compostura e recato de ha um seculo. É um engano. E depois, é uma mania; cada seculo trata-se a si proprio com despreso, e lamenta os bons exemplos dos passados, que não são seguidos.

Tambem temos á vista um folheto, impresso em 1746, intitulado *Definição da Secia;* como o que mencionamos acima, diz-se suppostamente impresso em Venesa, para escapar ás garras da censura, e de certo esta não o deixaria correr, porque é uma satyra violenta contra os costumes do seculo. N'elle se apontam como predominando geralmente bastantes vicios, que os taes moralistas d'agora, nos querem fazer crêr que são exclusivos d'esta época.

N'aquelles bons tempos não havia jornaes, apenas se publicava a *Gazeta de Lisboa*, que dava as noticias estrangeiras, as da côrte, e poucas do reino. O *noticiario* jornalisti-

co ainda não era conhecido; era em folhetos avulsos, que ao povo se noticiavam os casos raros e os successos notaveis; e era tambem em folhetos avulsos, e publicados a occultas da censura, que alguns espiritos mais livres ousavam descobrir as mazelas do tempo. A censura não consentiria por modo algum que se pozessem a descoberto os vicios das differentes classes. Quem se atrevia a contar os escandalos sacerdotaes, que não eram poucos? Quem ousaria referir as liberdades dos freiraticos? Quem teria a coragem de pôr em publico os abusos dos altos funccionarios?

É por isso que hoje nos parece que havia mais moralidade n'esses tempos, por que os meios de publicidade eram nullos.

O auctor da *Definição da Secia* foi violento a tal ponto, que ha coisas no folheto, que não teriam cabimento n'um jornal que se respeite. Mas ahi temos uma prova de que os nossos maiores não eram mais exemptos de vicios do que os seus descendentes.

Por *Secia* se entendia a moda e a mulher da moda; eis aqui as principaes classificações da *Secia:*

Secia de letras — Secia poeta — Secia de tribunal — Secia ecclesiastica — Secia namorada — Secia fidalgo — Secia jarreta — Secia de esquipação — Secia jacobeo.

Isto no que respeita aos homens, em quanto ás mulheres, subdividia-se assim:

Secia de viuva — Secia de freira — Secia de casada — Secia de menina solteira — Secia de mulher-dama.

Ainda havemos de tratar de todas estas *Secias* mais por extenso, por que é um curioso estudo de costumes.

O auctor resume a definição n'estes termos: «Secia é «uma asneira, que introduzida se vê hoje em Lisboa uni-«versalmente.»

Como panno d'amostra dos costumes da época, vamos apresentar a seguinte especie:

«Secia casada, senhora de Secia, pois tem carruagem, marido de estrondo, casas grandes, ainda que por amor d'isto se preguem muitos calotes; sustenta sege, ainda que se não olhe para a reputação, pois honra e proveito não cabem n'um sacco.»

Como estas ha muitas com que mimosearemos os leitores, e tambem com outras feições caracteristicas da época, em que o beateiro acompanhava o desregramento dos costumes.

Isto fica para outra vez.

III

O uso das cabelleiras foi vulgar entre os romanos.

Era luxo e moda esse ornato postiço, especialmente nas mulheres, e as cabelleiras loiras eram as mais estimadas, porque os cabellos loiros se consideram como um dote de formosura.

Ovidio, na *Arte de amar*, diz que as mulheres ostentavam as espessas cabelleiras que compravam, e nem se envergonhavam de as comprar publicamente, e que elle presenceára tão vergonhoso trafico em face do proprio Hercules e das Nove Irmãs. E nos *Amores*, na elegia a uma donzella que encalveceu de repente, se expressa assim: — A Germania te mandará cabellos de escravos, e a uma nação vencida deverás os teus adornos.»

Da Allemanha vinham as cabelleiras, especialmente as loiras.

No meado do seculo XVII renasceu o uso das cabelleiras, e tornaram-se moda a tal ponto, que homens e mulheres usavam d'esse vergonhoso adorno. Mudaram de fórma, mas foram sempre moda quasi até aos fins do seculo passado.

Em 1672, o senado da camara de Lisboa fez-lhes crua guerra, e n'uma mui curiosa consulta, pediu ao principe regente D. Pedro, que as prohibisse.

Em tres consultas successivas, uma de 12, outra de 17, e outra de 19 de outubro de 1672, o senado pediu ao principe regente que refreasse o luxo, pelo grande damno que d'ahi resultava ao reino, causando a ruina dos particulares com as despesas superfluas a que se entregavam. E na consulta de 17 de outubro dizia que o rei de França fixára em pragmaticas o uso do oiro e prata nos vestidos, nas casas, nos coches etc. — «intentando por este meio, diz o senado, «reduzir o oiro e prata ao seu verdadeiro uso, que é o da «moeda.»

Eram estas as idéas economicas do tempo. Eram boas para então.

Eis aqui a parte da consulta de 19 de outubro, que se refere designadamente ao uso das cabelleiras:

«Pareceu representar a V. A. que o uso das cabelleiras

se tem desordenado de modo, que é preciso moderar a demasia em que se pratica; assim convém ao serviço de Deus e de V. A., porque trazer cabelleira quem por achaque necessita d'ella, póde permittir-se; mas cortarem os homens os proprios cabellos e trazerem os alheios artificiosamente compostos, é coisa indigna.

«É consideravel o dinheiro que hoje n'ellas se gasta, e se leva para fóra do reino, saindo d'elle prata por cabellos. Ha cabelleira que custa cincoenta e sessenta mil réis; e consta que para o estado da India se tem mandado, ha annos a esta parte, grande quantidade d'ellas, que se venderam por preços excessivos, de que tiraram consideraveis interesses as pessoas que as remetteram.

«Queira V. A., por serviço de Deus e pelo zêlo que tem do bem publico, atalhar este damno, que os venesianos atalharam prohibindo as cabelleiras totalmente, mandando queimar as que havia, movidos de mais rasão ainda, que do da inutil despesa, estrago dos costumes, porque tambem acharam que faziam grande damno á saude, e punham em perigo de um contagio, por serem os cabellos d'ellas ordinariamente vindos de hospitaes e eirados de enfermos, que pelo estarem os cortam para venderem.

«Passa esta desordem do adorno da cabeça ao mimo das mãos, trazendo-as muito resguardadas em regalos. Convém que V. A. atalhe este damno, prohibindo todo o genero de cabelleiras, permittindo-as sómente aos que por rasão de achaque necessitem d'ellas; prohibindo outrosim, que os homens tragam regalos nas mãos e leques. Os regalos prohibiu V. A. já na pragmatica de 8 de junho de 1668, como tambem o andar desabotoados, que de novo se deve prohibir.»

Não achamos nas pragmaticas de 13 de abril de 1668; 9 de agosto de 1686; 14 de novembro de 1698; 6 de maio de 1708; 24 de maio de 1749, nenhuma prohibição relativa ás cabelleiras, posto que as cabelleiras que viessem de fóra, obradas em seda, naturalmente não eram admittidas. Parece, por conseguinte, que se consideron o uso das cabelleiras mui licito, e em coisa alguma opposto ao *bem do reino e serviço de Deus*, como entendia o senado de Lisboa.

A pragmatica de 13 de abril de 1668 prohibiu o uso dos regalos nas mãos aos homens, e só o permittia ás mulheres;

e no mesmo artigo era tambem prohibido o uso das bengalas.

O mais singular é que na pragmatica de 3 de junho de 1535, não se permittia aos homens que usassem de luvas perfumadas.

E n'esse tempo havia em Lisboa um certo numero de mulheres, que se empregavam exclusivamente em perfumar luvas.

O que parece certo, é que as pragmaticas nunca foram observadas. Se logo que eram promulgadas, havia algum rigor na sua observancia, pouco depois se relaxavam. E assim era natural, porque em tempo algum foi possivel pôr cobro ao luxo e ás modas.

Da citada consulta de 19 de outubro, se vê que era mui vulgar, n'aquella época, os homens usarem de leques.

No seculo XVII, já se tinham perdido os costumes severos e rudes dos seculos anteriores. Começava a molicie a dominar, e os homens tornavam-se effeminados. As leis de então bem o mostram.

IV

Os trages das damas, no principio d'este seculo, diferiam essencialmente dos que ellas usam hoje.

Então era a ultima moda, o extremo da elegancia, sairem as damas a passeio ou irem á egreja de vestido muito decotado, e manga curta. Os vestidos eram esguios e curtos, e a cintura tambem curta. De maneira que as mulheres mal disfarçavam as fórmas do seu corpo.

Hoje o vestuario das damas é composto por tal modo, que as fórmas do corpo se occultam em amplas capas, manteletes e mantos. Os vestidos que em 1804 se levantavam do chão um ou dois palmos, hoje são roçagantes, e vão varrendo as ruas. Os vestidos são afogados, e os chailes ou capas occultam cuidadosamente os hombros e as espaduas. O pé, que, n'outras eras, se deixava ver, com singular coquetismo, agora esconde-se como envergonhado. Os braços ostentavam as suas fórmas esbeltas, agora somem-se nas manguinhas e nas mangas dos casacos e das capas.

Emfim, as damas no principio do seculo, andavam embiocadas n'uns chapeus de abas compridas e de um feitio exquisito.

Mas, segundo parece, a auctoridade policial, em 1804, embirrou com o vestuario ligeiro das mulheres, e tratou de prevenir que a moda se propagasse. Perdeu o seu tempo, porque ainda existe muita gente que se lembra, e que até usou, d'essas modas, havendo ainda alguns vestidos d'essa época guardados preciosamente.

Achámos a copia de uma circular da intendencia geral da policia, aos corregedores de bairro d'esta cidade, afim de obstar ao uso das modas do tempo. É um documento curioso e caracteristico da hypocrisia da época. Dizia assim o intendente geral da policia.

«N'esta intendencia consta que algumas alfayatas, denominadas modistas, inventam diariamente modas de vestidos para pessoas do sexo feminino, espalhando bonecas que fazem, e outras figurinhas em pintura, para cujo fim tem ganhado alguns artistas; cujas modas tem levado ao ponto de fazerem com que algumas das mesmas pessoas appareçam no publico quasi nuas, e em trages tão indecentes que escandalisam a modestia e provocam os homens a fins libidinosos. V. m.ce por tanto chamará á sua presença ás ditas alfayatas ou modistas que assistirem no seu bairro, e depois de as advertir seriamente para se absterem de fazer vestidos ás pessoas do sexo feminino, de fórma que offendam a modestia e santa religião, que temos a fortuna de professar, e emfim alheios d'aquelle caracter e gravidade de que tanto se honrou sempre a nação portugueza, lhes fará assignar termo em que se obriguem á execução do referido, debaixo da pena, no caso que continuem a praticar o que lhe prohibem, de serem reclusas na casa da correcção do castello de S. Jorge d'esta cidade, cujos termos depois de v. m.ce os julgar por sentença, os remetterá á secretaria d'esta intendencia juntamente com uma relação dos nomes e moradas das referidas alfayatas ou modistas. Recommendando muito a v. m.ce que esta diligencia seja executada com aquella prudencia e moderação que ella exige.

Deus guarde a v. m.ce—Lisboa, 26 de março de 1804. —*Diogo Ignacio de Pina Manique.*

Pouco depois d'essa época o reverendo frei José de S. Cyrillo Carneiro, carmelita calçado, publicava um prospecto de uma obra sua contra os francezes e contra as modas femi-

minas. A respeito d'estas dizia que na referida obra se mostrava «que é peccado mortal não só andarem as mulheres nuas, como andam, já nas espaduas, já no peito, já nos braços, fazerem-se mais formosas caiando-se, e virem á egreja de cabeça descoberta, mas tambem consentir-lh'o quem n'ellas tem auctoridade.»

Apesar da perseguição feita ás alfayatas ou modistas, apesar das vociferações dos mais escrupulosos, os vestidos curtos e decotados, as mangas curtas, os penteados monstruosos triumpharam, e as senhoras do melhor tom usavam as modas proscriptas.

O mais notavel é que mesmo no inverno, as mulheres não deixavam as suas modas favoritas, parece que não sentiam o frio.

Comtudo apesar da immodestia dos trajes de então, e do recato dos de hoje, os costumes de agora não valem mais que os do principio d'este seculo.

A BATALHA NAVAL DE MATAPAN

I

É sabido que el-rei D. João V, a rogos do papa, mandou uma esquadra, em soccorro dos venesianos contra os turcos, no anno de 1716, saindo a esquadra do porto de Lisboa, no dia 5 de setembro d'aquelle anno.

Esta esquadra constava de seis naus, um brulote, uma tartana e um transporte, com 390 peças e 2581 praças de guarnição, e era commandada pelo conde do Rio Grande.

Foi até ao porto de Messina a esquadra, e como ahi soubesse que os venesianos haviam obrigado os turcos a levantar o bloqueio da ilha de Corfú, regressou para Portugal.

Porém, no anno de 1717, saiu nova expedição em soccorro dos venesianos, para operar conjunctamente com as esquadras de Malta, de Venesa e do papa, contra os turcos.

Esta expedição compoz-se dos mesmos navios da anterior, com pequena alteração, tanto no numero das naus, como no pessoal.

Entre os manuscriptos da Bibliotheca Nacional, encontrámos um *Diario* d'essa expedição escripto por um official da guarnição de uma das naus; cremos que é inedito.

O titulo do manuscripto, é este:

«*Diario e relação da armada, que foi a Italia, em soccorro dos venesianos, este presente anno de 1717, a qual mandava o conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça. Pelo capitão Lourenço Justiniano Ribeiro Soares, que n'ella se achou.*»

Por baixo do titulo, lê-se a seguinte nota:

«É todo da sua letra, que o trasladou para m'o dar a mim.—*D. José Barbosa*».

Acompanha o *Diario* uma carta em verso com este titulo:

«*Carta que o capitão Lourenço Justiniano Ribeiro Soares escreveu da armada ao coronel da fortaleza de S. Julião da Barra, Francisco Xavier de Castro, dando-lhe conta de algumas cousas que succederam na viagem, este presente anno de 1717, a qual mandava o conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça.*»

No fim tem esta nota:

«Esta carta muitos a trasladaram, mas com tantos erros, que eu a não conheci quando m'a mostraram.—O sargento mór, *Lourenço Justiniano Ribeiro Soares.*»

Esta carta, a que o proprio auctor chama romance, consta de 109 quadras de versos detestaveis. O sargento-mór era calligrapho, porque as lettras iniciaes do titulo e do texto do *Diario* e da *Carta* são de phantasia e coloridas.

Segundo já dissemos, cremos que o *Diario* é inedito, por isso julgámos curioso apresentar alguns extractos d'elle, que são interessantes, incluindo a relação minuciosa da batalha do cabo Matapan, em que a nossa armada se houve com galhardia. O auctor foi testemunha de vista, e não se mostra parcial, porque nota os erros e as faltas da esquadra portugueza.

Cumpre advertir que o capitão Ribeiro Soares, se era máo poeta, tambem não era melhor prosador: tivemos de corrigir o manuscripto, mas não tanto que ainda não ficassem bastantes incorrecções.

Começaremos hoje por darmos a relação dos navios que compunham a armada. Contem alguns promenores, que não vem na noticia que a *Gazeta de Lisboa* deu, por occasião da saida da armada, nem o sr. conselheiro Celestino Soares os menciona nos seus primorosos quadros navaes.

Em pequenas coisas não confere a relação do capitão Ribeiro Soares, com a *Gazeta;* mas não teem importancia.

Depois proseguiremos nos extractos do referido *Diario*, manuscripto.

Eis-aqui a noticia da saida da armada:

«A primeira nau era *Nossa Senhora da Conceição*, em qui ia o conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça, almirante da armada real de Portugal, por cujo cargo levava a bandeira redonda no mastro do traquete. Levava 70 peças, todas de bronze; as da bateria de baixo, eram de calibre de 24 libras de bala, e de 36, tiradas da fortaleza de S. Julião da Barra. Na bateria de cima, eram de 12 libras de bala; e as de cima da tolda de 8. Levava 650 praças, em que entravam cinco companhias de infanteria do regimento da armada, e a dos granadeiros do meu regimento, que é o da guarnição da corte, de que é coronel Pedro Gonçalves da Camara Coutinho, e o capitão se chama Manuel Joseph.

«Seguia-se a nau *Nossa Senhora do Pilar*, que era nova, feita na Bahia, muito grande e forte, em que ia o conde de S. Vicente, Manuel Carlos de Tavora; com 84 peças de artilheria de bronze e ferro; na bateria de baixo, era de calibre de 18 e 24 libras de bala, na bateria de cima de 12, e sobre a tolda de 8. N'esta nau ia eu embarcado com a minha companhia de guarnição. Levava 760 praças, em que entravam sete companhias de infanteria, tres do meu regimento de que eram capitães José Ribeiro Preto, Manuel Borges de Figueiredo e Lourenço Ribeiro Soares, e duas do regimento de Cascaes, a dos granadeiros de que era capitão Matheus Alvares Coutinho, e a do capitão Agostinho Falcão, e a dos granadeiros de Peniche, capitão.... e uma do regimento da Junta, de que era capitão Manuel Pereira, e duas companhias do regimento de artilheria. E esta nau era a almirante da esquadra; e como o conde de S. Vicente é sargento-mór de batalha do mar, levava a bandeira redonda no mastro da mezena.

«A terceira nau era *Nossa Senhora da Assumpção*, em que ia Pedro de Sousa Castello Branco, coronel do regimento da armada, e era fiscal da esquadra. Levava a bandeira farpada, no mastro da mesena. Com 64 peças de bronze e ferro, de calibre de 18 e 24 libras de bala, na bateria debaixo, e na de cima de 12, e sobre a tolda de 8. Com tres companhias de guarnição do seu regimento da armada. Levava 400 praças entre toda a gente.

«Seguia-se a fragata *Nossa Senhora das Necessidades*, em

que ia o capitão de mar e guerra Gille de Bocage. Com 64 peças de ferro e bronze, de calibre de 18, 24 e 12. Levava de guarnição tres companhias, uma do meu regimento, de que era capitão Dionisio Franco Bisro, e duas do regimento de Cascaes de que eram capitães João de Sousa, irmão do correio-mór, e Francisco Martins. Levava 500 praças entre toda a gente.

«A outra nau era a fragata de S. A., a *Rainha dos Anjos*, com 52 peças de ferro; na bateria de baixo do calibre 12, e na bateria de cima, de 8. Com tres companhias de guarnição do regimento da armada. Com 350 praças. O capitão de mar e guerra era José Pereira d'Avila.

«Da fragata *S. Lourenço*, era capitão de mar e guerra Bartholomeu Freire. Levava 54 peças de ferro, do calibre de 12 e 8 libras de bala. Com tres companhias de guarnição do regimento de Peniche. Com 360 praças entre toda a gente.

«Em a nau *Santa Rosa*, ia o capitão de mar e guerra João Baptista Bolhane, natural da ilha de Corsega. Levava 60 peças de ferro do calibre de 12 e 8 libras de bala. Com tres companhias de guarnição do regimento da armada, e 450 praças entre toda a gente.

«Em um dos burlotes ia por capitão José Jorge Mathias, com patente de capitão-tenente, e no outro ia um francez chamado José Garavanha; na balandra ia outro estrangeiro, e na charrua um portuguez, mestre d'ella, a qual servia de hospital dos doentes da armada, e levava alguns mantimentos e sobrecelentes para as naus. Estas tres embarcações não levavam guarnição de soldados, não mais que sómente a gente do mar, que lhe era precisa para a mareação d'ellas, que não era muita.

«Embarquei-me em domingo á tarde, 25 de abril d'este presente anno de 1717. Levei comigo meu filho João Soares Rebello com praça de soldado, sendo de edade de onze annos, e sangrado no braço d'aquelle instante, por causa de uma facada que no estudo outro rapaz lhe tinha dado. E assim foi embarcar, muito por sua vontade, sem por nenhum modo querer ficar.

«Toda esta tarde andou el-rei no mar e mais a rainha e o infante D. Francisco, e muita gente, só a verem os navios da armada, que estavam muito embandeirados.

«Houve muitas salvas de artilheria, e fazendo-se á vella foram dar fundo na enseada de S. José de Ribamar.

«Ao seguinte dia, segunda feira, 26 do dito mez, andou todo o dia no mar o infante D. Francisco, e á meia tarde se fizeram algumas naus á vella, porque queria o infante que saissem n'aquelle dia, o que não pôde ter effeito, e assim os que se fizeram de vella, tornaram a dar fundo na mesma enseada, ficando como estavamos.

«O conde de S. Vicente, em cuja nau eu ia, nos tratou a todos com muito agrado.

«Na terça feira veiu a bordo da nossa nau *Pilar*, Pedro Mascarenhas, e outros fidalgos, a quem houve muitas salvas de artilheria, e vieram muitas pessoas particulares que iam ver parentes e amigos, e assim se passou aquelle dia.

«Em a quarta feira, 28 de abril, ás sete horas da manhã, já S. A. se achava a bordo da nau do conde do Rio, a qual se fez logo á vela, e da mesma sorte toda a armada.

«Saimos pela barra fóra com vento norte brando e o mar bonançoso, e defronte da Guia e cabo da Roca se puzeram todas as naus á capa, estando o dito senhor a bordo da capitania até ás quatro horas da tarde em que marearam na volta de oeste, quarta de sudoeste, até ao sol posto. Voltando á capitania na volta da terra para a abra de Cascaes, se despediu o infante, e todas as naus salvaram cada uma com 21 peças, e logo nos fizemos na volta do sul, e n'ella fomos toda a noite, ainda que com pouco vento.»

II

A leitura do *Diario da batalha de Matapan*, deve agradar; dá conhecimento de muitos costumes e usos navaes d'aquelle tempo, e de algumas praticas, hoje esquecidas, pelo immenso progresso que tem feito a sciencia e disciplina nautica, pela differença dos navios de então para os de hoje, e pela profunda alteração que se operou nos costumes dos povos.

Por outro lado, a relação de todos os factos concernentes áquella expedição, é interessante.

Foi a ultima vez que a armada portugueza figurou com distincção nos negocios do mundo. Ainda fomos a Napoles, mas a representação de Portugal n'essa época era bem mesquinha.

O sr. conselheiro Celestino Soares, tem archivado muitos

feitos gloriosos da nossa marinha, não esquecendo a propria batalha do Cabo Matapan, de que deu resumida noticia; mas esta é a ultima acção notavel, praticada por uma esquadra portugueza; as outras são feitos particulares, que abonam a nossa capacidade maritima, a sciencia e o valor dos nossos bravos marinheiros, mas que não são o testemunho da importancia politica de Portugal.

Por estes motivos, alem dos outros mencionados, é muito interessante o Diario do capitão Ribeiro Soares.

III

No dia 28 de abril saíu a armada, e no dia 2 de maio amanheceu á vista de Cadiz. O transporte era muito ronceiro, e o almirante por differentes vezes mandou pôr os navios á capa, esperando a charrua.

Ao anoitecer d'esse dia estava á vista de Tanger, e passou o estreito de Gibraltar já de noite.

No dia 3 o vento tornou-se contrario, e *andámos ás voltas*, diz o *Diario*, e no seguinte dia continuou a soprar o mesmo vento.

«Em quarta feira 5 do mez, fomos todo o dia com a prôa ao nordeste, e deitou-se um bando, por ordem do conde, para que todos se confessassem, e que não houvesse bulhas, nem facas, nem jogo de parar, como se costuma fazer em todas as nossas naus de guerra, quando sáem pela barra fóra.»

No dia 6, o conde de S. Vicente foi jantar com o conde do Rio a bordo da *Nossa Senhora da Conceição*, e acrescenta o *Diario:*

«Veiu o nosso conde ás Ave-Marias, e eu lhe deitei sobre a sua cama uma carta fechada, sem nome, em que ia um soneto, uma decima e um romance em seu louvor, que elle e os mais fidalgos applaudiram muito, que depois conheceram quem a fizera.»

No dia 10 á noite estava a esquadra á vista de Alicante.

Na tarde de 12 avistaram as ilhas Iviça e Fromentaria.

Domingo 16. —«Passei o dia bem molestado com dores de cabeça, e pela manhã me havia confessado e commungado, mas não passou a mais, porque é mui mau partido estar doente n'aquelles casos. Foi-se o tempo embruscando e

empolando o mar, por onde eu entendi que iamos chegando ao golfo de Leão, em o qual entrámos pela meia noite.»

«Em terça feira 18 do mez, fomos navegando com vento em pôpa, sómente as gavias, e disse o pratico que faltavam só 25 leguas para passarmos o golfo de Leão, e que até o dia seguinte o teriamos passado, e mandando o nosso conde a um italiano que trazia, e com quem gracejavam, que desse fogo a uma peça de cima da tolda (que são as mais pequenas) pondo-lhe uma migalha de polvora no ouvido da peça, a qual estava carregada, para verem o que elle fazia; pegou na trança e pondo fogo, atirou a peça. As mais naus todas, que iam adiante parecendo-lhes que era signal que se lhes fazia, e que queriam alguma cousa, puzeram-se á capa.

«Chegámos á capitania, e dizendo-lhe a causa fomos seguindo a nossa viagem. Á noite fez o conde do Rio signal de velejar, o qual foi accender quatro lampeões na ensarcia do mastro da mezena, e deitar tres foguetes; nós fizemos o mesmo, e fomos velejando com vento em pôpa, toda a noite.»

Em 19 a esquadra passou á vista da ilha de Sardenha.

Em 20, a nau *S. Lourenço* trouxe a reboque o transporte, porque não andava nada.

Em 21, a esquadra estava á vista de Sicilia.

Em 22, o vento era pela pôpa e brandinho, e a esquadra esteve sempre á vista da Sicilia que «é muito grande, com alguns montes altos, e valles verdes de trigo e muitas cousas que vimos pela parte por onde fomos singrando, e acalmou-nos o vento e assim estivemos toda a noite.

«Ao domingo, 23 de maio, estivemos em calma, sem andarmos nada, e as naus todas empavesadas e embandeiradas com os escaleres fóra, e muito perto da terra. veiu d'ella um barco grande que ia para Napoles. Os fidalgos foram a bordo d'elle, e passou bem junto da nossa nau *Pilar*. Esta tarde caiu meu filho João Soares no porão da nau, andando a brincar com outro, Gaspar de Almeida Salema, sendo ambos de edade de onze annos, e ficou quasi morto, sem sentidos nem falla, por muito grande espaço de tempo, mas com muitos remedios que se lhe fizeram tornou em si. Escapou com vida, depois de trinta e cinco dias de cama, por milagre de Nossa Senhora da Piedade,

por quem chamou lhe valesse. E fóra melhor que então morresse d'aquelia edade, porque depois não offendesse a Deus, nem me desse tantos desgostos como me deu, mas só Deus sabe o que é melhor.

«N'este dia, ao jantar, teve o capitão Manuel Pereira, da companhia do regimento da junta, que em a nau ia de guarnição, umas rasões com um dos cirurgiões da nau, sobre um soldado seu que estava doente, e respondendo-lhe mal o cirurgião, puchou o capitão por uma faca e foi sobre elle. O cirurgião foi fugindo, e accudiram logo a isto, e não passou a mais, porque pudêra succeder alguma desgraça. E a noite, sobre a mesma causa, o proprio capitão teve uns piques com o capitão de mar e guerra, Luiz de Queiroz, que não passaram a mais.

«No dia 24, toda a armada deu fundo, em frente da cidade de Palermo, capital da Sicilia. Salvou a capitania á terra com treze tiros, e d'uma fortaleza corresponderam á salva. Vieram muitos barquinhos ás naus, com hortaliças, pão, cerejas, damascos, e outras fructas e cousas a vender.

«No dia 25, o general das galés, com alguns cavalleiros maltezes, veiu visitar o conde do Rio Grande; foi recebido com uma salva de sete tiros. Na noite d'este dia houve um temporal desfeito, de vento, chuva e trovões. Morreu um soldado da junta, que estava muito doente.

«Em quinta feira, 27 do mez, dia do Corpo de Deus da cidade, não tendo eu tenção de ir a terra, me disse o nosso conde, que era bastante descuriosidade a de não ir ver a cidade, quando todos iam. Eu logo me vesti, e fui no escaler do conde, seriam oito horas da manhã. Desembarcando na praia de Palermo, indo pela rua principal d'ella, encontrei o capitão Dionysio Franco Bisso, meu companheiro do regimento e amigo, que ia em outra nau com o capitão Bocage, e tambem havia desembarcado n'aquelle instante, e logo nos unimos ambos e andâmos todo o dia até á noite, em que fomos para as nossas naus. Fomos jantar a uma casa de pasto com toda a grandeza, sendo elle o que fez todo o gasto, sem consentir que eu gastasse nada.

«De tarde fomos ás freiras do Salvador, cujo é o orago da casa, franciscanas, e ficámos ambos em uma grade, que é dentro na portaria em roda, que é toda pintada com notavel aceio, e á vista de todos se falla. O capitão Dionysio Franco ficou com D. Joanna C..., filha do marquez de

Guevara, e eu fiquei com D. Antonia de Herrera, era siciliana, muito branca e loira, mas menos activa na conservação que a castelhana, porque esta era pouco formosa, mas muito discreta e desembaraçada.

«Assim passámos o mais da tarde em boas praticas, tratando-nos com todo o primor e cortezia, mas nós iamos bem adornados, porque as fardas do nosso regimento eram novas, azul claro, agaloadas de prata, de tres dedos de largo e galão, plumas brancas e meias brancas. Os annos eram menos e não tinhamos vergonha de poder apparecer,

«Deram-nos um grave pucaro de agua, porque era uma grande bandeja de doces de varias sortes, e ainda que eu não gostei muito d'elles, porque não eram feitos ao nosso modo, e uma grande salva de chicaras de agua de canella perfeitissima, cousa de que eu muito gostei. E tocando nos doces por cumprimento, foram de sorte que porfiaram, dizendo que para dentro não fizera ir nenhum, e nol-os fizeram metter pelas algibeiras.

«E o mais do primor foi que desejando Dionysio Franco dar á mulher que os trouxe uns cruzados novos em prata, que levavamos, entendendo-o ellas, fallaram á mulher em siciliano, que nós não entendemos, e a mulher por nenhum caso quiz acceitar nada. Isto n'umas mulheres, que nunca nos viram, nem conheceram usaram estes termos! E sentimos não podermos ter com ellas alguma satisfação, porque ao outro dia pela manhã partiu a armada para Messina, porque ao menos por credito da nação portugueza se devia fazer. E despedindo-nos d'ellas, o resto da tarde fomos vêr varias egrejas.

O capitão Ribeiro Soares descreve as egrejas que viu e a cidade, e depois diz:

«N'este dia se fez aqui a procissão do Corpo de Deus da Cidade, que nos disseram constava de oitenta e quatro irmandades. Estas iam, como cá entre nós os disciplinantes nas procissões de quaresma. Uns de branco, outros de roxo, outros de preto, com as caras cobertas e com vélas grossas nas mãos, e todas as ordens e freguezias, e no fim vae o Santissimo Sacramento, porém eu não vi mais que as irmandades que digo d'esta maneira, por quanto a procissão começou a meia tarde, e eram já Ave Marias, quando eu vim para a nau sem eu vêr mais nenhuma coisa que o que tenho dito e aquelles rebuçados.»

Refere mais que os barqueiros que o levaram para bordo e ao capitão Dionysio, aos quaes deu um tostão pelo transporte, lhe haviam dito que a procissão não acabava senão pela meia noite.

No dia 28 partiu a armada para Messina; e com vento *brandinho* pela pôpa, chegou no dia 30 a Messina, menos a nau *Pilar*, e a charrua, que só entraram no porto no dia 31.

O *Diario* descreve estas paragens com varia erudição mythologica sobre aquelles logares, onde os antigos figuraram muitas scenas dos seus deuses e dos seus heroes, como a Pharo de Messina, a Scylla e Caribdes dos antigos, as ilhas Lipari com os volcões de Stromboli e Volcano, etc.

Descreve depois a cidade de Messina, da qual diz que é funebre. Falla de procissões, porque então na Italia, como em Portugal, o beaterio florescia.

No dia 1 de junho, o conde de S. Vicente deu um banquete ao governador da cidade e a outros cavalheiros principaes d'ella, havendo no fim do banquete uma salva de onze tiros.

Conta que n'esse dia andou vendo a cidade, mas não comprou coisa alguma, porque tudo encarecera com a chegada da esquadra portugueza.

No dia 2, devia a armada fazer-se de véla, mas o vento não o permittiu. Refere o capitão Ribeiro Soares que n'este dia foi a terra, por causa de um soldado da sua companhia, por alcunha o Cigano, o qual havia comprado quatro peças de primaveras (panno de seda semeado de flores, e por isso se lhe dava aquelle nome) e não havia pago os direitos, os malsins apprehenderam a seda. Lá foi o capitão desembrulhar o negocio, e com a pressa com que saiu de bordo, diz elle, que dera uma canelada.

Na tarde do mesmo dia visitaram a nau *Pilar*, a princeza de Colavorosa e sua irmã, a quem o conde de S. Vicente recebeu com todo o primor, mandando á sua retirada, dar uma salva de sete tiros, sendo-lhe dada uma *grave* merenda, e foram para terra no escaler do mesmo.

Muita gente da cidade veiu visitar as naus portuguezas, sendo a mais concorrida o nau *Pilar*.

No dia 3, a armada se fez á vela com vento pouco favoravel.

No dia 4, diz que encontraram cinco galés de Malta, e que a capitania d'ellas tinha ambas as vellas em *quadradinhos*

azues e brancos que as faziam mui bonitas, e uma *malta (?)* em cada vella.

No dia 5 morreu um marinheiro da nau *Pilar*, o qual tinha de edade oitenta e quatro annos, e era pae do tanoeiro da mesma nau.

No dia 9 entrou a armada no canal de Corfu, e deitaram ao mar tres lanchas, e a nau *Pilar* foi a reboque d'ellas. O vento tinha acalmado.

No dia 10 se achou a armada em frente de Corfu—«que é muito grande e bem fortificada de fortes muralhas, e com muita e grossa artilheria de bronze, com boa guarnição de tudescos e esclavonios, e com um porto em que bem podem caber cem navios. N'elle se achavam, já a este tempo, as galés de Venesa e as de Florença e as do Papa, que governava o cavalheiro Ferreti, e as de Malta com o seu general, monsieur de Trenoux; e quatro galeaças tambem de Venesa, o general d'ellas era André Pesani, nobre venesiano, e só faltavam os navios de Malta, os quaes entraram n'este porto a 16 do dito mez, com o balio de Bel Fontaine, tenente general da armada d'el-rei de França e governador da praça de Toulon, mandado pelo Summo Pontifice a governar as armas de todos os auxiliares, com o pavilhão de almirante no mastro da prôa, e com um breve fulminando a indignação da Sé Apostolica contra quem lhe disputasse a obediencia no governo das armas. Isto se disse na nossa armada, porque eu não vi o breve.

«Era homem de pequeno corpo, poucas carnes, mas de grande espirito e viveza, segundo me pareceu, e se me assimilhou com um Domingos de Mattos que cá tivemos no nosso tempo, que foi governador da torre de Outão, em Setubal, que foi notavel em disposições, agilidade e valor.

«As galés por todas eram vinte e sete com as galeaças, estando todas muito embandeiradas e pegadas, como de costume.

«Demos fundo defronte da praça, e o conde do Rio, salvou ao general das galés André Pisani com treze peças, ao que elle respondeu com as que tinha na sua galé, que eram sómente cinco, por quanto as galés não teem capacidade para ter mais artilheria, e essas todas atiram por proa, e as mais d'ellas levam sómente tres peças.

«N'este porto estavam alguns navios francezes e inglezes mercantes e aqui nos disseram que tinham ido para a ilha

de Zante, que é de Venesa, trinta e cinco navios, que era a armada grossa venesiana.

«De tarde foi o conde do Rio e outros fidalgos a bordo da galé do general André Pisani, e foi depois o nosso conde de S. Vicente, e quando chegou á galé já o conde do Rio estava na camara d'ella, e sentado com o dito general em duas cadeirinhas, que sómente havia, porque as camaras das galés são muito pequeninas, e não cabe n'ellas nada. E entrando o conde de S. Vicente, se levantaram os dois, o do Rio e o general de Venesa, e vendo o conde de S. Vicente que não havia onde sentar-se, se sentou dizendo, que a elle lhe tocava a outra cadeira, a qual era a em que estava sentado o general André Pisani (da qual acção e desconfiança podera proceder grande desgosto). Isto eu não o vi, mas assim o contou em a nossa nau, quem o presenceou.

«Emfim sentaram-se os tres em um banco, e os outros fidalgos que ali se achavam ficaram da parte de fóra da camara, que, já digo, são tão pequenas, que mal caberão n'ellas cinco ou seis pessoas.

«Despediram-se, e recolhendo-se á nau algum tanto desaborcados, logo não fomos d'elles tão festejados como se esperava, como quem não fazia muito caso do nosso soccorro. Ao despedir-se do conde do Rio, deram as galés todas tres descargas de mosqueteria, e atiraram as peças que cada uma tinha, que as mais d'ellas são tres, que é o canhão de coxia, que é peça grossa de 18 libras de bala, e atira pela proa fóra, e tem mais duas o tal canhão, uma de cada parte, de 8 libras de bala, e todas atiram pela proa, e não estão em carretas, senão assentadas sobre a coberta, e com cordas que as fazem mover.

«Emquanto á desconfiança de aqui não sermos muito applaudidos, poderia ser desconfiança dos fidalgos, porque na armada grossa, quando nos encontrámos e nos unimos com ella, houve grandissima festa em todas as suas naus com a nossa chegada.

«Esta mesma noite chegou a este porto de Corfú uma nau de Venesa nova, de 60 peças, que vinha a incorporar-se com a sua armada grossa, chamava-se a *Fortuna Guerreira*, e deu fundo a par de nós.»

IV

«Em sexta feira, 11 de junho, se levaram as galés todas embandeiradas e empavesadas, com os remos em punho, e foram seguindo umas ás outras, as de Venesa, as do Papa e Florença, e foi uma como cortezia ou cumprimento ás galés de Malta, que vinham chegando para o porto onde ellas estavam, porque o dia de antes tinham dado fundo no canal, que era uma legua abaixo, e tornaram as galés, todas a ir dando fundo, bem junto á terra; e começou a galé capitania de Venesa, e logo todas as mais, que como tenho dito eram vinte e sete, e quatro galeaças, a dar varias descargas de mosquetaria, e a atirar com as suas tres peças, que tem cada galé; e succedeu que em uma das descargas da mosquetaria de uma das galés de Venesa, foi um tiro com uma bala, e deu em uma das de Malta, em um sargento-maior maltez, e o matou logo, porque lhe deu a bala pela cabeça, e até ao jantar duraram estas descargas.

«Disseram que vinha o general de Venesa vêr a nossa nau com o conde do Rio, e mandou o nosso conde de S. Vicente estar toda a infanteria em cima, com as suas armas, em tres fileiras em roda de toda a nau, de pôpa á prôa, e a artilheria de cima toda, e a debaixo fóra, prompta para o salvar...

«Seriam já seis horas da tarde, quando veio o general das galés de Venesa, André Pizani, em o seu escaler, e seis mais atraz, e foi a bordo da nau do conde do Rio, e começou a salva ao mesmo tempo em todas as nossas naus, de treze peças, e as mais todas estavam embandeiradas e empavesadas com galhardetes em todas as pontas das vergas, e em todos os mastros, que largaram quando o dito general veio chegando a ellas, e pelas que passava lhe davam tres boas viagens...

«Em sabbado, 12, vieram á nossa nau varias visitas, e entre ellas o general das galés de Florença, e outros cavalheiros, a quem o nosso conde de S. Vicente deu um pucaro de agua, e ao sair da nau, o salvou com nove peças... Aqui em as galés do Papa, achámos um frade capucho, que havia vinte annos que andava n'ellas, por matar ao seu guardião, para o roubar, indo para Roma; era de nação... isto nos contaram em a nossa nau pessoas de credito.

«Em domingo, 13 do mez, dia de Santo Antonio, mandou o nosso conde de S. Vicente, pôr a nau safa, porque esperava por mais visitas, e todas as naus se embandeiraram e empavesaram com muitas bandeiras e galhardetes, e veiu o conde do Rio e Pedro de Sousa e outros fidalgos, e cavalleiros maltezes e florentinos. Todas as naus salvaram a Santo Antonio, com treze peças. Jantaram sobre o xadrez da nau, sobre a tolda, em mesas que se puzeram por serem muitos os hospedes, e houve salva de nove peças, e á tarde, em todas as naus, salva de treze peças, e á noite houve outra salva de nove peças, a outros fidalgos, que se foram, assim para terra como para as suas naus.»

No dia 14, foi o conde de S. Vicente, em grande apparato, a bordo da galé capitania de Malta. N'um dos escaleres, que acompanhavam o do conde, iam os trombetas da nau, e, continúa o *Diario*:

«Fomos a bordo d'esta galé, e nos hospedou dando-nos chocolate com biscoitos, chá, vinho gelado excellente, e andei vendo a miseria da vida d'aquelles forçados, postos a todo o rigor do tempo, de dia e de noite, com os grilhões nos pés, que d'elles se lhes não tiram, senão quando morrem, para os deitarem ao mar, que todos são mouros, ou algum que não é, anda alli por grande crime; e os maus commodos que teem assim os soldados como os mesmos fidalgos e officiaes, porque alli não ha reparo a nenhum rigor do tempo. Vimos correr o canhão da coxia, que era de 24 libras de bala; não anda em carreta, senão assentada a peça no chão, sobre a coberta, com um engenho que a faz mover e laborar.»

Refere depois o capitão Ribeiro Soares, que foi vêr a praça de Corfu, que lhe não pareceu tão forte como se dizia.

Conta que foi adorar o corpo de Santo Esperidião, na principal egreja, e que beijara o pé ao santo, e n'elle tocara uma veronica da Senhora da Conceição, que sempre trouxe comsigo d'ahi em diante. Menciona varios milagres do santo, e entre elles o que aconteceu com uma senhora principal da praça, a qual, indo beijar o pé ao santo, lhe ferrou os dentes, para lhe arrancar um pedaço da mirrada carne, mas não pôde mais desapegal-os, e só depois de muitas orações ao santo, e de se confessar arrependida, é que ficou livre, porém, os quatro dentes incisivos lá lhe ficaram no

pé do santo. O ingenuo capitão diz, que os não viu, porque a capella onde está o corpo é muito escura, mas ficou n'isto, consolado, diz elle, com a vista do santo.

«Em terça feira, 15 de junho..... houve na nossa nau, na praça d'armas, uma missa cantada com sermão a Santo Antonio, e prégou o padre capellão fr. José, e esta festa fizeram os officiaes de artilheria. Esta tarde succedeu, que um soldado da companhia do capitão José Ribeiro Preto estava em terra, defronte da nau, e muito perto em um campo, onde se mandaram deitar as vitellas e carneiros a pastar, que trazem os cabos das naus para se comerem na viagem; estava o dito soldado com mais tres de guarda ao tal gado, que sempre são quatro, e apartando-se dos companheiros, foi ter com dois moiros, que lá estavam tambem fazendo lenha, e começou a entender com elles, chamando-lhes nomes, até que um d'estes, que serviam nas galés, pegou em uma fouce, com que cortava a faxina, veio para o soldado, o qual, com a arma ao hombro e a bayoneta n'ella, deitou a fugir do moiro por um outeiro abaixo, e ainda a par dos tres companheiros parece se não dava por seguro, e elles lhe começaram a dar vaias, e elle então queria brigar com elles de bocca, já que o não fizera com o moiro de mãos. Isto se soube logo em as outras naus, e indo o nosso conde a bordo da do coronel Pedro de Sousa, lá lh'o contaram, e o conde o tomou muito a mal, e veio para a nau muito enfadado, e com o bastão deu pancadas no soldado, dizendo-lhe que era descredito da nação portugueza, e o mandou entregar ao guardião da nau, tirando-lhe a casaca da farda, e lhe deu uma raspa e uma vassoura, para que raspasse e varresse a nau, como um grumete, deitando-o fóra da companhia e do rancho dos soldados. E assim andou por algum tempo, até que o conde o absolveu da pena, e o mandou fazer a obrigação de soldado, dando-lhe uma moeda de oiro, com o que o soldado ficou satisfeito e consolado.

«André Pizani, general das galés de Venesa, por terceira pessoa, mandou dizer ao nosso conde de S. Vicente que estava informado de quem elle era em Portugal, e que tomara vir visital-o como quem elle era, e não como almirante, que não houvesse salvas, senão só como amisade, e não como cabos, porque se visse a esquadra de Castella e soubesse que viera visitar ao almirante de Portugal, quereria o de

Castella que tambem lhe fizesse a elle o mesmo, o que não convinha. O conde lhe mandou dizer que responderia, e não se resolveu a se acceitaria a visita com a tal condição (e fez bem de a não acceitar); porém o general Pizani não veio. O conde sentiu muito o caso do soldado fugir ao moiro, pelo que ao diante se dirá.»

Na quarta feira, 16, chegaram as duas naus de Malta, a *Santa Catharina*, de 56 peças, em que vinha o general Bel Fontaine, e a *S. Raymundo*, de 40 peças; diz o *Diario* que eram cascos francezes, pouco fortes e já velhos..... E logo se fez um conselho de guerra com a sua chegada, em que assistiram todos os generaes, assim de Venesa como auxiliares, excepto os portuguezes, porque sabendo que os venesianos, quando chegam á graduação de nobres, disputam mais as preeminencias do seu logar no conselho, que sobre qualquer ponto arriscado na campanha, não quizeram os nossos generaes portuguezes expôr a sua authoridade a alguma cerimonia menos decente ás suas pessoas, e mandaram os seus votos por escripto. Resolveu-se que partisse a armada *Sotil*, que é a das galés, unida com as esquadras auxiliares de Portugal e Malta, a encorporar-se com a armada grossa da republica, ao archipelago, onde andava cruzando aquelles mares, e feita a juncção se tomariam mais ajustadas medidas para o projecto da campanha; e no caso que os turcos não saissem dos seus portos (como erradamente se entendia) iriamos a chegar aos Dardanellos, a infestar aquellas costas, fazendo-lhes toda a hostilidade que permittisse o tempo.

No dia 18 o general Bel Fontaine visitou a esquadra portugueza. Louvou muito a nau *Pilar*, e admirou a sua grande coberta, que o conde de S. Vicente mandou pôr safa, de modo que estava completamente limpa de tudo.

No dia 19 — «á meia tarde, o general Bel Fontaine fez signal, desfazendo o velacho, para partir, e veio ordem que mandasse recolher tudo o que estava em terra, logo sem demora... Um official de carpinteiro deu com um machado na cara e outra pancada nas costas a um pobre grumete, que por milagre o não matou, por cuja causa foi preso na arca da bomba, e foi a tratear (receber tratos, açoites, etc.) em a nau do Bocage, e tornou para a arca da bomba, e veio mui desaforado dizendo que ainda se não lavara bem. A artilheria debaixo se atracou, pondo-nos promptos para partir.

No dia 21 mandou o conde de S. Vicente um presente de tres pratos de prata grandes, cubertos com suas toalhas finas; um d'elles levava uma empanada muito grande (empada), e nos dois iam massos de velas de cera, d'estas que chamam bugias.

«Em 22, terça-feira, fomos levando a amarra pela manhã, e se fizeram todas as naus á vela; por todos eram 22 navios, 7 de guerra portuguezes, 2 brulotes, 1 charrua, e 1 balandra; 2 naus de malta e 2 transportes, 1 nau grande nova venesiana e 6 transportes com munições, e as galés todas de Venesa e auxiliares, que por todas eram 28. E partiram depois da meia noite diante de nós. O mais do dia se passou em calma, e já sobre a tarde veiu um ventosinho brando, com que fomos pouco a pouco subindo do canal, de entre a ilha de Corfu, e a terra da Albania. Depois de jantar, veiu a bordo da nossa nau um official da nau de Malta, o qual mandou o general Bel Fontaine, que trazia a sua patente, e a mandou mostrar aos nossos generaes, a qual era do papa, em que o fazia general de todas as esquadras auxiliares excepto a venesiana, com excommunhão a quem lhe não obedecesse...»

No dia 23 se deu ordem a toda a esquadra que salvasse, no dia seguinte, com nove peças ao Senhor S. João Baptista.

No dia 24 ia toda a armada n'esta ordem:—«Já repartida pelo general do papa. Bel Fontaine, o qual ia (como já se disse) na maior de Malta, a *Santa Catharina*, a esta nau servia de guarda a outra pequena *S. Raymundo* e *Santa Rosa*. Á nossa capitania do conde do Rio servia de guarda a *Assumpção* e a *S. Lourenço*, e á nossa nau *Pilar*, a *Necessidades* e a *Rainha dos Anjos:* o brulote grande com a a nau de Malta, e o pequeno com a nossa capitania. Esta ordem se guardou, emquanto nos não unimos com a armada grossa venesiana, por quanto depois de unidos houve outra ordem de batalha, como adiante se verá. N'esta tarde foi a nossa lancha grande á vela a bordo da capitania, a buscar o medico para vir á nossa nau vêr os doentes, que já eram bastantes, e voltou sendo já de noite.

«Este medico era de Cascaes, e assistente na mesma terra, e depois de estarmos já fóra da barra de Lisboa, o mandaram buscar preso, e elle se escondeu; porém, considerando o mal que d'ahi lhe poderia resultar, elle mesmo veiu apresentar-se á nau, e vae na capitania com o conde do

Rio, de quem é mui bem tratado, e se chama Paulo Dias Pelicão. É muito bom medico (pelo que dizem) e bom homem.»

N'este dia ficou a armada quatro leguas á vista da ilha de Zante.

V

No dia 25, a armada deu fundo no porto da ilha de Zante, julgando que alli teria noticias dos venesianos, mas só constou que os turcos tinham saido com 40 naus grossas a atacar a armada venesiana.

O capitão Ribeiro Soares descreve os Dardanellos, a proposito de se dizer na esquadra, que iria até ahi esperar os turcos, e diz que ficára muito penalisado por não ter visto essas famosas portas da grande capital do grão-turco.

Em Zante se teve noticia de tres encontros que os venesianos tiveram com os turcos, e estes no ultimo mataram o general venesiano Luiz Flangini, «que não foi pequena perda, porque era um grande general e valente soldado e experimentado.» Um vento rijo separou as duas esquadras.

No dia 28 se passaram todos os mantimentos, que eram para dois mezes, da charrua para as naus, porque se resolveu que a charrua ficasse em Zante, por ser muito ronceira.

No dia 29 se fez á vela toda a armada.

Foram seguindo as esquadras com pouco vento, até ao dia 2 de julho:

«N'este dia se deu parte, pela manhã cedo, que estavam pela proa da nau *Santa Catharina*, de Malta, em que ia o general Bel Fontaine, 35 navios em o cabo Matapan, onde a terra faz uma enseada grande (algum cuidado deu). Podia ser mui facilmente a armada dos turcos que vinha em seguimento dos venesianos (como vinha) e encontrarmo-nos nós sós com ella. Saiu o sol, e fomos mareando com pouco panno, e tanto que fomos chegando a ella se largaram as bandeiras de pôpa, porque Bel Fontaine e o conde do Rio nunca tiraram as suas de almirantes, redondas, dos topes dos mastros dos traquetes.

«Em a nossa nau estava a gente toda em seus postos: a companhia de granadeiros do regimento de Cascaes guarnecia a prôa, e a de granadeiros do regimento de Peniche

guarnecia a pôpa, e toda a artilheria, que eram 84 peças, estava fóra. Mas logo se viu a capitania de Venesa com a sua bandeira no mastro grande. Era a armada venesiana, que se vinha retirando, e andava forcejando n'aquelle cabo para o montar, e tomar algum porto em que podesse fazer agua, e concertar algum destroço que tinha recebido nos navios, nos tres combates, porque algumas naus vinham mui destroçadas, como eu vi. Governava esta armada grossa o seu capitão extraordinario Marco Antonio Diedo, que entrou n'este logar por morte do seu general Luiz Flangini.

«Conhecidas as armadas, salvou a nossa capitania com nove peças, e a de Venesa recebeu a salva, por signal, com as mesmas nove peças. E assim nos encorporámos todos. Mandou o nosso conde de S. Vicente o escaler a bordo de uma das naus, que nos ficava mais perto, a saber as noticias dos combates que tiveram com os turcos.

«Foi lá o pratico patrão Baptista, e outro que é francez, que tomamos em Corfu, e trouxeram as noticias de que mataram o seu general, que era homem mui valoroso, e era valenciano de nação, com uma bala que lhe deu no pescoço, e um sacco de pregos e ferros lhe metteram por um hombro, com que os turcos costumam atirar para matar a gente, e que durára vivo só dois dias, e que elle fôra o que no anno antecedente mettera o soccorro em Corfu com oito naus sómente, pelo meio de toda a armada dos turcos.»

«No sabbado 3, se juntaram todos os generaes a bordo da capitania de Venesa, a conferir o que se devia obrar, estando os turcos em Napoles de Malvazia (Nauplia) como se tinha dito que estavam, posto pouco distante do logar em que áquelle tempo nos achavamos, e resolveram que os fossemos atacar, onde quer que estivessem, ainda que se offerecia o embaraço de vir a armada venesiana muito falta de agua, que lhe era muito precisa. O conde do Rio lhe offereceu todo o provimento de tudo que lhe fosse necessario da nossa esquadra, por se não retardar a acção em que com tanto desejo todos estavam. Por uma espia de uma corveta, que se trazia sempre ao largo, se soube que a armada dos turcos estava d'alli quinze leguas.»

Depois diz o *Diario*, que o conde de S. Vicente referira a bordo como foram os tres combates que a armada venesiana tivera com a dos turcos, nos quaes os primeiros

perderam 600 homens. É inutil contarmos aqui esses combates, que não dizem respeito á armada portugueza.

As naus venesianas, diz o *Diario*, estavam muito destroçadas, umas sem mastareos, outras sem vergas, as velas todas crivadas de balas de artilheria, e os costados; e havia nau que toda, de popa á proa, tinha o costado em buracos bem grandes, como se fossem feitos por compasso; e atiravam os turcos com balas de pedra, que tinham quatro palmos em roda.

«E nos contaram que uma d'estas balas entrára em uma nau venesiana, e feita em pedaços grandes matára 17 homens, porque assim os turcos como os venesianos usam ainda nas suas naus este genero de artilheria que chamam *pedreiros*, e cada nau traz quatro sómente na coberta de baixo, dois de cada banda, no meio da nau, que são umas peças muito grossas e curtas, e não atiram senão com estas balas de pedra e de muito perto, porque quebram e matam muita gente.

«As mais das naus venesianas foram passando por nós e com grande festa na gente, e nos foram dando muito boas viagens, dando com os chapeos e barretes, como quem nos festejava muito, e mostrando grande contentamento da nossa chegada. Alguns navios eram muito grandes, mas feios... Esta tarde fez o conde do Rio signal, e foi o nosso conde de S. Vicente a seu bordo e Pedro de Sousa Castello Branco, e todos os capitães de mar e guerra das nossas naus portuguezas, para lhes dizer que estivessem promptos para a occasião que se esperava, que podia ser a toda a hora, porque os turcos estavam d'alli, em distancia de quinze leguas sómente. E a nossa nau *Pilar* se poz logo safa, e tudo foi á coberta livre, e houve exercicio na artilheria, mas não de fogo, e ficou tudo tão prompto, como se já estivessemos com os turcos á vista.

«Em domingo, 4 do mez, pela manhã cedo, se deu parte que se ouvia atirar artilheria para a banda do sotavento. Depois pelas 11 horas se ouviu, de ampulheta em ampulheta, uma peça; e foram continuando os taes tiros até depois do jantar, e um homem de um barco que veiu á nossa nau vender peixe e umas cabras, o qual era das galés de Malta, disse que a armada dos turcos estaria d'alli seis leguas, e contou que indo hontem um cavalleiro maltez á terra (que n'aquelle sitio eram uns montes bravos sem gen-

te) a caçar, vieram sete ou oito paisanos que são gregos e o despiram nu, e lhe fizeram muito favor em o não matarem; que esta gente da Moréa é gente rustica e agreste e como hoje são subjeitos aos turcos, são o mesmo que elles.

«Fez-se outro conselho a bordo da capitania de Venesa, e novamente se assentou em dar batalha aos turcos. Ao jantar se deu parte de que, pela ponta de terra, chamada o cabo de Santo Angelo, appareceram 42 navios. Os tiros que ouviramos de ampulheta a ampulheta, eram de uma corveta que o general Bel Fontaine tinha mandado espiar a armada inimiga, e como deu com ella se retirava, fazendo aquelles signaes. A nossa nau se começou logo a preparar para o combate, e as mais da mesma sorte. Esta noite, ás tres ampulhetas passadas do primeiro quarto, se ouviram duas peças, e soube-se que era a corveta de Bel Fontaine, que andava sobre a armada dos turcos.

«Corvetas são umas embarcações redondas com vélas e remos, muito ligeiras.

«Em segunda feira, 5 do mez de julho, pela manhã muito cedo, veiu o vento a favor dos turcos, e toda a noite passámos com grande vigia por esta causa, e esperámos que ao amanhecer os achassemos comnosco, por quanto elles ignoravam que os venesianos se tinham já reunido comnosco, e vinham em seu seguimento. De madrugada se andou pondo a roupa pelas redes, fazendo d'ella trincheira, e se confessou muita gente. Amanheceu, porém, o gajeiro deu parte que avistava alguns navios no mesmo sitio, onde tinham anoitecido (ás 7 horas, seria). Atirou a capitania de Venesa uma peça e a nossa armada se conservou no mesmo sitio, ora na volta da terra, ora no mar, com aquella arte e diligencia, com que se entendeu se podéra ganhar o barlavento, se elles nos viessem buscar, que é uma grande vantagem na peleja do mar.

«Ao amanhecer se foram descobrindo coisa de quarenta e duas naus todas em uma linha, todas grandes, e umas dez ou doze, muito grandes, que eram as sultanas de Constantinopla, e se disse que a sua capitania, era em que vinha o Bachá seu general, trazia 112 peças de bronze, e as da bateria debaixo de 24 libras de bala, e a sua guarnição constava de 1:200 turcos. Vieram fazendo todo o esforço e diligencia cosidos com a terra, para nos ganharem o barlavento. Voltou toda a nossa armada, na volta do mar, e elles

juntamente voltaram tambem sobre nós, trazendo-nos já ganhado parte do barlavento; e as suas forças andando todo o dia na volta do mar com o vento fresco, e a sua vanguarda quasi já misturada com as nossas naus da rectaguarda.

«As nossas galés estavam ancoradas em terra com o seu general André Pisani; fizeram-se á véla e a remos, foram correndo a terra de longe, de sorte que nós entendemos que fugiam; mas como estava o mar muito grosso, não o podiam aguentar. Os turcos sempre na sua linha; nas nossas pôpas, sustentando sempre o barlavento que já de todo nos tinham ganhado, sem grande disciplina maritima, que não sendo elles grandes homens do mar, deviam trazer estrangeiros que a sabiam bem usar, como depois soubemos que traziam. Traziam bandeiras muito grandes nas pôpas, encarnadas todas, e algumas verdes, e nos topes das naus dos cabos, segundo os seus postos.

«Seriam já oito ou nove horas da noite, atiraram os turcos uma peça, e foi signal, e entendemos que era para virarem na volta da terra, e assim foi. Accenderam as nossas capitanias, almirantes e fiscaes os pharoes e elles tambem fizeram o mesmo. Acalmou o vento toda a noite, havendo estado tão perto um dos outros que estavam os seus navios do centro da sua linha, sobre os nossos ultimos a tiro de espingarda, mas nós sempre velejando para ver se virava o vento, e não ficarmos totalmente de sotavento. Porque os turcos e moiros raras vezes, ou nunca, querem pelejar se não estando de barlavento; que, como já tenho dito é uma grandissima vantagem nas pelejas do mar.

VI

Em terça feira, 6 do mez, amanheceu, e vimos toda a armada dos turcos debaixo da terra, e voltando a nossa armada, tambem na mesma volta para elles, tornaram a voltar na volta do mar para nós, e trazendo-nos de todo ganhado o barlavento. Porém, vendo o nosso general Bel Fontaine, que não podiamos montar nada, tornou a voltar para o mar, como o dia de antes, e elles tornaram a voltar para a terra, mostrando que se retiravam (e na verdade que eu assim o imaginei) e só com quatro naus das maiores da sua armada, em que entrava a almirante, vieram um grande es-

paço de tempo, na nossa volta; mas seriam já 10 horas do dia, tornaram a voltar para terra, em seguimento do corpo da sua armada, por verem que a nossa voltava outra vez, toda na volta da terra, com o barlavento ganhado, por se ter mudado o vento a nosso favor.

Quando chegou ao meio dia, já mal se viam os turcos, estando o dia de antes tão perto, como tenho dito, e com o barlavento todo ganhado que, com qualquer arribada, que elles dessem, ficavamos todos envolvidos; porém os turcos não quizeram a batalha n'aquelle dia. Da nossa parte estava tudo prompto para ella, com muito contentamento e desejo, em toda a nossa esquadra portugueza, e em toda a gente d'ella; desde o maior da nau até o menor grumete se conhecia o gosto que tinha de pelejar pela fé de Christo, com estes inimigos d'elle, e pelo credito do rei, da patria e da nação portugueza.

«Ainda que .os venesianos parece que não mostravam muita vontade, por quanto diziam que não tinham agua, senão para oito dias, e muito pouco mantimento e munições. E na verdade, estas naus não andam muito bem providas de todo o necessario, como as nossas.

«Assim fomos na volta da terra, onde os turcos já mal appareciam. Andámos até á noite, e se ouviu atirar uma peça muito longe, e estivemos em calma até amanhecer. Entendemos d'esta retirada que os turcos fizeram, que como vinham seguindo aos venesianos, ignorando que estavam soccorridos comnosco, vieram sobre a armada, e acharam-se com mais 12 naus grossas, de bandeiras brancas com as armas, e por isso se não resolveram a dar a batalha, ainda que traziam o barlavento n'aquelle dia. Foram refazer-se á praça de Coron, onde se lhe juntaram os navios de Argel e Tunes, com que se engrossaram, e tomaram mais gente e munições n'aquelle porto, para nos virem buscar, como com effeito fizeram.»

Aqui diz o *Diario*, que ia uma estampa com o desenho do porto de Coron, mas não se acha no manuscripto, e depois continúa:

«E para que se saiba a fórma da nossa linha de batalha, o numero dos navios, os seus nomes e seus logares em que estavam, os porei aqui, cuja ordem deu o general do papa, o balio de Bel Fontaine:

1 *Madona del Arsenale*, capitania de Venesa.

2 *Constanza.*
3 *Trionfo.*
4 *Leon Trionfante.*
5 *S. Francisco.*
6 *Aguila Valiera.*
7 *Fenice.*
8 *Santo Andrea.*
9 *Gloria Veneta.*
10 *San Laurentio.*
11 *San Pietro.*
12 *Aguileta.*
13 *Terror.*
14 *Neptuno.*
15 *Fede.*
16 *Coroná.*
17 *Salute.*
18 *S. Pio V.*
19 *Sacra Vega.*
20 *Vallor.*
21 *S. Caetano.*
22 *Rosa.*
23 *S. Lourenço*, portuguez.
24 *Colomba.*
25 *Grande Alexandro.*
26 *Venetia.*
27 *S. Raymundo*, de Malta.
28 *Fortuna Guerreira.*
29 *Rainha dos Anjos*, portugueza.
30 *Nossa Senhora das Necessidades*, dita.
31 *Santa Catharina*, de Malta, onde ia o general Bei Fontaine.
32 *Nossa Senhora do Pilar*, do conde de S. Vicente.
39 *Santa Rosa*, portugueza.
34 *Nossa Senhora da Conceição*, capitania portugueza do conde do Rio.
35 *Nossa Senhora da Assumpção*, em que ia o coronel fiscal da armada portugueza, Pedro de Sousa Castello Branco.

«Estas eram as naus de que se compunha a armada e os logares em que ficaram na linha de batalha, tendo a nossa esquadra portugueza, o lado esquerdo d'ella.

«Em quarta feira, 7 do mez de julho, amanheceu em calma ainda, e logo entrou uma aragem a nosso favor, e com

ella fomos chegando para a terra, mas como havia nevoa, não vimos a armada dos turcos, e os nossos navios alguns vinham muito longe, porém ao jantar se desfez a nevoa, e se viram os turcos pela nossa proa, mas muito debaixo da terra, na volta em que os vieram buscar.

«Acalmou de todo o vento, mas depois de jantar, seriam duas horas, entrou um vento noroeste, e com elle fomos na volta da terra, para onde os turcos se viam; toda a tarde velejámos até á noite, de tal sorte que lhes ganhámos o barlavento, e elles mettidos todos á orsa, com todo o panno para a terra, com o intento, sem duvida, de que todas as madrugadas venha o vento da parte da terra, e estando elles debaixo d'ella, querendo nós atacal-os, vinham elles a ficar de barlavento, que é o que a nós nos não convinha.

«De noite a nossa corveta, que sempre andava sobre elles, fez signal, atirando uma peça, e da nossa armada se lhe respondeu com outra.

«Andámos toda a noite para a terra, e na madrugada veiu o vento ao norte, e mandou-se offerecer ao general venesiano, pela falta de agua que dizia ter, quarenta pipas de agua, e dez pipas de vinho, isto só da nossa nau *Pilar*, e das outras naus nossas, conforme ao que cada um tinha, o que os venesianos não acceitaram.

«Em quinta feira, 8 do mez, com o vento norte foi preciso voltar a nossa armada na volta do mar; por não ficarem os turcos de barlavento, por quanto os nossos generaes íam com animo de os atacarem n'este dia; porém como Deus só sabe o que é melhor, cresceu muito o vento norte, e o mar muito crespo; e assim fomos com todo o panno na volta do mar até ao jantar, em que voltou o vento ao noroeste.

«O general Bel Fontaine fez signal de metter em linha de batalha, e logo voltou a capitania de Venesa e toda a armada na volta da terra. Constava a armada de 35 naus de guerra, 4 burlotes, 3 corvetas e os mais transportes, não fallando nas vinte e sete galés, e assim fomos toda a tarde, sem já vermos a armada dos turcos. D'esta sorte fomos até á meia noite, em que tornámos a voltar ao mar. N'este dia se tirou o tinelo da agua, e se mandou dar por ração meia canada a cada pessoa.

«Em sexta feira, 9 do mez, continuou o vento nor-noroeste teso, e o mar muito grosso, e com elle andámos até

ás 11 horas da noite, em que tornámos a voltar para a terra; e assim andámos esta noite toda aos bordos.

«Em sabbado, 10 do mez, andámos todo o dia com vento oeste e o mar muito grosso.

«Appareceu a nau *Santa Rosa* com a vela da gavea ferrada, e o mastareo do joanete em baixo; e andámos todo o dia aos bordos e á capa. Á tarde fomos na volta da terra, e estando bem perto d'ella, se descobriu a armada dos turcos ancorada no porto de Coron, que faz uma bahia, não muito grande, com suas fortalesas.

«Voltámos outra vez na volta do mar, uns navios com as gavias ferradas, e outros só com o panno com que podiam; e assim fomos toda a noite com alguma desordem.

«Esta manhã tinha o gageiro dado parte de que faltavam duas naus da nossa companhia. Chegou a nós um patacho inglez, que tinha passado por Coron, e visto a armada dos turcos, e disse que lhe tinham chegado alli os navios de Argel e de Tunes e que eram por todos 54, e que na terra tinham tomado polvora, e outras munições, e alguma gente, para nos virem buscar.

«Em domingo, 11 do mez, pela manhã cedo, se ajuntou a nossa armada, que pelo tempo se tinha espalhado com bastante desordem. Se os inimigos dessem comnosco d'esta maneira, creio que muito mal passariamos. Ao jantar atirou a capitania de Venesa uma peça, e os navios se foram ajuntando.

«Em segunda feira, 12 do mez, deu parte o gageiro de que appareciam muitas embarcações pequenas pela nossa proa. Iamos na volta da terra, e seriam 8 horas da manhã, vieram as nossas galés incorporar-se na armada, e continuámos todos na volta da terra, com pouco vento e mar chão.

«Esta mesma manhã, seriam 10 horas, estando eu sentado no meu rancho, com a portinhola aberta, lendo em um livro, saltou do mar um peixe do tamanho de um palmo, entre vermelho e azul, com umas barbas para diante, como o camarão, e estreitinho, e pela bôca, que fazia como uma trombinha, assim que caíu lançou um golpe de agua. Eu o mandei deitar em uma bandeja de agua salgada, e d'ahi a pouco espaço de tempo o tornei a mandar deitar ao mar vivo. Quando saltou dentro da nau, caíu bem aos meus pés, e eu não o tive por bom agouro...»

No dia 13 a armada veiu para a enseada de Passavia, no cabo Matapan, e ahi deram fundo as galés.

«Em quarta feira, 15, andámos bordejando debaixo da terra, entre o cabo Matapan e a ilha de Cerigo... que fica pegada com a terra firme, e só as divide um canal da largura de uma legua. Depois de jantar vimos saír d'este canal, para a ponta onde a nossa armada estava, por debaixo da terra, 9 embarcações com vélas latinas, que vinham a nós, e conheceu-se serem galés. Atiraram uma peça, e a capitania de Venesa respondeu com outra promptamente. Porém as galés, desconhecendo o signal voltaram logo, mettendo á orsa, a buscar o canal d'onde tinham saído, por quanto eram as galés dos turcos, e julgavam que a nossa armada era a sua, e como a reconheceram se pozeram em fugida.

«E podendo as nossas galés levantar-se a tempo, á véla e a remos seguirem-n'as, e estando as outras já tão perto, quasi a tiro de peça, nenhuma diligencia se fez para isso, que facilmente poderiam tomar. Só, já tarde, o general Bel Fontaine fez signal de caça. O conde do Rio e o Bolhano, nas suas naus, que estavam mais ao mar, as foram seguindo, mas sem effeito, porque ali só as galés é que podiam facilmente chegar.

«A nau de Malta, *S. Raymundo*, que era navio mais ligeiro, as foi seguindo, mas as galés vão a terra, e os navios grandes não podem chegar-lhes, mas podem destruil-as com artilheria. Emfim, ellas se foram embora, porque em toda a parte ha descuidos e ignorancias.

«Em quarta feira, 15 do mez, veiu toda a armada dar fundo junto á entrada, n'esta enseada de Passavia, a que chamam Porto-Longo, e se começou logo a fazer agua e lenha, em um rio que vem das serras, e se vem metter aqui no mar d'esta grande enseada, que n'este logar faz a terra, em a qual não ha cidade, nem villas, mas apenas alguns logarejos, mui pequenos e pobres, e afastados da praça, porém a gente d'elles vem vender o que tem á nossa gente, carneiros, vaccas, cabras, leite, pão, queijos e outras cousas, porém é uma gente muito agreste e rustica, e dizem que são grandes ladrões. É reino da Morea, são gregos e eram sujeitos aos venesianos, e hoje são dos turcos, que a tomaram n'esta guerra, na primeira campanha que fizeram, sem os venesianos os defenderem.

«Mas os naturaes da terra, quando aqui aportam outras nações christãs, tratam com todos. São homens de grande corpo, andam os mais d'elles com uns barretes, ou cascos de ferro na cabeça, que são delgados, e com as espingardas muito compridas. As mulheres dizem que são agrestissimas. E esta era a famosa Grecia, n'outro tempo tão nomeada, e n'este tão abatida.»

No dia 16 continuava a armada a abastecer-se na enseada de Passavia.

No dia 17, a armada estava ainda na enseada a prover-se do que precisava. N'este dia foram á terra quatro cavalleiros de Malta, e foram perseguidos por uns turcos, dos quaes se escaparam anoitecendo; perdendo um dos cavalleiros um cão de perdizes de muita estimação.

Em terra estavam 1:200 soldados esclavonios das galés, que faziam a guarda de dia e de noite, aos que andavam colhendo lenha e agua.

Outro cavalleiro de Malta, que se afastou para um logarejo mais distante, foi visto por uns turcos, que fizeram fogo sobre elle, e o mataram. Toda a nobresa da armada o foi buscar e lhe deram sepultura no campo.

As corvetas que andavam de vigia recolheram, e disseram que a armada dos turcos saíra de Coron, e se fôra na volta de Modon, que é outra praça no reino da Morea.

VII

«Em domingo, 18 do mez, veio um patacho francez do porto onde os turcos estavam, e chegou tambem a corveta que andava de vigia sobre elles, e disseram que os turcos vinham velejando para nós, e o conde do Rio que sempre andou á véla, sem dar fundo, ao largo da enseada, largou uma bandeira azul na pôpa da sua nau.

«Da nau do general Bel Fontaine veio um escaler, com ordem de que logo logo se fizessem á véla, porque os turcos ahi vinham, e que ao amanhecer estariam comnosco.

«Desfez as gavias, e nós fizemos o mesmo, atirou a capitania de Venesa uma peça e nós fizemos o mesmo, e Bel Fontaine outra, e começámos a levar a amarra, o que não custou pouco, por ser muito grossa, e a amarra muito pesada, e estar muito cravada no lodo, de que era o fundo d'aquella

enseada; e logo nos fizemos á véla e toda a armada; porém toda a noite houve calma.

«Era o primeiro dia de lua cheia, e fazia um luar como se fosse claro dia. Quando amanheceu não estava ainda a armada mettida em linha, e os navios sem ordem de batalha, e os turcos já á vista, fazendo a sua linha no meio da enseada defronte de nós.»

A BATALHA

«Em segunda feira, 19, dia de Santa Justa e Rufina, ao amanhecer, se viu toda a armada dos turcos, que constava de 54 naus grandes e pequenas, meia legua, seria, defronte de nós, tomando toda a largura da bocca da enseada, mas sem vento, e nós tambem sem elle, para podermos formar a linha dentro na enseada de Passavia, entre o cabo de Santo Angelo e o cabo Grosso; ainda que as galés foram tomando algumas naus a reboque e mettendo-as na linha, a qual se foi concertando o melhor que pôde ser, com muito trabalho. Veio aos turcos uma aragemsinha de vento a seu favor, e em linha se vieram pouco a pouco chegando para nós, que estavamos dentro na enseada, e d'ella não podiamos sair, porque por todas as partes era terra, e a bocca tinham elles tomada, e nem havia vento, e por isso, por força haviamos de aturar alli o combate. E ficámos entre elles, e a terra, que estava muito perto; e fomos fazendo a nossa linha e não muito bem composta.

«E começaram os turcos a batalha, e vieram batendo com a sua artilheria aos nossos, e chegando-se com o barlavento que traziam d'esse pouco vento que havia. Desfazendo a ordem da linha que traziam, os seus navios do centro se fizeram n'um corpo, e vieram carregando aos nossos. Como as nossas galés e transportes estavam entre nós e a terra, e tão perto d'ella, que era a tiro de espingarda, sairam os navios de Argel e de Tunes da sua linha, e soltos entraram a vêr se lhe podiam fazer algum damno. A isto voltou a capitania de Venesa, que era a primeira da direita da nossa linha, sobre a terra, e toda a linha se foi voltando com ella, de tal sorte que veio a ficar sómente a esquadra portugueza em frente de toda a armada dos turcos, e dos maiores navios d'elles, que eram as sultanas de Constantinopla. E vieram a ficar as nossas sete naus, as duas de Malta, e a

venesiana *Fortuna Guerreira*, a qual nunca se apartou da nossa esquadra até ao fim da batalha.

«Sobre estas naus carregou toda a força da armada turca, desde as 8 horas da manhã até ao sol posto, com tanto fogo, que não se póde encarecer.

«A nossa linha se desfez tambem, e só ficaram n'ella mais que a *Fortuna Guerreira*, as *Necessidades*, *Bocage*, a *Santa Catharina*, do general Bel Fontaine, e a sua segunda *S. Raymundo*, e atraz d'estas a nossa *Pilar*, e atraz de nós a *Conceição*, do conde do Rio, e atraz d'elle *Santa Rosa*, do capitão Bolhano, e atraz d'este a *Assumpção*, de Pedro de Sousa Castello Branco. Sendo já mais de meia tarde, e estando com muita avaria as duas naus de Malta, arribou o general Bel Fontaine mais para dentro da enseada, levando comsigo as *Necessidades*, *S. Lourenço* e *S. Raymundo*.

«Ficámos nós sómente, a *Pilar*, *Santa Rosa*, *Conceição* e a *Fortuna Guerreira*, porque a *Rainha dos Anjos*, de José Pereira d'Avila, tambem arribou com o general Bel Fontaine, contra toda a rasão, porque deixaram as nossas tres naus com o seu general, conde do Rio, no maior perigo, e seguiram o general estrangeiro, sem embargo de que tudo andava junto, porque alli não havia para onde se podessem retirar, mas desviaram-se do muito e grosso fogo que as sultanas faziam com artilheria de 24 libras de bala, que tambem, como nós, traziam.

«Ficaram, pois, as cinco naus referidas, unidas em uma pequena linha, supportando o fogo de 14 sultanas, que á queima roupa nos batiam, e a que nós respondiamos com vigor. Todas buscavam a nossa nau *Pilar*, que era a maior, pela banda de estibordo, e foi n'esta que nos mataram mais gente. Os turcos, porém, puzeram-se a tiro forte de artilheria, e d'ahi não passaram, nem se chegavam para nós, estando a barlavento. Não chegaram nunca a tiro de mosquetaria. Se nós estivessemos de barlavento haviamos de nos chegar mais para elles, do que elles se chegavam para nós.

«Despediu a nossa nau *Pilar* balas sem conto, de 24 e 18 libras de bala, porém muitas com pouco effeito pela incapacidade dos artilheiros.

«Na nossa nau *Pilar*, a primeira bala que entrou de uma sultana, era de 24, deu no castello da pôpa aonde estava de guarnição a companhia de granadeiros do regimento de Peniche, e matou ao sargento e a dois soldados granadeiros,

a que se seguiram outros muitos, que chegaram ao numero de 60 mortos e feridos, e estes ultimos morreram todos, por mal curados, por ignorancia dos cirurgiões, como por falta de remedios precisos. Sete soldados foram abrasados na coberta de baixo, aonde eu estava governando a artilheria d'ella, de um cartucho de 24 arrateis de polvora, que se queimou por desgraça, indo-se a metter pela bocca da peça, em cujo numero entraram quatro da minha compania.

«Pelejou-se sempre com a artilheria, porque os turcos nunca fizeram diligencia para abordar as nossas naus, por lhe conhecerem a sua força.

«Era a nossa nau *Pilar* batida por 10 sultanas com tanta força, que sendo meia tarde, disse o piloto ao conde de S. Vicente que arribasse um pouco, e o conde enfadado disse— «que se alguem lhe fallasse em arribar, uma espada que ti«nha na mão lhe havia de tirar a vida.»—O que foi acção grave.

«Vendo o conde do Rio o grandissimo damno que faziam á nossa nau a cuja pôpa elle estava, foi mettendo á orça pela parte d'onde nos batiam, com uma bisarria notavel, e metteu-se por entre nós e os turcos, dando-lhe a banda d'aquella grossa artilheria, que levava tirada da torre de S. Julião, de 36 libras de bala, que atirava assentadas as carretas no chão. Logo os turcos se retiraram, e já o sol se ia pondo.

«Seria ainda meia tarde quando um burlote venesiano abordou uma nau dos turcos, e pondo-se fogo ao burlote, que era grande, se retirou a gente; porém os turcos andaram tão dextros, que poderam afastar o burlote da sua nau, e ficaram livres do fogo que ateava com grande força.

«Ao sol posto fez a capitania dos turcos signal, e toda a sua armada se ajuntou. A capitania era muito grande e de tres baterias. O fogo foi parando, e a armada turca alargando-se para o mar, deitaram a pôpa para a ilha de Cerigo, ficando nós em calma, á capa, na mesma enseada, onde foi a batalha d'este dia, que podia ser memorada pelo muito tempo que durou, tudo a balas de artilheria.

«No fim do combate mataram na nossa nau, indo chegar ao portaló, o capitão de mar e guerra Manuel André, com uma bala de artilheria, que lhe levou a cabeça.

«Deram mais de 100 balas na nossa nau *Pilar*, mas com pouco effeito, ficando algumas pregadas no costado d'ella, sem o passarem pela fortalesa das madeiras do Brasil, onde

fôra feita. Só uma bala de 12 libras passou o mastro do traquête, e outra de pedra atirada de muito perto rompeu o costado da coberta debaixo, defronte da escotilha, e alli se fez em pedaços, e um d'elles levou metade da cabeça a um marinheiro que estava á peça, que cada uma tinha doze homens para a manejarem e laborarem. Pelas portinholas entráram algumas balas, que mataram alguma gente, porque as portas sempre estiveram abertas, sem se arriarem abaixo, por maior vantagem de valor e capricho.

«Na nau *S. Lourenço* arrebentou uma peça de ferro, na praça d'armas, e matou logo 5 homens e feriu 6, n'estes ultimos entrou o capitão tenente Sebastião dos Reis, em um braço, que ficou leso d'elle.

«Na nau do conde do Rio morreram 25, em que entrou um granadeiro do meu regimento. Um frade franciscano, chamado fr. Francisco Xavier, que por seu gosto foi na armada, só por acompanhar o conde do Rio, que era seu amigo, perdeu uma perna, que lh'a levou uma bala de artilheria. Porém não morreu, porque foi curado com grandissimo cuidado, com empenho do conde do Rio.

«O numero de mortes na nossa esquadra, pelas relações que se fizeram, foi de 80, e os feridos foram 120, de que os mais d'elles morreram.

«Os venesianos nos tres combates, e n'estes tiveram, entre mortos e feridos, mais de 1:500. A nau de malta em que ia o general Bel Fontaine lhe mataram e feriram muita gente. A nau era um casco velho e muito frazino, de sorte que á meia tarde arribou por não poder soffrer o fogo dos turcos.

«A nau *Fortuna Guerreira*, venesiana, que sempre andou com a nossa esquadra, e não com os seus venesianos, ficou rasa, sem mastro nenhum, e a *S. Pio V* da mesma sorte ficou rasa, e mais outras duas; e assim estiveram pelos poucos ou nenhuns sobrecellentes que trazem nas suas naus os venesianos, para poderem supprir as faltas que d'elles podem ter.

«Os turcos atiravam com balas de pedra, que tinham quatro palmos em roda. Na nau *Santa Rosa* ficou uma inteira, e na nau do conde do Rio ficou outra tambem inteira. Na nossa nau *Pilar* entrou uma, como já disse, que matou alguma gente, fazendo-se em pedaços, e a mim me bateu n'uma perna um pedaço muito pequeno, e já com pouca força, me

molestou, mas pudera ser peior. Os turcos e os venesianos usam ainda nas suas naus este genero de artilheria, a que chamam *pedreiros;* e cada nau traz sómente quatro na coberta debaixo, duas de cada banda. São umas peças muito grossas e curtas, e não atiram senão com balas de pedra, e de muito perto, porque quebram e matam muita gente.

«Passámos a noite toda em calma, ainda dentro da enseada e muito pegados á terra, deitando os mortos ao mar, e curando os feridos, dos quaes a maior parte morreu, como já se disse, por ignorancia dos cirurgiões e falta de remedios.

«Disse-se que os turcos tinham perdido um navio que fôra a pique, e outro queimado por accidente, porém eu não vi nada d'isto. É certo que dias depois, na sua armada faltavam quatro navios.»

VIII

«Em terça feira, 20 de julho, estivemos em calma, e, seriam 10 horas, veiu uma aragem da parte onde estavam os turcos, os quaes logo viraram as prôas a nós, que já os estavamos esperando; e d'ahi a pouco tempo tornaram elles a virar na volta da terra.

«Depois de jantar, veiu um vento noroeste fresco, em que fomos vendo se podiamos sair para fóra da enseada em que estavamos mettidos, e vencer assim a ponta da terra, para sairmos para o mar, para que, se os turcos viessem, nos não tornassem a achar mettidos no sacco da enseada. O vento, ainda que não era muito, era em pôpa para nós irmos para elles, porém tinhamos alguns navios muito desmantelados, principalmente dos venesianos; e nós com muito poucas munições de polvora e bala, pelas muitas que se gastaram no combate passado de todo um dia, a atirar sem descançar.

«Foi crescendo o vento de tal sorte, que veio a ser tormenta desfeita. Virou toda a armada outra vez na volta da terra, e uma nau venesiana caiu sobre a nossa nau *Pilar* e esteve mais de um quarto de hora atracada comnosco, e não custou pouco trabalho o desembaraçarmo-nos um do outro, sem damno.

«A nossa nau *Pilar* veiu descaindo com o vento, e ficou bastante apartada dos mais navios, e querendo dar por

d'ávante para nos irmos a incorporar com elles, que iam na volta da terra, não quiz a nossa nau arribar, nem obedecer ao leme, por mais diligencia que para isso se fez, e indo sempre a descair com o grande vento, que fazia, para a parte onde os turcos estavam, não nos deu pouco cuidado, por quanto já estavamos muito distantes do corpo da nossa armada, e sempre descaindo para elles. N'isto gastámos perto de tres horas.

«Era já noite; e como traziamos a lancha pela pôpa, entendeu-se que ella seria a causa da nau não obedecer ao leme, nem querer arribar, e juntamente as gaveas todas passadas de balas, que pareciam um crivo, e assim não tomavam o vento para marearem.

«Porém, metteu-se logo outra vela de gavea e outro velacho, e a vela grande, e mandou-se puchar a lancha ávante, a bordo da nau, e carregando o leme, obedeceu, e logo arribou: demos por d'ávante e fomos na volta da terra a buscar as nossas naus, com que andámos até pela manhã. As galés ficaram ancoradas junto á terra, e pegadas a uma ponta d'ella, que haviamos de montar para sairmos para o mar, o que não podemos fazer essa noite, por causa do destroço de alguns navios venesianos, e principalmente os dois *S. Pio V* e *Fortuna Guerreira*, que estavam de todo desarvorados, sem mastro algum.

Em 21, a armada alliada viu a armada dos turcos, junto ao canal da ilha de Cerigo, na volta da terra, mettendo á orça para ganhar o barlavento. Não o alcançaram, e esta circumstancia valeu á esquadra alliada, que andava em muita desordem, com a gente em geral descorçoada, e com as naus venesianas tão destroçadas. N'este dia uma nau grande venesiana, o *Triumpho*, desarvorou do mastro grande, e d'ahi a pouco dos outros dois, e ficou rasa. Ao sol posto os turcos estavam muito perto da armada de Bel Fontaine, mas de sotavento. O vento saltou ao norte, muito rijo. Ao amanhecer já se não viam os turcos. Alguns navios da esquadra se afastaram bastante do corpo d'ella.

Em 22 abonançou o tempo, e a armada andou bordejando á capa, esperando que se unissem os navios que faltavam.

Em 23, continuou a esquadra aos bordos á espera das naus, que andavam afastadas, as quaes eram 12.

Em 24, foi a armada com a prôa ao norte quarta de nor-

deste, por barlavento, na direcção da ilha de Zante. N'este dia mandou o conde de S. Vicente repartir cincoenta moedas de oiro pela gente que estava nas baterias no dia do combate.

No dia 25, se juntaram duas naus das que andavam afastadas, e a nau do conde do Rio salvou com cinco peças á festa, que n'ella se fez a Santa Anna, em que foi prégar o capellão da nau *Pilar*, o padre fr. José de Santa Rosa.

Em terça-feira, 27, seriam 11 horas da noite, vindo eu da mesa do conde, de cearmos, para o meu rancho, a deitar-me, estava a escotilha aberta e o porão, e passei inadvertidamente, e cai no porão da nau, o qual é bastante alto da coberta, e fiquei logo sem sentidos nem falla, e sem acção de vida. E como as cobertas estavam ás escuras, e só com a luz do lampeão das bandeiras, começou a sentinella a gritar, e sem me conhecerem foi logo gente abaixo, e conhecendo-me, me trouxeram para cima como morto. Deitaram-me no rancho, e viram que tinha o osso da furcula (a clavicula que liga o braço ao peito) da parte esquerda quebrado sercio (direito) pelo meio, uniram-m'o, e apertaram-m'o com talas, e sangraram-me e fizeram-me muitos remedios e tive muitas dores.»

Foi a armada continuando a sua viagem, e no dia 31 de julho houve conselho a bordo da nau do conde do Rio sobre a retirada para Lisboa. N'este dia mandou o conde do Rio que a nossa nau *Necessidades* rebocasse a venesiana *Fortuna Guerreira*, que continuava desarvorada.

Em 2 de agosto fizeram conselho os generaes de Venesa e do papa, e vieram a bordo das naus do conde do Rio e de S. Vicente, pedindo-lhes que os não desemparassem ainda. Os nossos generaes lhes disseram, que até 15 de agosto os acompanhariam, que eram as ordens que tinham de el-rei.

Nada occorreu digno de menção até ao dia 7 de agosto, em que uma tartana franceza, que fallou com a esquadra, em frente de Tarento, disse que estivera uma armada de turcos na ilha da Sapiencia, e que alli soube que elles tiveram, entre mortos e feridos, dois mil homens, e um dos bachás ficára ferido.

Ia a armada seguindo a sua derrota, e o conde do Rio mandou a nau *Necessidades* a Corfu e a Zante, á procura da nossa charrua, que a armada portugueza alli deixára, le-

vando o *Bocage* o dinheiro necessario para pagar toda a despesa que a charrua lá tivesse feito. A charrua estava em Corfu, e o *Bocage* a trouxe. N'este dia se despediram os generaes portuguezes dos venesianos, do general Bel Fontaine.

«Em sexta-feira, 13... foi-se para a nau de Malta Manuel Antonio, irmão do cavalleiro maltez Gonçalo de Almeida, que é hoje senhor da quinta de S. João dos Bem Casados, em Lisboa. Manuel Antonio tinha andado toda a viagem doente, a bordo da nossa nau *Pilar*, por quanto na galé de Malta, em que andava, não havia capacidade nem commodo para se poder curar.»

A nau *Rainha dos Anjos*, que tinha ido a Messina levar o provedor da fazenda da armada, Thomaz Teixeira, n'este dia voltou a reunir-se á esquadra.

N'este dia se soube que uma sétia tinha encontrado a armada de Castella, composta de 12 naus grossas e 6 galés, no Pharo de Messina, e que ia a empregar-se em tomar a ilha de Sardenha, em vez de nos ter ajudado contra os turcos.

«Em domingo, 15... veiu um recado ao conde, do general de Venesa, dizendo-lhe que bem podiam acompanhal-o até 15 de setembro, e que vindo a armada de Castella, bem podiam intentar alguma honrosa operação contra os turcos, isto não estando os venesianos capazes de nada, pelo destroço dos seus navios, e se acharem faltos de tudo. Entendemos que isto era industria nos venesianos, e que desejavam que por lá invernassemos. O conde do Rio fez signal de conselho, e lá foi o nosso conde de S. Vicente, e se resolveu que fossemos para Messina.»

A armada continuou a sua viagem sem novidade até ao dia 24 de agosto.

«Em terça feira, 24, dia de S. Bartholomeu, entrámos da banda de dentro do porto da cidade de Messina, e démos fundo defronte d'ella, muito perto da fortalesa ou cidadella, a par da capitania, que já havia dado fundo no mesmo logar. Disseram-nos os ministros da terra, que ao menos haviamos de fazer dez dias de quarentena, porque era ordenação d'aquelle reino. Porém, todo o mar andava cheio de barquetas ao redor das naus, a verem os rombos que traziam da artilheria dos turcos, que não eram poucos, dandonos grandes louvores. Esta manhã, vindo a nau *S. Lourenço*

a dar fundo se embaraçou com a nossa nau *Pilar*, por culpa do mestre ou piloto d'ella, e de tal sorte que nos custou muito a safarmo-nos d'ella; e de tarde a *Santa Rosa* tambem caiu sobre nós, vindo á vela, e nos quebrou um pharol, que foi ao mar, e parte da varanda de bombordo, porque, como as naus estão n'aquelle porto todas juntas ancoradas, muitas vezes lhes succedem aquellas desordens.

«Em quarta feira, 25, vieram a bordo das naus algumas barquetas, a vender varios refrescos, com licença da saude, de pão, peixe, hortaliça, e admiraveis melancias. N'este dia me levantei da cama, pela primeira vez.

. . . . . .

«Em 28, se embandeiraram todas as naus e empavesaram com muitas bandeiras e galhardetes, e salvaram de manhã, ás 3 horas da tarde, e ao anoitecer, com 21 peças. Á noite todas as naus pozeram luminarias e deitaram foguetes. Isto foi para solemnisar o nascimento do principe, cuja noticia se havia recebido.

D. Antonio da Silveira teve um desafio no lazareto com D. Affonso de Noronha, por motivos que o author do *Diario* não menciona, pelo que o conde do Rio os transferiu para differentes naus.

«No dia 31, foi levantada a quarentena á esquadra, tendo sido só de sete dias. Veiu o governador da cidade a visitar o conde do Rio, e foi recebido com 11 peças, e quando se retirou para terra, mandou salvar ao conde com outras 11 peças.»

IX

«Em quarta-feira, 1 de setembro, chegámos mais para a terra, e estavamos tão perto do caes, que das naus com uma pedra se lhe chegava.

«O provedor Thomás Teixeira, que morava defronte das naus, com seis janellas grandes de frente para o mar, armou as janellas com madeira, pondo-lhes tarjas pintadas com as armas de Portugal, e á noite teve muitas luminarias em todas as janellas, deitando muitos foguetes e fazendo grandes fogueiras. Fez uma opera de musica em um tablado, que armou e alcatifou defronte das mesmas janellas, e deu um grandissimo banquete a todos os cavalleiros da armada e da terra que lá quizeram ir. E isto fez por tres

dias, por causa de lhe dizerem os naturaes da terra, que a festa que o conde do Rio fizera na armada, de luminarias e salvas, fôra pelo nascimento do infante D. Pedro, e que deviam de ser de tres dias, e não um sómente. Thomás Teixeira, picado d'este dizer, e por credito da nação portugueza e do reino, em despique fez os tres dias. Eu assim o ouvi dizer. A verdade é, que a festa dos tres dias foi feita com grande estrondo, muito gosto e applauso de todos.

«Em quinta-feira, 2 de setembro, me vesti, como pude, e ainda que muito molestado e o braço emprastado, e fui a terra com o nosso padre capellão, fr. José de Santa Rosa, e com um religioso natural da mesma cidade, chamado fr. Boaventura, do convento de S. Francisco de Assis, e levou-nos para o seu convento, e para a cella do padre provincial, o qual era um bom religioso, já velho, muito venerado e um bello homem, e com elle estivemos conversando em varias cousas, quando nos vieram chamar para o refeitorio, onde jantámos com grande agasalho de todos os frades.

«Aqui n'este refeitorio, ao pé da mesa, onde se assentam e comem os prelados, que fica na frontaria d'elle, está um logar com uma pedra oitavada do tamanho de tres palmos, com uma cruzinha pequena em cima, que é o logar onde o nosso Santo Antonio de Lisboa, quando assistiu n'esta cidade e n'este convento, esteve á culpa (fez penitencia) o qual foi fazer um poço em uma noite (por milagre) ali no claustro, o qual poço é bastante fundo, mas estreito, de muito boa agua, que eu bebi d'ella, e é a que se gasta no convento. (Aqui traz o *Diario* o desenho da pedra.)

«E junto a este claustro está a sua capellinha pequena, mas muito bonita com o seu retrato verdadeiro; e n'esta capella Santo Antonio dizia missa, e n'ella fizemos oração, e eu estimei muito vel a. Depois de jantar fomos para a cella do padre fr. Boaventura, e n'ella estivemos até á tarde, em que saímos, e eu fui comprar duas encommendas de meias de seda para um amigo de Lisboa... Vim embarcar-me para ir para a nau. No passeio da praia, que estava muito variado e aguado, havia muitos coches com senhoras e damas mui bisarras, e cavalleiros e outras gentes, passeiando em uma volta e outra, e dava muito gosto vêl-as. Á noite houve grande ceia e baile em casa do provedor Thomás Teixeira, onde assistiram todas as senhoras princi-

paes da terra, e os fidalgos da armada e da terra com boa amisade e cortezia.

«É cousa notavel e digna de reparo o ver, que em toda a parte onde os portuguezes chegam e vão, se dão com elles todos de qualquer nação que sejam, com grande familiaridade, assim homens como mulheres, como eu tenho visto e experimentado por todas as partes por onde tenho andado, e em que me tenho achado.

«Ás naus vinha todos os dias innumeravel gente a vender tudo quanto se queria, tanto de cousas de comer, como de outros generos; e tambem vinha muita gente para ver as naus, com toda a confiança. A ninguem se aggravou nem se offendeu, nem houve nenhum siciliano que se queixasse de alguma pessoa da armada, porque houve muito cuidado n'este particular, assim nos cabos como em todos os mais officiaes, antes todos desejavam que nos não fossemos embora, e que a armada invernasse n'este porto de Messina pelo bem que comnosco se deram, e tambem porque em a nossa demora tinham alguma conveniencia.»

No dia 3 continuou o festejo em casa do provedor Thomás Teixeira. Á noite houve um grande fogo de artificio em frente das suas casas, e repetiu-se o banquete e o baile. «E, diz o *Diario*, ficámos com grandes creditos n'aquellas partes».

«Em sabbado, 4 do mez, fui a casa do provedor a pedir-lhe umas moedas emprestadas, que me foram precisas, por conta do meu soldo, que tinha vencido, que era de 20$000 réis cada mez, e logo m'as deu, e se quizesse mais m'as daria, porque era um honradissimo sujeito.»

No dia 5 nada houve de notavel; e no dia 6 partiu para Roma D. Affonso de Noronha, por causa de umas cartas que vieram d'aquella cidade, do marquez de Fontes, pelo que houve conselho dos cabos da armada e do provedor.

No dia 8, dia de Nossa Senhora da Luz, diz o capitão Ribeiro Soares que se confessou logo pela manhã. N'este dia se armou a tolda da nau *Pilar*, com pannos de raz, as cobertas se pozeram safas com a artilheria fóra, na tolda se poz uma mesa muito comprida, que tomava todo o xadrez, a nau estava toda embandeirada e empavesada, e tudo isto para o banquete que o conde de S. Vicente deu ao governador de Messina e a sua esposa, que era uma senhora de vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, e muito for-

mosa, bem feita de corpo, alta, mui branca e loira, com boas carnes, não gorda, mas em perfeita proporção.

A baixela da mesa era toda de prata. O conde do Rio assistiu ao jantar.

«N'este dia veiu muita gente da terra vêr a nau, e juntamente muita pobresa sómente a pedir esmola, porque em toda a parte se experimenta este mal, mas n'esta ilha da Sicilia ha muita pobresa.»

Em 9 mandaram os venesianos pedir ao conde do Rio que os soccorresse com mastros e vergas para a nau *S. Pio V*, que estava no porto de Regio, desarvorada.

No dia 10 foi a charrua, com a mestrança da armada, levando alguns mastareos e vergas para a nau venesiana.

A armada salvou com tres peças, nos dias 11, 12 e 13, para festejar a victoria que as armas imperiaes, ao mando do principe Eugenio, alcançaram dos turcos em Belgrado.

Até ao dia 16 não houve cousa que mereça menção. N este dia vieram jantar a bordo do conde do Rio umas senhoras, e o conde lhes mandou salvar com sete peças.

X

«Em sexta-feira 17... Publicaram as *Gazetas* a relação do combate que houve, entre a armada alliada e a dos turcos, e o soccorro que démos á nau *S. Pio V*, mas ao livreiro se prohibiu que as vendesse, a pedido do nosso conde do Rio, porque não quiz, e com rasão, que sendo feita por portuguezes entre gentes estranhas, fossemos os que nos louvassemos a nós mesmos, porque fallavam muito em nosso abono e louvor e pouco nos venesianos. Tambem se imprimiu uma carta ou relação (dizem que feita pelo coronel do regimento da armada Pedro de Sousa Castello Branco), a qual egualmente se mandou recolher, porque, como diz o nosso Camões na estancia 4.ª do canto 3.º:

> Que outrem possa louvar esforço alheio,
> Coisa é que se costuma e se deseja:
> Mas louvar os meus proprios, arreceio
> Que louvor tão suspeito mal me esteja.

«E assim andou bem o conde do Rio em fazer com que se recolhessem, assim a carta (a *Relação*), como as *Gazetas* que tinham saido em nosso louvor.»

(A relação que o auctor do *Diario* diz ter sido publicada em Messina, por Pedro de Sousa Castello Branco, foi com effeito publicada n'aquella cidade com o nome de D. Inofre Chirino, clerigo regular. É bastante rara. A bibliotheca não a possue. Na *Bibliographia*, do sr. Figanière, vem mencionada, e este intelligente e incansavel bibliographo possue um exemplar da dita *Relação*. O sr. Innocencio tambem a menciona.)

«Em sabbado, 18, foi o conde assistir a uma festa que se fazia na egreja de Nossa Senhora de... e foram as trombetas e boazes, e levou o nosso padre capellão fr. José de Santa Rosa, que prégou na festa.

(*Boazes*, eram charamellas, a que chamamos hoje oboe, e diz Bluteau que estes instrumentos nos vieram do norte. Os francezes lhes chamam *hautbois*.)

«No dia 21, fazendo-se á vela a nau venesiana que estava em Regio, insubordinou-se parte da guarnição com alguns officiaes, e dando uma descarga mataram logo o capitão da nau, e feriram outros, e pretenderam encalhar a nau, em terra, fugindo para a Sicilia. Os fugitivos desembarcaram perto de um forte, do qual sairam 100 homens com o seu capitão, e desarmaram os criminosos, e ali os retiveram, dando parte ao governador de Messina, o qual pediu gente ao conde do Rio para mandar buscar a nau. O conde mandou 70 homens, e alguns officiaes de mar para levarem a nau, para onde o nobre venesiano, que vinha n'ella, quizesse.

«Estas naus venesianas, sem embargo de terem um capitão de mar e guerra, trazem tambem um nobre venesiano, que as governa. Este escapou por industria, porque disse aos levantados que levassem a nau para onde quizessem, porque iria com elles. O conde do Rio tambem mandou logo o *Bocage*, com a nau *Senhora das Necessidades*, a qual levava a companhia de granadeiros do meu regimento, com o seu capitão Manuel José, por quanto na nau venesiana tinham ficado 150 homens de varias nações, e entendia-se que se poriam em defeza; mas não o fizeram, porque não estavam culpados no caso. Guarneceu-se a nau com os granadeiros portuguezes, e trouxeram-na para Messina, onde deu fundo junto das nossas naus.»

No dia 24 foi a bordo da nau *Pilar* o nobre venesiano da *S. Pio V*, e foi recebido com uma salva de 11 peças, e

á despedida teve a mesma salva, a que correspondeu a nau venesiana: e na tarde do mesmo dia, vindo o conde de S. Vicente a bordo da nau venesiana foi recebido com salva de 13 peças, e do mesmo modo á despedida, correspondendo a nau *Pilar*. «Politicas militares, diz o *Diario*, que parecem admiravelmente em quem as sabe entender e usar.»

No dia 25 o conde do Rio fez uma festa a Santa Anna, na egreja dos jesuitas, e n'ella prégou o padre fr. José de Santa Rosa. Chegou de Roma D. Affonso de Noronha e trouxe carta do summo pontifice para o conde do Rio, e os termos da carta foram traduzidos pelo padre fr. Francisco Xavier, franciscano, que, como se disse já, perdeu uma perna, a bordo da nau do conde do Rio, no dia do combate.

A carta pontificia felicita o conde do Rio pelo resultado da batalha de Passavia, e é n'estes termos:

«Clemente P. XI.

«Amado filho, e illustre heroe, saude e apostolica benção. Como quer que a mim fosse patente por cartas de muitos, e por que tambem vocalmente fui muito bem inteirado de que vós, principalmente pela vossa nobresa, como tambem a vosso exemplo todos os mais capitães e soldados das guerreiras naus, mandados pelo nosso filho, muito em Christo, João, rei de Portugal e dos Algarves, e commettidos á vossa fé e illustre prudencia, ha pouco no mar da Morea, pelejassem com tanta fortalesa e esforço, que foram obrigados os barbaros a retirar-se, os quaes intentavam fazer guerra nas terras e ilhas christãs, mas principalmente por causa da vossa constancia; e porém, como o mesmo preclaro successo a vós principalmente pertença, e por nossa deprecação o memoravel rei de Portugal, pela sua insigne piedade, esforçou a armada christã com este novo, e na verdade mui avantajado soccorro, por isso julgamos ser justo que o amado filho Affonso de Noronha, o qual enviastes, o deixasemos tornar a vós com este illustre testemunho das nossas lettras, nas quaes vos damos um devido e bem merecido louvor, e aquella gloria tão solida, e que sempre ha de permanecer em vós, que alcançastes no conflicto; esta mesma vos enviamos em signal de gratulação, e ao mesmo filho Affonso mandámos entregar umas contas de heliotropio jaspe oriental, enriquecidas com os thesouros sagrados das indulgencias, juntamente com um papel impresso, em o qual as

mesmas sagradas indulgencias estão escriptas, para que em nosso nome vos entregasse. Porém como esteja chegado o tempo de recolherdes a esquadra memoravel dos vossos navios para as patrias regiões, com todo o coração ficamos pedindo Áquelle a quem o mar e os ventos obedecem, como a vós obedeceram no conflicto, vos abra feliz e santo caminho, assim a vós, cemo aos mais capitães e soldados. Com muito amor lançâmos a nossa benção apostolica. Dada em Roma, em Santa Maria Maior, debaixo do annel do pescador, aos 16 de setembro de 1717. = *João Christovão*, arcebispo.

«A Lobo Furtado de Mendonça, conde do Rio Grande, e general da armada de Portugal.»

XI

A armada, abastecida de todo o necessario, para seguir viagem até Lisboa, dispunha-se para partir no dia 2 de outubro. Todos os provimentos haviam sido pagos em moeda de ouro, dos 200:000 cruzados, que o provedor Thomaz Teixeira trouxera para o gasto da armada.

Os ventos contrarios obstaram á saida da esquadra. A gente já estava enfadada e almejava por voltar á patria. No dia 2 se pozeram as naus á véla.

A armada foi seguindo viagem sem successo notavel, apenas no dia 15 a nau *Santa Rosa* abalroou com o brulote grande, causando-lhe pequena avaria.

No dia 23, diz o capitão Ribeiro Soares, que vira o rol dos tiros que se atiraram a bordo da nau *Pilar*, e que o meirinho deu ao capitão de mar e guerra Luiz de Queiroz Carreira. O rol comprehendia todos os tiros dados, desde que a nau saira de Lisboa, em salvas e no combate, sendo 3:248 ao todo; no combate deram-se 2:300, e em signaes e salvas 948, e accrescenta o *Diario:* «em que tambem al-«guns irão furtados como costumam fazer.»

Nada mais occorreu de extraordinario, ou que mereça especial menção, e a armada entrou a barra de Lisboa, pelas 9 horas da manhã, n'um sabbado, 6 de novembro de 1717, e deu fundo em frente de Belem.

No dia 7 vieram as naus para as suas amarrações.

Assim termina o *Diario*:

«Em segunda feira, 8 do mez, desembarcou a infanteria da guarnição da nossa nau *Pilar;* e eu o fiz na praia de S. Paulo, ainda que muito doente, que nem podia bulir os braços, e com dôres em todos os ossos do corpo, que mal me podia ter em pé. Mas fez-me Deus a mercê de me livrar de tantos perigos, que podera lá ficar como tantos ficaram, que só na minha nau foram 60.

«Isto é o que vi no decurso d'esta viagem, com toda a miudeza e verdade.

«Escrevo aqui tambem a carta, que de lá mandei a um amigo, o qual é o coronel da fortalesa de S. Julião da Barra, Francisco Xavier de Castro, e o nosso conde a mandou tambem a seu pae, que me fez a mercê de m'a applaudir, quando o fui visitar.»

Aqui dá fim o *Diario,* do capitão Lourenço Justiniano Ribeiro Soares.

A carta em verso, a que já nos referimos, quando começámos a extrahir o *Diario* manuscripto, narra unicamente os successos que constam do *Diario.* Louva particularmente cada um dos capitães e officiaes que pelejaram na nau *Pilar*, assim como os das quatro naus que supportaram a maior força do combate.

A carta é escripta de Messina, e fallando de si, diz o capitão Justiniano Ribeiro Soares, o seguinte:

Com trinta annos de serviço,
E n'elle doze campanhas,
Dezoito armadas navaes,
Oito ataques, tres batalhas,

Sem nunca até o presente,
Lhe fazerem a menor graça;
Que quem sem ventura nasce,
Sem ventura a vida acaba.

Porém prometto se for,
E a resolução me não falta,
N'um canto de S. Francisco
Seguir a vida serafica.

E a el-rei Nosso Senhor
Pedir que mercê me faça
De uma cella para a vida,
E um sayal para a mortalha.

Que é o em que posso acabar,
Por ser já uso da patria,
Que aquelle que mais a serve,
E' o que menos alcança.

Por aqui se vê que o capitão Ribeiro Soares, era homem de guerra, e se empregava sempre no serviço da patria. Não sabemos se elle cumpriu a promessa de se encerrar em algum convento franciscano.

Depois achamol-o promovido a sargento-mór, posto que correspondia ao de major.

Os condes do Rio e de S. Vicente, e todos os officiaes da armada, apenas desembarcaram, dirigiram-se ao paço a beijar a mão a el-rei, que os recebeu *mui favoravelmente*, diz a *Gazeta*, e lhes mostrou grande satisfação do bem que o tinham servido.

No mez de dezembro seguinte, chegou a esta côrte o embaixador de Venesa, João Mocenigo, thesoureiro de S. Marcos, e que depois foi doge, encarregado pelo senado da sua republica de agradecer a el-rei D. João V, o soccorro que lhe enviara, confessando dever-se á armada portugueza grande parte da victoria que se alcançou dos turcos.

Com effeito, todas as relações d'este successo, são contestes em dizer, que á esquadra portugueza se deveu a salvação da veneziana. Se não fôra a valorosa resolução do conde do Rio, com a sua nau *Conceição*, do conde de S. Vicente, com a nau *Pilar*, de Pedro de Sousa Castello Branco, com a nau *Assumpção*, e do capitão Bolhano, com a nau *Santa Rosa*, e das venezianas, a *Fortuna Guerreira*, a armada alliada seria derrotada completamente na enseada de Passaviá, pelo grande poder dos turcos. Ao grande animo do conde de S. Vicente, e mais officiaes d'aquellas quatro naus, se deve a victoria, obrigando os turcos a retirarem-se, e não se temendo da sua immensa superioridade.

XII

Á benevolencia do sr. Jorge Cesar de Figaniére, devemos ter examinado o folheto publicado em Messina, por Pedro de Sousa Castello Branco, e um manuscripto que o sr. Figanière suppõem, com algum fundamento, ser do mesmo Pedro de Sousa Castello Branco.

O manuscripto póde dizer-se que é uma segunda edição augmentada e inedita da relação publicada em Messina, e refere algumas occorrencias de que vamos dar conta.

Em quanto á batalha e ao mais que vem referido no *Dia-*

rio do capitão Ribeiro Soares, confirma o completamente, por onde se vê que elle foi verdadeiro e exacto na sua relação.

No entretanto, para que se veja e aprecie a importancia do soccorro que D. João V enviou aos venesianos, e para que se conheça como n'essa época Portugal era considerado, faremos alguns extractos do referido manuscripto.

A acção do conde do Rio, em Messina, pedindo ás auctoridades que não deixassem correr as relações do combate, que descrevendo o valor e a efficacia do serviço prestado pela armada portugueza, depremiam os venesianos, que se retiraram da peleja, é digna do maior louvor. Foi uma acção bisarra e propria de um fidalgo portuguez, que julga que as proprias acções é que dão a verdadeira nobresa, e sabe illustrar o titulo que herdou com feitos gloriosos.

Notamos que Pedro de Sousa Castello Branco diz ser chefe de esquadra, e não fiscal da armada, como lemos em todas as relações: segundo elle, o fiscal era o conde de S. Vicente. Comtudo, em todas as relações, o conde do Rio é classificado como grande almirante da armada, o conde de S. Vicente, almirante, e Pedro de Sousa Castello Branco, fiscal.

Os leitores viram como o general do papa, Bel Fontaine, se retirou do combate; todos lhe deram obediencia, sob pena de excommunhão; mas o almirante portuguez despresou a excommunhão, e cumpriu briosamente o seu dever.

A este respeito diz o fiscal da armada:—«M. de Bel Fontaine, a poucas horas do combate, saíu da linha, pondo-se a sotavento d'ella com o outro navio da sua conserva, sem se perceber a causa da sua tão estranha novidade, ordenando por um official seu aos tres navios portuguezes, que iam na sua prôa, fizessem a mesma arribada, ao que elles não obedeceram, respondendo que em similhantes occasiões não era licito nem decoroso distribuir ordens particulares, quando havia signaes no regimento, de que devia usar para todas as operações que intentasse fazer. E verdadeiramente punha em perdição toda a armada, se os quatro navios de Portugal e a fragata de Venesa, que tão furiosamente se estavam batendo na rectaguarda, levados do exemplo d'este commandante, fizessem um tão desatinado movimento.

«Os venesianos se conservaram n'uma inexplicavel confusão, sem entrar em linha, nem tomar fórma, pondo-se fóra

do combate, como se vieram só a ser testemunhas do que obravam os portuguezes em defensa dos estados e interesses da sua republica, menos quatro navios que pelejaram, ainda que sem ordem, em boa resolução.....»

Depois do combate, viram os leitores no *Diario*, que houve algum intento de atacar os turcos, que se achavam a sotavento e em má posição. O capitão Ribeiro Soares diz que os venesianos estavam muito destroçados e faltos de munições, e as nossas naus tambem com a gente atormentada do combate, e que por isso a armada não caíu sobre os turcos.

Mas Pedro de Sousa Castello Branco, a esse respeito, exprime-se n'estes termos:

«No dia seguinte estiveram as armadas á vista sempre em columna, e no dia 21, ao amanhecer, puxaram os auxiliares para o mar, afim de se melhorarem para uma boa operação, como entendia era conveniente. Mas os venesianos se conservaram sempre no posto, por cobrir as galés, ou outro qualquer designio, que se não entendeu, sem se aproveitarem de uma tão favoravel conjunctura, como lhe offerecia o tempo, entrando com a sua armada no vento, como tinham feito os auxiliares, para poder descarregar sobre os inimigos, que pela calma em que estavam, se não podiam aproveitar das suas forças para a resistencia. E sem duvida seria um fausto dia para a christandade derrotando, quasi impunemente, todo o poder naval de um tão forte inimigo, fazendo-o encalhar nas suas costas com total perda dos seus navios.»

No *Diario* se viu como os venesianos tentaram demorar a nossa esquadra na sua companhia com receio dos turcos.

Pedro de Sousa Castello Branco tambem allude a este facto, e refere que o general Diedo chegara a dizer, que todas as despesas que houvesse de fazer a armada portugueza na sua demora, seriam pagas pelo senado de Venesa: a isto se lhe respondeu com despreso, diz o fiscal da armada.

Depois, tambem o governador de Messina, o marquez de Entrayves, tentou reter a armada portugueza com receio da de Castella, que se havia apoderado da ilha de Sardenha, e parecia ameaçar as costas da Italia. N'este tempo a Sardenha estava sob o dominio do duque de Saboya, dominio

que pouco durou, e Castella não estava em bom accordo com o duque.

Pedro de Sousa Castello Branco foi o encarregado de conferenciar com o governador de Messina, a similhante respeito, e concluiram que a esquadra devia partir para Lisboa, porque essas eram as ordens d'el-rei, e além d'isso, porque o marquez de Fontes, embaixador em Roma, escrevera ao conde do Rio, dizendo-lhe que el-rei recommendava muito, que a armada portugueza não se encontrasse nem avistasse com a de Castella.

Terão visto os leitores que esta expedição, de que nos temos occupado, foi muito honrosa para Portugal. A nossa marinha portou-se com aquelle valor proprio dos descendentes dos famosos argonautas que tantas terras descobriram, e tão arriscadas expedições emprehenderam.

A respeito da importancia d'esta expedição, citaremos as proprias palavras de Pedro de Sousa Castello Branco, na *Relação* manuscripta. Diz elle:

«Bem se póde fazer alguma reflexão sobre os dois casos acontecidos com os venesianos e piemontezes, procurando estas duas potencias, não sendo das inferiores na Europa, a sua segurança nas nossas armas, implorando ambas o nosso auxilio nas suas maiores oppressões, que tal é a reputação e respeito, que tem entre as nações, o alto nome d'el-rei nosso senhor.»

A nau *Santa Rosa*, que tão brilhantemente figurou na acção de 19 de julho, no cabo de Matapan, acabou desastrosamente no anno de 1726, incendiando-se na altura do cabo Santo Agostinho, aos 14 dias de navegação, vindo da Bahia, comboiando uma frota de 49 navios. Era a capitania do commando do capitão de mar e guerra Bartholomeu Freire de Araujo. Trazia a bordo 700 pessoas, muitas das quaes pereceram.

Aqui pomos remate a esta noticia de uma empresa tão honrosa para a nação portugueza. Impressa não ha outra mais compendiosa d'estes successos.

Agradecemos ao distincto bibliographo e escriptor o sr. Jorge Cesar de Figaniére, o obsequio que nos fez.

OS ANNUNCIOS

Os annuncios, que muita gente julga ser uma invenção moderna, já eram esplorados em França no reinado de Luiz XIII. A primeira *Gazeta* saíu á luz em França, no anno de 1631, sob a direcção de Theophraste Renaudot, e sob a inspiração de Richelieu. e de seu augusto amo, el-rei de França. Existem ainda na Bibliotheca Nacional de Paris, alguns numeros d'aquelle famoso jornal, e, cousa singular, contém annuncios!

O annuncio em Portugal é moderno.

O primeiro periodico portuguez, de que ha noticia, é a *Gazeta*, que se começou a publicar no mez de dezembro de 1641.

Hoje será rarissima uma collecção completa d'esta *Gazeta*. Na bibliotheca nacional, existem as seguintes folhas:

1641—Novembro e dezembro.

1642—Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho e outubro.

1643—Abril.

1644—Março e abril, n'uma só folha; maio e junho, n'uma só folha.

1645—Agosto.

Como se vê, o periodico era mensal.

Ora, o sr. Rivara escreveu no *Panorama*, que na Bibliotheca de Evora existiam 20 folhas, desde a de novembro de 1640 até julho e agosto de 1644, de maneira que possue mais folhas do que a Bibliotheca Nacional, embora lhe falte a de agosto de 1645.

O sr. Innocencio, no seu *Diccionario*, affirma que esta *Gazeta* chegou até 1647, porque sabe de pessoa que pos-

sue a de setembro d'esse anno, impressa na officina de Domingos Lopes Rosa, que foi o impressor do periodico, excepto dos primeiros numeros, os quaes foram impressos por Lourenço de Anvers.

Mas cumpre notar que as *Gazetas* não eram numeradas, e que é difficil apurar, se tiveram publicação regular e mensal, desde novembro de 1641 até setembro de 1647, ou se algumas vezes seria interpolada.

Nas *Gazetas* existentes na Bibliotheca Nacional não se encontra nenhum annuncio, seja de que qualidade fôr, nem mesmo os de publicações litterarias.

A esta *Gazeta* succedeu o *Mercurio Portuguez*, por Antonio de Sousa Macedo, e que saiu mensalmente desde 1663, até 1667.

O *Mercurio* tambem não publicou um só annuncio.

Ao *Mercurio* seguiu-se a *Gazeta de Lisboa*, cuja publicação principiou a 10 de agosto de 1715. O 1.º numero não tem o titulo de *Gazeta*, mas o de *Noticias do estado do mundo;* porém o 2.º numero já se intitula *Gazeta de Lisboa*. O titulo de *Historia annual, chronologica e politica do mundo* é o que está na folha do rosto dos volumes de cada anno. A sua publicação era semanal; tendo mudado os dias da publicação, em differentes annos, e dando supplementos, ás vezes, tres ao mesmo numero.

O primeiro annuncio, que encontramos na *Gazeta de Lisboa*, acha se no n.º 4, de 31 de agosto de 1715, e diz assim:

«Faz-se aviso ás pessoas curiosas da lingua franceza ha-«ver chegado a esta côrte, ha pouco tempo, um estrangeiro, «appellidado *De Ville neuve* (sic), francez de nascimento, «natural da cidade de Paris, o qual falla as linguas latina, al-«lemã, italiana, castelhana e portugueza; e tem um methodo «muito facil para a ensinar, em pouco tempo, a toda a sorte «de pessoas, ainda as de cinco para seis annos; as que qui-«zerem servir-se de seu prestimo se podem encaminhar á «casa de Manuel Diniz, livreiro, na rua da Cordoaria Ve-«lha.»

É possivel que em alguma das *Gazetas* de 1641 a 1647 fosse publicado algum annuncio; mas d'isso não ha conhecimento, assim como não ha memoria de nenhuns outros

jornaes ou folhas periodicas, publicadas até 1715, além das que foram enumeradas; portanto, devemos suppor que o annuncio do francez Villeneuve foi o primeiro que saiu á luz na imprensa periodica portugueza; e que o annuncio em jornal, principiou no mez de agosto 1715.

Note-se que, até julho de 1716, nenhum outro annuncio encontrámos, além de alguns de publicações litterarias. Villeneuve repetiu o seu annuncio por varias vezes até á data indicada, e ninguem seguiu o seu exemplo, até que em junho do dito anno de 1716, se acha o annuncio de D. Luiz Morette, medico estrangeiro, offerecendo um especifico para curar a gonorrhea.

Os annuncios pouco mais se desenvolveram; eram na maior parte de obras saidas á luz, de medicos e cirurgiões que offereciam os seus elixires, de escravos fugidos, ás vezes de objectos perdidos, e d'aqui não passavam, com raras excepções.

Só de 1800 em diante é que augmentaram os annuncios; mas em pequena escala.

Mesmo em 1822 quando já a publicidade se desenvolvia, o annuncio ainda é encolhido. O *Astro da Lusitania*, jornal importante d'essa época, mui poucos annuncios contem.

Paulatinamente floresceu o annuncio. Ainda ha dez annos havia poucos annunciantes; tambem o preço afugentava.

Foi a *Revolução de Setembro* o jornal que primeiro attrahiu os annunciantes. Depois de 1850 é que se póde fixar a época da prosperidade dos annuncios, e mais especialmente desde 1858.

Os officiaes da secretaria, com o seu privilegio da folha official, reuniam o da publicação dos annuncios judiciaes, que ainda hoje monopolisa a folha official escandalosamente.

Agora o annuncio desenvolve-se e cresce, porque cada um se vae convencendo da vantagem de tornar conhecida a sua industria, ou de convocar o publico para tudo que póde convir aos seus negocios.

A historia dos maiores annunciantes, nos jornaes estrangeiros, prova quanto aproveita a publicidade a todos que precisam da concorrencia do publico para dar mais prompta e mais facil saida aos seus productos, e para attrahir maior numero de pessoas a toda a sorte de negocios e especulações.

O annuncio vae-se tornando cosmopolita, porque os es-

trangeiros annunciam nos jornaes de todos os paizes, e chamam assim a attenção geral para a sua industria.

Embora de outra ordem, juntaremos a esta noticia varias curiosidades, que achamos folheando as diversas *Gazetas* a que temos alludido.

Luiz Montes Mattoso deixou manuscripto um jornal, que abrange os annos de 1740 a 1744, se bem nos lembra agora. Era um jornal semanal, que se chamou *Mercurio*, e depois *Folheto de Lisboa*. Este jornal era manuscripto, e tinha a regularidade de qualquer outro impresso, numerado e sempre datado dos sabbados.

Tambem ahi achamos annuncios de publicações litterarias, e ainda outros, como por exemplo, no n.º 22, de 2 de junho de 1742, se annuncia que na rua dos Condes morava um capitão castelhano, que curava todo o genero de tumores externos, sem tirar sangue, e todo o genero de cancros aos pobres, de graça.

De certo que Luiz Montes Mattoso não recebia dinheiro por tal publicação; mas inseriu o annuncio, no logar para elles destinado, e não como noticia.

A *Gazeta* de 1641 era mui noticiosa de coisas do reino, mas depois limitava se mais ás estrangeiras, e ás da guerra com a Hespanha.

Uma das suas primeiras noticias foi que n'um logar da Beira, estando diversas pessoas a discorrer sobre os successos da acclamação de D. João IV, um homem dissera que o braço do Crucifixo que se despregára á porta da egreja de Santo Antonio, fôra obra do acaso, e logo caíu uma parede, junto da qual estavam os da conversação, e todos escaparam, e só o tal homem morreu.

Outra noticia foi que na comarca de Miranda, um menino mudo, fallou e disse: *Viva El-Rei D. João IV:* «isto se sabe ao certo, diz o gazeteiro ingenuamente, e se está fazendo um instrumento de testemunhas por ordem da Sé de Miranda.»

Tanto a *Gazeta*, como o *Mercurio*, sairam á luz especialmente para as noticias da guerra com Castella; mas foram seguindo o exemplo das gazetas inglezas e francezas, alargando o noticiario.

O preço da *Gazeta* de 1641 regulava por 6 réis, e ás ve-

zes mais, conforme tinha mais ou menos de uma folha. Este preço era taxado, como o dos livros.

O que se não sabe é o preço dos annuncios. Não é possivel a este respeito obter noticia alguma.

DUAS COMMEMORAÇÕES

Dois factos importantissimos podemos commemorar, no dia 1 de dezembro, a saber: a restauração de Portugal em 1640; e o principio da imprensa periodica, ou do jornalismo, em Portugal, no mez de dezembro de 1641.

Um anno depois de libertado este reino do jugo estrangeiro, principia a imprensa periodica. É singular a coincidencia!

Ainda ha poucos dias demos noticia, investigando o anno em que começou em Portugal o annuncio no jornal, de que em 1641 apparecêra a primeira folha periodica, que foi a *Gazeta*. E com quanto o seu primeiro numero seja referido ao mez de novembro d'aquelle anno, só em dezembro saíu á luz, como é claro, em vista das licenças, que são datadas de dezembro Portanto, foi n'este mez que saíu do prélo o primeiro jornal portuguez.

A approximação d'estes dois factos, o da restauração do reino, e o do principio da imprensa periodica, ainda se não havia feito até agora.

Então o jornal corria ainda á sombra da censura. Era uma luz que se via ao longe, e que vagarosamente foi crescendo em brilho, até chegar a ser hoje um facho resplandecente;—era um rumor longiquo, um som sumido, e foi-se approximando, approximando, até ser hoje uma voz immensa, um clamor, que se repercute em toda esta terra; —e a luz brilha sem encontrar obstaculos nos seus reflexos; e a voz levanta-se sonora e grandiloqua, livre, como o pensamento humano.

Acabava Portugal de assegurar a sua independencia, e pouco depois brotava o jornal, que havia de ser, e é, ba-

luarte invencivel das liberdades publicas, e pharol da civilisação. Saudemos pois esses dois factos grandes e immensos nas suas consequencias.

E como homenagem ao primeiro jornalista de Portugal, ao que iniciou o jornalismo, vamos transcrever da folha, de dezembro de 1641, da *Gazeta*, a relação do modo por que se celebrou n'esta cidade o primeiro anniversario da restauração de 1640,

Mas, antes, investiguemos quem foi o primeiro periodiqueiro em Portugal.

D. Antonio Caetano de Sousa quer que fosse o proprio D. João IV, que dictava as noticias ao seu secretario particular Antonio de Cavide, o mesmo que está sepultado na sachristia do antigo convento da Penha de França, d'esta cidade; esta opinião julga-se sem fundamento, todavia crê-se que effectivamente aquelle monarcha redigíra as relações dos successos da guerra, que se publicavam avulsas; outros dizem que fôra o jesuita Pedro Soares, o auctor da *Gazeta*, de 1641; o sr. Innocencio, com bons fundamentos, combate esta opinião; por ultimo, o sr. visconde de Jeromenha, descobriu no archivo nacional uma carta de privilegio, passada em 1641, a favor de Manuel de Galhegos, para a publicação das *Gazetas*, e a este ficará pertencendo, por em quanto, a honra do primeiro que foi jornalista em Portugal. A um rei, a um jesuita e a um padre poeta, se attribuiu esta gloria; mas nenhum d'elles de certo poderia comprehender e futurar até onde chegaria o jornal.

Manuel de Galhegos foi presbytero secular, e o auctor do poema a *Gigantomachia*, e de outro intitulado *Templo da memoria;* poeta estimado e tido em grande conta pela puresa e harmonia da linguagem, fertil imaginação, erudito e original. As suas obras são raras. Extrahimos parte d'estes apontamentos de umas *Cartas biographicas*, que o sr, Innocencio publicou na *Gazeta de Portugal*, em outubro de 1863.

Foi pois um padre-poeta o primeiro jornalista portuguez.

Antes de transcrevermos a relação, a que acima alludimos, diremos, que a procissão commemorativa da restauração de 1640, durante muitos annos, veiu á egreja do Carmo, e que el-rei D. João IV assim o quiz, como tributo de homenagem ao seu ascendente o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que ali estava sepultado, e a cuja intervenção recor-

rêra para o bom successo da restauração de Portugal, e por isso tambem foi um dos seus primeiros actos, depois de subir ao throno, pedir a beatificação do condestavel, que, na opinião do povo, era mais santo, que muitos santos decretados em Roma.

E com effeito, o povo, que sabia a historia do condestavel de D. João I, o qual, depois de contribuir poderosomente para assegurar a independencia da patria, fôra depôr ao pé dos altares a victoriosa espada; o povo, que sabia quanto o reino devia a esse homem, tinha-o na conta de santo, e com rasão.

D. Nuno Alvares Pereira fôra christão e patriota apenas; se tivera ateiado as fogueiras onde morriam os herejes; se tivera, a ferro e fogo, prégado a fè, ha muito estaria no catalogo dos santos.

Santa é a sua memoria; se acabou esse culto, que o povo na sua ingenuidade lhe prestava, não morreu a recordação do muito que a patria lhe deveu.

Vamos agora ao artigo do jornalista da *Gazeta*, de 1641, é este:

«Domingo, o primeiro dia do venturoso mez, em que Deus Nosso Senhor poz seus olhos de misericordia no miseravel estado de Portugal, e foi servido de o restituir a seu legitimo successor, o serenissimo rei D. João IV, depois de uma agradavel pompa de luminarias, com que esta mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa celebrou ao sabbado, á noite, a vespera da felice restauração d'este reino, saíu do igreja da Sé, ás tres horas da tarde, uma procissão de graças. Foi n'ella o illustrissimo sr. D. Rodrigo da Cunha, arcebispo metropolitano, com uma reliquia do Santo Lenho, e diante aquelle sagrado Crucifixo, que para dar animo aos zelosos da patria, despregou um braço á porta do glorioso padre Santo Antonio, com todo o clero, as religiões, confrarias, bandeiras, que costumam ir na procissão do Corpo de Deus da cidade.

«El-Rei Nosso Senhor saíu do paço a cavallo, com a nobresa do reino e todo o acompanhamento real. Occupava já a procissão algumas ruas, e era tão grande o concurso da gente, que se não sabe até hoje igual n'esta cidade, sem haver em toda ella uma pequena inquietação, e não obstante que todos os soldados da guarda, e as justiças iam diante

desembaraçando o caminho, não foi possivel ir el-rei nosso senhor apear-se á porta principal d'onde lhe haviam posto a tarima, e atalhando por uma travessa, deixou a maior parte do vistoso acompanhamento, e pela rua que vem de S. João da Praça para a Sé, foi apear-se aos degraus da parte esquerda do adro: entrou na igreja, fez oração, e veiu pela porta principal, detrás da procissão, que havia grandissimo espaço, que estava ordenada, esperando por sua real pessaa.

«Não viu o sol, em quantos milhares de annos ha que rodeia a machina do mundo, mais gala, apparato igual, maior grandeza, nem tantas demonstrações de alegria, em todos os triumphos, que a fama solemnisa. Moveu-se aquella galharda tropa. Começaram a cantar os musicos da capella real, e sem duvida não haveria coração, que não suspendessem com a melodia do seu canto, se os *Vivas*, que o povo dava a el-rei nosso senhor não embaraçaram os ouvidos, reduzindo tudo a uma suavissima confusão.

«Houve muitos homens velhos, que admirados do intimo affecto com que o povo acclamava Sua Magestade, consideraram, que na entrada de el-rei D. Filippe II e de seu filho el-rei D. Filippe III, posto que n'este reino lhe fizeram grandes festas, não houvera nunca, em nenhum acto publico, pessoa alguma que lhes désse um *Viva*; circumstancia digna de grando reparo.

«El-rei N. S., em agradecimento d'este peregrino applauso, para que o povo o visse devagar, parou no meio das escadas, e deteve-se um largo espaço fallando com o conde de Cantanhede.

«Veiu finalmente a procissão, discorrendo por d'onde vae a do Corpo de Deus da cidade, e chegando ao poço do Chão, subiu pelo Chiado, e recolheu ao convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, onde el-rei N. S. fez oração ao Santissimo Sacramento que estava exposto, e depois de registar com os olhos a grande cópia de gente, que assistiu na egreja, saiu, e posto a cavallo, veiu outra vez ao paço com todos os senhores que o acompanhavam.

«N'este dia estiveram as ruas, por onde passou a procissão, adornadas de tudo quanto para a vista humana ha aprazivel. No meio da rua Nova um homem particular fez uma machina de volantes no ar, que tomava a rua de lado a lado. Pendia d'ella uma Cruz muito grande branca e perfilada de

oiro com muitos serafins de cera, e com uma letra que dizia —*In hoc signo vinces*—e no meio da nuvem—*Joannes nomem ejus.*

«Ao pé d'ella voavam dois anjos de cera, os quaes tinham nas mãos as armas de Portugal.

«No Chiado havia um passo de figuras de cera, fabricado por outro homem particular, o qual representava a paz, que o christianissimo rei de França fez com o serenissimo rei D. João IV, N. S., cujas armas o ceu prospere, e em cujo favor se arme o braço divino para que alcance tantas victorias, que egualem as do grande defensor da patria, o santo conde D. Nuno Alvares Pereira.

«Havia de prégar o reverendo padre fr. Martinho Moniz, e El-rei N. S., porque não se malograsse o sermão, lhe mandou que o imprimisse.»

A LENDA E A CASA DE NOSSA SENHORA DO CABO

I

A imagem e o cirio de Nossa Senhora do Cabo tem a sua historia mui curiosa, e não nos consta que ande impressa tão copiosa, como nós aqui a apresentamos, porque fr. Claudio da Conceição omittiu differentes pormenores, e não se occupou da Casa da Senhora, e edificios adjacentes.

Ao sr. Joaquim da Costa Cascaes devemos o favor de nos mostrar um manuscripto do sr. M. F. dos Santos, da villa de Oeiras, que teve a curiosidade de compilar tudo o que encontrou em relação á lenda, á casa e aos cirios do Cabo. D'esse manuscripto nos aproveitámos quanto era possivel, para esta noticia, que será a mais compendiosa até hoje impressa.

É sabido que não são conformes as narrativas da lenda. Dizem uns que a imagem apparecera sobre o Cabo, e no logar onde hoje está a ermida chamada da Memoria. Outros querem que a Senhora apparecesse na praia, que fica em baixo d'aquella penha, sobre uma jumentinha, e que esta subira pela rocha acima, e que ao subir firmava os pés e as mãos na mesma rocha, deixando impressa n'ella os vestigios das mãos e dos pés; dizendo-se que assim o referiam os que ainda tinham visto aquelles vestigios.

Differem tambem as noticias ácerca do modo porque foi descoberta a imagem, e das pessoas que primeiro a viram. Affirmam uns que varios homens do sitio de Caparica, que iam á serra cortar lenha, foram os que tiveram a ventura de primeiro vêr a Senhora. Outros, porém, sustentam que

um velho do logar de Alcabideche, termo de Cascaes, vira em noites successivas uma luz sobre o promontorio do Cabo: scismou o homem no que significaria aquella luz, e pediu á Virgem que lhe explicasse o mysterio. Parece que a Senhora satisfez ás suas orações, porque, dormindo elle, viu, como n'um sonho, a imagem da Virgem que lhe dizia que fosse ao Cabo, e alli acharia a sua imagem, escondida desde muitos seculos, desejando agora que os fieis lhe prestassem culto.

O velho, partiu de Alcabideche em um sabbado, dia dedicado á Virgem, e encaminhou-se para o Cabo; já estava na serra, e ouviu uma voz de mulher, perguntar-lhe a que vinha alli. Referiu-lhe o velho o que passara, e a mulher contou-lhe, como tambem vira a luz mysteriosa, e como egualmente vinha em procura da imagem, por conselho da Virgem. A mulher era velha e do sitio de Caparica.

Descançaram ambos, para no outro dia proseguirem na busca da imagem. A mulher, porém, madrugou mais do que o homem, e só, se pôz a caminho, e assim veio a ser ella a que primeiro viu o thesouro que buscava. Quando o velho, que fôra mandrião, se encontrou com a velha, já esta adorava a Virgem na sua mysteriosa imagem. Ambos lhe fizeram uma capellinha de Alecrim. e voltaram para as suas terras, espalhando a noticia de tão milagroso acontecimento. Alvoroçaram-se os povos e começaram a concorrer áquelle promontorio, ao qual popularmente chamavam Cabo da Santa Esperança. Julga-se que isto aconteceria na era de 1400.

Esta tradição diverge da outra, mas concorda n'um ponto, isto é, que a honra do primeiro descobrimento pertence ao sitio de Caparica, porque na primeira tradição foram uns lenhadores d'aquelle logar os que primeiro viram a imagem, e na segunda foi a mulher tambem de Caparica.

É poetico o pensamento da ermidinha de Alecrim para guardar a imagem: entre flores deve sempre estar a imagem da mulher por excellencia, da mulher que se representa ser a mãe carinhosa, a consoladora de todas as afflicções, a rosa mistica, que encerra em si o maior thesouro do mais fino amor, que é dado aos homens imaginar.

É accorde a tradição em affirmar que foram os de Caparica os que primeiro festejaram a Senhora do Cabo, e lhe construiram a primeira ermida que teve.

Pela *Historia de São Domingos*, de fr. Luiz de Sousa, liv. 2.º, cap. XVIII, se sabe que, no anno de 1428, Diogo Mendes de Vasconcellos doou ao convento de S. Domingos de Bemfica a ermida de Santa Maria da Pedra da Mua, no cabo de Espichel, para os frades ahi levantarem um convento; e no anno de 1429, a vereação da villa de Cezimbra, por termo, se obrigou a ajudar os frades *a supportar e correger* aquelle logar, porque lhe *prasia muito da sua vinda e estada*. Os frades acceitaram a doação, e parece que alli tiveram capellães, mas não edificaram o convento, talvez por ser agreste o sitio.

N'aquelle tempo ainda a ermida não tinha a invocação da Senhora do Cabo; porventura esse nome da Pedra da Mua proviria da tradição, que dizia ter apparecido a Senhora sobre uma jumenta que trepou pela rocha acima, e n'ella deixou impressos os vestigios dos pés e mãos? Antigamente, ao gado muar se chamava *mu* e *mua*, como se vê no *Elucidario* do padre Viterbo, e por isso se póde suppor que alludisse essa invocação a ter a Senhora apparecido em cima de uma mulinha, como se representa na fugida para o Egypto.

Ignora-se o anno em que principiou a devoção pela imagem da Senhora do Cabo. Póde conjecturar-se, todavia, que seria quando os frades de S. Domingos tomaram posse da ermida, porque com esse tempo coincide o principio dos giros das freguezias, e talvez se afervorasse por occasião de alguma das pestes que por aquella época affligiram este paiz.

O que é fóra de duvida é, que os giros começaram em 1430, e que os de Caparica todos os annos vão ao Cabo festejar a Senhora, no 1.º domingo de maio. Além dos cirios comprehendidos nos giros, vão annualmente mais oito, de differentes freguezias, que não entram no giro, e n'este numero contava-se um de Lisboa, que ia no terceiro domingo depois do Espirito Santo; e os outros são do Seixal e Arrentella, na 2.ª oitava do Espirito Santo; de Almada, no domingo da Trindade; de Palmella, a 15 d'agosto; Azeitão e Cezimbra, no primeiro domingo de setembro.

Tambem é fóra de duvida que, entre os moradores dos arredóres de Lisboa, se propagou aquella devoção, que subsiste inalteravel ha 437 annos.

Ao principio, todas as romarias eram annuaes; e cada

uma tinha uma grande tocha ou cirio, que accendia no tempo do seu festejo, e com que se distinguia, e querem que d'aqui venha a denominação de *cirio* dada ás romarias; talvez, com mais propriedade, se deva deduzir do costume, que os romeiros tinham, de levar um cirio, como offerta á imagem da sua devoção.

Sobre a instituição dos giros, conta-se que uma mulher de Alcabideche e um mancebo de Carnaxide foram os que tiveram a idéa dos cirios annuaes em giro, e que propondo-a no Cabo, em occasião em que alli se achavam muitos cirios reunidos, foi adoptada; e accrescentam, que é por isto que a freguezia de S. Vicente d'Alcabideche é a primeira, e a de S. Romão de Carnaxide, a segunda, no giro. Foi então combinado entre 30 freguezias, que, cada uma d'ellas, iria, por seu turno, annualmente, festejar a Senhora na sua propria egreja do Cabo, no primeiro domingo depois da quinta feira da Ascenção, e que a bandeira da Senhora seria n'aquelle dia entregue ao parocho e mordomos da freguezia que devia festejar no anno seguinte. Assim se procedeu até ao anno de 1751, em que se fez a imagem que anda no giro. E foi pouco depois, que os romeiros começaram a ir para o Cabo, na vespera da Ascenção.

Foram 30 as freguezias que entraram no giro, e n'elle preserveraram até ao 10.º, e foi então, no anno de 1700, que se separaram as quatro freguezias: —Bucellas, em 1609; Unhos, em 1711; Arranhol, em 1716; e Mafra, em 1722; ficando reduzidas a 26. A freguezia dos Olivaes festejou em 1704, tendo sido admittida em 1672, e tendo esperado que acabasse um giro, e afinal não quiz continuar. São pois as freguezias que recebem e festejam a Senhora, as seguintes: 1.ª, S. Vicente de Alcabideche; 2.ª, S. Romão de Carnaxide; 3.ª, S. Julião do Tojalinho; 4.ª, S. Pedro de Penaferrim; 5.ª, Nossa Senhora da Misericordia de Bellas; 6.ª, Santa Maria de Loures; 7.ª, S. Lourenço de Carnide; 8.ª, S. Pedro de Barcarena; 9.ª, S. Pedro de Louza; 10.ª, Santo Antão do Tojal; 11.ª, Nossa Senhora da Purificação de Oeiras, 12.ª, Nossa Senhora do Amparo de Bemfica; 13.ª, S. Domingos de Rana; 14.ª, S. João das Lampas; 15.ª, Nossa Senhora da Purificação de Monte Lavar; 16.ª, Nossa Senhora de Belem de Rio de Mouro; 17.ª, Nossa Senhora da Ajuda de Belem; 18.ª, Ascensão e Resurreição de Cascaes; 19.ª, Santissimo Nome de Jesus de Odivellas; 20.ª, S. Mar-

tinho de Cintra, 21.ª, S. Pedro de Almargem do Bispo; 22.ª, Santo Estevão das Galés; 23.ª, Nossa Senhora da Conceição da Egreja Nova; 24.ª, S. João Degollado da Terrugem: 25.ª, S. Saturnino de Fanhões; 26.ª, Santa Maria e S. Miguel de Cintra.

Estas freguezias não tem faltado aos devidos festejos; se alguma vez, ou por circumstancias extraordinarias, como em 1834, ou por causas especiaes á freguezia, como em 1851, não levam a imagem ao Cabo, sempre a festejam.

Até 1672, parece que a confraria do Cabo não teve compromisso, porque é este o que se encontra, nem n'elle se falla de outro que antes houvesse. Os procuradores das 30 freguezias reuniram-se em Bellas, e ahi celebraram as suas sessões para fazerem o compromisso. Pelo capitulo 2.º, não não era admittido na confraria *homem com raça de judeu*, nem de outra *infesta nação*, ou *mulato*. Era este o costume em todas as confrarias.

No dia 25 de março, se devem reunir todos os procuradores do cirio d'aquelle anno, para elegerem os cargos da confraria, e determina o compromisso, que se elejam *homens beneméritos, não respeitando affeição, mas ao merecimento, não se antepondo os mais qualificados aos que mais merecem.*

No capitulo 4.º se declara que em 1585, pediu a confraria que o chantre da Sé de Lisboa fosse seu juiz conservador, porém em 1671, antes de fazerem o compromisso, o chantre da Sé, escusou um mordômo a quem a sua freguezia elegera para thesoureiro, não tendo o chantre ouvido o parocho e os officiaes velhos e novos, e por isso, disseram os confrades:—«não queremos juiz conservador, e só queremos juiz executor, que será o padre prior da freguezia de Bellas, e seu escrivão, o cura ou capellão da sua freguezia.» A linguagem era terminante. E accrescentavam, que para não terem impedimentos no seu transito, por mar e por terra, as romarias impetrariam uma bulla apostolica.

No compromisso se determina que, no sabbado posterior á Ascenção, haja na egreja do Cabo, officio de nove lições de canto d'orgão, com sua missa cantada e prégação. No mesmo sabbado, de tarde, se devia fazer a procissão, finda a qual se cantavam vesperas: e no domingo de manhã fazia-se outra procissão, antes da missa.

Ao officio de sabbado deviam assistir os mordomos da cera com dois cirios em dois castiçaes, e recommenda o compromisso que tenham n'isto muito cuidado.

Os confrades não quizeram nunca que o capellão do Cabo, ou o administrador da ermida, interviessem em qualquer coisa concernente aos cirios; e se acontecia não ir o parocho, officiava algum padre da freguezia, e nunca o capellão. Sobre isto houve disputas, porque os capellães algumas vezes quizeram intervir nas festas.

É evidente que a confraria desejava ter a sua independencia; não admittia intervenção de pessoas estranhas nos seus actos.

No segundo domingo de agosto se reunem os festeiros, na egreja de Bellas, para as contas. D'antes ahi se reuniam tambem para as eleições; parece, porém, que a eleição agora se faz nas proprias freguezias. Feito o orçamento da festa, divide-se a quantia pelo numero de festeiros, e o quociente é a joia que pertence a cada um, e que póde ser satisfeita em duas ou tres prestações. A despesa total regula por 1:200$000 réis.

Depois do orçamento, segue-se deliberar ácerca do modo por que ha de ser recebida a Senhora no Cabo, seu transporte a Belem, e d'ahi á freguezia. Os pontos que os festeiros teem a considerar são os seguintes: — Composição das loas, as quaes *devem ser feitas por quem o entenda, e o verso tenha melodia e conceito;* — Escolha de tres anjos, que *tenham boa pronuncia, medição nas palavras e acção competente.* (Os saloios não são tão pecos em materias de bom gosto, como muitos suppõem, e n'uma coisa primam elles, e é em saberem apreciar o conceito do verso); — Medalhas para os festeiros e mordomos; — Requerimento a el-rei para se obterem os escaleres para a conducção da imagem, e salva da torre de Belem, na passagem da Senhora; — Ajuste da musica para o *Te Deum* e Ladainha, e acompanhar o cirio até Bellas e sua conducção; — Fogo do ar, compra d'elle e licença para o deitar; — Cera no Cabo, e arrayal; — Despesas com os mestres de ceremonias e sachristas; — Propinas aos soldados; — Conducções e gratificações avulsas; — Parelha para a berlinda, e moços; — Junta de bois para a dianteira da berlinda no areal; — Cera e propinas na ermida da Senhora das Dores, em Belem; — Armador e cera para a freguezia que recebe; — Prégador e musica do côro em Belem;

—Fogo do ar, no transito do cirio, e de vistas na freguezia;
—Conducção da prata.

Já se vê que são muitas as verbas da despesa, e que os mordomos devem ter grande fadiga para haverem tudo em ordem.

II

Passemos agora a dar noticia da casa da Senhora, ermida da Memoria, arrayal e suas dependencias.

Antes de 1710, o arrayal era circumdado de casas para os romeiros, sem alinhamento nem ordem alguma.

Foi n'esse anno, que se deu o risco para o novo arrayal, e em 1715 se levou a effeito, e se construiram hospedarias com sobrados e lojas. O arrayal é um quadrilongo, que mede 204 passos de comprido pelo lado do N., e 152 pelo lado do S., sobre 36 de largo. É aberto pelo lado do nascente, e fechado pelo poente com o templo. Dos lados do N. e S. estão as hospedarias e demais accommodações; os edificios tem uma arcada geral, em que ficam as lojas, e póde chegar-se á egreja ao abrigo do sol, caminhando por debaixo das arcadas. Aos lados do templo ha duas janellas de sacada: a do S. pertence á casa dos festeiros que vão receber, e a do N. é da habitação do capellão eremita.

Do lado do N. ha 63 arcos, 11 escadas de pedra, 21 sobrados, com 46 janellas de frente, 22 lojas, todas com a sua janella. Do lado do S. ha 47 arcos, 9 escadas, 18 sobrados com 36 janellas, 18 lojas todas com a sua janella. As janellas são de peito. Cada sobrado e loja tem a sua cosinha com duas fornalhas, uma grande mesa, dois bancos e um cabide.

Já referimos como Diogo Mendes de Vasconcellos, em 1428, doou aos dominicanos de Bemfica a ermida de Nossa Senhora da Pedra da Mua, dizendo alguns que antes a offerecera aos carmelitas, que a recusaram. Mas quem construiu a primitiva ermida foi Diogo Mendes de Vasconcellos, com os primeiros que a descobriram, isto é, a gente de Caparica. N'isto é que reina confusão, e não é facil averiguar a verdade.

Quando os padres dominicanos largaram a ermida, passou a sua administração para a camara da villa de Cezimbra, que alli tinha ermitão e cuidava d'ella. Depois, em 1550, o duque de Aveiro agradou-se do sitio, e conseguiu incor-

poral-o na sua casa, até que sendo confiscados os bens d'esta casa, por traições á patria, passou para a casa do infantado.

Os extractos do manuscripto, a que alludimos no principio, e que vamos seguindo, dizem que foi em 1490 que se deu principio a um novo templo, pelos povos das freguezias do termo de Lisboa. Devia ser este templo ainda uma ermida, que de certo teve de ser restaurada mais vezes, porque os temporaes, em sitio tão desabrigado, deviam causar-lhe repetidas ruinas. Seja como for, a casa do infantado, a expensas suas, erigiu o novo e magnifico templo, que hoje existe; em 1707 foi a imagem da Senhora trasladada da ermida para a sua nova casa. Nos dias 7, 8 e 9 de julho do dito anno de 1707 se fez a trasladação com grande pompa, assistindo o infante D. Francisco, filho de el-rei D. Pedro II, então senhor da casa do infantado. N'estas festas se dispenderam 1:660$000 réis, quantia avultada para aquelle tempo, e que hoje corresponderia a mais do dobro.

O templo é uma fabrica magestosa. A sua frontaria tem tres portas, e tres janellas, que dão luz ao côro, e sobre a cimalha um nicho onde está a imagem da Senhora, obrada em marmore. Tem duas torres, na do lado do N. está o relogio, hoje arruinado; e na do S. ha dois sinos, para os signaes. Na entrada da porta principal ha um guarda vento de madeira do Brasil, bem moldurado. Sustentam o côro dois pilares, junto d'estes estão as pias da agua benta. No côro ha um bom orgão.

As paredes do templo, até á cimalha real, são revestidas de marmore branco e preto da Arrabida. Tem seis tribunas, e entre ellas quadros representando passos da vida da Virgem. O tecto é de abobada e pintado, tendo no meio a Assumpção da Senhora; pintura de Lourenço da Cunha, pae do celebre José Anastacio da Cunha, e por elle feita no anno de 1740. Este Lourenço da Cunha foi o melhor pintor de architectura e prespectiva que tivemos. No tecto estão tambem pintadas do lado do N. as armas reaes; e do lado do S. o brazão da cidade de Lisboa.

Por baixo da cimalha ha quatro nichos, dois de cada lado que eram destinados para as estatuas dos quatro evangelistas; e por cima do arco cruzeiro ha outro nicho, onde se acha um crucifixo. O pavimento é assoalhado no meio, e dos lados lageado.

Tem o templo onze altares com o maior. O 1.º do lado

do Evangelho, entrando, é dedicado a S. Pedro; foi feito em 1722, pelo cirio de Palmella;—o 2.º é de Nossa Senhora do Cabo, chamada a Velha, imagem de grande vulto e de vestir: feito em 1720, pelo cirio dos Saloios;—o 3.º é do Senhor Jesus do Bom Fim: a imagem é respeitavel, assim como a da Senhora da Conceição, que está n'este mesmo altar: feito pelo cirio de Setubal, em 1720;—o 4.º é da Senhora da Conceição: imagem grande e excellente. Esta capella é funda, e tem duas janellas; e hoje está n'ella o Sacramento: feita em 1718 pelo cirio d'Almada; foi renovada a pintura em 1770, e accrescentada em 1780, pelo cirio de Lisboa. A 20 de maio d'este ultimo anno foi roubada a pixide com as fórmas sagradas, por um monge catalão: porém o proprio sacrilego descobriu a pixide, que novamente voltou para o sacrario;—o 5.º é de Santo Antonio de Lisboa; feito pelo cirio de Lisboa. É n'este logar que se colloca a imagem da Senhora que anda nos cirios.

Os altares do lado da Epistola, entrando, são—1.º de S. Lourenço: feito pelo cirio de Azeitão, em 1720;—2.º de S. Joaquim e Santa Anna: feito pelo cirio dos Saloios, em 1720;—3.º de S. José: feito pelos cirios d'Arrentella e Amora, em 1720;—4.º, de S. João Baptista: feito pelo cirio de Caparica, em 1719;—5.º, de S. Vicente: feito pelo cirio de Lisboa.

Em 1770 foi todo o templo restaurado por mandado de el-rei D. José, e especialmente as capellas.

A capella-mór é funda; do lado do Evangelho tem uma grande janella, e fronteira fica a tribuna real, feita em 1770, no logar onde estava a outra janella. Na parede do lado do Evangelho ha tres quadros, que representam o Nascimento, a Apresentação, e a Adoração dos Reis. As paredes são revestidas de Azulejos, e n'elles pintados os emblemas *Quasi palma*, *Quasi oliva*. Ha dois vãos nas paredes: no do lado do Evangelho está um presepio; no da Epistola a credencia. O altar-mór tem 12 palmos de comprido e 3 de largo. Por detraz do altar ha duas serventias, uma para o throno e outra para o sacrario, dentro do qual se acha a imagem da Senhora n'um relicario de prata sobre-doirada, com columnas, o qual foi dado pelo cirio de Lisboa, no anno de 1680. O relicario é verdadeiramente uma machineta, de vidros, com uma porta que se abre para se dar a beijar o manto da Senhora.

A imagem é de pé, sustenta o Menino no braço esquerdo, e une-o com a mão ao peito, e com o braço direito segura o manto: é muito perfeita; dizem ter bastante antiguidade. Tem a Senhora m itas joias, e entre ellas avultam:—um ramo de jasmins de brilhantes, e as folhas de esmeraldas e alguns rubis:—duas corôas de oiro cravejadas de brilhantes. Estas joias foram dadiva de el-rei D. José;—tem mais: um ramo de brilhantes e um manto bordado a oiro, dados pela rainha D. Maria I; este manto foi para o Rio de Janeiro como reliquia;—um manto branco bordado a oiro, dadiva tambem d'el-rei D. José;—um manto azul bordado a oiro, offerecido pela rainha D. Carlota Joaquina;—um manto rico, dado por José Antonio Quiroga e sua mulher, em 1809.

Por cima do relicario ha uma peanha, onde se expõe a imagem por occasião das festas dos cirios.

Tem o templo duas sachristias, com serventia para a capella-mór. A do lado da Epistola tem uns magnificos arcazes de madeira do Brasil com ferragens doiradas, e toma toda a largura da sachristia. Por cima dos arcazes ha um quadro que representa Santo Agostinho, mandado pintar pelo capellão eremita Agostinho da Costa Portugal. A sachristia do lado do Evangelho é em tudo egual á outra, e tem uma pia de agua-benta obrada de pedra da rocha, que tem bom aspecto; é salpicada de branco e preto.

O templo não carece de armação, porque os marmores que o revestem valem mais do que qualquer armação.

O throno illumina-se com sessenta luzes; ha dez lustres de seis luzes cada um; cada altar tem seis velas; no altar-mór põe-se seis tocheiros: estas velas e as que levam os seis mordomos, fazem ao todo duzentas luzes que ha nas festas.

III

Ao norte, e perto do templo, está a ermida da Memoria, assim chamada, porque se julga ser alli o sitio onde a Senhora primeiro appareceu aos dois velhos. A porta fica ao nascente, e tem um adro quadrado. O pavimento da ermida é lageado, e o tecto abobedado em fórma de cupola. Defronte da porta, á parte do nascente, tem perto do chão uma pedra lavrada e apainellada, com a seguinte inscripção:

«Consta por tradição ser este o proprio logar onde a milagrosa imagem de Nossa Senhora do Cabo apparecia, e se manifestou aos venturosos velhos de Caparica e Alcabideche; motivo porque se fez aqui esta ermida, em que primeiro foi venerada, até que se trasladou a outra maior, e d'esta á magnifica egreja, em que hoje existe, no anno de 1707.»

Sobre esta pedra ha um painel, representando, no alto e sobre nuvens, Nossa Senhora com o menino no braço; e em baixo o velho e a velha reclinados, em acção de dormir. Ornam a ermida 10 quadros em azulejos, onde se vêem representados os passos da historia da Senhoa do Cabo; e todos os quadros tem os seus letreiros.

1.º quadro.—A senhora entre resplendores sobre um monte, e dois velhos, cada um do seu lado, dormindo; com este letreiro: «Sonham dois venturosos velhos que apparecia a Senhora n'este logar.»

2.º quadro.—Os dois velhos caminhando por entre mattos;—letreiro:—«Põem-se a caminho para se certificarem da verdade, onde se encontram, e communicam entre si os sonhos.»

3.º quadro.—A senhora com o menino nos braços, sentada sobre uma jumentinha, um anjo guiando esta á redea, e outro anjo seguindo a Senhora com as mãos postas. Defronte a velha de joelhos com um braço estendido, em modo de admiração, e o velho prostrado por terra adorando a Senhora;—letreiro:—«Chegando a este sitio, vêem com admiração subir a Senhora pela rocha.»

4.º quadro.—Nossa Senhora sobre o monte; varias romeiras com alforges ás costas vem caminhando, e outras já estão em adoração;—letreiro:—«Publicada por ellas a maravilha, vem outras em sua companhia para admirarem o prodigio.»

5.º quadro.—Muitos homens trabalham na edificação de uma ermida:—letreiro:—«Edificou-se esta ermida para os primeiros cultos.»

6.º quadro.—A edificação de um templo; vêem-se as paredes já levantadas, e os operarios trabalhando;—letreiro: «Com a concorrencia das gentes se fabrica outra, no logar onde hoje se vê a magestosa egreja.»

7.º quadro.—Um pequeno templo, e em frente, varias bar-

racas e povo, na fórma de arrayal;—letreiro:—«Fórma do arrayal d'aquelles primeiros tempos.»

8.º quadro.—A edificação da magestosa egreja em que actualmente é venerada a Senhora do Cabo; vê-se o mestre da obra determinando os trabalhos aos operarios;—letreiro: —«Dá-se principio á magestosa egreja, em 1707.»

9.º quadro.—A egreja actual, e o arrayal em cuja construcção trabalham varios homens, e os romeiros;—letreiro: —«Faz-se o novo arrayal.»

10.º quadro.—A perspectiva da egreja e do arrayal; vem entrando um cirio, trazendo adiante musica de clarim e timbales, e depois a bandeira;—letreiro:—«Entrada de festeiros no novo arrayal.»

Do adro da ermida desfructa-se um magnifico panorama, tanto para o lado do mar, como da terra, para o norte.

No fundo da rocha, por este lado, ha uma enseada, onde já tem chegado botes e canoas com remeiros de Oeiras e Paço d'Arcos e de outros logares; é porém muito perigosa.

Para o poente da ermida, e perto d'ella, vêem-se ainda os restos do antigo forte chamado de Nossa Senhora do Cabo, principiado em 1672, na regencia do infante D. Pedro, irmão de el-rei D. Affonso VI. Foi construido quando se fortificaram as barras de Setubal e de Lisboa, por causa da guerra com a Hespanha. Em 1708, reinando D. João V, foi o forte reconstruido. Tinha o brasão real sobre o arco da porta da entrada; e por cima da porta da casa da guarda uma imagem da Senhora em pedra. O forte montava cinco peças do calibre 24.

No anno de 1800 ainda este forte se conservava. O mar, o tempo e o desamparo o tem arruinado a ponto de que apenas restam d'elle uns pequenos vestigios.

Fóra do sitio, que é propriamente o arrayal, ha outras edificações, dependencias da casa da Senhora, como era a casa do forno, a das lenhas, e a chamada da opera, que foi construida pelo cirio de Lisboa. Tinha este theatro uma ordem de camarotes, que hoje está reduzida a uma galeria geral. A caixa é espaçosa e com boas serventias. Teve bom scenario e vestuario, mas hoje tudo está velho. Ha annos ainda, por occasião d'alli ir um cirio, houve representação n'este theatro.

Na casa da fabrica do cirio saloio, cuja porta é fronteira á da sachristia da egreja, se arrecadam em armarios diffe-

rentes objectos de cosinha e de cópa e mesa, para serviço do cirio que sáe e do que entra. Tambem ha uma casa para os prégadores e demais padres que concorrem á romaria, e um grande armazem, onde se guardam a berlinda e o carro triumphal.

São egualmente notaveis a casa da agua e o pharol. Antes de subir á casa da agua, ha uma lameda com cinco ruas orladas de arvoredo; e no extremo d'ellas duas mesas de pedra com assentos em volta. É n'este sitio que os romeiros passam parte do tempo em descantes e danças. A lameda é murada, e tem umas janellas que olham para o mar. No topo da rua central começa uma escadaria de cinco lanços, que vae até á casa da agua. Esta é de fórma oitavada, toda lageada, com assentos em redor, e as paredes revestidas de azulejos até certa altura. Sobre a abobeda tem uma guarita com seis vigias. Fronteiro á entrada, está um grande tanque de marmore, e d'ahi sáe a agua para o chafariz e para a horta, a qual fica á direita da lameda, e é murada.

A casa da agua foi feita em 1770 por el-rei D. José, quando n'esse anno, com a real familia, foi assistir ás festas: foram estas grandiosas. Houve tres tardes de touros; vieram barracas de campanha para accommodar os romeiros: distribuiram-se 16 bois no bodo; el-rei restaurou as capellas, os edificios, e dotou a Senhora com preciosas joias e alfaias, incluindo os ricos paramentos bordados por José Camanha, bordador da casa real. Ainda voltaremos a este assumpto, quando tratarmos da fabrica da Senhora.

O *pharol* fica ao sul do arrayal: é obra de 1790; sobe-se á lanterna por 130 degraus: a lanterna é de marmore sextavada com 16 candieiros e 32 luzes. Por fóra da lanterna ha uma varanda, d'onde se disfructa um lindissimo panorama.

Todos estes edificios se descobrem a grande distancia, no mar, e entre elles avulta o templo da Senhora.

IV

Por fabrica da Senhora se entende tudo quanto lhe pertence, ou sejam joias e alfaias, ou moveis das hospedarias.

Até 1751, os romeiros iam ao Cabo, levando apenas a bandeira: foi n'esse anno que se mandou fazer a imagem que agora anda nos cirios, e parece-nos que é a primitiva. A

causa que houve para se fazer a nova imagem, não a sabemos. Talvez para afervorar mais a devoção nas freguezias, com a vista de uma imagem, o que sempre tem maior influencia, se largou a antiga pratica de irem os cirios ao Cabo só com a bandeira. São pois duas as imagens da Senhora do Cabo, uma que está na sua casa, e outra que anda no giro das freguezias. Aquella nunca sáe.

Esta imagem tem a sua maquineta propria nas freguezias, bem como o seu andor, para as procissões. No domingo da grande festa no Cabo, preside ao bodo dos pobres.

É copiosa a fabrica da Senhora; além das joias que já mencionámos, outras possue de bastante valor. Em 1841, andava no giro a seguinte prata:—8 castiçaes de prata lavrada para banqueta;—6 ditos pequenos;—2 ditos mais pequenos;—1 custodia de prata sobredoirada;—1 bacia e 1 jarro;—2 ihuribulos e ricas navetas e colheres.

Os objectos de oiro e ornados de pedras preciosas são muitos—e além d'estes, armações, paramentos, utensilios para o bôdo, etc.

Daremos aqui relação dos passos e ceremonias que usam os cirios, na entrega e recepção da imagem.

Os festeiros, quando vão receber a prata ao Cabo, se entram no arrayal com musica e anjos, devem antes pedir licença aos que estão festejando; dirigindo-se depois ao adro do templo, os anjos recitam as lôas, e acabadas estas, apeiam-se, e vão ao templo fazer oração. No domingo assistem á missa da festa, para a qual dão o padre do evangelho, que costuma ser o seu parocho. Na procissão da tarde, cabem-lhes quatro varas do pallio. Depois do sermão da despedida, segue-se a entrega da bandeira. N'esta acção devem estar presentes os parochos dos que entregam e dos que recebem, e os principaes festeiros, achando-se do lado do evangelho os anjos da freguezia que entrega, e os da que recebe do lado da epistola.

O juiz da bandeira que sáe, entrega-a então ao seu anjo, e logo os outros anjos recitam as lôas, e concluidas estas, o anjo que tem a bandeira vae entregal-a ao anjo dos que entram. É esta ceremonia acompanhada sempre de copioso pranto. Os que se despedem custa-lhes a largar a bandeira; e n'aquelle momento lhes acode á lembrança, que todas estas festas e ceremonias, que foram motivo de tamanhas alegrias, só d'ahi a vinte e cinco annos se reproduzirão,—es-

paço de tempo bastante longo, cheio de incertesas. É realmente enternecedora aquella ceremonia, porque as lagrimas que os festeiros derramam são sinceras.

Em seguida, o parocho da freguezia, que recebe, vae revestir-se, para, acompanhado por todos os festeiros, entoar o *Te-Deum* e a *Ladainha;* concluidos os cantos, vae sentar-se do lado do evangelho, e apresenta ao povo a imagem pura a beijar. Desde este momento todas as despesas correm já por conta da freguezia que entra. Concluida a adoração da Senhora, segue-se o copo d'agua offerecido aos que saem.

Na segunda feira pela manhã parte o cirio com a imagem para Porto Brandão; aqui entra n'uma galeota real, e vem a Belem, onde é recebida debaixo do pallio, vindo desde Porto Brandão nas mãos do parocho; em procissão é levada para a ermida das Dôres. N'esta ermida permanece por alguns dias, até que os festeiros e povo da freguezia, onde deve hospedar-se, vem buscal-a.

A partida para a freguezia é do seguinte modo:—Tres festeiros, levando um d'elles a bandeira, guiam o cirio. Segue-se a primeira musica, e depois o povo. Vão apoz, os anjos, um dos quaes leva o estandarte; outra musica; a corporação de festeiros; a berlinda com a Senhora; a sege do parocho, e todo o mais acompanhamento. É esta a ordem regular; mas quasi sempre vão carros triumphaes, mais anjos, e carroças com o fogo.

Nas povoações do transito, ou em algumas que tambem costumam receber a Senhora, pára o cirio, e os anjos recitam lôas appropriadas. Se acontece passar por Bellas, como se considera a cabeça das freguezias do giro, a imagem é tirada da berlinda, entra no templo, e canta-se a *Ladainha*, e dá-se a imagem a beijar.

Chegado o cirio á freguezia, deve dar tres voltas em redor da egreja (sendo possivel): entretanto tocam os musicos, e é sem interrupção o fogo do ar. A Senhora é recebida debaixo do pallio, e collocada no altar-mór. Segue-se o sermão, e depois *Te-Deum* e *Ladainha*. Os anjos na chegada recitam os seus versos. O povo beija a imagem; e a festa remata com fogo de artificio. Em algumas freguezias costumam todas as irmandades vir á porta da egreja esperar a Senhora, e sendo da invocação de S. Pedro, S. João e outros Santos, trazem estes nos seus andores ao encontro da Senhora.

Nos dois domingos anteriores á quinta feira da Ascenção, é a Senhora festejada, no primeiro domingo pelos festeiros, e no segundo pelos moços solteiros. Ha missa solemne, sermão, arrayal e fogo de artificio, e ás vezes toiros e cavalhadas. Na vespera da Ascenção, parte o cirio com a imagem para Belem, e d'ahi para o Cabo; e isto faz-se com maior ou menor apparato, conforme os meios de que dispõem os festeiros.

O cirio logo que entra no arrayal do Cabo, dá tres voltas em redor, e no adro do templo os anjos recitam as lôas. Depois apeiam-se todos, e a Senhora é tirada da berlinda, e em procissão entra na egreja e é collocada no altar-mór, ao som do cantico *Magnificat*. Segue-se o sermão, *Te-Deum* e *Ladainha*, e depois dá-se a imagem a beijar, e vae ser collocada no altar de Santo Antonio.

No arrayal, ás vezes, ha toiros, cavalhadas e danças, e fogo de artificio; mas geralmente entreteem-se os romeiros com os bandos para se comprarem as prendas que hão de trazer comsigo: dão passeios ao pharol, e á casa das aguas.

V

Percorreremos agora os giros, notando o que encontramos mais notavel.

Foi ainda durante o primeiro giro, segundo diz o manuscripto que temos seguido, que os festeiros resolveram partir para o sitio do Cabo na sexta feira posterior ao dia da Ascenção, voltando na segunda feira seguinte.

Em 1490, ameaçava ruina a ermida da Senhora, e se ordenou a sua restauração; para isso se juntaram os festeiros, segundo uns em Alcabideche, e conforme outros em Bellas.

Em 1495, deu-se principio ao templo da Senhora.

Em 1504, começou a freguezia de Bemfica a dar bodo aos pobres, e d'ahi ficou esse costume.

Em 1641, foi extraordinarla a concorrencia ao Cabo, por ser o primeiro anno em que a Senhora era festejada depois da restauração.

Em 1645, começou a celebrar-se o officio annual pelas almas dos festeiros defuntos, na occasião da ida do cirio ao Cabo, e se assentou que fosse no sabbado; pratica que se tem seguido sempre.

Em 1672, houve uma reunião, como já dissemos, dos procuradores das freguezias do giro, que então eram 30, e fez-se o compromisso do cirio dos saloios.

Em 1672, a freguezia dos Olivaes pediu para entrar no giro. No 10.º giro, differentes freguezias se apartaram do cirio, como já demos conta.

Em 1701, deu-se principio, na fórma referida anteriormente, ao grande templo do Cabo. A proposito diremos que está precisando de restauração, e muito convém fazel-a quanto antes, porque mais tarde, será mais dispendiosa.

Em 1707, se trasladou a imagem para o novo templo.

Em 1715, alinhou-se o novo arrayal, e fizeram-se as hospedarias com lojas e sobrados.

Em 1718, principiaram os cirios a fazerem as capellas no templo, mas deseguaes, e conforme as posses de cada um.

Foi durante o 10.º giro, que principiaram os cirios a sua romaria na quarta feira, vespera da Ascenção, e que tambem principiou a ser illuminado o arrayal todas as noites, e a haver fogo de artificio, no sabbado, dado pela freguezia que festejava, e no domingo pela freguezia que recebia.

Em 1739, fez-se armação nova para a egreja que importou em 1:382$340 réis.

Em 1742, comprou-se um orgão.

Em 1743, mandaram-se pintar dez paineis para a egreja do Cabo, com molduras entalhadas e doiradas: não se diz quem foi o pintor; fizeram-se quatro imagens para quatro nichos.

Em 1744, construiram-se duas novas moradas de casas no Cabo.

N'este anno um devoto, por nome Pedro Hebent, de Lisboa, mandou, a sua conta, fazer umas casas, no Cabo, para si, e seus parentes, e nas suas faltas para os romeiros.

Outro devoto, chamado Pedro Nima, de Belem, mandou tambem levantar umas casas para si, e na sua falta para os romeiros.

Em 1748, fizeram-se seis castiçaes de prata, e com elles outras coisas, e gastaram-se 737$090 réis.

Em 1751, se fez a imagem que anda nos cirios, como referimos.

Em 1752, começou a haver capellão-administrador no Cabo, com o honorario de 110$000 réis, pagos dos vintens que se tiravam das freguezias; e a obrigação era dizer missa

quotidiana pelos confrades vivos e defunctos, tendo uma missa livre, na semana.

Em 1752, o capellão quiz arrogar-se a administração dos rendimentos da egreja, e do arrayal; festejava então a freguezia de S. Saturnino de Fanhões, e não quiz ir ao Cabo, e festejou na sua egreja do mesmo modo como se tivesse lá ido. Alguns devotos que tinham ido ao Cabo, lá fizeram a festa.

Tornou-se mais frequente irem anjos nos cirios.

A pratica de dar a freguezia que recebe copo d'agua á que sáe, começou depois de 1752.

Em 1755, fizeram-se differentes objectos de prata, como seis varas do pallio, duas lanternas etc., e despendeu-se a quantia de 1:178$375 réis.

Foi n'este anno que aconteceu o terramoto grande; a egreja da Senhora do Cabo não padeceu ruina alguma. Mauricio Ferreira, criado particular d'el-rei D. José, partindo n'este dia, de madrugada para o Cabo, não sentiu os abalos, e só teve noticia da catastrophe quando chegou aos Casaes.

Em 1758 restaurou-se a imagem da Senhora; fizeram-se differentes objectos de prata, e construiram-se duas moradas de casas no arrayal da parte do norte, e despenderam-1:678$889 réis.

Em 1759, construiram-se mais duas propriedades de casas, com parte dos materiaes que tinham ficado das outras, e gastaram-se 816$710 réis.

Em 1761, fizeram-se um sacrario de prata, jarro, bacia e vaso da communhão, e outros objectos, e dispenderam-se 665$190 réis.

Em 1764, deram: Antonio da Silva, mordomo do bodo da freguezia da Ajuda, e morador no Bom Successo, e Simão Dias do mesmo sitio, uma custodia de prata lavrada e doirada, com seu letreiro, com a declaração de que a deram, a qual lhes custou 350$000 réis. Ignoramos se ainda existe esta custodia.

Em 1770, foram os grandes festejos ordenados por el-rei D. José, sendo juiz o principe D. José, filho da princesa real D. Maria, depois rainha. El-rei e toda a real familia assistiram ás festas do Cabo, nos dias 24, 25, 26 e 27 de maio, e como é de suppor, foi tambem a maior parte da nobresa e das pessoas da côrte. Recebia a imagem a freguezia da Ajuda. Armaram-se barracas por detraz do ar-

rayal, da parte do sul; houve tres tardes de toiros; deu o rei 16 bois para o bodo. Ás ruas do abarracamento deram nomes das ruas de Lisboa. Foi o regimento de Setubal fazer a policia do arrayal.

El-rei tinha antes mandado restaurar a egreja, e fazer a tribuna real, como referimos, e reparar as casas. Enriqueceu a fabrica da Senhora com preciosissimas armações e paramentos bordados a oiro, pelo bordador da casa real, José Camanha. Estes paramentos arrecadavam-se no thesouro do paço de Belem, e cremos que hoje se guardam no thesouro do paço das Necessidades. Egualmente deu toda a roupa branca para o serviço do altar, com finas e ricas rendas.

Deu tambem quatro lanternas de prata, que estavam no mesmo thesouro, e que os *nossos amigos* francezes roubaram e levaram em 1807.

Muitas e valiosas foram as joias que el-rei D. João deu á Senhora, e das principaes já demos noticia.

A obra da casa é tambem d'el-rei D. José. Dizem-nos que se acha bastante arruinada. El-rei deu do seu bolsinho avultada quantia para esta obra, e permittiu que se fizessem tres tardes de toiros na Junqueira, cujo producto era applicado para a mesma obra. N'isto andaram empenhados os criados particulares do dito monarcha, e muitos seus validos. Mauricio Ferreira, Manuel Teixeira, seu cunhado e Pedro Teixeira, e especialmente Severo Teixeira que foi juiz de fóra de Marianna, e provedor de Villa Rica, no Brasil; mettendo-se, quando regressou a Portugal, a frade Cartuxo. Este Silverio Teixeira teve sempre comsigo uma imagem da senhora do Cabo, e por sua morte a houve seu irmão José Teixeira Pilão, criado particular d'el-rei D. José, e depois d'el-rei D. João VI.

O dito Mauricio Ferreira tambem contribuiu para se fazer a horta do Cabo; a hortaliça era para os romeiros, e no resto do tempo distribuia-se ao povo, não devendo nunca ser vendida.

Em 1771, fez uma casa nova, no arrayal, para a fabrica da Senhora, e outras obras, no que se dispendeu a quantia de 1:288$470 réis.

Em 1777, fizeram-se tres sacras de prata; fez-se o guarda-vento e outras obras que importaram em 1:092$105 réis.

Em 1784, festejou a freguezia de Bellas e foi juiz o principe D. João, depois rei. Foram ao Cabo a rainha, o rei seu marido, os infantes e a côrte. As festas foram magnificas. O cirio constava de carros triumphantes, figuras emblematicas a cavallo, grande numero de cavalleiros, musicos e criados da casa real, e assim foi para o Cabo. Em um dos carros ia o throno da Senhora, com muitos anjos em figuras vivas. Iam dois coches puchados por oito urcos e no ultimo era conduzida, pelo parocho de Bellas, a imagem. Houve cavalhadas executadas por 16 cavalleiros, e tres tardes de toiros, em que foram corridos e mortos em cada tarde 24 toiros.

A egreja estava armada com as mais preciosas telas, e illuminada com vinte lustres de crystal e ao todo tinha 2:000 luzes.

No arrayal estavam 2:000 barracas das melhores que havia no arsenal do exercito.

Houve egualmente fogos de artificio em todas as tres noites.

No bodo de domingo o principe mandou dar 480 réis a cada pobre.

O regimento de Setubal fez a guarda real e a policia do arrayal.

Em 1791, se mandaram fazer as casas, no arrayal, defronte da Cruz, da parte do norte, e importaram em réis 2:370$275 réis.

N'este anno festejou Bemfica com grande estrondo; e o cirio levou as duas estufas mais ricas da casa real.

Em 1793, deixou de haver capellão no Cabo,

Em 1796, festejou a freguezia da Ajuda, e foi juiz el-rei D. João VI, então regente, e depois Rei, e foram grandiosas as festas, assistindo a familia real e a côrte.

Em 1797, festejou a freguezia da Ascenção e Resurreição de Cascaes, e verificaram os festeiros que a administração da confraria andava na maior desordem.

Fez-se então um inventario de tudo; ordenou-se um livro novo para os termos ou accordãos dos confrades; e mandou-se guardar um livro que servia de inventario e de termos; mas este livro em 1817 já não existia.

Em 1804, os festeiros alcançaram um aviso regio exemptando de direitos todos os generos que se vendessem no arrayal.

Em 1807, Francisco José Chaves, mordomo do bodo da freguezia da Ajuda, deu á Senhora um pavilhão de sacrario de oiro branco e duas cortinas e uma sanefa de damasco carmezim, tudo agaloado e franjado de oiro fino: estes objectos guardavam-se no thesouro real de Belem.

N'este anno se entregou a prata ao general Junot, logartenente de Napoleão.

Em 1810, foi juiz o infante D. Miguel, e dirigiu as festas o visconde de Santarem, o qual mandou pela casa do infantado concertar o orgão. As festas foram grandiosas. A côrte estava no Rio de Janeiro.

Em 1817, houve reunião geral dos procuradores das freguezias, e adoptaram-se varias resoluções, e entre estas se acha a do artigo IX, pela qual se vê que andavam extraviados livros e papeis, e para obstar aos extravios se determinou que o archivo estivesse na freguezia de Bellas, tendo duas chaves, uma na mão do prior d'aquella freguezia, juiz executor da confraria, e outra na mão dos officiaes da prata da freguezia onde estiver a imagem.

N'este mesmo anno se nomeou novamente capellão para a egreja do Cabo, com o ordenado de 172$800 réis, em metal.

Pelas resoluções referidas se vê, que os cirios que iam ao Cabo, fóra dos giros, pagavam 900 réis a titulo de esmola, por cada sobrado, e 480 réis por cada loja, excepto o cirio de Lisboa, que não pagava coisa alguma; pagavam mais o aluguel dos lustres, e uso do orgão.

Em 1828, houve tres roubos na egreja do Cabo. Desconfiou-se do padre Domingos Antonio de Carvalho, que fôra nomeado capellão em 1817, d'uma sua creada e de um preto. Foram todos tres presos; o preto morreu no Limoeiro sem fazer nenhuma declaração: a criada confessou que viera de noite á egreja beijar a Senhora, mas já não lhe vira cordão de oiro. O padre esteve preso em Lisboa, mas evadiu-se para as ilhas dos Açores; veiu na expedição do Mindello e obteve depois uma abbadia.

Em 1834, festejou S. Julião do Tojalinho, mas na sua freguezia, porque o estado do paiz não permittiu a romaria ao Cabo.

Em 1837, fez-se a maquineta de prata em que está a imagem da Senhora, no Cabo.

Em 1848, festejou a freguezia da Ajuda, e a senhora rai-

nha D. Maria II mandou fazer uma bandeira com a imagem da Senhora, bordada a oiro fino: á custa do seu bolsinho foi toda a festa da egreja, e mandou ao Cabo o seu esmolermór, o qual levou a imagem no cirio, tanto na vinda como na volta.

Em 1849 recebeu Odivellas, porque Cascaes, a quem competia, absteve-se de a festejar.

Em 1851 Cintra foi receber, mas não levou a imagem ao Cabo, entregou-a em Bellas.

Aqui rematâmos esta noticia da lenda e casa da Senhora do Cabo, que nos parece ser a mais compendiosa até hoje publicada, por conter muitas coisas até agora ineditas, como a descripção dos edificios.

É evidente que a imagem da Senhora do Cabo deveria ter um peculio riquissimo, porque ha tantos annos estão os povos contribuindo para o augmentar. Mas é certo que tem havido extravios, e que as contas nem sempre foram dadas com regularidade.

Como dissemos acima, a egreja e edificio do Cabo precisam de reparações, e devem os confrades todos empenhar-se em as fazer, por quanto depois mais lhes hão de custar. Aquelles edificios, que não andam habitados e estão muito expostos ao rigor do tempo, se lhes não accudirem, em breve carecerão de uma restauração, que tornando-se difficil, talvez não se faça.

Comtudo ainda não esfriou a devoção pela Senhora do Cabo, e é de crer que as freguezias attendam á conservação da casa da Senhora.

O LAGARTO DA PENHA

É o lagarto da Penha uma das classicas curiosidades dos basbaques e tambem dos devotos. Diz a lenda que é recordação de um milagre, porém não se conta ao certo a historia do milagre.

O livrinho *Aguia na Penha*, que se diz ser uma collecção de memorias antigas, e estampado em 1707, nada conta do lagarto; e note-se que, ao tempo em que se diz terem sido escriptas aquellas memorias, ainda vivia Antonio Simões, official de dourador, que fez a primeira imagem da Virgem, na invocação da Penha de França, e fundou a primitiva ermida no sitio, então chamado cabeça de Alperche. Este Antonio Simões estivera na jornada de Alcacerquibir, em 1579, e por isto se póde ver quanto deviam ser antigas as memorias de que se fez o livrinho *Aguia na Penha*.

Todavia nada ahi se encontra ácerca do lagarto, e do milagre em que o bicho figurou.

É certo que a imagem feita por Antonio Simões veiu a ser objecto de grande devoção para o povo de Lisboa. Foi em 1597, que elle lançou a primeira pedra na ermida da cabeça de Alperche, e em 1599 fizeram o senado e povo de Lisboa o voto da procissão chamada do Ferrolho, que se fazia na noite de 5 de agosto, e saia da igreja de Santo Antonio. Já se vê que estava então no maior fervor a devoção pela nova imagem.

Mas como foi o caso do lagarto? Ninguem o refere, apesar de que o bicho dava bem nos olhos, e era uma singularidade da capital. Apenas se conta que, em certo tempo, um ermitão da mesma Senhora fôra accommettido pelo la-

garto, e que elle recorrendo á protecção da Virgem para se livrar do temerario bicho, ouvíra uma voz dizer-lhe: «tem animo contra esse bicho, e mata-o com essa navalha que tens comtigo». Foi dito e feito; o ermitão matou o bicho, e resolveu collocal-o na egreja como despojo do triumpho, diz a lenda, da Senhora!

Lá esteve o lagarto por muito tempo, (se esteve!) até 1739, na casa chamada *do lagarto*.

Da relação de um milagre acontecido á nau *S. Pedro* e *S. João*, da companhia de Macau, escripta por Ricardo Fineça Fascunh, e que é pouco conhecida, extraímos a seguinte curiosa e engraçada narração:

«Até ao anno de 1739, se conservou na dita egreja, e na casa que n'ella tem, e se chama ainda *casa do lagarto*, o mesmo monstruoso bicho com a sua pelle, desde o pescoço até á cauda, todo formado e organisado com os seus pés e mãos, e cheio por dentro de palha. Mas como se ía já corrompendo por causa da humidade, e do muito tempo, se tirou, e se viu de novo, ao que concorreu muita gente, por devoção e curiosidade, não só d'esta côrte, mas de todos os seus arredores, e de muitas terras e distantes villas d'este reino, sendo tal a sua sincera devoção e grande fé na Senhora, que *pediam d'elle pedaços, como se fossem reliquias, furtando umas e cortando outras, persuadidos da mesma fé e devoção, que eram antidoto e remedio para sezões e febres.*

«Sei de algumas pessoas, que fazendo os mesmos pedaços em pós, sem serem esses da botica, mas da apotheca medicinal da mesma prodigiosa Senhora, a quem S. Bernardo chama Apotheca ou Botica Medicinal...

«O comprimento do prodigioso lagarto da Penha de França, mostrava ser de 14 palmos da cabeça até á cauda, todo elle verdenegro, e em partes mais claro, formado de escamas tão duras e grossas, que o não passariam tiros de bala, mas antes poderiam servir de escudos para rebater as balas, tiros ou golpes; a sua grossura era de mais de um homem bem gordo.

«Para rebater o grande concurso de gente que o vinha ver ou admirar, e não o cortarem de todo e levarem comsigo, para assim se não perder a sua apparencia, e conservar-se a tradição do milagre do *Lagarto da Penha*, se

penduraram na sua antiga casa muitos pedaços d'elle ou muitas postas, que ainda hoje se conservam (em 1742) e parecem postas de toucinho, ou pespernas, ou presuntos que estão pendurados.

«Da outra parte, e onde estava antigamente na sua mesma casa do Lagarto, se collocou outro de madeira entalhada e pintada, que representa o seu tamanho e figura, para memoria eterna do prodigioso caso do *Lagarto da Penha*, insignia que tanto quer, e com que se conhece n'esta côrte e n'este reino a prodigiosa e milagrosissima imagem de Nossa Senhora da Penha de França.»

Eis-aqui está a historia muito verdadeira e authentica do Lagarto da Penha.

Com o terramoto de 1755, é de crer que desapparecesse o lagarto de madeira, que se fez em 1739, e depois se fizesse outro novo.

O que parece ser verdade é que algum mareante trouxe do Brazil um jacaré, e fez presente d'elle ao convento. Os rades aproveitaram o ensejo, e engendraram um milagre, para mais attrair a devoção e a concorrencia ao convento, a qual se traduzia em esmolas.

Em 1739 já não podia existir nem vestigio do tal lagarto que accommetteu o ermitão; pois isso deveria ter acontecido antes de 1603, anno em que se fundou o convento dos Agostinianos, que ali esteve até 1834, por doação que lhes fez da primitiva ermida o devoto Antonio Simões.

Portanto a historia do lagarto retalhado em 1739, é outra invenção piedosa, e que por fim de contas, dá idéa do bom senso da gente d'aquelle tempo. Vir gente de logares mui distantes para ver a pelle arruinada do lagarto! E guardarem pedaços da pelle, como reliquias, e remedio efficaz para certas enfermidades! Bôa gente a d'aquelle tempo! Mas tudo isto rendia para os frades.

O caso é que o lagarto da Penha ainda lá leva gente; tem resistido á acção do tempo esta devota basbaquice.

O TITULO DE DUQUE DE COIMBRA

Vem a ser o sr. infante D. Augusto, o terceiro principe que tem o titulo de duque de Coimbra.

O primeiro duque de Coimbra foi o infante D. Pedro, quarto filho, na ordem do nascimento, d'el-rei D. João I, e da excellente rainha D. Filippa, o qual nasceu a 9 de dezembro de 1392. Foi o infante D. Pedro um dos mais illustres principes da casa real de Portugal. Não queremos agora mencionar as acções da sua vida, todas grandes. O seu nome foi conhecido em toda a Europa, cujas côrtes visitou, e militou até nos exercitos do imperador da Alemanha. D'elle se diz que *correu as sete partidas do mundo*, como allusão ás suas dilatadas viagens.

Foi á empresa de Ceuta; e ahi deu mostras do seu valor, em verdes annos, e mereceu que seu nobilissimo pae o armasse cavalleiro, juntamente com seus irmãos.

Foi na volta de Ceuta, que el-rei D. João I conferiu o titulo de duque de Coimbra ao infante D. Pedro, e na mesma occasião o de duque de Viseu ao infante D. Henrique.

O chronista Gomes Eannes de Azurara refere o modo ostentoso porque o rei agraciou os seus dois filhos. Na presença da côrte relatou todos os serviços feitos a elle e á patria pelos dois infantes, e como lhe cumpria remuneral-os. A ceremonia foi lusida; e o seu maior lusimento, aquelle que a historia lhe conservou e conservará, é que os infantes duques de Coimbra e de Viseu conquistaram a mercê, no serviço da nação, e a illustraram e lhe deram honrado nome entre os estranhos.

Como é sabido, o infante D. Pedro morreu na batalha da

Alfarrobeira, a 20 de maio de 1449; e são bem notorias as sacrilegas profanações que praticaram no seu cadaver, os soldados de seu sobrinho, o rei Affonso V. Elegantemente diz d'esta catastrophe o mavioso fr. Luiz de Sousa;— «...morreu em uma batalha, em que só elle era buscado, e «quasi só elle morreu, merecendo só viver.»

O segundo duque de Coimbra foi D. Jorge, filho natural de el-rei D. João II, nascido a 12 de agosto de 1481, e que falleceu a 22 de julho de 1550.

El-rei D. João II teve singular affecto a este filho, e por causa d'elle, ou dos amores de seu pae com D. Anna de Mendonça, não foram poucos os desgostos que teve a piedosa rainha D. Leonor. No seu testamento el-rei D. João II fez doação ao filho da cidade de Coimbra, em ducado, e tudo o mais que tivera o infante D. Pedro seu avô. Depois, em 1500, el-rei D. Manuel lhe deu o titulo de duque de Coimbra, e lhe fez muitas mercês. Foi mestre d'Aviz e de Sant'Iago, e teve a dignidade de grão mestre das ordens militares.

D'este principe não constam acções que dessem lustre ao seu nome. Gosou de muitas mercês e favores reaes; e na sua velhice tornou-se notavel por aventuras amorosas, no paço, e que deram escandalo.

D'este duque de Coimbra procedeu a casa dos duques de Aveiro, cujo titulo foi conferido ao filho primogenito de D. Jorge.

Este duque de Coimbra foi bem differente do primeiro: o infante D. Pedro foi um heroe; o principe D. Jorge um homem sem dote algum que o distinguisse. Cairam-lhe em casa as honras e as mercês, porque o acaso o fizera nascer do rei: nenhuns merecimentos pessoaes teve para a posição que occupou.

O IMPERADOR DO ESPIRITO-SANTO

Entre as muitas cerimonias profanas com que n'outros tempos se desfigurava a gravidade dos actos religiosos, avultava a chamada do Imperio da festa do Espirito-Santo. Raro era o logar que não tinha uma ermida dedicada ao Espirito Santo, e onde se celebrava o Imperio. Como muitos se lembrarão, era costume, pela Paschoa, levantar-se um mastro, com uma pomba no tope, ou uma pequena bandeira do Espirito Santo, no meio do largo onde havia de ser o arrayal. Foi ponco a pouco acabando a festa do Imperio, e hoje já é mui limitado o numero de logares que a celebram.

Ouvimos, porém, que em Alcabideche, logar do termo de Cascaes, ainda este anno se faz o Imperio. N'outro tempo, havia, e cremos que ainda ha, em Cascaes, uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Guia, onde pelo Espirito Santo concorria um cirio dos homens de negocio de Lisboa, e ali celebravam pomposas festas; e do mesmo modo vinham cirios de muitas partes.

Parece que os de Alcabideche tambem vinham a esta romaria, e tinham o direito de ir processionalmente com o imperador, soltar um preso.

Diz um chronista, que sempre os tempos antigos, nos quaes foi mais sincera a devoção, merecem ser mais venerados. Escrevia-se isto, no meiado do seculo XVII, e desde então para cá quanto não terá esfriado a devoção!

Conta-se que, foram el-rei D. Diniz e sua santa mulher a rainha D. Isabel, os instituidores da festa do Imperio do Espirito Santo, e quer o padre fr. Manuel da Espe-

rança que a festa principiasse no convento franciscano da villa de Alemquer, d'onde essa pratica se divulgou por todo o reino.

Era assim a festa. No domingo de Paschoa entrava na egreja do convento o que havia de ser imperador, assistido de dois reis, quatro pagens, e acompanhados da nobresa e do povo. Os pagens traziam as corôas, uma das quaes fôra dada pela propria rainha Santa Isabel para este acto. As corôas eram postas no altar, e um padre, depois, com ellas coroava os tres monarchas. Saíam então acompanhando o prestito da procissão da Resurreição.

De tarde saia da egreja do Espirito Santo o imperador acompanhado de muitas festas, trombetas, e grande multidão de povo com cannas verdes nas mãos; e adiante íam dois pagens, um com a corôa, e o outro com o estoque, e tornando ao convento, era novamente coroado. Acompanhavam o imperador duas donzellas honestas, que dançavam no prestito, e eram damas do imperador, e por isso se lhes dava dote para casamento. Voltava o imperador para a egreja do Espirito Santo, onde offerecia a corôa n'um altar, e de novo a recebia das mãos de um sacerdote. Depois assentava-se n'um throno com o seu docel, e diante havia folias e bailes dos nobres e do povo.

Todos os domingos se faziam estas festas até ao anterior ao do Espirito Santo, que se chamava dos *fogareos*, porque, como as festas se prolongavam pela noite, accendiam-se luzes no arrayal.

Na vespera do Espirito Santo saía da egreja do convento a procissão do *Rolo*. O *rolo* eram umas madeixas de cêra branca e benta, que um homem levava, ficando uma das extremidades do *rolo* a arder no altar, e que ía estendendo por todo o espaço que a procissão percorria, até á egreja de Triana, como que cingindo a villa com o *rolo*, o qual era milagroso, já se vê, porque livrou da peste uma vez a povoação, só com estendel-o pelas ruas.

Nos tempos modernos o imperador era sempre, e é ainda, um menino, e este costume procedeu de certo, do outro do *bispo innocente*, que se fazia na Sé, em vespera do dia em que a egreja resa dos Santos Innocentes. O *bispo innocente* era um menino, que vestiam com as vestes e insignias episcopaes, e governava o clero até o dia seguinte, e visitava as parochias como se fôra prelado da diocese, dei-

tava benção etc. Era uma folia, de que o povo ria, e que a final foi probibida por diversos concilios.

Com estas coisas se entretinha a devoção, e se alegrava o povo, que não tinha outras distracções; e para muitos seria sincera a devoção, por ser em tempos de costumes mais singelos, e de crenças mais vivas.

Antes da prohibição dos arrayaes em Lisboa, fizeram-se grandes festas do imperio do Espirito Santo, na Lapa e na Esperança; mas estavam bem longe de ter aquella côr caracteristica d'estas festas fóra da terra.

HISTORIA DA IRMANDADE E DA IMAGEM
DO SENHOR JESUS DOS PASSOS DA GRAÇA

A imagem do Senhor dos Passos da Graça é hoje a de maior devoção para o povo de Lisboa, e suas cercanias; a sua historia é, porém, em geral, pouco sabida, por isso collegimos todas as noticias que podemos encontrar, e julgâmos que será difficil adquirir outras, mais compendiosas.

Uma parte d'estas noticias é inedita, extrahida de um curioso manuscripto, e a outra parte é compilada, achando-se agora, pela primeira vez, reunidas todas as noticias ácerca de tão devota e popular imagem e da sua antiga irmandade.

Foi o instituidor da irmandade de Santa Cruz e Passos, Luiz Alvares de Andrade, a quem chamaram o *Pintor santo*, por que sempre dedicou a sua habilidade na pintura a assumptos religiosos, e foi o auctor e introductor dos *paineis das almas*, especialmente dos que ainda hoje é costume pintar nos mealheiros das almas.

Um manuscripto que existe na bibliotheca nacional, e que é obra de um jesuita, refere nos seguintes termos a instituição da irmandade de Santa Cruz e Passos:

«Havia no claustro de S. Roque uma capella com a invocação da Cruz, e n'ella se ajuntavam alguns mancebos devotos, na maior parte officiaes, que frequentavam muito os sacramentos da confissão e da communhão. Entre elles distinguia-se pelo seu fervor o pintor Luiz Alvares de Andrade, o qual moveu os mais a que fundassem uma confraria com a invocação de Santa Cruz. Mas, fallando aos padres

n'esse projecto, elles lhe disseram que na egreja não havia capella disponivel, nem casa para se ajuntarem, e então, que o melhor seria procurarem assentar a confraria na egreja do convento da Graça. Acceitaram os mancebos o conselho, e os padres da Graça lhes deram a capella do cruzeiro da parte da epistola, e ali ficou estabelecida a humilde confraria, que veiu a ser tão luzida, e importante irmandade.

«Os padres foram ajudando os progressos da irmandade, por tal arte, que veiu a ser moda ser irmão dos Passos da Graça.

«Foi já depois de estabelecida a confraria na Graça, que Luiz Alvares comprou a um estrangeiro uma cabeça de Christo por tres cruzados, e ainda antes d'esta acquisição já havia estabelecido a devoção dos Passos.»

Como se vê, a irmandade teve o seu principio em S. Roque, e d'ahi passou para a Graça.

Já, pois, a irmandade estava estabelecida n'este ultimo convento, quando Luiz Alvares d'Andrade começou a devoção dos Passos de Christo, e quando comprou ao italiano a cabeça do Senhor, pelo preço de trez cruzados, e foi depois de tudo isto que principiou a procissão annual, na segunda sexta-feira de quaresma, a qual sempre tem continuado da mesma fórma desde o anno de 1587, que é o indicado como o primeiro em que se realisou, no que concordam todos os escriptores, mas sem haver documento positivo que o abone, sendo só certa a sua muita antiguidade.

Existe a lenda de que um peregrino fôra uma noite bater á porta da casa de S. Roque, a pedir gasalhado; e como lh'o recusassem, se dirigira ao convento da Graça, onde o acolheram. Quando depois procuraram o peregrino, não o viram, mas acharam a imagem.

Accrescenta a lenda que houvera um pleito entre S. Roque e a Graça, para se saber a qual dos dois conventos pertencia a imagem, que a Graça venera, ficando todavia S. Roque com direito a ter a imagem um dia; mas no caso de, por qualquer motivo, se demorar mais do dia em S. Roque, a Graça perdia a posse, que ficava a S. Roque.

Tudo isto são abusões. A primitiva irmandade instituiu-se em S. Roque, e por isso a procissão alli principiou a ir, e continuou sempre: além de que, entre quem podia ser o

pleito? Entre os jesuitas e os frades gracianos? Não, por certo, porque os frades eram estranhos aos negocios das confrarias ou irmandades estabelecidas nos seus conventos. Se, pois, é averiguado que em S. Roque nunca houve irmandade dos Passos, e a existente na Graça, que se fundou, e sempre esteve, é claro que a historia do pleito é uma invenção devota, sem nenhum fundamento.

E deve notar-se, que Luiz Alvares de Andrade foi sempre affeiçoado aos jesuitas e seu bemfeitor.

Fr. Appolinario da Conceição pretende que, na egreja parochial dos Martyres, tivesse principio a devoção dos Passos, com uma antiga imagem do Senhor com a cruz ás costas, com que os irmãos armavam os passos. Succedeu porém que, em 1679, se fizeram umas obras na sachristia, e um rapaz roubou a imagem, que era de armar, e que, quando não estava exposta ao culto, se desarmava. O rapaz achou a cabeça, as mãos e os pés da imagem mettidas n'um sacco e furtou-o com o que continha. Luiz Simões de Azevedo, escrivão dos armazens, comprou a imagem, e, em 1723, deu-a aos frades Agostinhos Descalços da Boa Hora, onde foi exposta á veneração das fieis. Sobre a imagem intentou a irmandade dos Martyres um pleito aos frades da Boa Hora.

Fr. Appolinario não diz qual foi o resultado do pleito, mas o caso é que os Martyres perderam a imagem.

Ha outra tradição, de que a antiga imagem do Senhor dos Passos da Graça é a que está no convento das Monicas, porque a irmandade para ali a mandou antes do terramoto de 1755, dando certa somma ás freiras para lhe terem sempre uma alampada accesa. Conta-se, que a irmandade da Graça quizera fazer fabricar outra imagem, por ser a que tinha de tosca esculptura, e por isso a entregára ás Monicas. É certo que esta ultima é de esculptura grosseira e denota ser antiga. Todavia não ha fundamento para similhante tradição.

Por occasião do terramoto de 1755, segundo João Baptista de Castro, a imagem da Graça ficou sepultada nas ruinas do convento, mas escapou a cabeça, mandando logo a irmandade fazer o corpo, de modo que em breve foi a imagem apresentada ao culto dos fieis. D'aqui deduzem que a cabeça actual é a propria que comprou Luiz Alvares d'Andrade, o que não nos parece averiguado.

Toda a imagem actual é de madeira do Brasil, de tamanho natural e mui perfeita; é completa e de engonsos, isto é, tem as articulações moveis, e póde collocar-se em qualquer posição, que sempre fica perfeita. A cabeça é bem esculpida e cheia de expressão; e não nos parece que deva reputar-se obra do seculo XVI, antes, com boas rasões, deve considerar-se do seculo passado, época em que, em Portugal, houve excellentes esculptores em madeira, de que ainda restam muitas obras notaveis. O estylo da esculptura da imagem, de que tratamos, confirma a nossa opinião.

O que foi feito da primitiva imagem, não póde dizer-se ao certo; o mais natural é que se perdesse por occasião do terramoto, que arruinou completamente a egreja e convento da Graça.

Não nos foi possivel saber quem fôra o artista que fabricára a imagem: dizem-nos que no archivo da irmandade nada consta a similhante respeito.

Tanto prosperou a obra de Luiz Alvares de Andrade, que veiu a ser moda pertencer á irmandade dos Passos.

Segundo o manuscripto, acima citado, em 1706, contava a irmandade 2:000 confrades, os quaes pagavam 4$000 réis de joia e 800 réis por anno.

Ninguem era recebido irmão, sem provar limpesa de sangue. Os irmãos tinham noviciado, e na procissão, os que ainda não haviam concluido o noviciado, iam atraz do palio. Antigamente na procissão não ia objecto algum de prata ou oiro. Os cereaes e as lanternas tinham varas de pau do Brasil, pintadas de roxo, com doirados, e assim eram tambem as varas do pallio.

Eram antes os passos decorados á custa de certos irmãos; foi em 1699, que a irmandade mandou construir os passos, com fórma de capellas, e cada um tinha a sua cruz e seis castiçaes de prata.

A irmandade possuia, além das casas para o seu expediente, uma destinada aos penitentes, que, depois de recolhida a procissão, careciam de curar as contusões e chagas, que faziam no corpo com as macerações, disciplinas e açoites, ou por caminharem descalços ou de joelhos, de S. Roque á Graça.

Dizem alguns escriptores que as penitencias chegaram a tal extremo, que as ruas ficavam salpicadas de sangue! A auctoridade ecclesiastica, ainda antes do seculo passado,

poz cobro a similhantes desvarios, prohibindo as penitencias exageradas, como disciplinas e açoites, nas procissões.

Apesar de não figurarem na procissão, a irmandade possuia muitas pratas e ricos paramentos. Póde imaginar-se qual seria o rendimento só da bacia e dos mealheiros, sabendo-se que ainda hoje, pelas contas officiaes, rende réis 1:200$000 a 1:400$000, e cresce muito em annos de epidemias, como aconteceu em 1856 e 1857.

Luiz Alvares de Andrade foi filho de Affonso Alvares de Andrade e Maria Franca, mulher tão santa, dizem, que lhe fallou a imagem de Nossa Senhora das Virtudes, do convento de S. Domingos, e por isso teve sepultura na sua capella.

O pintor santo morreu a 5 de abril de 1631, e foi sepultado no cruzeiro da egreja de S. Roque. Os jesuitas lhe deram a sepultura, pelos muitos beneficios que lhes havia feito.

Recebeu Luiz Alvares a instrucção religiosa do celebre dominicano fr. Luiz de Granada, e desde mui tenros annos se deu á pratica dos actos piedosos e de caridade; frequentava os hospitaes, e ahi servia de enfermeiro, assistindo aos doentes com o maior zêlo.

Além dos paineis das almas, que antigamente se viam por toda a parte nos mealheiros, fazia estampas que espalhava por todo o reino, e n'estas obras e em esmolas consumia toda a sua fortuna.

Conta-se que, concedida licença para a procissão, fôra Luiz Alvares, acompanhado pelo arcebispo D. Miguel de Castro, marcar os logares onde deviam ser as estações dos Passos, e que o arcebispo dissera: «Espero em Deus que d'esta santa obra resultará a Luiz Alvares grande gloria na outra vida, e aos fieis christãos não menos proveito n'esta.»

O caso é que a obra de Luiz Alvares de Andrade permanece: foi uma das rarissimas devoções antigas, que resistiu á acção do tempo, e aos progressos do espirito humano. Quantas imagens, tão populares, de tanta veneração n'outros tempos, vieram a perder a sua influencia! A do Senhor dos Passos da Graça conserva, senão a mesma devoção, ainda muita para os tempos que vão correndo.

São curiosas as ceremonias que se fazem no acto de preparar a imagem para a procissão.

Na quarta feira, anterior ao dia da procissão, faz-se a ce-

remonia de lavar e vestir a imagem. É o eminentissimo patriarcha quem pratíca esse acto, acompanhado pelo provedor da irmandade e pelo parocho.

Depois de despida a imagem, primeiro se lhe lavam os olhos, para o que ha uma pequena salva, em fórma de olheiro, na qual se deita a agua, e com um pincelsinho se faz a lavagem dos olhos. Depois, a agua é deitada n'uma bilha; e vem outra salva maior, e se lava o rosto; a agua vae para a bilha; e, afinal, vem outra salva maior, e se lava o corpo, e a agua do mesmo modo é deitada na bilha.

Esta agua é destinada aos devotos, que no correr do anno a pedem, como remedio para as suas enfermidades.

Concluida a lavagem, o eminentissimo patriarcha passa a vestir a imagem. Veste-se-lhe uma finissima camisa de bretanha, com rendas no pescoço e folhos bordados no peito, abotoada com botões de oiro com pedras preciosas — umas ceroulas tambem de bretanha — uns calções de damasco roxo bordado a oiro — e um jaleco tambem de damasco roxo, bordado a oiro. Depois vestem-se as tunicas. Cumpre advertir que a imagem tem sempre duas tunicas; tira-se-lhe todos os annos a que está por baixo, e fica em seu logar a outra, e sobre esta se veste a nova. A corda é egualmente nova; a antiga corta-se em pedaços, que se dão aos devotos.

Depois de vestida, colloca-se a cabelleira, havendo para isto um cabelleireiro privativo, que a traz muito bem penteada, e a ajusta á cabeça.

Concluidas estas ceremonias, a aia do Senhor vem compôr o vestuario, e examinar que tudo esteja convenientemente disposto.

A aia é a sr.ª condessa da Torre; e esta prerogativa anda na casa dos srs. marquezes de Fronteira. Dá a tunica nova, e pertence-lhe a tunica velha, que é dada sempre a alguma irmandade dos Passos pobre.

O resplendor que o Senhor leva na procissão é de oiro macisso lavrado. É peça muito rica, e parece que vale mais de um conto de réis. Consta que foi dadiva d'el-rei D. João V.

Os botões da camisa, e outras joias, que mencionaremos, são tudo dadivas de pessoas devotas, e todas se guardam n'um cofre de prata.

Tem uma almofada e uma bolsa para alfinetes bordada a oiro com os emblemas da Paixão.

Tambem tem um estojo de costura, com todos os objectos a elle pertencentes, de prata.

A irmandade faz um grande dispendio com o culto, não só da obrigação do seu compromisso, senão para a grandesa d'elle, no templo onde tem a sua capella. Celebra todos os annos a semana santa com certo esplendor, no que dispende mais de 500$000 réis.

Dá bastantes esmolas aos irmãos pobres.

Os seus rendimentos permanentes são limitados, a principal parte d'elles compõem-se das esmolas colhidas na bacia e mealheiros, que regulam, como dissemos, entre 1:200$000 réis e 1:400$000 réis, as que dão os navegantes, que orçam entre 50$000 e 100$000 réis, as joias dos irmãos novos, as dos mesarios.

A despesa com a procissão anda por uns 400$000 réis.

Em 1857 houve uma consideravel entrada de irmãos novos, elevando-se a 324$000 réis a importancia das joias.

Em 1859 prohibiu-se a cantarola do bemdito atrás da procissão. Em 1860 foi egualmente supprimido o farricoco da trombeta, e prohibiu-se que as devotas fossem debaixo do andor: era este o ultimo vestigio das antigas e crueis penitencias.

Agora o prestito vae com muita decencia e compostura.

Eis-aqui o compendio de todas as noticias ácerca da irmandade do Senhor dos Passos e da sua formosa imagem.

FIM

NOTAS

(Pagina 32, linha 27)

O sr. José Valentim morreu em janeiro de 1870, com 79 annos de edade.

A bibliotheca nacional de Lisboa possue a *Carta topographica de Lisboa anterior ao terramoto de* 1755, e todos os estudos que fez para esse importantissimo trabalho. Infelizmente está incompleto: ficou concluida a parte da cidade chamada cidade baixa, e tambem está acabado o bairro d'Alfama, os demais já tem bastantes indicações, mas ainda carecíam de mais aturado estudo, no que se empregava assiduamente o sr. José Valentim.

Na bibliotheca existem egualmente os desenhos e apontamentos de varios templos e outros edificios demolidos desde 1833, facsimiles de differentes objectos antigos, encontrados em sepulturas e nas paredes d'aquelles edificios, e os admiraveis fac-similes, aguarellas e a oleo, dos marmores, tijollos, argamaças, dos banhos romanos existentes na rua dos Algibebes, e os desenhos dos mesmos banhos.

Todos estes trabalhos denotam a paciencia e o estudo do sr. José Valentim, o homem mais modesto, mais dedicado ao estudo do passado, que conhecemos.

Fique ao menos, aqui, memoria de tão honrado homem.

(Pagina 96, linha 12)

Este João Grossi foi um italiano, que se refugiou em Lisboa, por causa de um duello, que teve em Milão, com o sobrinho do coronel do regimento em que servia, tendo succedido matar o seu adversario. Grossi era esculptor, e quando veiu para esta cidade teria 28 ou 29 annos de edade.

Foi morar para casa de um negociante italiano, seu primo, chamado Domingos Lepori, e este lhe arranjou a obra do tecto dos Martyres, de que se encarregou, apesar de não ser estucador.

Parece que os estuques não eram muito usados em Lisboa, antes de 1755, mas depois foram moda e ainda restam alguns estuques do seculo passado, que mostram a habilidade dos artistas d'esse tempo.

A capella dos Terceiros de Jesus, o tecto da egreja dos Paulistas, a sala dos actos do Collegio dos Nobres (que ardeu), são testemunhas do que deixamos dito.

Grossi teve uma aula, que instituiu o marquez de Pombal, em 1766, e dava-lhe 600$000 réis de ordenado, obrigando-se a ensinar 10 alumnos.

Grossi foi muito protegido pelo marquez de Pombal; havia casado com uma criada valida da celebre soror Maria Magdalena, irmã do marquez; pois apesar d'isto e do grande dinheiro, que ganhou, pois teve muitas obras e pagava-se bem, morreu pobre, tendo cegado pouco tempo antes.

Os estuques vieram outra vez a cair em desuso; porém modernamente tornaram-se moda, mas por outro gosto.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
756
G85
v.1

Guimarães, José Ribeiro
Summario de vária história

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 06 05 009 5